

Arnaldo Zimmermann

**A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO NA COBERTURA
RADIOFÔNICA DO DESASTRE DE 2008 EM BLUMENAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Linha de pesquisa: Processos e Produtos Jornalísticos.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Meditsch

Coorientadora: Prof^a Dra. Valci Zuculoto

Florianópolis
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Zimmermann, Arnaldo

A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau [dissertação] / Arnaldo Zimmermann ; orientador, Eduardo Barreto Vianna Meditsch ; co-orientadora, Valci Regina Mousquer Zuculoto. - Florianópolis, SC, 2012.
204 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo. 2. Rádio. 3. Participação do público. 4. Diálogo. 5. Cobertura de desastre. I. Meditsch, Eduardo Barreto Vianna. II. Zuculoto, Valci Regina Mousquer. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Arnaldo Zimmermann

A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO NA COBERTURA RADIOFÔNICA DO DESASTRE DE 2008 EM BLUMENAU

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Jornalismo” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 29 de Junho de 2012.

Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Meditsch
Presidente
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Valci Zuculoto
Coorientadora
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Paulino
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Dr. Francisco J. C. Karam
Universidade Federal de Santa
Catarina

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Em primeiro e especial lugar, agradeço à minha esposa Aracely e ao meu filho Arnaldo Mateus. Sem o apoio e a compreensão que recebi em meu lar, com certeza o caminho teria sido mais longo e árduo.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Eduardo Meditsch, pela grata satisfação que tive durante este grande aprendizado nas orientações e no acompanhamento de suas aulas.

Aos professores do programa de Mestrado em Jornalismo da UFSC, que deixam boas recordações para quem está indo embora, mas que permitiram que levássemos uma grande bagagem conosco. Incluo nas boas lembranças da UFSC a Prof^a Valci e todos que conheci no laboratório de radiojornalismo.

Agradeço também aos meus colegas de curso, com todo o seu entusiasmo em relação ao ensino e à pesquisa. Em nome do Prof. Clóvis Reis, externo meu agradecimento aos meus colegas professores de Blumenau, em especial aqueles que me auxiliaram com trocas de horários para permitir que eu cumprisse a cansativa maratona de deslocamento durante esses dois anos.

E a todos que fazem parte deste trabalho: pesquisadores, profissionais do rádio e, claro, os ouvintes.

*Não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus
sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico.*

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho investiga a participação do público na cobertura jornalística realizada pelo rádio durante o desastre socioambiental ocorrido em Blumenau (SC) em 2008. Com a utilização do método de Estudo de Caso, a análise teve como *corpus* 63 horas contínuas de programação jornalística que foram ao ar entre os dias 22 e 25 de novembro daquele ano na Rádio Nereu Ramos AM. A pesquisa teve como objetivo analisar e compreender a especificidade da participação do público no radiojornalismo em uma situação extrema, confrontando esta observação empírica com as doutrinas do jornalismo participativo e do jornalismo público, e inserindo o conceito de diálogo como elemento transversal às diversas teorias pesquisadas. A investigação procurou identificar e analisar as formas e finalidades de participação e o funcionamento do controle discursivo exercido durante os diálogos, além de resgatar a percepção dos profissionais que interagiram diretamente com o público e avaliar a contribuição dessas participações para o conteúdo da cobertura jornalística. Os resultados permitem constatar a existência de características do jornalismo participativo na situação pesquisada, mas também salientam sua adequação à especificidade do meio radiofônico e o funcionamento de um controle discursivo que permite validar o contrato comunicativo habitual entre emissora e ouvinte.

Palavras-chave: rádio; participação do público; diálogo; cobertura de desastre; Blumenau.

ABSTRACT

This research investigates the public participation in the journalistic coverage carried by the radio during the social -environmental disaster occurred in Blumenau (SC) in 2008. Using the Case Study method, the analysis had as corpus 63 continuous hours of news program that aired between November 22nd and 25th November of that year at *Radio Nereus Ramos AM*. The research aims at analyzing and understanding the specific nature of public participation in radio journalism in an extreme situation, confronting this empirical observation with the doctrines of participatory journalism and public journalism, and inserting the concept of dialogue as a traversal element to the various theories surveyed. The research sought to identify and analyze the forms and purposes of participation and operation of discursive control exercised during the dialogues, besides rescuing the perception of the professionals who interacted directly with the public and assess the contribution of these shares for the content of news coverage. The results allow verifying the existence of characteristics of participatory journalism in the situation investigated but also highlight their suitability for the specificity of the medium for radio and functioning of a discursive control to validate the contract habitual communication between broadcaster and listener.

Keywords: radio; public participation; dialogue; disaster coverage; Blumenau.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Formas de participação	132
Figura 2 - Distribuição das Formas de participação	132
Figura 3 - Formas de participação durante Estágio 1 da cobertura	134
Figura 4 - Formas de participação durante Estágio 2 da cobertura	135
Figura 5 - Formas de participação durante Estágio 3 da cobertura	135
Figura 6 - Formas de participação durante Estágio 4 da cobertura	136
Figura 7 - Finalidades das participações durante o Estágio 1 da cobertura	137
Figura 8 - Finalidades das participações durante o Estágio 2 da cobertura	138
Figura 9 - Finalidades das participações durante o Estágio 3 da cobertura	139
Figura 10 - Finalidades das participações durante o Estágio 4 da cobertura	140
Figura 11 - Finalidades das participações por estágios de cobertura e em todos os estágios	142
Figura 12 - Nível de envolvimento do público durante o Estágio 1 da cobertura.....	143
Figura 13 - Nível de envolvimento do público durante o Estágio 2 da cobertura.....	144
Figura 14 - Nível de envolvimento do público durante o Estágio 3 da cobertura.....	145
Figura 15 - Nível de envolvimento do público durante o Estágio 4 da cobertura.....	145
Figura 16 - Nível de envolvimento do público por estágios de cobertura e em todos os estágios	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 ANTECEDENTES: COBERTURAS DO RÁDIO E DA MÍDIA EM DESASTRES	23
1.1 O rádio como protagonista dos acontecimentos	23
1.2 Orientações profissionais na cobertura de desastres	32
1.3 A cobertura da mídia nos furacões Katrina e Rita: casos paradigmáticos	35
2 A MÍDIA NOS DESASTRES E A QUESTÃO DO JORNALISMO PÚBLICO	39
2.1 Papel da mídia e do rádio na cobertura de desastres naturais ..	39
2.1.1 Os desastres na agenda da mídia	39
2.1.2 A relação com o público e as fontes durante o desastre	43
2.1.3 Características do rádio na cobertura de desastre.....	46
2.2 Jornalismo Público: jornalismo do cidadão	52
2.2.1 Essência original do Jornalismo Público.....	52
2.2.2 Jornalismo Público e a revisão da objetividade e da neutralidade	56
2.2.3 Uma reforma muito distante de uma revolução	60
2.2.4 Jornalismo Público e interesse público.....	61
3 O JORNALISMO PARTICIPATIVO E A QUESTÃO DA PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE	65
3.1 Jornalismo Participativo e as tendências de interatividade na mídia	65
3.1.1 O Jornalismo Participativo e o papel do cidadão	65
3.1.2 Interação e conversação no Jornalismo Participativo.....	68
3.1.3 O Fórum público e a responsabilidade do profissional	72
3.2 Participação do ouvinte: diálogo e multiplicação de vozes na programação radiofônica	78
3.2.1 Interação e diálogo	78
3.2.2 O diálogo radiofônico e a aproximação com o ouvinte.....	84
3.2.3 O diálogo como gênero	86
3.2.4 Da participação como forma de entretenimento às interações no conteúdo radiojornalístico	89
3.2.5 A hierarquia das vozes na programação jornalística radiofônica .	94
4 METODOLOGIA	101
4.1 O objeto de estudo	101
4.2 Características do Método e sua pertinência para a pesquisa proposta	102

5 O DESASTRE SOCIOAMBIENTAL DE 2008 E A PARTICIPAÇÃO DO RÁDIO	111
5.1 O enigma do desastre: uma tragédia anunciada	111
5.2 A cobertura do desastre de 2008.....	116
5.3 O rádio em Blumenau.....	120
5.4 A Rádio Nereu Ramos e a cobertura do desastre.....	123
6 PARTICIPAÇÃO DOS OUVINTES DURANTE O DESASTRE: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	131
6.1 Descrição quantitativa das participações dos ouvintes.....	131
6.2 Descrição qualitativa das participações dos ouvintes	148
6.3 Análise dos dados	168
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
REFERÊNCIAS.....	187
APÊNDICES	204

INTRODUÇÃO

Este estudo busca compreender o funcionamento da participação dos ouvintes durante a cobertura radiofônica em desastres, tendo como objeto empírico a cobertura que a Rádio Nereu Ramos AM realizou entre os dias 22 e 25 de novembro de 2008 sobre o desastre socioambiental ocorrido naquele ano em Blumenau (SC). Assim, foi possível verificar a aproximação entre as participações realizadas ao longo daquela transmissão com os estudos sobre o jornalismo participativo e correntes semelhantes.

A questão-problema que guiou nossa pesquisa foi a seguinte: qual a especificidade da participação dos ouvintes durante a cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau?

Entendendo que o rádio tem características próprias para a interação com o seu público e que ao longo de sua história tem se tornado imprescindível durante a ocorrência de desastres, é que partimos da hipótese de que a participação dos ouvintes antecipa características do jornalismo participativo, como tal é descrito, mas tem outras especificidades do meio rádio.

A participação dos ouvintes durante o desastre socioambiental de 2008 em Blumenau carrega consigo a singularidade própria de uma ocasião atípica para o público. O desastre foi o maior da história do município e concentrou um conjunto de enchente, enxurradas e deslizamentos de terras que atingiu também outros municípios da região. Se até então a cidade já estava habituada a enfrentar inundações provocadas pelo transbordamento do Rio Itajaí-Açu, neste episódio experimentou uma grande mudança de paradigma. O saldo da tragédia foi de 24 pessoas mortas, 3.275 desabrigadas e 25 mil desalojadas entre as 103 mil atingidas, somente no município (JORNAL DE SANTA CATARINA, 2008).

Com a interrupção da energia elétrica em 75% do município durante o período principal do desastre, poucos veículos de comunicação conseguiam fornecer informações sobre a tragédia aos munícipes. Sem energia elétrica e com a maior parte dos bairros isolados uns dos outros devido aos deslizamentos de terra e queda de pontes, as condições de produção e circulação das notícias alteraram-se significativamente durante os principais dias da catástrofe. Foi então que o rádio conseguiu – com algumas interrupções – transmitir as informações sobre o que acontecia na cidade, utilizando como uma de suas principais fontes o próprio ouvinte, que mesmo isolado em determinado bairro conseguia relatar “no ar” o que ocorria ao seu redor,

descrevendo cenários físicos inacessíveis para os veículos de comunicação e até mesmo para as equipes de socorro.

Torna-se pertinente e relevante analisar um momento como este de 2008, quando a ruptura do *continuum* da repetibilidade dos acontecimentos provocou um volume maior de participação dos ouvintes nas emissoras de rádio, para investigar o funcionamento dessas interações, revelando características próprias do meio em suas condições de recepção e emissão. O intuito é verificar tanto o papel do ouvinte como dos apresentadores em um momento em que, tão importante possa ser a difusão das informações em caráter emergencial, imprescindível é a interação com o cidadão, em sua participação direta no ar, com suas diversas finalidades em diferentes estágios da cobertura do desastre. Justifica-se a pesquisa, então, tanto pelos poucos registros existentes sobre a cobertura do rádio nas inúmeras catástrofes que atingiram Blumenau e região ao longo de sua história, como também pelos escassos trabalhos que abordam a participação do ouvinte dentro da programação jornalística das emissoras.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo mais amplo e geral analisar a participação do público no rádio durante a cobertura jornalística do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau. Pretendemos chegar a esta análise através de alguns objetivos específicos, como: (1) identificar as diversas formas de participação do público durante a cobertura; (2) analisar as finalidades do ouvinte de acordo com os diferentes momentos da cobertura jornalística; (3) identificar como funcionou o controle discursivo na construção do diálogo entre ouvintes e apresentadores e o fechamento das interações desenvolvidas; (4) relatar a percepção dos profissionais que atuaram na cobertura quanto à integração entre a participação do ouvinte e os demais conteúdos da programação; (5) avaliar a contribuição das participações para o conteúdo da cobertura jornalística do desastre;

A dissertação foi dividida em seis capítulos principais, mais o capítulo conclusivo. O primeiro resgata alguns antecedentes, ao tratar dos estudos sobre coberturas anteriores de desastres realizadas pelo rádio e pela mídia. Na primeira parte, revisa os trabalhos e aborda as técnicas utilizadas pelas emissoras de rádio para a cobertura de eventos do gênero e que elevam este meio à situação de protagonista dos acontecimentos. Em seguida, registra observações realizadas por jornalistas durante as coberturas em episódios de tragédia. Também apresenta o relato de pesquisadores e jornalistas sobre a cobertura dos furacões nos Estados Unidos, como uma das referências em circunstâncias de similaridades, aproveitando para apontar lições

aprendidas pela imprensa na cobertura e na relação com as fontes diante de situações extremas.

No segundo capítulo é apresentada a primeira parte das bases teóricas para o trabalho. Inicia com o papel da mídia e do rádio durante desastres naturais, buscando adentrar na compreensão sobre o desastre como acontecimento midiático. Aproveita também para vislumbrar novos paradigmas na relação entre veículos de comunicação com o público e com as fontes jornalísticas. Em seguida, relembra as principais características e especificidades do meio radiofônico para a cobertura de desastres, como a ubiquidade e a mobilidade da emissão e da recepção de suas mensagens. Logo após, entra nos estudos sobre o jornalismo público. Na discussão sobre a essência e as mudanças de paradigma proporcionadas pela corrente está o foco nos cidadãos como atores do drama público em vez de espectadores (ROSEN, 2000, 2003a, 2003b), (MERRITT, 1998), reforçando o elo entre o jornalismo e a vida comunitária (MESQUITA, 2003) e surgindo como alternativa à dependência excessiva das fontes oficiais (TRAQUINA, 2001).

O terceiro capítulo dá sequência à fundamentação teórica, abordando o jornalismo participativo e a participação do público na programação das emissoras. Parte de um ponto de fusão entre conceitos comuns do jornalismo público e do jornalismo participativo, apresentado neste trabalho através do diálogo e da conversação (BOWMAN & WILLIS, 2003), o que rompe a prática difusionista de comunicar notícias (GILLMOR, 2005), com o público cada vez mais pró-ativo (RODRIGUEZ, 2005) dentro de uma interação mútua (PRIMO, 2000), fazendo também surgir práticas como as de *gatewatching* (BRUNS, 2005), onde o jornalista deixa de selecionar conteúdo para “vigiar”, ou coordenar o fluxo de interações. O trabalho relaciona também a prática do jornalismo participativo com a teoria da participação pública, com níveis diferenciados de envolvimento do público em cada assunto (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

Nestas unidades, o diálogo como forma de interação entre ouvinte e apresentador é inserido como elemento transversal às diversas correntes e modalidades de participação, revelando-se como essência para a realização da pesquisa. Desta forma, o diálogo é a interação simultânea entre sujeitos (FREIRE, 1971, 1987, 1988) e se transforma no fio condutor da comunicação na perspectiva de um jornalismo público e participativo.

O diálogo parte do âmbito da argumentação perante o interlocutor (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 1996) para as proposições iniciais de uma comunicação radiofônica pautada pela bidirecionalidade

(BRECHT, 2005), transformando-se em um gênero que se apoia no caráter polifônico do rádio (MERAYO, 2002) e faz surgir modalidades diferenciadas entre as finalidades dos ouvintes em suas participações na programação radiofônica (HERRERA DAMAS, 2002).

A discussão desta pesquisa avança, porém, no entendimento de que as construções dos diálogos são realizadas por sujeitos interlocutores que conversam entre si, mas que no rádio focam em um terceiro, que é o público ouvinte. Nesta perspectiva, surgem as observações acerca do controle discursivo dentro do contexto dos falantes (MEDITSCH, 2007) e a composição do enunciado (BAKHTIN, 2003), com o enquadramento discursivo do interlocutor através do discurso do emissor (SCANNELL, 1991), a pertinência acerca do tópico inicial (LAGE, 2005), das interrupções (CHARAUDEAU, 2005) e do fechamento do discurso, fazendo parte de um conjunto de imposições unilaterais que Meditsch (2007) entende como definições que são assimiladas para o público como convenção. Nesta direção o diálogo entre emissor e receptor busca garantir o cumprimento do “contrato de leitura” (SALOMÃO, 2003), ou como nos referimos neste trabalho, de um “contrato invisível de audiência”.

Neste sentido, tais referências tornam-se fundamentais para a relação da participação do ouvinte no rádio, como objeto de estudo com a participação do ouvinte durante a cobertura do desastre de 2008, que é o objeto empírico pesquisado.

Esta relação é desenhada no quarto capítulo, onde abordamos a estratégia metodológica, revisando as características principais do método Estudo de Caso, como estratégia escolhida e sua importância para a proposta de estudo.

O quinto capítulo apresenta o objeto empírico do estudo. Primeiro relata o histórico de desastres ambientais em Blumenau e fornece detalhes específicos do evento ocorrido em 2008. Em seguida relata a cobertura da imprensa local, estadual e nacional no acontecimento. Apresenta um breve panorama do rádio em Blumenau e da emissora analisada. Registra, na sequência, as ações desenvolvidas pela emissora de rádio pesquisada durante o desastre, focando na participação do público na programação.

No sexto capítulo são realizadas as descrições quantitativas e qualitativas das participações dos ouvintes realizadas durante a cobertura do desastre pela Rádio Nereu, além da análise interpretativa do material. Na descrição quantitativa, apresentamos os dados divididos em: formas de participação dos ouvintes ao longo do período analisado na cobertura jornalística; distribuição das formas de participação em

quatro estágios diferenciados da cobertura; finalidades das participações, de acordo com os mesmos estágios e ao longo de todo o período da análise; níveis distintos de envolvimento do público durante toda a cobertura e também distribuídos pelos diferenciados estágios. A descrição contempla também a comparação entre intervenções de ouvintes na programação e entrevistas realizadas durante todo o período selecionado no *corpus* da pesquisa.

Na sequência é realizada a descrição qualitativa das participações, com transcrições de algumas participações de ouvintes e depoimentos dos profissionais que atuaram nas transmissões. A descrição das atividades acontece em ordem cronológica, de acordo com os estágios da cobertura do desastre, para facilitar a compreensão a respeito das distinções ocorridas entre formas e finalidades de participação, níveis de envolvimento dos ouvintes e controle discursivo dos diálogos de acordo com o ritmo dos acontecimentos acerca do desastre.

A análise do material contempla a interpretação do conjunto de participações, retomando o ponto de partida da dissertação ao dialogar com as bases teóricas da pesquisa. Nesta etapa buscamos explicar o fenômeno como um todo, evidenciando a importância do diálogo radiofônico entre apresentadores e ouvintes durante coberturas jornalísticas de desastres.

As considerações finais da dissertação respondem ao problema de pesquisa apresentado e procuram confirmar a hipótese levantada. Nesta etapa conclusiva, observa-se a importância do rádio como meio de interação com o público durante desastres, reunindo as evidências principais localizadas durante a fase de análise das participações dos ouvintes. Aproveita também o momento para fazer recomendações para trabalhos futuros aos profissionais e emissoras de rádio durante as coberturas de desastres, além de apontar novos estudos relacionados ao gênero.

Enfim, a maior motivação para a realização deste trabalho partiu da própria experiência profissional do autor, com 27 anos de experiência no rádio, atravessando distintos períodos de coberturas a enchentes e outros desastres. Além de ter compartilhado pequenas transmissões sobre os vários alagamentos sofridos pela região de Blumenau ao longo dos tempos, algumas participações remetem maiores lembranças quanto aos procedimentos profissionais e as instintivas tomadas de decisão em diferentes momentos de uma cobertura radiofônica durante catástrofes. A participação na condução como âncora na cobertura radiofônica de duas grandes enxurradas de 1990, uma em Xanxerê (SC) e outra em

Blumenau (SC), somam-se à experiência dos trabalhos na enchente de 1992 e da atividade como assessor de comunicação durante a enchente de 2001 em Blumenau, auxiliando no fluxo de informações do órgão de Defesa Civil à imprensa. Apesar da nova experiência de ter realizado uma cobertura de forma amadora, via redes sociais, da enchente ocorrida em 2011 (já com as atividades desta pesquisa em andamento), nada se compara às seis horas contínuas que o autor pôde conduzir os trabalhos de cobertura do desastre de 2008, na Rádio Itaberá AM, na terça-feira, dia 25 de novembro¹. Com a população já se esforçando para imprimir um ritmo de recuperação naquela data, ainda ecoavam no ar os suplícios de esperança pelo encontro de familiares vivos em meio a uma cidade destruída. Lembranças que mesmo a efemeridade do rádio esforça-se em não apagar.

¹A participação na Rádio Itaberá, emissora em que atuava à época, só pôde ocorrer três dias após o início do desastre, quando a rádio voltou ao ar. Por este motivo, a reduzida cobertura realizada pela rádio foi em duração de tempo e em estrutura muito inferior à da emissora (Rádio Nereu Ramos) analisada nesta pesquisa.

1. ANTECEDENTES: COBERTURAS DO RÁDIO E DA MÍDIA EM DESASTRES

1.1 O rádio como protagonista dos acontecimentos

São em episódios envolvendo enchentes, enxurradas, incêndios e outras interrupções do cotidiano que alguns meios de comunicação conseguem revelar seu real valor: o de servir ao interesse público através da difusão da informação, da orientação à população e da disposição dos canais para a interação entre o cidadão, o poder público e o público em geral. Historicamente, o rádio tem se tornado o protagonista dos acontecimentos durante a ocorrência de desastres e outros eventos que impõem uma alteração drástica na rotina da população.

Exemplos não faltam sobre a cobertura de emissoras de rádio no Brasil a eventos de dimensões catastróficas, não obstante o parco registro de detalhes sobre estas atividades ao longo da história.

A imprevisibilidade de um evento aliada à drástica mudança no cotidiano do público, como a falta de energia elétrica, também delega ao rádio o papel de ator principal no acontecimento. O caso do ‘apagão’ de Florianópolis, de 29 a 31 de outubro de 2003 fez com que a Rádio CBN Diário (740 kHz) atingisse picos altíssimos de audiência ao realizar a cobertura daquele que seria um dos maiores transtornos da história recente para o cidadão da Ilha de Santa Catarina. Como a parte insular do município estava sem energia elétrica, devido a um incêndio que provocou o rompimento de um cabo de transmissão de energia em uma das pontes que liga a ilha ao continente, “o rádio de pilha ou do carro foi o instrumento de orientação aos moradores, o elo entre os responsáveis pelo concerto e a população”, conta o repórter Renato Igor, que participou da ampla cobertura nos três dias” (BARBEIRO, 2006, p.41).

Os mais de 300 mil moradores da ilha estavam ameaçados em conviver com o caos, devido à interrupção da energia, sendo neste momento que o rádio trouxe o equilíbrio necessário, ao atender às expectativas da população, ansiosa por notícias sobre o acontecido.

Na Rádio CBN Diário a manifestação do público por telefone ao vivo acontecia somente a partir da meia-noite, mas os ouvintes participaram “durante toda a programação da CBN, passando dicas, querendo saber o que funciona ou não, reclamando” (DENARDI; MEDEIROS, 2007, p.34).

A emissora falou sobre o apagão por 55 horas ininterruptas, desde o início da tarde do dia 29 até dia 31 de outubro, além de outras

seqüências de cobertura sobre o tema nos dois dias seguintes. Além da CBN, a Band FM, de Florianópolis e a Guararema AM, de São José também transmitiram de forma intensa o apagão. Mas de acordo com pesquisa realizada com 400 pessoas dias depois (10 a 12 de novembro) pelo Instituto Mapa de Florianópolis, a Rádio CBN Diário foi a mais lembrada, principalmente pelo público morador da Ilha, atingido diretamente. (DENARDI; MEDEIROS, 2007)

Outro momento de envolvimento da equipe da CBN Diário na cobertura de fenômenos atípicos foi em março de 2004, com a chegada do furacão Catarina, no sul de Santa Catarina, em uma cobertura com formação de cadeia de propagação incluindo outros veículos de comunicação (CHRISTIANO, 2009, p.59).

Mesmo em episódios em que o rádio não se torna, necessariamente, protagonista entre os meios de comunicação, sua audiência cresce substancialmente, especialmente as emissoras com programação informativa, que recebem ouvintes de todos os outros gêneros e modalidades de programação durante a cobertura de uma tragédia. São casos como o acidente com o avião da TAM, que matou 99 pessoas em 1996 em São Paulo, ou a cobertura do assalto ao ônibus 174 no Rio de Janeiro em 2000, onde a transmissão das reportagens da rádio CBN estava voltada somente para as respectivas cidades das ocorrências até ganhar dimensão nacional. Já no caso da inundação de maio de 2005 em São Paulo, a lógica foi invertida pela emissora: o Jornal da CBN acabou sendo apresentado como programa local com intervalos nacionais. De acordo com Leonardo Stamillo, chefe de reportagem da emissora, para a rede nacional havia a transmissão de informações mais genéricas, apenas para manter o país informado sobre o que estava acontecendo na maior cidade da nação. Já para o público local, as informações ajudavam a orientar os motoristas presos nos alagamentos, alertar as autoridades sobre os pontos mais críticos e tranquilizar as pessoas que aguardavam por socorro (STAMILLO, 2006, p.119).

Em momentos históricos, incluindo a ocorrência de tragédias públicas, Meditsch (2007, p.38) sugere que “a capacidade do rádio de informar em tempo real e a mobilidade permitida por sua recepção o transformam em protagonista dos acontecimentos”. É o rádio informativo que “cresce de importância em momentos especiais, quando sua agilidade e capacidade de reação rápida o coloca em primeiro lugar, como meio de informação” (MEDITSCH, 2007, p.38). Ao mencionar Wedell & Crookes (1991 apud MEDITSCH, 2007), Meditsch lembra que na Europa, a Guerra do Golfo em 1990/91 é citada como exemplo

da primazia do meio na cobertura dos grandes acontecimentos não programados antecipadamente.

Outros casos de tragédia pública são lembrados como grandes momentos do rádio: o incêndio do Chiado, em Lisboa, marcou o radiojornalismo português na década de 80 (MEDITSCH, 2007, p.39) e também os incêndios dos edifícios Andrauss, em 1972 e Joelma, em 1974, em São Paulo, como exemplos de grande atuação do rádio brasileiro.

Em fevereiro de 1972 São Paulo viveu o drama do incêndio no edifício Andrauss. Foi quando a Jovem Pan passou a intensificar a prestação de serviços. Durante 24 horas a emissora conduziu o radiojornalismo em volta do Andrauss. Instalou postos de serviços, participou da operação-salvamento, conseguiu holofotes que não existiam em São Paulo, orientou motoristas sobre as alterações no trânsito, deu assistência aos parentes das vítimas, trabalhou na doação de leite e sangue; enfim, as informações da Jovem Pan conseguiram unir, naquele dia, todos aqueles que se atribuíram o dever de atenuar a tragédia do Andrauss. [...] Anos depois, a reportagem da Jovem Pan concentrou suas forças para combater fogo e desespero em torno de um outro edifício – o Joelma. Intensificou ainda mais a sua participação na operação-salvamento (PORCHAT, 1989, p.17).

Outra cobertura radiofônica que foi além da mera transmissão de informações ocorreu em 1986, quando os dois prédios da Cesp (empresa estatal de energia de São Paulo) foram destruídos por um incêndio. Parada (2000) lembra que os prédios foram construídos na Avenida Paulista como duas torres gêmeas e “muitas pessoas foram salvas porque o edifício dispunha de uma passarela entre um prédio e outro, por onde saíram 150 funcionários” (p.120). Depois da cobertura jornalística do fato, já de madrugada, um editorial da Rádio Jovem Pan ia ao ar ainda quando os bombeiros realizavam a operação rescaldo. O texto “defendia a obrigatoriedade da construção de idêntica passarela em todos os prédios da cidade, ou, caso fosse impossível, escadas de emergência” (PARADA, 2000, p.120). Segundo o autor, a resposta foi imediata: “ouvintes ligavam sem parar, associações de engenheiros e arquitetos se mobilizaram, alguns vereadores encaminharam a proposta

e meses depois a cidade ganhou uma lei que dura até hoje” (PARADA, 2000, p.120).

Porchat (1989) lembra também do caso do rompimento de três adutoras de água da companhia de água de São Paulo, a Sabesp, na década de 80 que deixou três milhões de pessoas na zona sul de São Paulo sem água por 15 dias. A autora recorda que no dia do rompimento nem houve reunião de pauta:

Havia repórteres no local das adutoras rompidas e outros na Sabesp. Na redação, uma equipe levantava a situação de abastecimento de água nos hospitais e escolas, alertando para que o desperdício de água fosse evitado. [...] A cobertura da Jovem Pan não se limitou a informar sobre a falta de água, mas questionou também as causas do rompimento das adutoras, ouvindo autoridades no assunto. [...] A participação do ouvinte permitiu a identificação dos bairros sem água, a ajuda dos carros-pipa e a fiscalização dos estabelecimentos que desobedeciam ao racionamento. Assim foi até que [...] a água voltasse a sair das torneiras. (PORCHAT, 1989, p.16)

Para a autora, “problemas com água, luz e fogo revolucionam uma cidade. Diante deles, o rádio mostra seu poder de servir à população” (PORCHAT, 1989, p.19). Porchat destaca, no entanto, que os serviços de utilidade pública acrescentados à programação jornalística da Rádio Jovem Pan a partir dos anos 60 ajudaram a emissora a conquistar “espantosa popularidade”, já que até então eram a música e o esporte que mantinham papéis de destaque. “Foi a vantagem de atingir o ouvinte no momento exato em que o fato acontece que deu ao rádio o privilégio de prestar serviços” (PORCHAT, 1989, p.18).

Em muitas situações de calamidade há, inclusive, a orientação das autoridades para que fiquem ouvindo o rádio:

O blackout ocorrido em meados de 1984 foi forte manifestação do poder de comunicação do rádio. Um problema na linha que traz energia de Itaipu deixou a Região Centro-Sul do país às escuras durante algumas horas. A cidade de São Paulo parou. Sem metrô, sem trens e sem semáforos. A Jovem Pan conseguiu em pouco tempo atender às necessidades de informações sobre trânsito,

situação em hospitais, ocorrências policiais, de modo que as autoridades recomendaram à população que se mantivesse atenta às notícias do rádio. [...] As facilidades do rádio ficaram evidentes naquela tarde em que a luz faltou, parando os transportes e a televisão. O rádio mostrou seu poder, como acontece em situações parecidas. (PORCHAT, 1989, p.19)

A autora lembra que nos Estados Unidos, nas temporadas de furacões e vendavais, a orientação que se dá à população é a de que não deixem faltar pilhas em casa. É pelo rádio, ouvido pelos aparelhos à pilha, que são emitidos os comunicados importantes sobre previsão do tempo e abandono das casas nestas situações de emergência.

Segundo Meditsch (2007), mais de 50% das pessoas nos Estados Unidos ligam o rádio para se manterem informadas quando ocorre um terremoto, e uma pesquisa realizada logo após a explosão do Challenger, em 1986, apontou um crescimento de 500% na audiência das rádios *all-news* de Los Angeles em consequência do fato (SCHULBERG, 1989, p.211 apud MEDITSCH, 2007, p.39). Na Inglaterra, uma emissora local em processo de falência foi "salva" por uma tempestade de neve: sua audiência cresceu 112% devido ao seu protagonismo na ocasião (LEWIS & BOOTH, 1989, p.155 apud MEDITSCH, 2007, p.39).

No Brasil, o próprio surgimento do radiojornalismo possui sua estreita ligação com a prestação de serviços à população. De acordo com Klöckner e Bragança (2001, p.154) em meio às notícias do Repórter Esso “eram inseridos avisos de utilidade pública, como as campanhas de remessa de cigarros e de roupas de lã para os expedicionários brasileiros durante a Segunda Guerra”, entre outros. A existência da Guerra em si, como outros grandes eventos extraordinários, sugere uma guinada radical da programação das emissoras de rádio em direção à prestação de serviços, como explicam Klöckner e Bragança:

As rádios jornalísticas prestadoras de serviço caracterizam-se pela grande flexibilidade nas programações quando ocorre um fato surpreendente. A programação normal é suspensa e equipes são deslocadas para falar de um determinado local, quando este fato é relevante para a população. [...] Entre os casos históricos, destaca-se a cobertura feita pela [Rádio] Farroupilha, em 1941, quando verificou-se a maior enchente da história da capital gaúcha. [...]

Por 13 dias consecutivos, a emissora se transformou numa espécie de central da enchente, com informações sobre o recolhimento de flagelados, arrecadação de alimentos, agasalhos, móveis, utensílios, remédios e notícias sobre desaparecidos. (KLÖCKNER; BRAGANÇA, 2001, p.154-155)

Em casos como esses as emissoras obtém autorização do Ministério das Comunicações até para suspender a apresentação da Voz do Brasil², comprovando a importância do trabalho das rádios para a sociedade (PORCHAT, 1989, p.17).

A prática da cobertura jornalística direto dos locais dos acontecimentos é registrada também por Zuculoto (1998), lembrando os “Comandos Continental” da Rádio Continental do Rio de Janeiro, já na década de 50. A transmissão ao vivo acontecia principalmente quando ocorriam “acidentes, catástrofes e outros grandes problemas do Rio” (ZUCULOTO, 1998, p.95). A rádio passou a ser referência do que ocorria na cidade e entre as transmissões ao vivo de catástrofes houve “o incêndio de um circo, a explosão de um depósito de munições, além de várias enchentes” (KLÖCKNER E BRAGANÇA, 2001, p.160).

Em muitos casos, o rádio não pode esperar os comunicados oficiais das autoridades. Em 2004, quando houve o rompimento da Barragem de Camará (PB), uma emissora de rádio da cidade de Areia (PB) tomou conhecimento do caso e orientou os moradores das partes baixas a deixarem suas casas, mesmo diante da demora das medidas exercidas pelos órgãos de emergência (GONÇALVES; MARCHEZINI; VALENCIO, 2009, p.169). Segundo os autores, essa “comunicação de risco” exercida pela “própria comunidade” evitou maiores estragos e prejuízos.

Já a incidência de vários fatos inesperados ocorrendo simultaneamente revela que nem mesmo emissoras de grande porte estão aptas a realizar cobertura de diversos palcos de acontecimentos de

² Nos dias atuais há motivos diversos para que as emissoras tenham autorização para adiarem a transmissão do programa A Voz do Brasil, sob a justificativa de prestar serviços à população, como por exemplo, a situação do trânsito no horário das 19 horas.

forma simultânea, apesar de todas as inovações tecnológicas disponíveis. Alda de Almeida (2001) lembra o dia 25 de maio de 2000 no Rio de Janeiro como um dia atípico na cidade com “pauta recheada” por um tiroteio com reféns na favela Nova Holanda (zona norte do Rio), greve do metrô, mais uma rebelião de menores e os 100 anos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com a presença do então ministro da Saúde José Serra. Segundo Almeida, a pauta do dia teve mais um complicador: as negociações para libertar os reféns na favela se arrastaram ao longo do dia. “As equipes das emissoras de AM ficaram presas à principal pauta do dia, tornando fraca a cobertura dos outros três assuntos, igualmente importantes” (ALMEIDA, 2001, p.143). Almeida (2001) relata que a greve do metrô e a rebelião de menores foram acompanhadas basicamente a partir da redação, através do telefone e eventuais notas nas agências de notícias. Segundo a autora, faltaram as matérias de rua, com as pessoas que chegaram atrasadas ao trabalho, as que ficaram presas em congestionamentos, os ônibus lotados, etc. (ALMEIDA, 2001, p.143). Ao avaliar as reportagens que foram ao ar, ela percebeu que ficaram “no máximo dois repórteres de cada rádio (MEC, CBN, Nacional). Um de manhã, outro à tarde” (ALMEIDA, 2001, p.143).

Apesar do uso de ferramentas poderosas como o telefone celular e a internet (já populares na época das ocorrências), as dificuldades relatadas pela autora não foram minimizadas pelo avanço tecnológico. “Os modernos equipamentos permitem maior rapidez para fazer circular a informação, mas não significam necessariamente um aumento no número de informações apuradas e veiculadas, nem da qualidade do que é divulgado para milhares de pessoas” (ALMEIDA, 2001, p.144).

Porém, a chegada de novas ferramentas de comunicação já havia sido antecedida pela participação dos ouvintes como fonte jornalística, que passou a fortalecer o elo entre emissoras e comunidade, como em 1971, quando um grande reservatório de água em Porto Alegre rompeu-se, inundando casas e interrompendo o trânsito de veículos e de pessoas em parte do bairro Menino Deus:

A participação dos ouvintes foi fundamental, ligando para as emissoras e fornecendo as primeiras informações sobre o fato. A partir daí, as principais rádios da época (Guaíba, Difusora, Farrroupilha e Gaúcha) passaram a transmitir do local, averiguando as causas do rompimento, a responsabilidade das autoridades, a falta de manutenção e noticiando as demais áreas que

ficariam sem água. (KLÖCKNER E BRAGANÇA, 2001, p. 156)

Há casos, como o pesquisado por Seabra e Corrêa (2011) em que a cobertura dos estragos ocasionados pela chuva invade outras editorias da programação de uma emissora, articulando-se com o todo. Foi o caso da Rádio Tupi (1280 kHz e 96,5 MHz) do Rio de Janeiro que criou o “Plantão da Tempestade” durante a enxurrada ocorrida no estado do Rio em abril de 2010. Até mesmo quando as notícias eram relacionadas ao futebol, o conteúdo “chuva” era interligado. De acordo com a pesquisa “foram verificadas inserções da prestação de serviço em editorias que tradicionalmente não têm nenhuma relação com o assunto, como a de esporte” (SEABRA; CORRÊA, 2011, p.12).

Outro fato marcante na história das coberturas radiofônicas de desastres foi a grande enchente de Tubarão (SC) em março de 1974, quando dezenas de pessoas perderam a vida durante a inundações provocada pelo transbordamento do rio Tubarão. O historiador César do Canto Machado (2005) relata que, enquanto as águas subiam, toda a atenção era para o rádio:

A população, em casa, atentava para as últimas novidades difundidas pelas rádios Tubá, Tabajara e Santa Catarina (JK), emissoras locais que cobriam esses fatos, atraindo a atenção e quase toda a audiência da cidade. A pouco e pouco, o noticiário, que até aí, programadamente, se espaçara em intervalos de uma hora, tomava conta de todos os horários, com boletins sucessivos, dedicando especial cobertura sobre a grande enchente que se aproximava (MACHADO, 2005, p.23).

Quando as rádios Santa Catarina e Tabajara saíram do ar, houve uma “inquietação incomum no seio do povo”, de acordo com Machado, em um “emudecimento preocupante por ser o primeiro sinalizador real de que a situação se tornava complexa” (MACHADO, 2005, p.24).

O historiador conta que a rádio Tubá, mais antiga da cidade, foi a última emissora a permanecer no ar, levando aos seus estúdios as principais autoridades e influentes cidadãos locais, que os transformaram em improvisado foro de decisões urgentes, já que outros pontos da cidade se tornaram inadequados para esse fim. Enquanto as três emissoras estavam no ar, a cobertura sobre a inundações era realizada pelos locutores profissionais da rádio, mas a partir de então,

voluntários começaram a auxiliar no trabalho de coleta e redação de mensagens. Machado explica que “os funcionários do órgão difusor já não conseguem satisfazer à demanda de centenas de pessoas da comunidade necessitadas de comunicação” (MACHADO, 2005, p.25).

O caráter prestador de serviços em momentos de comoção popular também esteve presente no marcante episódio de Tubarão: “Dentre os apelos radiofônicos, inúmeros são os que buscam, com expressão sófrega, obter notícias de parentes residentes nas áreas atingidas pela cheia, principalmente daqueles residentes na região ribeirinha” (MACHADO, 2005, p.25).

Machado (2005), que atuava na rádio Tabajara, também auxiliou como voluntário a emissora coirmã e lembra que a Rádio Tubá “recebia ligações de outras localidades, originárias de pessoas que, desassossegadas, buscavam notícias sobre o destino de pessoas de suas relações mais próximas” (MACHADO, 2005, p.26).

O autor recorda ainda de um episódio ocorrido justamente no momento em que o município acabara de decretar seu estado de emergência e o prefeito de Tubarão estabelece diálogo no ar pela emissora de rádio com o prefeito da cidade de Criciúma, pedindo ajuda em alimentos, água e roupas para a cidade. (MACHADO, 2005, p.28)

Quando a Rádio Tubá, última emissora no ar durante a enchente de Tubarão, saiu definitivamente do ar, o momento foi comparado por Machado (2005) com o naufrágio do Titanic, em 1912. O locutor voluntário de plantão emitia “a derradeira mensagem, via rádio, à sobressaltada população tubaronense”, acompanhado de música ao fundo e muita emoção:

Atenção, senhoras e senhores ouvintes: a Comissão comunica que dois terços da cidade estão alagados e que, ainda assim, reina tranqüilidade e não há motivo de preocupação com maior tragédia. (MACHADO, 2005, p.41)

O fim das transmissões da emissora, de acordo com Machado, significava que a cidade ficava desprovida de informações de caráter coletivo. “O silêncio dos microfones da Tubá calou também, de vez, a orientação de quem oficialmente coordenava os trabalhos de assistência aos flagelados, já que trunco a capacidade de transmissão de notícias sobre a situação destes” (MACHADO, 2005, p.42).

1.2 Orientações profissionais na cobertura de desastres

Com o crescimento das ocorrências de desastres naturais no mundo e diante dos seguidos casos de enchente e deslizamento de terra em várias regiões do Brasil, a preparação dos profissionais de imprensa para lidar com tais situações torna-se imprescindível para a maioria dos veículos de comunicação. Para Castilho (2011), “a prevenção em catástrofes naturais passou a ser item obrigatório na agenda de serviços públicos da imprensa, a exemplo do que ocorre num país pequeno como a Costa Rica, onde os terremotos são considerados eventos rotineiros” (CASTILHO, 2011). De acordo com o autor, naquele país há jornalistas especializados em cobertura de desastres e até cursos regulares, já que são regiões sabidamente sujeitas a terremotos frequentes. Para Castilho:

A abordagem jornalística de prevenção de acidentes prevê um trabalho continuado de produção de informações voltadas ao interesse público e à preparação das comunidades para enfrentar situações especiais. Trata-se especialmente de usar a notícia para estimular a preocupação com ações coletivas e criar solidariedades, não apenas na hora da tragédia. (CASTILHO, 2011)

As tragédias nos municípios da serra do Rio de Janeiro em 2011 são um exemplo de eventos não ocasionais, conforme Castilho, já que estão ocorrendo com frequência em função das chuvaradas que estão acontecendo em regiões urbanas do Brasil, sobretudo no verão. “E a cobertura desses eventos também não pode mais ser vista pelas redações como pretexto sazonal para shows tecnológicos, palco para performances individuais de repórteres e competição entre empresas jornalísticas” (CASTILHO, 2011).

Após atuar na cobertura do desastre de 2008, em Santa Catarina, na função de coordenador da Rede de Notícias da Acaert³, Marco Aurélio Gomes recomenda que “o grande desafio do jornalista é ‘segurar’ a dramatização de um cenário catastrófico. Na ansiedade de transmitir o que está vendo, é perfeitamente possível cair na tentação de aumentar ainda mais o quadro da tragédia” (GOMES, M., 2009, p.119).

³ Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão.

A “transmissão sóbria das tragédias” é o que o ouvinte da Rádio Jovem Pan preza, segundo Maria Elisa Porchat (1989). Para a autora, “qualquer cobertura, em que dramas humanos transpareçam, deve se basear apenas no relato de dados objetivos” (PORCHAT, 1989, p. 31). A exemplo de outros profissionais experientes, especialmente até a década de 80, Porchat advoga a favor de que a sobriedade deve se impor na transmissão de acontecimentos que mostram a calamidade, como enchentes, desabamentos e fatalidades. “O simples relato dos fatos transmite emoção. Sentimentos e impressões pessoais do repórter no momento prejudicam a informação e a prestação de serviços” (PORCHAT, 1989, p. 31).

Mas uma recomendação feita por Porchat (1989) para as matérias ao vivo é que o repórter seja conciso e direto no relato dos fatos e circunstâncias. Para a autora, no relato dos fatos é preciso buscar referências concretas que deem vida à matéria: a hora exata, o local, às pessoas, etc. (PORCHAT, 1989, p.54).

No caso de utilização de testemunho de pessoas envolvidas diretamente nos desastres, alguns profissionais que acompanharam de perto as enchentes de 2011 e 2012 da região serrana do Rio de Janeiro e em municípios mineiros atentam para certos cuidados necessários durante a realização da tarefa jornalística (CARVALHO, 2012).

A jornalista Fabíola Figueiredo, do *Brasil Urgente*, da Band TV, entende que não pode tratar o assunto como mera estatística, já que nesses momentos o mais importante é se atentar à pessoa que sofre e depois ao fato. Ela acredita que nessas situações, como de chuvas e deslizamentos, onde as pessoas perdem tudo, os jornalistas assumem também o papel de psicólogo. Thiago Lemos, ex-repórter do portal *Uai* lembra que durante a cobertura de desastres naturais em Minas Gerais, é necessário ser cauteloso com as perguntas, por isso sempre procura se colocar no lugar da pessoa atingida. Já Ana Borges, do jornal fluminense *A Voz da Serra*, que participou da cobertura das chuvas, enchentes e deslizamentos em janeiro de 2011 na região serrana do Rio de Janeiro⁴ (que se repetiram em 2012) prefere atentar para o momento

⁴ O desastre iniciado em 11 de janeiro de 2011 na região serrana do Rio de Janeiro contabilizou 911 mortes causadas pelos impactos das inundações e dos deslizamentos de terras provocados pela chuva, de acordo com as prefeituras dos municípios mais afetados. Em Teresópolis houve 382 mortos. Nova Friburgo registrou 428 vítimas, enquanto que em Petrópolis foram resgatados 72 corpos. Também houve 22 mortes em Sumidouro, 6 em São José do Vale do

da informação, após a apuração. Para ela, a função do jornalista é contar o que está acontecendo, mas é importante pensar no que as pessoas atingidas irão sentir quando lerem a matéria. De acordo com a jornalista, além de informar com responsabilidade é preciso ajudar a melhorar a situação dos atingidos pelas tragédias por meio das notícias e do trabalho jornalístico. (CARVALHO, 2012)

Para Ramos e Zamberlan (2010), na cobertura do desastre no estado do Rio de Janeiro em abril de 2010 foi possível perceber a superficialidade com a qual os meios de comunicação tratam de alguns tópicos relevantes, valorizando a quantificação do desastre. Os autores analisaram a cobertura da revista *Veja* durante o episódio envolvendo enxurrada e deslizamentos de terra que registrou 219 mortos em 22 municípios do estado fluminense:

Ao se sustentar no Mito da Quantificação do Real, investido da Cultura positivista, a Revista *Veja* se notabiliza. Revela as aparências, para esconder as essências. Aborda uma Tragédia humana e social, como se fosse uma cobertura da Bolsa de Valores. Pauta-se por cumprir mais um triste papel em sua história jornalística. (RAMOS; ZAMBERLAN, 2010, p.5)

As diferenças entre as coberturas dos diversos meios de comunicação mostram-se mais acentuadas durante a ocorrência de tragédias. De acordo com Salomão (2003), há diferenças perceptíveis, por exemplo, entre uma emissora de rádio e uma emissora de TV na ênfase ao jornalismo durante um acontecimento trágico ou o surgimento de um desastre. Para as rádios, basta que haja “um grave acidente, um assalto a banco, um início de rebelião numa pequena delegacia” que já é o suficiente para “a subversão da programação com seguidos *flashes*, entrevistas pelo telefone e boletins da redação a todo o momento” (SALOMÃO, 2003, p.80-81). Na TV o funcionamento é outro: “as notícias têm hora marcada e tempo definido. Tudo tem que caber no

Rio Preto e 1 em Bom Jardim, de acordo com o portal G1, disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/02/passa-de-900-o-numero-de-mortos-na-regiao-serrana-apos-chuvas.html> acessado em 08.02.2012.

tempo líquido de um telejornal – independentemente da maior variedade ou complexidade da pauta do dia” (SALOMÃO, 2003, p.81).

Mas são exatamente em ocasiões de calamidade pública que as audiências das rádios equipadas para a prestação de serviços aumentam muito, despertando a solidariedade das pessoas, promovendo doações, atendendo pedidos de coleta de sangue e de órgãos, orientando o tráfego e, sobretudo, fazendo jornalismo. É quase impossível desligar-se do rádio nestas circunstâncias (KLÖCKNER; BRAGANÇA, 2001, p.156).

Até mesmo para a transmissão de mensagens preventivas, o rádio mostra sua eficácia durante os desastres. De acordo com Zenatti e Souza (2010), essas mensagens “podem ser transmitidas por meio de entrevistas, comentários, crônicas e informes especiais”. Para as autoras, “falar por meio do rádio significa explicar, contar, dialogar com o receptor. Por isso, este tipo de comunicação deve ser coloquial” (ZENATTI; SOUZA, 2010, p.64).

1.3 A cobertura da mídia nos furacões Katrina e Rita: casos paradigmáticos

A cobertura jornalística dos furacões Katrina⁵ e Rita nos Estados Unidos em 2005 alterou, certamente, o paradigma habitual na veiculação noticiosa de eventos desse gênero. O ataque dos furacões que deixou rastros violentos de devastação em vários estados do sul daquele país, especialmente na cidade de Nova Orleans, resultou em histórias tão dramáticas que não podiam ser sensacionalistas, de acordo com Ralph Izard e Jay Perkins (2010). As histórias eram reais e a indignação, tanto da população quanto dos jornalistas envolvidos, também era real, o que resultou em uma grande reaproximação, um forte vínculo entre a mídia e o seu público. Para os autores, talvez a maior lição a ser tirada da cobertura de Katrina e Rita é que a mídia de hoje tem papéis de liderança na sociedade, quer se goste ou não (IZARD; PERKINS, 2010, p.15). O envolvimento dos jornalistas com a situação durante a

⁵ Os furacões Katrina e Rita deixaram um saldo de mais de mil mortos nos estados do sul dos Estados Unidos em 2005. O furacão Katrina atingiu principalmente a cidade de Nova Orleans, rompendo seus diques de contenção de água e inundando cerca de 80 por cento de seu território. Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1044923-1655,00.html>. Acessado em 24.05.2012.

cobertura fez boa parte dos profissionais abandonar sua abordagem tradicional impassível à notícia e permitiu que eles expusessem seus sentimentos em suas reportagens. De acordo com Izard e Perkins (2010), a reportagem desapaixonada e equilibrada sempre foi essencial dentro do credo jornalístico desde o surgimento dos meios de comunicação. Para os autores, jornalistas sempre aprenderam que suas reportagens devem ser justas e equilibradas e, ao mesmo tempo, deve-se procurar a verdade. No entanto, a verdade dos furacões Katrina e Rita não era justa ou equilibrada e certamente não era desapaixonada. “A verdade nunca é” (IZARD; PERKINS, 2010, p.6-7).

Ao mesmo tempo em que jornalistas precisavam ajudar a salvar a vida das pessoas antes de registrar o drama que as mesmas viviam, procurar abrigos para si mesmos ou ainda, no caso dos jornalistas locais, socorrer suas próprias famílias, eles precisavam informar um público que necessitava de fatos que poderiam literalmente salvar suas vidas. Definitivamente, essas respostas não estavam com os governantes, de acordo com o amplo material pesquisado por Izard e Perkins, que entrevistaram inúmeros profissionais envolvidos na cobertura. O papel do defensor (*advocate*) se fez presente quando os furacões revelaram claras vítimas, os pobres de Nova Orleans e ao longo da Costa do Golfo, e claros vilões, os ineptos funcionários do governo, “mais preocupados com as suas reservas de jantar do que sobre os milhares que estavam sem jantar” (IZARD; PERKINS, 2010, p.15)⁶.

Apesar de a indignação geral ter sido fundamental no estabelecimento de um vínculo entre repórter e público, Izard e Perkins entendem que isso não significa que os repórteres e âncoras devem adotá-la como uma substituição para o conceito tradicional de cobertura justa e equilibrada. Não significa que repórteres devem apresentar apenas um lado da história, tampouco acreditar que seu trabalho está concluído por terem apresentado os dois lados da história. “Eles devem se tornar ativos buscadores da verdade, comparando e contrastando pontos de vista diferentes para encontrar o que melhor representa a realidade” (IZARD; PERKINS, 2010, p.16)⁷.

⁶ Tradução Livre: more concerned about their dinner reservations than about the thousands who had no dinner.

⁷ Tradução Livre: They must become active seekers of truth, comparing and contrasting different viewpoints to find the one that best represents reality.

Há uma outra lição resultante da experiência de cobrir os furacões na Costa do Golfo, conforme os autores, que é o fato de o trabalho de um jornalista não poder terminar com o testemunho e a simples descrição do que ele presenciou. O trabalho deve se tornar um exercício intelectual, começando com a capacidade de planejar e terminar, com a capacidade de descartar todos os planos, se necessário. De acordo com Izard e Perkins, foram poucos os repórteres e equipes nacionais que se organizaram com telefones por satélite ou mesmo anteciparam a necessidade de um barco e veículos com tração nas quatro rodas, por exemplo, diante da grande dificuldade em se locomover nas áreas inundadas após os diques de Nova Orleans terem cedido (IZARD; PERKINS, 2010).

Mas apesar de todos os alertas sobre a chegada dos furacões, a cobertura jornalística mostrou como as grandes redes de TV nos Estados Unidos estavam despreparadas para um desastre do tamanho do Katrina, de acordo com levantamento realizado pelo pesquisador Guido H. Stempel III (2010), que examinou a cobertura do Katrina pelas cinco redes de televisão - ABC, CBS, NBC, CNN, FOX, nas primeiras 24 horas do furacão. Segundo o autor, normalmente a cobertura de furacões é algo básico no território norte-americano, mas as equipes de filmagem tiveram muita dificuldade em lidar com a falta de energia elétrica e ruas parcialmente submersas em Nova Orleans (STEMPEL III, 2010, p.21). Stempel III entende que não havia espaço para a surpresa sobre o furacão Katrina e nem para o furacão Rita, já que a mídia teve vários dias para mobilizar recursos, mover equipes de filmagem e preparar a cobertura da tempestade inicial, diferentemente de acontecimentos com séries rápidas de explosões, como foi o caso do ataque às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001 (STEMPEL III, 2010, p.19). Ao contrário do ataque de 11 de setembro, as redes de televisão, ABC, CBS e NBC não alteraram a sua programação diária por causa do Katrina. A comparação de Stempel III mostra uma proporção de 20 por 1 entre o 11 de setembro e o Katrina no número de matérias geradas nas primeiras 24 horas pelas redes de TV. Em parte, essa comparação pode ser explicada porque as implicações políticas do ataque às Torres Gêmeas eram claras desde o início. Já os aspectos políticos da história do Katrina surgiram mais tarde, sendo mais associados com a resposta do governo para a tempestade. Mas em ambos os casos, a descrição do evento foi a maior parte da cobertura jornalística (STEMPEL III, 2010, p.27).

Nessa comparação entre dois episódios marcantes na história recente dos Estados Unidos, houve também uma diferença no foco inicial das tragédias. Na tentativa de explicar o que aconteceu no ataque

de 11 de setembro, as redes de TV procuraram funcionários do governo e especialistas em política externa para oferecer explicações, deixando as vítimas em segundo plano em um primeiro momento. Já no Katrina o foco das redes de TV estava sobre as vítimas nas 24 horas iniciais da cobertura, sendo estas as principais fontes, seguidas pelos especialistas que também tinham nas vítimas seu principal conteúdo de discussão. Surpreendentemente, o Serviço Nacional de Meteorologia não foi a fonte para qualquer história em três redes de TV e não era uma fonte importante para as outras duas redes pesquisadas (STEMPEL III, 2010).

Mas todas as implicações surgidas durante o episódio do Katrina fez com que muitos repórteres pudessem exercer o seu “faro” para as notícias, como foi o caso do veterano jornalista John DeSantis, do New York Times e de Robert Pierre, do Washington Post, que saíram às ruas procurando matérias, obrigados a usar os seus próprios olhos e ouvidos para determinar o que era para ser relatado. De acordo com o relato de DeSantis à pesquisadora Roxanne K. Dill (2010), eles começaram a falar com as pessoas para descobrir as experiências delas a respeito do desastre e que isso foi muito importante por ensinar aos jornalistas sobre o que realmente estava acontecendo (DILL, 2010, p.50). Pierre declarou à pesquisadora que nem governo, nem chefe de polícia tinham boas informações sobre as ocorrências dentro do desastre, impedindo que os jornalistas pudessem utilizar as fontes que normalmente eram confiáveis, já que existiam muitos rumores e pouca informação confiável, obrigando cada vez mais que eles voltassem e checassem cada fato investigado (DILL, 2010, p.50-51).

A dificuldade para os jornalistas encontrarem respostas junto às fontes oficiais nestes episódios manifesta o nítido distanciamento entre autoridades responsáveis e público atingido. Apesar da larga experiência norte-americana em alertas sobre desastres, as vítimas acabaram se transformando em fontes de maior relevância diante de uma situação derradeira como a dos furacões da Costa do Golfo, estreitando mais as relações entre jornalistas e público envolvido e, conseqüentemente, entre jornalistas e acontecimento.

2. A MÍDIA NOS DESASTRES E A QUESTÃO DO JORNALISMO PÚBLICO

2.1 Papel da mídia e do rádio na cobertura de desastres naturais

2.1.1 Os desastres na agenda da mídia

Não é de hoje que as informações sobre catástrofes atraem um público considerável aos diversos meios de comunicação de massa. Acessos, tiragens e audiências que chegam a atingir picos históricos durante a cobertura de eventos baseados na calamidade ou no conflito revelam certa cumplicidade entre veículos de comunicação e seu público, apoiados em um contrato invisível de audiência e leitura que, de certa forma, prevê a substituição do conteúdo noticioso rotineiro pelas revelações do imprevisível.

Luiz Beltrão (2006) lembra que o leitor (ouvinte, telespectador) reivindica sempre informações sobre guerras, catástrofes, conquistas, competições e julgamentos, já que o conflito é objeto de interesse do homem, justamente por revelar a manutenção de um dos mais arraigados instintos de sua natureza (p.38). Há, segundo o autor, esse “amor à luta”, com o objetivo de se libertar das pressões sociais que rechaçam nossos instintos profundos e frustram “o animal que vive em nós” (BELTRÃO, 2006, p.38).

Essa busca por tudo o que signifique choque e conflito, como motivação psicológica para a leitura de jornal, citada por Beltrão, coincide com a sugestão de Lorenzo Gomis, que acredita que as informações que abordam acidentes, catástrofes e outros chamam bem mais a atenção, principalmente dos telespectadores, do que as demais notícias diárias (GOMIS, 1991, p.22).

Entretanto, Gomis coloca um ingrediente a mais nessa análise, ao perceber que a divulgação de ações não terminadas, em tempo presente (exemplo da cobertura de desastres) favorece a participação na audiência, já que o presente é mais direto e próximo. Há uma expansão do tempo presente, segundo o autor, ampliando a reflexão e possibilitando as várias formas de participação (GOMIS, 1991, p.32).

Já Liriam Sponholz (2009) vê nas catástrofes naturais um exemplo de realidade que se refere ao mundo natural, distinto da realidade que comumente é resultado de ações humanas, como é o caso

da maioria das notícias veiculadas (p.87). A autora apoia sua explicação nos mundos de Karl Popper⁸, onde observa dois tipos de realidade: “a sobre a qual se noticia (realidade física e social) e a que o jornalismo produz (realidade midiática)” (p.86). No entanto, há um cruzamento entre essas duas realidades pelo fato de que as consequências de um terremoto ou de uma enchente envolvem as ações das pessoas ligadas ao desastre.

Neste sentido, cabe afirmar que esta conjunção de realidades ou de “mundos” retira o caráter puramente objetivo da realidade apreendida. A realidade das catástrofes naturais ganha a participação de sujeitos agentes e conhecedores nela envolvidos, transformando-se no que Sponholz defende como “realidade social” sem nenhum status ontológico objetivo.

Importante considerar, então, as transformações que o acontecimento em estado bruto sofre desde o seu surgimento. Tomando como exemplo o ataque aéreo às Torres Gêmeas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, Charaudeau (2009) explica a pluralidade de efeitos de sentidos na cobertura jornalística do evento:

O acontecimento midiático, no caso, é objeto de uma dupla construção: a de uma encenação levada a efeito pela transmissão, a qual revela o olhar e a leitura feita pela instância midiática, e a do leitor-ouvinte-telespectador que a recebe e interpreta. Os efeitos resultantes são múltiplos, ligados à maneira pela qual as encenações visuais, os relatos e os comentários jornalísticos influenciam-se mutuamente. (CHARAUDEAU, 2009, p.243)

Mas a tentação por transformar o palco dos acontecimentos em um espetáculo tem ampliado o coro que pesquisadores fazem às críticas a supostas atitudes sensacionalistas “desnecessárias” por parte dos

⁸ Baseada no filósofo austríaco Karl Popper (1984), Sponholz expõe o mundo sistematizado da seguinte forma: o mundo 1, abrangendo os objetos físicos, como vulcões, terremotos, etc; O mundo 2 é composto por estados de consciência ou por comportamentos e disposições para agir; O mundo 3 é formado pelos resultados das ações humanas, como por exemplo, uma música, um quadro ou uma poesia (SPONHOLZ, 2009, p.81).

veículos de comunicação. Para Couto (2004, p.2), “a abordagem desse aspecto da realidade está a um passo de cair no sensacionalismo, uma vez que o campo de imagens ao se cobrir conflitos e catástrofes encontra-se repleto de cenas de forte impacto emocional”. Para a autora, em muitos casos os jornalistas se veem pressionados a divulgar materiais que causem impacto no receptor.

Porém, havendo o equilíbrio para que um acontecimento singular não seja demasiadamente destacado dentro da cobertura de um desastre, o efeito poderia ser justamente o inverso, humanizando mais a notícia. Cristina Ponte (2005), ao citar Langer, lembra o processo de identificação que surge com o receptor durante as descrições jornalísticas de eventos não controlados humanamente, como acidentes e catástrofes, justamente pela acentuação do lado humano da vítima, como descrições de particularidades ou detalhes biográficos. “Uma boa vítima é acima de tudo uma pessoa/*personagem* com quem cada um pode compadecer-se ou identificar-se” (LANGER, 1992 apud PONTE, 2005, p.65, grifo do autor). Mas Ponte argumenta que na história de fatalidades normalmente não há contextualização das condições sociais ou históricas que estiveram na origem do evento. “Atribui-se a ocorrência a uma vontade externa ou a do destino” (PONTE, 2005, p.66).

Jorge Pedro Sousa (2002) entende que os diversos fenômenos genericamente denominados de acontecimento encontram-se dentro de um contexto histórico, social e cultural: “a percepção de que o acontecimento é concreto e delimitado é uma falácia, já que o real é contínuo e os fenômenos são estreitamente interligados” (p.22). Entretanto, o autor pressupõe que os “verdadeiros” acontecimentos seriam os imprevistos, como uma catástrofe natural, utilizando o critério da previsibilidade ou imprevisibilidade dos acontecimentos como uma marca distintiva. Cita o exemplo de uma guerra, como a Guerra do Golfo (de 1991), como um acontecimento previsível, embora contaminado por vários acontecimentos “verdadeiros”, os acasos da guerra (SOUSA, 2002, p.22).

A maioria dos desastres naturais é caracterizada por acontecimentos curtos, que rompem bruscamente o *continuum* da repetibilidade⁹ dos acontecimentos triviais, atraindo maior atenção e

⁹ De acordo com Tuchman (1978) e Grossberg *et al.* (1998) apud Ponte (2005), a ruptura do *continuum* da repetibilidade dos acontecimentos faz parte do critério da imprevisibilidade como valor-notícia. Segundo Galtung e Ruge

exercendo grande fascínio tanto para jornalistas como para o público. Porém, o tempo curto de cobertura jornalística da maioria dos meios contrasta com a duração de tempo longa de um evento como a seca, que resulta em fome. Ponte (2005) cita o investigador canadense Paul Stryckman, que analisou a cobertura pela imprensa do Canadá de duas secas que afetaram o Saara nas décadas de 70 e 80. A análise de Stryckman (1993 apud PONTE, 2005) opõe as características de previsibilidade de eventos naturais que permitem aos meios de comunicação operar em diferentes registros de tempo na sua cobertura normal, como tempos de antecipação, primeiros alertas e previsões de evolução da ocorrência, visando à redução do seu impacto; tempos de coincidência, informação sobre os impactos materiais e humanos da passagem, definição da sua gravidade, avaliação das necessidades de urgência e informação sobre socorros; tempo de balanço, informação sobre o final do perigo e das ações a fazer para retorno à normalidade – e desastres lentos, que não irrompem de forma previsível num dado momento temporal, mas que vão se instalando sem um momento crítico, tornando difícil a sua apreensão por parâmetros da noticiabilidade jornalística. No caso das coberturas das secas, Ponte (2005) registra que:

O autor (Stryckman) aponta a tendência na cobertura jornalística para a centração no evento em si, a sua construção como fatalidade, ocultando a contextualização espacial e a indexicalidade não apenas a factores de ordem social e econômica, mas também à ausência de solidariedade. Interpreta essa cobertura dentro dos quadros da cultura jornalística: desigualdade da cobertura geográfica, negatividade, consonância de imagens de fome com a imagem mental desse espaço *outro*, manifestação das regras da clareza e da simplicidade, qualidades de qualquer notícia para consumo imediato, digamos da sua naturalização e da sua reificação. (PONTE, 2005, p.195-196)

Diante do distanciamento da relação acontecimento-informação e acontecimento-enunciação, os desastres lentos dependeriam mais da

(1965 apud PONTE, 2005), será o inesperado dentro do que tem significado e consonância o que atrai atenção, somando ao imprevisível os atributos de inesperado e raro.

ocorrência de acontecimentos curtos, ou seja, vários acontecimentos dentro de um grande acontecimento para serem midiaticizados e percebidos pela opinião pública. E como lembra muito bem Jorge Pedro Sousa (2002, p.21-22), “os acontecimentos necessitam ser comunicáveis para se tornarem referentes dos discursos jornalísticos”.

2.1.2 A relação com o público e as fontes durante o desastre

Conforme foi possível observar no capítulo anterior com os antecedentes sobre coberturas jornalísticas de desastres, as fontes oficiais mostram-se, muitas vezes, distantes das reais necessidades dos veículos de comunicação, principalmente durante a ocorrência do desastre, em seu período mais crítico. Não obstante as recomendações nas cartilhas elaboradas pelas assessorias de comunicação governamentais¹⁰, orientando procedimentos quanto à escolha, o preparo e a forma de atendimento das fontes aos meios de comunicação, os veículos cada vez mais tendem a buscar apoio em fontes alternativas, como especialistas de outros órgãos (muitas vezes não governamentais) e principalmente no próprio público que testemunha o fato.

O envolvimento da população como fonte jornalística e também como co-orientadora em diversas atividades exercidas durante um desastre está estreitamente relacionado ao avanço das conquistas individuais e da cidadania, principalmente no mundo moderno ocidental. Tanto que consta entre as prioridades no Marco de Ação de Hyogo¹¹ para o período 2005-2015 dentro das propostas de redução de riscos de desastres, “promover a participação da comunidade nas atividades de redução dos riscos de desastres mediante a adoção de políticas específicas”, incluindo aos voluntários a “atribuição de funções e responsabilidades e a delegação e transferência da autoridade e dos

¹⁰ Zenatti e Souza (2010) recomendam a definição e o treinamento de um porta-voz para atendimento à imprensa durante um desastre, como forma de reduzir o desconhecimento acerca das ocorrências. De acordo com as autoras, se o número de atendimentos à imprensa for maior que a capacidade de resposta, deve ser identificada mais de uma pessoa para a função.

¹¹ Em 22 de janeiro de 2005, em Kobe, Hyogo (Japão), a Conferência Mundial sobre a Redução de Desastres aprovou o Marco de Ação de Hyogo para 2005-2015: aumento da resiliência das nações e das comunidades ante os desastres.

recursos necessários” (CONFERENCIA MUNDIAL SOBRE LA REDUCCIÓN DE LOS DESASTRES, 2005)¹².

Também dentro da Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD), coordenada pela Organização das Nações Unidas (ONU), duas das recomendações a jornalistas que atuam nas coberturas de desastres são “ouvir as comunidades e o que elas têm a dizer” e “familiarizar-se com a maioria das zonas sujeitas a desastres e áreas vulneráveis”, o que envolve uma relação maior com o público (LEONI; RADFORD; SCHULMAN, 2011, p.87).

Anelise Ribeiro Rublescki (2011) analisou diversos *sites* de notícia no Brasil durante o terremoto ocorrido no Japão em março de 2011¹³ e observou que uma prática muito recorrente foi a convocação dos leitores-interagentes para auxiliar na cobertura, veiculando assim as experiências pessoais de brasileiros que residiam naquele país (p.198). Segundo a autora, em uma catástrofe natural como a ocorrida no Japão, a chamada web social (Twitter, Facebook e Orkut) demonstrou sua força como mídia ágil para coberturas pontuais, com os veículos tradicionais fornecendo matérias mais completas e interpretativas do evento (p.209). Rublescki analisou os portais UOL e Terra e as versões digitais dos jornais *Folha de São Paulo online*, *Estadão.com* e *O Globo Online*.

Débora Lopez (2009) entende que no rádio é muito comum que a internet seja utilizada mais para pesquisas como uma ferramenta de produção em coberturas de tragédias e eventos não produzidos, apoiando os âncoras, que realizam as entrevistas com especialistas ao

¹² Tradução livre: promover la participación de la comunidad em las actividades de reducción de los riesgos de desastre mediante la adopción de políticas específicas [...] atribución de funciones y responsabilidades y la delegación y transferencia de la autoridad y los recursos necesarios.

¹³ O Japão sofreu o maior terremoto de sua história em março de 2011, um tremor de 8,9 graus na escala Richter, considerado 900 vezes mais forte do que aquele ocorrido no Haiti em janeiro de 2010. O fenômeno conjugou terremoto, tsunami, risco de acidente nuclear, devastação econômica e a perda de milhares de vidas (14.949 pessoas mortas e 9.980 desaparecidas até 11/05/2011, de acordo com o portal G1, disponível em <http://g1.globo.com/tsunami-no-pacifico/noticia/2011/05/japao-faz-um-minuto-de-silencio-para-vitimas-dos-desastres-naturais.html>. Acessado em 08.02.2012).

vivo e também para acompanhamento das notícias de última hora veiculadas em outros meios de comunicação, além de declarações e dados divulgados pelas autoridades (LOPEZ, 2009, p.16). A autora cita o caso do acidente com o avião da TAM em São Paulo, em 2007, quando a Rádio CBN ouvia testemunhos de fontes que estavam próximas ao aeroporto de Congonhas e buscava relacioná-los e relativizá-los a partir da fala de especialistas, ouvidos em estúdio, por repórteres e via telefone. O cruzamento dessas fontes normalmente é observado em coberturas especiais (como tragédias) e auxiliam o jornalista a compor um cenário mais amplo, levando a uma melhor compreensão dos fenômenos (LOPEZ, 2009, p.8).

Porém, a inclusão do público é algo recente e que faz parte de modificações significativas nas coberturas jornalísticas de tragédias ambientais ao longo da história, cada vez mais envolvendo fatores sociais junto aos fatores ambientais.

Há algumas décadas, as coberturas de catástrofes estavam mais centradas na naturalidade de fenômenos como secas, enchentes, deslizamentos, tremores de terra e erupções vulcânicas e seus efeitos eram considerados fatalidades. Quando pessoas eram atingidas por uma tragédia, relatava-se o caso de forma generalizada e só tinham visibilidade alguns testemunhos anônimos. [...] Entretanto, as representações das questões relativas aos desastres que envolvem a natureza vêm se modificando ao longo dos anos e os enquadramentos midiáticos, influenciados pela grande narrativa da preservação ao meio ambiente, passaram a relacionar a ocorrência destes fenômenos também à ação humana frente à natureza e ao Estado ineficiente. (AMARAL; POZOBON; RUBIN, 2010, p.3-4)

Ao analisar a cobertura ao vivo do Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, do deslizamento do Morro do Bumba, em Niterói (RJ), em 2010, as autoras perceberam que foram poucas as intervenções das fontes oficiais e *experts*. Ainda assim, a maioria delas enquadradas pelo jornalista. Com as fontes em segundo plano, o espaço de destaque coube para os testemunhos das vítimas.

O testemunho tem a função de demonstrar um fato ou situação, de ser uma prova cabal, afinal, nele alguém relata o que viu, ouviu ou sentiu. [...] É,

muitas vezes, um relato simultâneo ao acontecimento, com características efêmeras e fragmentadas, porém convocado a dar efeito de real ao discurso da notícia ou da reportagem. (AMARAL; POZOBON; RUBIN, 2010, p.10-11)

Para Damasceno (2009, p.52), uma das maiores preocupações dos “gestores” do testemunho é a idoneidade do informante, apontada no fragmento. No entanto, “o jornalista se converte numa espécie de ‘fiador’ da testemunha e faz um jogo aparente de submissão ao testemunho, mas tem sobre ele um domínio muito grande” (AMARAL; POZOBON; RUBIN, 2010, p.12).

Segundo as pesquisadoras, a narrativa da cobertura ao vivo oferece aos espectadores o lugar de vítimas virtuais, “que não estavam no local, mas acompanharam o acontecimento como se estivessem”. (AMARAL; POZOBON; RUBIN, 2010, p.13).

Vaz e Rolny (2010), ao analisar narrativas midiáticas sobre catástrofes naturais da década de 1970 até 2010, observam que nos últimos tempos o que tem sido destacado pelos meios de comunicação é a felicidade que as vítimas tinham antes da ocorrência da tragédia.

[...] detalhes do passado e da personalidade de cada vítima parecem individualizar, mas, de fato, cumprem as funções de generalização e de idealização. Simplificando ao extremo a vida de indivíduos, retirando delas o que há de angústia, conflito e incerteza, os meios de comunicação só retêm o que delineia o ideal de uma felicidade privada. Não se trata da vida dos indivíduos, mas do que a vida deveria ser, se não fosse a incapacidade do Estado de prover segurança. (p.13) (VAZ; ROLNY, 2010)

No entanto, Amaral (2011) alerta que “se é no testemunho que muitas vezes o jornalismo se humaniza, também é por intermédio dele que se pode espetacularizar ou descontextualizar um relato jornalístico”. (p.78)

2.1.3 Características do rádio na cobertura de desastres

A característica de simultaneidade na recepção da mensagem radiofônica é um dos fatores preponderantes para a grande audiência conquistada pelo meio durante as coberturas de tragédias. Para Ferraretto (2001a, p.24), além do fato de muitas pessoas poderem

receber a mesma mensagem ao mesmo tempo, o rádio acrescenta a possibilidade de um aparelho receptor ser escutado por uma ou mais pessoas simultaneamente. Essa característica, aliada ao imediatismo e à instantaneidade do meio, ou seja, a possibilidade de transmitir os fatos no instante em que eles ocorrem e a necessidade de a mensagem ser recebida no momento em que é emitida (ORTRIWANO, 1986, p.80), confere ao rádio o *status* de mais popular dos meios de comunicação. Da mesma forma, a mobilidade na recepção da mensagem, capaz de permitir ao ouvinte se deslocar fisicamente sem perder a continuidade da informação, também é uma das características fundamentais atribuídas ao meio, capaz de facilitar a manutenção da conexão mental durante um período de atenção concentrada às mensagens, em especial durante a cobertura de eventos como os desastres naturais.

O caráter móvel do aparelho receptor, transportável livremente de fios e tomadas (e energia elétrica), ao uso de pilhas, bateria do automóvel ou agora com a bateria dos telefones celulares, transformou-o em equipamento imprescindível à população durante a ocorrência de desastres e outros eventos que impõem uma alteração drástica na rotina da população.

Estas e outras características do rádio levaram a maior parte dos estudos sobre o meio a concluir que ele é especialmente adequado para a transmissão da informação. De acordo com Ortriwano (1986, p. 84) “o rádio foi o primeiro dos meios de comunicação de massa que deu imediatismo à notícia, graças à possibilidade de divulgar os fatos no exato momento em que eles ocorrem”. Segundo Sampaio (2008, p. 37), o radiojornalismo “intrinsecamente coloca o ouvinte dentro daquela história que passa, no momento exato em que está passando e, extrinsecamente, abre-lhe a alternativa de acompanhá-lo”.

Através de seus diversos formatos¹⁴, o gênero jornalístico “é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA FILHO, 2003, p.89).

Mas essa arte de tecer o presente, característica que por muito tempo foi exclusiva do rádio, agora é dividida com a internet, tanto em

¹⁴ Segundo Barbosa Filho, os formatos do gênero jornalístico no rádio são: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

uma competição como fonte geradora de informações como em uma nova ferramenta para o meio rádio difundir e detalhar suas informações além do campo auditivo. É o espírito da informática: “a condensação no presente, na operação em andamento” (LÉVY, 1993, p.115).

A ênfase na urgência que fez com que o rádio fosse tão valorizado como fonte de informações, aliada ao novo fenômeno denominado “webemergência”, presente nas pautas jornalísticas das emissoras de rádio, impõe uma observação sobre a relação da simultaneidade com os critérios de noticiabilidade:

A frequência de um acontecimento refere-se ao lapso de tempo necessário para que esse acontecimento tome forma e adquira significado [...]: quanto mais a frequência do acontecimento se assemelhar à frequência do meio de informação, mais provável será a sua seleção como notícia por esse meio de informação. (GALTUNG; RUGE, 1965, p.116 apud WOLF, 1999, p.211).

Desta forma, observa-se que nos meios eletrônicos e, de forma intrínseca no rádio, a frequência do acontecimento associada à frequência de emissão da informação, citadas por Galtung e Ruge, adquire estimável privilégio dentro dos critérios de seleção do conteúdo, de acordo com Wolf (1999), para quem os critérios que assemelham a frequência acontecimento-informação ou acontecimento-enunciação estão “mais adequados aos ritmos produtivos da organização do trabalho [das emissoras]” (p.211).

Podemos dizer então que as informações em tempo real seriam resultantes dos fatos que ocorrem no compasso da transmissão radiofônica. Meditsch (2007, p.209, grifo do autor) lembra que o rádio possibilitou “a superação do *período* [...] pela *simultaneidade* – a simultaneidade entre a enunciação e o acontecimento externo referenciado, mais a simultaneidade entre a enunciação e a recepção do enunciado”. Esta última seria o chamado “caráter vivo” da radiodifusão, “o seu senso de existência em tempo real - o tempo do programa correspondendo ao tempo de sua recepção – [...] um efeito intrínseco ao meio” (MEDITSCH, 2007, p.209). O autor elucida melhor o significado deste “vivo”:

O *vivo em primeiro grau* refere-se assim ao paralelismo do tempo do enunciado com o tempo da vida real (o tempo do relógio), paralelismo que

atinge a sua expressão máxima no fluxo contínuo. [...] O discurso produzido pela apresentação de um texto ao microfone [...] pode ser considerado um *vivo em segundo grau* [...]. Um terceiro [grau], ainda intermediário, seria aquele em que não apenas a interpretação viva é agregada a um conteúdo diferido, mas a própria elaboração do conteúdo se realizada simultaneamente com a enunciação, com a utilização predominante do improviso sem planejamento prévio. [...] A simultaneidade também do acontecimento relatado, completando a isocronia entre quatro tempos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção. A conjunção desses quatro tempos distingue a transmissão direta no sentido pleno da palavra e caracteriza, no fluxo do rádio informativo, o *vivo em quarto grau*, ou o seu mais alto grau possível. (MEDITSCH, 2007, p.210-213, grifo do autor)

Este quarto grau do vivo citado por Meditsch pode ser aplicado tanto à cobertura de acontecimentos anteriormente previstos quanto à cobertura de fatos inesperados, como um desastre. Mas neste último caso, o forte efeito de realidade que a transmissão radiofônica gera é resultado da execução do vivo paralelamente ao desenrolar da ação. “A ubiquidade e mobilidade da recepção associadas às mesmas ubiquidade e mobilidade na emissão são características da situação comunicativa do rádio ainda não alcançadas por nenhum outro meio” (MEDITSCH, 2007, p.246). Para Meditsch, entre as possibilidades abertas por esta associação em tempo real está a fusão dos contextos, colando o discurso no acontecimento a que se refere, fenômeno que “ocorre cotidianamente nas transmissões em direto, quando receptor e emissor se cruzam num mesmo contexto que é o do próprio acontecimento”. Para o autor, apesar de ter no acompanhamento do trânsito urbano a sua manifestação mais trivial, é durante os desastres em que o rádio intervém que surgem os seus efeitos mais espetaculares (MEDITSCH, 2007, p.246).

É neste sentido que ganha espaço a ênfase no ao vivo, mesmo em detrimento de um conceito de ganho de qualidade nas edições posteriores. Para Meditsch (2007), a ideia clássica de edição herdada do jornalismo impresso, com seções fixas e destaques pré-programados, vem sendo substituída pela seleção e o ordenamento prévios dos conteúdos por um critério móvel, em que esta seleção e este ordenamento dão-se simultaneamente à emissão, conforme o material e

o tempo disponível a cada momento (MEDITSCH, 2007, p.104). “Esta técnica de edição adapta para a programação rotineira o *know-how* desenvolvido pelo rádio em momentos excepcionais de grandes coberturas e nas transmissões ao vivo” (MEDITSCH, 2007, p.104).

Para Baumworcel (2001), “a gravação ou a transmissão ao vivo é mais que uma ilustração sonora, é a própria materialidade da informação em um meio que se faz por uma oralidade aparente” (BAUMWORCEL, 2001, p.111). Para a autora, as sonoras contribuem na aproximação entre ouvinte e o fato documentado:

Além de exemplificar um fato mencionado pelo locutor, de ter uma força documental inquestionável e trazer verossimilhança para a situação descrita, as sonoras colocam os sujeitos e as testemunhas dentro do fato. A introdução do som ambiente no radiojornalismo através das sonoras contribuiu para a criação da imagem mental, permitindo ao ouvinte acompanhar o fato como se o estivesse presenciando, se envolvendo emocionalmente, apesar da distância física do acontecimento. (BAUMWORCEL, 2001, p.111)

Neste sentido, o caráter vivo do rádio é também valorizado por Baumworcel, para quem “o improvisado e o jornalismo direto da rua trouxeram, mais uma vez, vida para o rádio” (BAUMWORCEL, 2001, p.112).

Além da importância das características observadas, a introdução do jornalismo de serviço na cobertura radiofônica também garante um ganho considerável de informação ao ouvinte. Notadamente em ocasiões de necessidade da transmissão de um grande fluxo de informações, atualizadas constantemente, somada à demanda por maiores e melhores orientações acerca dos problemas enfrentados durante uma tragédia pública, é que o rádio retoma suas importantes atribuições, atuando como um real “prestador de serviços” à população.

Esta prestação de serviços lembrada por Ferraretto (2001a) como um dos verdadeiros papéis do rádio integra a rotina diária da maioria dos ouvintes, principalmente das emissoras com programação voltada à informação.

Apesar de boa parte da escuta permanecer em nível ambiental, o ouvinte sabe que pode contar com a emissora, caso surja algum fato que interrompa a continuidade dos seus hábitos diários. É como se essa disposição em prestar serviço fizesse parte de um pacote adquirido pelo ouvinte ao ligar o rádio. Assim, partindo da definição de Barbosa Filho

(2003, p.134-135) para os produtos radiofônicos de serviço como “informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio”, a adesão do ouvinte pode acontecer pelo interesse em que “a informação que lhe é proposta será diretamente ou indiretamente útil para orientar sua conduta” (CHARAUDEAU, 2009, p.80).

Mas se o rádio vem se firmando como um serviço de utilidade pública, convém resgatar um dos conceitos do jornalismo de serviço como a informação que dá ao receptor a possibilidade de efetiva ação e/ou reação (DIEZHANDINO, 1994, p. 89). De acordo com a pesquisadora espanhola, o jornalismo de serviço é um material útil, prático e, embora nem sempre tenha o sentido de urgência, induz o receptor a atuar.

Esta atuação induzida pelo rádio durante a cobertura de tragédias públicas pode ser proveniente da orientação que o meio exerce sobre os procedimentos antes, durante e após o ápice da catástrofe. É neste momento que o rádio atua de forma ágil, aliando à cobertura jornalística a prestação de serviços de utilidade pública e a participação do público via telefone, e-mail, redes sociais, etc. É a utilidade que o protagonismo do rádio “pode representar em situações em que o conflito se dá entre a sociedade e alguma ameaça, como nos grandes acidentes e catástrofes naturais”. (MEDITSCH, 2007, p.39)

Cabe então observar a distinção feita por Klöckner e Bragança (2001) entre utilidade, serviço, cidadania e informação: a utilidade pública atende uma necessidade imediata dos ouvintes; já o serviço presta orientação para as pessoas e encaminha uma solução; a cidadania é exigir uma solução; enquanto a informação é o ato ou efeito de emitir ou receber mensagens, comunicada a alguém ou ao público (KLÖCKNER; BRAGANÇA, 2001, p.153 e 161).

Neste sentido, serviço, utilidade pública e cidadania agregam valor às informações emitidas durante uma cobertura de desastre. É o jornalismo de serviço pode funcionar como uma informação complementar ou mesmo como o terceiro eixo dentro de uma reportagem que requeira a comunicação entre fatos anteriores, atuais e posteriores (ZIMMERMANN, 2011).

2.2 Jornalismo Público: jornalismo do cidadão

2.2.1 Essência original do Jornalismo Público

O conceito de jornalismo público surgiu nos Estados Unidos no final da década de 1980 diante da constatação de um crescente desinteresse dos cidadãos norte-americanos pela vida pública, ao mesmo tempo em que estes já não reconheciam mais nos meios de comunicação o instrumento para ligá-los às questões julgadas importantes para a sua comunidade. Como um dos fatores de origem desta corrente, estava a pretensão de estancar a queda da credibilidade dos veículos de comunicação norte-americanos, que afetava especialmente a leitura de jornais, já em visível declínio desde as décadas anteriores.

O desencantamento por parte do público com a cobertura da mídia na campanha presidencial americana de 1988 revelava como a imprensa se situava distante das grandes aflições da população. “Muitos acreditaram que os media foram transformados pelas táticas de campanha negativa, obcecados com a cobertura do tipo corrida de cavalos e esquecidos em relação às questões julgadas importantes pelos eleitores” (SHEPARD, 1994 apud TRAQUINA, 2003, p.10). Foi então que o veterano jornalista Davis Merritt passa a sustentar que tais coberturas precisavam promover uma discussão mais séria e mais ampla sobre os temas envolvendo a coletividade.

No jornal dirigido por Davis Merritt, o *Wichita Eagle*, foi lançado em 1990 um projeto de jornalismo cívico intitulado “Voter Project”. Em consórcio com uma estação radiofônica e um operador televisivo, o jornal utilizou sondagens de opinião e *focus groups* para identificar as questões principais que preocupavam os cidadãos. Subsequentemente, as empresas jornalísticas envolvidas no projeto orientaram a sua cobertura da campanha eleitoral e destacaram essas questões, minimizando os ataques e contra-ataques dos candidatos. Nas seis semanas antes do dia das eleições, o *Wichita Eagle* publicou artigos aprofundados sobre as questões identificadas pelos cidadãos e apresentou a posição dos candidatos sobre cada questão. (TRAQUINA, 2003, p.11)

Com outros projetos semelhantes lançados posteriormente, tentava-se fazer com que os cidadãos participassem na resolução dos problemas. Para Merritt (1998, p.6), o “Jornalismo deve ser - e pode ser - uma das principais forças na revitalização da vida pública”¹⁵. Mas o autor adverte que para isso é necessária uma mudança fundamental na profissão, onde o jornalista adotaria um papel para além de dar notícias.

Desta forma ganha contornos o Jornalismo Público, que encontrou em Jay Rosen seu maior teórico expoente. Rosen (2000) defende o desenho do perfil do jornalista-participante no lugar do jornalista-observador, contrariando uma atitude clássica onde jornalistas tendiam a se ver como observadores com o seu trabalho e, muitas vezes, dizendo a verdade para não trazer novas verdades (ROSEN, 2000, p.54).

Rosen buscou, inclusive, inspiração no trabalho de John Dewey, que defendeu no seu livro publicado em 1927 que a comunicação era a solução para os problemas da democracia norte-americana (TRAQUINA, 2003, p.14). A democracia torna-se para Rosen um conceito-chave dentro de sua percepção sobre a vida pública: “chamo ‘jornalismo público’ a uma teoria e a uma prática que reconhece a suprema importância que tem o melhorar a vida pública” (ROSEN, 2003b, p.83-84). Para o pesquisador americano “jornalistas são pessoas que fazem coisas”, princípio que chega a confundir com a crença habitual de que “os jornalistas são pessoas que *descobrem* coisas” (2003, p.84, grifo do autor). Se os jornalistas fazem de fato coisas, de acordo com o autor, “então o seu terreno é uma arte e não uma ciência” e então o jornalismo seria “uma das mais importantes artes da democracia, e que o seu objetivo final não é fazer notícias, ou reputações, ou manchetes, mas simplesmente fazer a democracia funcionar” (ROSEN, 2003b, p. 84).

Na perspectiva do jornalismo público, o principal objetivo é promover uma nova atitude de promoção para com os públicos. Os jornalistas públicos partem da premissa de que é necessário reanimar o debate público, encontrando a construção da cidadania como um de seus papéis fundamentais.

¹⁵ Tradução Livre: Journalism should be - and can be - a primary force in the revitalization of public life.

O jornalismo público é tratado como uma corrente alternativa para “reforçar o elo entre o jornalismo e a vida comunitária” (MESQUITA, 2003, p.19), trazendo à tona inúmeras implicações sobre a participação do público nos meios de comunicação e sua forma de colaborar com a produção do conteúdo jornalístico.

As denominações utilizadas para a corrente variam conforme os autores, as nacionalidades e a própria concepção construída em torno dos objetivos e da prática desta modalidade de jornalismo. Se na origem americana o *Civic Journalism* (jornalismo cívico) aproxima a ideia de civismo a uma construção coletiva de uma cidade, de uma região ou de um país, no Brasil o termo “civismo” remete mais ao patriotismo (FERNANDES, 2008), fazendo com que a denominação Jornalismo Público (*Public Journalism*) fosse mais apropriada. Mas apesar de os americanos Davis Merritt e Jay Rosen preferirem o termo Jornalismo Público, os portugueses Nelson Traquina e Mário Mesquita optaram por adotar a tradução literal para Jornalismo Cívico, embora a conceituação trabalhada seja exatamente a mesma.

Enquanto a denominação no Brasil não está até hoje bem definida, os estudos sobre a corrente também são escassos no país. Autores como Márcio Fernandes (2008) e Luiz Martins da Silva (2006) concordam que nem a denominação nem a aplicação da atividade estão bem resolvidas. Para Silva (2006) “o jornalismo público ainda não encontrou no Brasil nem uma tradução definitiva nem uma compreensão do que ele representa enquanto função, área de cobertura e campo profissional” (p.6). No entanto, acredita que já há alguns indicadores de que algumas práticas jornalísticas da chamada “grande imprensa” brasileira começa a se aproximar do que “poderia vir a se chamar de jornalismo público” (SILVA, 2006, p.6).

Já Beatriz Dornelles (2008) afirma que há casos no Brasil como diversos jornais no interior do Rio Grande do Sul praticando um jornalismo semelhante ao cívico, bem como na capital gaúcha, através dos jornais de bairro com enfoque comunitário (p.124).

No entanto, Loomis (2000) alerta para que não haja confusão entre o jornalismo público e o jornalismo comunitário, apesar de entender que ambos estão relacionados em conceito e na prática. Para o autor, o tamanho seria um diferencial, já que o jornalismo comunitário está mais presente em jornais pequenos, incluindo semanários. A amplitude da abordagem se somaria ao porte do veículo também, conforme Loomis, ao entender que enquanto o jornalismo comunitário mostra o problema e cobra soluções, o jornalismo público mostra como

os problemas podem ser tratados pelas políticas públicas (LOOMIS, 2000).

Outras denominações ora confundidas com o jornalismo público, como o jornalismo participativo, o jornalismo colaborativo, jornalismo cidadão ou o jornalismo de código aberto – fonte aberta - (jornalismo *open source*) carregam características em comum com a raiz da corrente promovida por Merritt, Rosen e outros expoentes, mas não são considerados sinônimos, merecendo, portanto, um subcapítulo à parte neste trabalho. Para fins de compreensão e padronização dos termos, mantemos a denominação de Jornalismo Público como corrente similar ao jornalismo cívico.

Para Traquina (2001), tanto Merritt quanto Rosen partilham a mesma visão de uma democracia participativa: “ambos defendem um papel mais ativo por parte do jornalismo na construção de um espaço público mais vibrante e na resolução dos problemas da comunidade” (p.179-180). Esta visão remete às origens da corrente, de acordo com Mesquita (2003):

Na origem da teorização em volta do movimento do civic ou public journalism estiveram, essencialmente, três ordens de factores: a influência das teorias do “comunitarismo”, no âmbito da filosofia política; a crítica ao comportamento dos jornalistas perante a política e os políticos, entendida como uma atitude de “cepticismo” sistemático, susceptível de contribuir para o desinteresse dos cidadãos pela vida pública; a “crise de credibilidade” da imprensa e, em geral, dos media, detectada através de estudos de opinião efectuados de forma sistemática e subsidiados por empresas mediáticas. (MESQUITA, 2003, p.21)

Mesquita entende a aproximação entre o jornalismo público e as causas comunitárias, baseada no fundamento do propósito de encorajar e acelerar a tomada de decisões no plano regional, de forma a que “o jornalismo possa ajudar a comunidade, não só a equacionar, mas também a descobrir os caminhos para a resolução dos seus principais problemas” (MESQUITA, 2003, p.20).

Desta forma, a diferença principal entre o jornalismo público e o modelo dominante do jornalismo seria a concentração nos “problemas das pessoas comuns, nas suas preferências quanto aos assuntos, e no fornecimento da informação que é de importância prática para aqueles

que estão interessados em envolver-se ativamente no processo político” (EKSTEROWICZ; ROBERTS; CLARK, 2003, p.98). Carey (1987 apud ROSEN, 2003a, p.40) escreve que “o problema real do jornalismo é que o termo que o fundamenta – o público – foi dissolvido, dissolvido em parte pelo jornalismo. O jornalismo só faz sentido em relação com o público e com a vida pública”.

No sentido de aproximar o jornalismo da população, Rosen (2003a) entende que o jornalismo público recomenda uma tarefa diferente: “operar bem as ligações, especialmente a ligação fundamental entre o jornalista e os cidadãos. Uma forma de definir o jornalismo público é chamar-lhe a arte em desenvolvimento de ligação às comunidades onde trabalham jornalistas [...]” (ROSEN, 2003a, p.55).

Para Coleman (2003), a prática do jornalismo público assemelha-se às boas técnicas tradicionais de reportagem de escuta sistemática, ao escrever sobre assuntos acerca dos quais as pessoas se preocupam (COLEMAN, 2003, p.61).

O desenvolvimento do jornalismo público, no entanto, coincide com o período de transformação tecnológica nos meios de comunicação. Eksterowicz, Roberts e Clark (2003), acreditam que a ascensão da corrente foi moldada pelas forças desta transformação, além das mudanças econômicas que configuravam um novo ambiente competitivo nos meios audiovisuais. “Assim, a disseminação das notícias foi revolucionada por um certo número de desenvolvimentos tecnológicos” (EKSTEROWICZ; ROBERTS; CLARK, 2003, p.88).

Observando o jornalismo público como uma corrente genuinamente norte-americana, nota-se que normalmente a iniciativa das ações é das próprias empresas de comunicação e não propriamente do cidadão. Organização de painéis, realização de pesquisas de opinião, discussão de uma pauta envolvendo mais o público, todas são iniciativas comuns dos próprios meios em sua *performance* cidadã. Para Carrasco (2002 apud FERNANDES, 2008, p.176), se realizadas essas e outras ações similares “haverá menos cobertura dos ruídos de uma comunidade e mais cobertura de seus silêncios, isto é, daqueles temas que normalmente a imprensa é incapaz de perceber, devido à cobertura superficial e supostamente objetiva que faz”.

2.2.2 Jornalismo Público e a revisão da objetividade e da neutralidade

Ao buscar essa (re) aproximação com o cidadão, o jornalismo público se propõe a revisar alguns conceitos ainda hoje inseridos no

topo das polêmicas sobre a atividade jornalística. Quando questiona a superficialidade das notícias no jornalismo tradicional e de seu caráter fragmentário esbarra, inevitavelmente, nos conceitos de objetividade, neutralidade e credibilidade jornalística.

Na intenção de ir para bem além da superfície das notícias, o jornalismo público substitui “a natureza fragmentária das práticas tradicionais por uma nova atitude baseada numa maior atenção concedida a cada tema” (MESQUITA, 2003, p.19). Rosen (2003b), inclusive, argumenta que o problema do jornalismo tipo “por um lado e por outro” mostra-nos que muitas vezes o equilíbrio é muito mais uma fuga da verdade do que um caminho na sua direção (p.77). Para Traquina (2001), o jornalismo público (cívico) “representa uma importante brecha na busca frenética de notícias, na postura cínica para com a vida política, na dependência excessiva das fontes oficiais e na desatenção flagrante para com os cidadãos enquanto participantes ativos na vida pública” (p. 183).

A reformulação do perfil e das práticas do jornalista, na opinião de Mesquita (2003, p.26), requer um aprofundamento da ligação entre os jornalistas e os cidadãos comuns, dentro da preocupação em reavivar o conceito e as práticas da cidadania e a sua apreciação crítica das formas de futilização da política adotadas por certos media.

Neste sentido, Rosen (2003b) chama de uma nova teoria da credibilidade quando o media está preocupado, “porque se importa, porque se está implicado” (p.83). Segundo o autor, o jornalismo ganha esta credibilidade na comunidade “porque se demonstra que tem benefícios caso, por exemplo, a comunidade enfrente os seus problemas em vez de fugir ou se esconder”. Esta nova teoria é um contraponto à velha teoria em que a objetividade advém da imparcialidade e da distância e que os profissionais e os meios de comunicação são credíveis porque não estão envolvidos (ROSEN, 2003b, p.83).

A concepção de credibilidade abarcada por Rosen, no entanto, entraria em conflito com a visão positivista que moldou a ideia de objetividade jornalística e que impediu a interferência da subjetividade humana, afastando os valores do ‘sujeito’ jornalista para que a realidade pudesse ser apreendida de forma isenta. Da mesma forma, essa mesma visão de objetividade teria desconsiderado o cidadão como ator relevante na construção e na transformação desta realidade, apoiando-se majoritariamente nos fatos, como se os mesmos fossem os tutores da verdade.

É nesta retomada da ligação entre jornalistas e cidadãos e na perspectiva de participação de ambos na vida democrática e na

construção de um espaço público, que esta nova abordagem deixa de conceber as pessoas como meros consumidores ou receptores passivos, até então condenados à perpetuação dentro de um universo reduzido à mera expectativa e ao mesmo tempo de desinteresse pelo mundo alheio.

Grande parte do debate gira em torno da questão do desapego, um distanciamento profissional enraizado nas normas de objetividade e credibilidade. Esta "desconexão" tradicional entre jornalistas e as comunidades que abrangem, tem acompanhado perdas na vida política desses lugares (LOOMIS, 2000, p.132).

Para Kovach e Rosenstiel (2004), enquanto a objetividade estava relacionada a um método consistente de testar a informação para que os preconceitos pessoais ou culturais do jornalista não prejudicassem a exatidão de seu trabalho, observara-se que “o método é objetivo, não o jornalista” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.116).

Neste sentido, considerando ainda que a ligação entre jornalista e público torna-se mais evidente, como que um encontro entre sujeitos coparticipantes, o conceito de neutralidade diante dos fatos é colocado em questão:

A precariedade do paradigma da objetividade para explicar a realidade e seu conhecimento fica evidente quando se constata que os fatos não são uma realidade exclusivamente objetiva, eles próprios são construções humanas e, como tal, têm um componente subjetivo inseparável. (MEDITSCH, 2007, p.232)

Se a realidade não é objetiva, mas sim, o método de sua apreensão, cabe retomar o pensamento de Mesquita (2003, p.20) de que o jornalismo deveria “aprofundar as questões e identificar as causas dos problemas comunitários, concedendo maior atenção às soluções moderadas do que aos extremos”. Para o autor, a regra de “ouvir os dois lados”, que faz parte dos rituais estratégicos da objetividade, tenderia, nesta ótica, a reconduzir as problemáticas jornalísticas a um modelo dicotômico baseado no conflito (MESQUITA, 2003, p.20).

Traquina (2001), ao citar Rosen, lembra que o jornalismo público (cívico) fornece uma nova abordagem e que será preciso que as pessoas no jornalismo declarem “o fim da sua neutralidade no que diz respeito a certas questões” (ROSEN, 1993 apud TRAQUINA, 2001, p. 182).

Rosen, no entanto, faz algumas ponderações para a compreensão do sentido da objetividade jornalística:

A objetividade é um contrato mas, rephraseando um pouco este “contrato”, é também uma troca. Os jornalistas ganham a sua independência, e em troca desistem da sua voz. [...] Uma segunda forma de compreender a objetividade é entendê-la como uma teoria de como chegar à verdade. [...] Enquanto teoria relativa à busca da verdade, descreveria a objetividade como uma teoria da separação. Esta defende que, se separarem os fatos dos valores, ou a informação da opinião, ou as notícias dos pontos de vista, conseguir-se-á saber a verdade. [...] A terceira forma de compreender a objetividade é entendê-la como um conjunto de rotinas e de procedimentos profissionais – isto é, como um conjunto de coisas que os jornalistas fazem quando saem para relatar as notícias. A confiança nas fontes oficiais, por parecerem ser mais credíveis ou objetivas, é exemplo de uma rotina. Uma outra muito comum é citar ambos os lados numa querela política. Uma das formas de a objetividade se traduzir em rotina é através do ritual de equilíbrio e da noção segundo a qual as duas partes tem uma voz nas colunas noticiosas. A fraqueza do equilíbrio já foi detectada muitas e muitas vezes. [...] É uma forma de negar a sua responsabilidade em relação ao problema da verdade no seu todo. [...] A quarta forma de compreender a objetividade [...] é dizer que a objetividade é uma técnica de persuasão, uma estratégica retórica. [...] Posso basear o que digo numa tradição comum, num conjunto de valores que sei que partilham, o que é uma outra forma de vos fazer aceitar o meu ponto de vista. Posso tentar envolver as vossas emoções de uma forma tão poderosa que não consigam encontrar uma alternativa à minha posição. A isso chama-se demagogia. [...] Uma última (quinta) forma de conceber a objetividade é como expressão de um ideal muito nobre e necessário numa democracia. Esta é a concepção de uma desinteressada – não de uma objetiva, mas de uma desinteressada – verdade. (ROSEN, 2003b, p. 76-79)

Enquanto para Rosen (2003b), a teoria da credibilidade é alçada com o advento do jornalismo público, suplantando a antiga teoria da

objetividade ao se interessar pelos problemas da comunidade, para Kunczik (1997, p.97) o oposto do jornalismo objetivo e neutro é o “jornalismo ativamente comprometido, participativo e socialmente engajado, que promove causas”. No entanto, “um jornalista pode sentir-se igualmente comprometido com a reportagem objetiva e neutra e com uma obrigação social” (KUNCZIK, 1997, p.97). O autor recorre a Morris Janowitz para buscar o entendimento de que o papel do defensor (*advocate*) [...] deve ser secundário (JANOWITZ, 1975 apud KUNCZIK, 1997, p.97-98). Kunczik escreve a partir de Janowitz que “em vez de fazer perguntas críticas sobre a realidade social, considera-se ‘objetivamente’ a classe governante como porta-voz da sociedade” (1997, p.98).

Cabe também buscar o entendimento de Meditsch (2007) de que a intersubjetividade, ao deslocar o critério de aferição de verdade da objetividade e da subjetividade, encontra a interação social inter-relacionada com forma e conteúdo na construção do discurso (p.224).

Se a participação do público nos meios de comunicação, sobretudo no rádio - objeto deste trabalho - apresenta cada vez mais traços do jornalismo público e de correntes semelhantes, a perspectiva da intersubjetividade torna-se oportuna. Para Meditsch (2007, p.225), “não basta analisar as modificações provocadas nas pessoas pelo discurso do rádio, é preciso analisar também como as pessoas participam, como sujeitos ativos, nestas modificações”.

2.2.3 Uma reforma muito distante de uma revolução

A preocupação com a crise de credibilidade instaurada na imprensa norte-americana no final da década de 1980, culminando com a ascensão do jornalismo público, leva a crer que esta seria uma experiência mais relacionada a certas especificidades da própria sociedade norte-americana, onde Mesquita (2003) acredita que deva ser destacada “a importância de comunidade na história dos Estados Unidos” (p.27). A queda na venda de jornais e o descrédito iminente nos meios de comunicação (embora não fosse um fenômeno exclusivamente estadunidense) ocorrem a par da “diminuição de interesse dos cidadãos pela vida pública no plano nacional e comunitário” (MESQUITA, 2003, p.25).

Kovach e Rosenstiel (2004, p.95) lembram que o jornalismo público de fato nunca conseguiu penetrar na elite da imprensa dos Estados Unidos. Entretanto, para Mesquita (2003) o debate sobre o jornalismo público permanece vivo em território americano:

O seu postulado base (do jornalismo público) é geralmente aplaudido quando associa o futuro do jornalismo ao desenvolvimento da cidadania, num país em que o nível de conhecimento político dos cidadãos, relativamente às instituições e ao respectivo funcionamento, é considerado baixo [...]. (MESQUITA, 2003, p.25)

Neste sentido, o autor entende que o comunitarismo faz parte da essência do jornalismo público, já que “propõe precisamente o reavivar de um conceito de vida solidária” (MESQUITA, 2003, p.22).

Essa participação mais ativa por parte do jornalismo na comunidade teria como princípio ajudar a melhorar a vida pública, mas tratando-se de uma reforma e não de uma revolução: “o jornalismo cívico (público) tem o potencial para renovar o jornalismo se não pretender ser uma ruptura com o seu capital já acumulado” (TRAQUINA, 2001, p. 184).

O que está em questão dentro desta concepção reformista é uma “reformulação do jornalismo”, que passaria também por uma “reforma da cidadania”, que para Mesquita (2003, p.26) seriam “as duas faces de uma mesma moeda”.

Campbell (1996, p. 29, apud PESSONI, 2005, p.64), por sua vez, entende que “uma das chaves da ruptura para o jornalista é parar de identificar os problemas e identificar soluções”, acreditando que o novo profissional do jornalismo precisa deixar claro sua ruptura com algumas velhas receitas com as quais não comunga. É neste sentido que Traquina (2001) lembra um dos preceitos do jornalismo público citados por Jay Rosen, que é a disponibilidade para “quebrar com velhas rotinas, um desejo de ‘estar ligado de novo’ com os cidadãos e as suas preocupações [...] e um foco nos cidadãos como **atores do drama público em vez de espectadores**” (ROSEN, 1994, p.376, apud TRAQUINA, 2001, p. 180-181, grifo nosso). Esta inversão de valores é também compartilhada por Davis Merritt (1995, p.114 apud TRAQUINA, 2001, p.179), apesar de defender que “o objetivo tradicional do jornalismo – dar notícias (‘telling the news’) – não deve ser abandonado”.

2.2.4 Jornalismo Público e interesse público

As controvérsias geradas em torno da inclusão do público como foco prioritário no jornalismo ou mesmo de sua participação como protagonista dos acontecimentos remetem à habitual dicotomia entre “interesse público” e “interesse do público”. Luís Ladevéze (1991 apud

PONTE, 2005, p.201) define o interesse público quando pode contribuir para modificar os hábitos de conduta e crenças, etc.; e o interesse do público ou interesse psicológico, quando as notícias atingem as variações de gostos e preferências, podendo alegrar, comover ou inquietar.

Silva (2006, p.34) lembra que “no Brasil, comumente tem-se trabalhado com as categorias do interesse público e interesse do público, caracterizando-se a segunda mais pela curiosidade e pelo voyeurismo do que propriamente pelo grau de importância dos temas para a agenda pública”.

Neste sentido, Wilson Gomes (2009) entende que servir ao interesse público é servir à cidadania, no sentido de possibilitar que o bem comum seja decidido segundo o interesse geral da sociedade. “A rigor, apenas as dimensões do jornalismo que produzem efeito sobre o interesse da esfera civil poderiam estar integralmente ao serviço do interesse público” (GOMES, W., 2009, p.80). Para que se produza o efeito defendido pelo autor, é preciso “colocar à disposição do público os repertórios informativos necessários para que ele possa influenciar a decisão política e a gestão do Estado, para que possa fazer-se valer na esfera política” (2009, p.79).

Para Benedeti (2009), a maneira como o jornalismo se institucionalizou nas sociedades modernas está relacionada com o seu papel de informar o público sobre as questões atuais de interesse público e de servir como fórum (espaço aberto) para o debate público. Desta forma, a autora resgata a construção histórica da mediação jornalística por parte dos meios de comunicação, no sentido de que diante da impossibilidade de os cidadãos expressarem diretamente (pessoalmente) suas opiniões a cada um de seus pares, “a mediação jornalística tornou-se necessária para falar (informar) e dar visibilidade à pluralidade” (BENEDETI, 2009, p.23).

Enquanto Wilson Gomes (2009) chega a questionar o fato de o jornalismo permanecer por cerca de duzentos anos ainda afirmando que é a única mediação confiável entre a esfera civil e o poder público, Ferreira (2011, p.73) adverte que “uma vida democrática é também uma vida de atenção aos que não podem participar na conversação (o estrangeiro, o idoso, a criança, o dissidente ou o analfabeto)”, entendendo assim que o jornalismo público, ao dar ênfase nas pessoas “padrão”, pode levar outros à exclusão. No mesmo sentido, o autor entende que o jornalista, ao utilizar a participação de especialistas e de agentes políticos, garante um instrumento de cidadania ao público.

De maneira mais contundente, Sylvia Moretzsohn (2007) demonstra seu ceticismo quanto à possibilidade de eliminação da mediação exercida pelo jornalista, entre outras questões, pela “falsa suposição de que, uma vez que o ‘povo’ fale, ele falará com sua ‘própria’ voz” (p.277). A autora expõe o receio de rompimento de uma perspectiva dialética de uma interação que seria capaz de elevar o senso comum ao senso crítico:

Explicita-se aí o completo desconhecimento dos mecanismos através dos quais o senso comum se forma e se consolida, tendendo, no caso, a repetir as fórmulas aprendidas no convívio cotidiano com a programação televisiva, de modo que o incentivo ao “faça você mesmo” acaba resultando em “faça como a Globo”. (MORETZSOHN, 2007, p.277)

Para Moretzsohn (2007, p.278), a valorização da expressão popular tem a sua importância na politização dos cidadãos, mas não se pode equiparar ao trabalho de mediação do jornalista, até porque é a presença deste “estranho” que pode levar a uma atitude crítica em relação aos valores que uma comunidade tradicionalmente cultiva e também porque este “estranho” estaria investido de autoridade para chegar a fontes inacessíveis para a maioria dos cidadãos.

3. O JORNALISMO PARTICIPATIVO E A QUESTÃO DA PARTICIPAÇÃO DO OUVINTE

3.1 Jornalismo Participativo e as tendências de interatividade na mídia

3.1.1 O jornalismo participativo e o papel do cidadão

Enquanto o jornalismo público é entendido como sinônimo para o jornalismo cívico, concentrando suas atenções em um caráter mais coletivo da cidadania, o jornalismo participativo (*participatory journalism*) é também chamado de “jornalismo cidadão” (*citizen journalism*) porque busca envolver o cidadão tanto na perspectiva individual quanto na coletiva, embora de maneira mais pró-ativa do que na corrente do jornalismo público. Outros termos correntes para designar esta modalidade nem sempre são definidos como sinônimos, mas como variações do jornalismo participativo: jornalismo de código aberto – fonte aberta (jornalismo *open source*), jornalismo colaborativo e jornalismo popular (*grassroots journalism*). Embora fora do Brasil a expressão *citizen journalism* seja mais popular¹⁶, para fins de padronização dos termos neste trabalho, mantemos a denominação de jornalismo participativo¹⁷.

Para Bowman & Willis (2003), a semente da qual cresce tanto o jornalismo cívico (público) quanto o jornalismo participativo é o diálogo e a conversação, que são o mecanismo que transforma os papéis tradicionais do jornalismo e cria uma ética, dinâmica e igualitária de dar e receber. No jornalismo participativo “não existe organização central

¹⁶ No site de buscas Google, em levantamento realizado em dezembro de 2011, a expressão em português Jornalismo Participativo possuía 230.000 referências, enquanto a expressão Jornalismo Cidadão possuía 371.000 referências. Quando realizada a mesma pesquisa para os termos em inglês, *Participatory Journalism* possuía 109.000 resultados contra 8.630.000 referências para *Citizen Journalism*.

¹⁷ Há aqui o entendimento de que há pessoas sem conhecimento profissional em jornalismo participando na construção das notícias e não, necessariamente, apenas o cidadão fazendo jornalismo.

noticiosa que controla a troca de informações” (BOWMAN & WILLIS, 2003, p.9)¹⁸.

No entanto, para Axel Bruns (2011, p.122) “o jornalismo ‘público’ não chega a ser uma conversa com o público, mas apenas um exercício de mostrar-e-contar para o público: em último lugar, uma tentativa algo condescendente de mostrar ao público como funciona o jornalismo”. Para o autor, o jornalismo participativo chegou, durante a última década e mais frequentemente, não de dentro da indústria jornalística convencional (como ocorreu com o jornalismo público), mas de fora dela. Na verdade, o jornalismo participativo, de acordo com Castilho (2009, p.32), marca o reaparecimento, na era digital, do jornalismo público.

Bowman & Willis (2003, p. 9) definem o Jornalismo Participativo da seguinte maneira:

É o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que desempenham um papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação. A intenção dessa participação é fornecer a informação independente, confiável, exata, abrangente e relevante que uma democracia exige¹⁹.

Os autores entendem que o jornalismo participativo é um fenômeno emergente, que ocorre de baixo para cima e em que há pouca ou nenhuma supervisão ou fluxo de trabalho jornalístico formal de um corpo administrativo. Em vez disso, é o resultado de muitas conversas simultâneas e distribuídas que podem florescer ou esvaziar rapidamente (BOWMAN & WILLIS, 2003, p. 9).

Para Dan Gillmor (2005), um dos mais proeminentes defensores desse novo fenômeno, no jornalismo participativo as notícias não são comunicadas da maneira tradicional, difusionista, como um discurso,

¹⁸ Tradução livre: no existe organización central noticiosa que controle el intercambio de información.

¹⁹ Tradução livre: es el acto de un ciudadano o grupo de ciudadanos que juegan un papel activo en el proceso de coleccionar, reportar, analizar y diseminar información. La intención de esta participación es suministrar la información independiente, confiable, exacta, de amplio rango y relevante que una democracia requiere.

mas apresentadas aos moldes de um diálogo que não é mais restrito aos jornalistas, ao ser aceita a interferência do público.

Se nos últimos 150 anos os meios de comunicação eram apenas do tipo de um para muitos (livros, jornais, rádio e televisão) ou de um para um (cartas, telégrafo e telefone), agora a internet permite dispor de “comunicações de muitos para muitos e de alguns para alguns, o que tem vastas implicações para os antigos receptores e para os produtores de notícias, na medida em que a diferença entre as duas categorias começa a tornar-se difícil de estabelecer” (GILLMOR, 2005, p.42).

De acordo com Gillmor (2005), o público disposto a colaborar com a construção do conteúdo noticioso conhece, em muitos casos, mais detalhes de um fato do que os próprios jornalistas:

Tudo se resume algo de muito simples: os leitores (ou telespectadores, ou ouvintes) sabem mais do que os profissionais dos *media*. Uma verdade por definição: eles são muitos e nós, nas mais das vezes, somos um só. Precisamos de reconhecer o que é óbvio e, no melhor sentido da palavra, valer-nos dos conhecimentos deles. Se o não fizermos, mal os nossos antigos leitores verificarem que não têm de contentar-se com informações mal cozinhadas, poderão decidir irem eles mesmos para a cozinha (Gilmor, 2005, p. 119)

Neste sentido, o autor entende que, de antigo consumidor de notícias, o público tem aprendido a maneira de conseguir melhores reportagens, quando mais lhe convém. Agora o cidadão comum está aprendendo a “integrar-se no processo jornalístico, ajudando a alargar o debate de ideias e, em certos casos, a fazer melhor trabalho do que os profissionais” (GILLMOR, 2005, p.16).

A ideia de jornalismo participativo ganhou novo impulso em 2004 com a criação do jornal online sul coreano *OhmyNews*²⁰, produzido por cerca de 30 mil colaboradores voluntários e editado por um grupo de 30 jornalistas profissionais. (CASTILHO, 2009, p.33)

²⁰ A versão internacional do noticiário *OhmyNews* surgiu em agosto de 2004 para atender a uma demanda internacional de produção e publicação de notícias [...] na Coreia do Sul e executada, sob diversos formatos, em *sites* de conteúdo colaborativo como Slashdot, Indymedia e inúmeros blogs. (BRAMBILLA, 2006, p.103)

A transição do jornalismo convencional (passando pelo jornalismo público) para o jornalismo participativo foi acelerada pela “disponibilidade comum das plataformas da mídia social quase em tempo real que aceleram o ciclo das notícias mesmo além das pressões já significativas dos canais de notícias de 24 horas” (BRUNS, 2011, p.120).

Gillmor (2005, p.29-30) lembra que, antes da web, os programas de debate pelo rádio foram os primeiros a abrir espaço para as pessoas normais exprimirem suas opiniões ou contarem suas histórias, fazendo parte do programa, acrescentando as suas próprias ideias às do apresentador. Para o autor, o moderno debate radiofônico antecedeu o fenômeno dos *blogs*, interligando-se com grupos de pessoas que são desprezadas pelos meios de comunicação comuns. Gillmor recorda de um episódio particular que revela a essência da participação do público na cobertura radiofônica de desastres, objeto deste trabalho:

As conversas na rádio foram para mim outra pequena revelação. Em meados dos anos 90, não muito depois de ter ido viver para a Califórnia, a minha casa foi abanada por um tremor de terra que, embora suave, se fez sentir nitidamente. Fiquei então a ouvir um locutor local, que pôs de lado o assunto programado para dar voz a residentes da zona da baía de São Francisco, conseguindo, em directo, relatos do que estava a acontecer às pessoas que se encontravam em casa ou nos empregos. (GILLMOR, 2005, p.30)

3.1.2 Interação e conversação no jornalismo participativo

Com a inter-relação do mundo através da web e o alargamento do conceito de interatividade, cabe aqui definir interatividade como base para a participação do usuário nos meios de comunicação tradicionais e digitais, até porque, como advertem Primo e Träsel (2006, p.9), o uso do termo “interatividade”, provindo da indústria do software, é tão elástico que ele acaba por esvaziar-se sem nada explicar.

Rodriguez (2005, p.275) define a interatividade como a capacidade ou possibilidade de participação do usuário no meio, nos conteúdos e com outros usuários, já que dentro deste entendimento os usuários podem tanto interagir entre si, quanto com a mídia

convencional, com os espaços virtuais, com os conteúdos emitidos e com os emissores destes conteúdos.

Com base no papel que desempenham na sua relação com o conteúdo noticioso na internet, Rodriguez (2005) distingue os **usuários consumidores ou receptores**, que são aqueles que realizam principalmente atividades de busca, de consulta e de leitura de conteúdos e os **usuários produtores**, que criam o seu próprio conteúdo ou participam da ampliação, seleção, distribuição, edição ou modificação dos conteúdos de outros usuários (p.271-272, grifo nosso).

Já de acordo com o nível de participação no fornecimento de conteúdo, há os usuários reativos e os usuários pró-ativos. Os reativos apenas respondem a iniciativas de outros, como participar de uma enquete ou mesmo enviar material ou testemunho a um meio já existente. Os pró-ativos são aqueles que desenvolvem novos materiais, como criação de suas próprias páginas ou *blogs*. (RODRIGUEZ, 2005, p.272-273)

Primo (2000), por sua vez, propõe dois tipos de interação: a **interação mútua** e a **interação reativa**. O autor considera a relação reativa um tipo mais fraco e limitado de interação. Uma interação mútua, por sua vez, vai além da ação de um e da reação de outro, apresentando um complexo de relações que ocorrem entre os interagentes.

Quanto aos sistemas que compõem as interações, Primo entende que a interação mútua se caracteriza como um sistema aberto, composto por elementos interdependentes, voltados para a evolução e o desenvolvimento. Já a interação reativa se caracteriza como um sistema fechado, apresentando relações lineares e unilaterais. Neste caso, o reagente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o agente. “Além disso, tal sistema não percebe o contexto e, portanto, não reage a ele” (PRIMO, 2000, p.7).

Os conceitos de usuário reativo e usuário pró-ativo (RODRIGUEZ, 2005) encontram sua identificação nas interações reativa e mútua (PRIMO, 2000), respectivamente.

Rodriguez (2005), no entanto, distingue os tipos de interatividade de acordo com o nível de conversação estabelecido: a **reativa**, que corresponde ao diálogo mínimo, que não se converte numa autêntica conversa, permite que o usuário responda a uma proposta do emissor, e o diálogo termine aí; a **dialógica**, que permite uma autêntica conversação entre os atores envolvidos, existindo uma proposta de interação, uma resposta a esta proposta, e a partir daí se estabelecendo onde os papéis de emissor e receptor se alternam sucessivamente; a

interatividade de três vias, que é, na verdade, um caráter híbrido das duas anteriores. (RODRIGUEZ, 2005, p.280-282)

Entretanto, surge o questionamento sobre as motivações para que o público queira interagir, participando dos meios de comunicação (especialmente os novos meios) e produzindo seus próprios conteúdos. Neste sentido, Bowman & Willis (2003, p.40-43) apresentam seis motivos principais que induzem a participação dos usuários: ganhar status ou construir reputação em uma comunidade; criar conexões com outras pessoas que tenham interesses similares; dar sentido e entendimento às notícias; informar e ser informado (principalmente em temas que não se encontram nos meios convencionais); entreter e ser entretido; para criar (no sentido de construir autoestima e autorrealização).

Bill Kovach e Tom Rosenstiel, ao conceituar a teoria da participação pública, apresentam três amplos níveis de envolvimento público em cada assunto, cada um deles com suas sutilezas próprias. Há um público envolvido, que tem um interesse pessoal no tema e um bom entendimento dele. Existe um público interessado, sem participação direta no assunto, mas que se sente afetado e responde com alguma experiência no tema. E há o público desinteressado, que dá pouca atenção ao assunto e poderá, no futuro, conhecer melhor o tema, desde que outros já tenham aberto o caminho. Na Participação Pública todos nós somos integrantes dos três grupos, dependendo do assunto. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.46-47)

Primo e Träsel (2006) observam que no jornalismo mediado por televisão, rádio ou jornal, a inata contradição entre a produção e a recepção é de difícil ultrapassagem. “O sistema produtivo de características industriais, que se aperfeiçoa em torno desses canais, delimita papéis bem definidos, tanto na divisão do trabalho quanto na separação entre quem lê (escuta ou assiste) e quem escreve ou fala” (p.3). Todavia, a rearticulação do processo comunicacional a partir de estruturas tecnológicas tem proporcionado um avanço das aberturas, servindo como estímulo a uma maior participação:

É bem verdade que diferentes vozes atravessam qualquer texto jornalístico. Pode-se acrescentar que qualquer noticiário inclui sempre, em alguma medida, a participação de seu público. Antes do e-mail, essa participação já ocorria através de cartas e ligações, por exemplo, na forma de sugestões de pauta ou mesmo para alguma seção do tipo “cartas do leitor”. Porém, a filtragem daquelas cartas, o

pequeno espaço disponível para sua publicação e a necessidade de utilização de outro meio para envio (não se pode responder através da televisão) acabam por desestimular uma maior participação. [...] Por outro lado, as tecnologias digitais têm servido como motivador para uma maior interferência popular no processo noticioso. (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p.3-4)

Enquanto a maior parte dos meios de comunicação tradicionais encontrou a interatividade na sua adaptação/utilização das ferramentas da web, alguns aspectos do rádio ocorreram de forma contrária. Um exemplo é o *podcast*²¹, onde não há condições técnicas de interação imediata e interferência do ouvinte no conteúdo, já que o mesmo é um arquivo de áudio fechado. “Nos podcasts, o mais comum é acontecer uma participação posterior da audiência, que se comunica com os autores por e-mail ou através do site que hospeda os arquivos de áudio” (SAVI, 2007, p.122). Já no rádio “convencional”, como veremos adiante, boa parte da programação permite uma participação síncrona da audiência, interferindo no fluxo comunicativo e até mesmo na produção do conteúdo.

Esta mudança na ótica e compreensão sobre a importância do papel do receptor dentro de um processo interacional já data dos anos 40, quando um grupo de pesquisadores americanos, que ficou conhecido como “escola de Palo Alto” ou “colégio invisível”, toma um rumo contrário ao da teoria matemática da comunicação, predominante até então pelos pesquisadores americanos. “Afastando-se do modelo linear da comunicação, trabalham a partir do modelo circular retroativo”, sustentando que a comunicação deve ser estudada pelas ciências humanas a partir de um modelo próprio (MATTELART, 1999, p.67). Esta nova observação abandona o reducionismo da maneira linear de se trabalhar com poucas variáveis, por menor que seja a situação interacional. Dentro dessa visão circular da comunicação, “o receptor tem um papel tão importante quanto o emissor” (MATTELART, 1999, p.68).

²¹ Podcasts são arquivos de áudio distribuídos pela internet que apresentam semelhanças de formato com os programas de rádio. A palavra é uma junção do termo iPod (aparelho que toca músicas e arquivos digitais de áudio da Apple) e broadcasting (que significa transmissão em inglês). (SAVI, 2007, p.103)

De acordo com Mattelart (1999), os pesquisadores tentam explicar uma situação global de interação, onde a essência da comunicação reside em processos relacionais e interacionais, sendo que “os elementos contam menos que as relações que se instauram entre eles”. Da mesma forma que “todo comportamento humano possui um valor comunicativo”, esse grupo de pesquisadores entende que “os imprevistos do comportamento humano são reveladores do meio social” e que “a análise do contexto se sobrepõe à do conteúdo” (MATTELART, 1999, p.68-69).

3.1.3 O Fórum público e a responsabilidade do profissional

Conforme visto anteriormente, as diferenças entre jornalismo participativo e denominações similares são pouco perceptíveis, tratando-se na maioria dos casos de variáveis de acordo com a nacionalidade, os autores, e a sua concepção construída em torno dos objetivos e da prática da corrente.

Mas para Amorim (2009, p.4-5), ao contrário do que acontece em correntes semelhantes em que o cidadão possui espaços para ele mesmo publicar seus materiais na web, no jornalismo participativo o controle sobre a veiculação segue sendo da mídia. “O jornalismo participativo praticado nas mídias tradicionais carrega a relação entre competência e autoridade. Competência do cidadão, autoridade do veículo” (AMORIM, 2009, p.10).

Para Bambrilla (2006, p.74), o compartilhamento de responsabilidades e o envolvimento pessoal acabam sendo a principal moeda de troca do sujeito que pratica essas modalidades de jornalismo²².

O espanhol Juan Varela (2005) trabalha com o conceito de “Jornalismo 3.0” para se referir ao jornalismo participativo e a fase de socialização da informação, por meio de uma conversação virtual onde os participantes intervêm na própria mensagem. Como um avanço dos jornalisos 1.0 e 2.0²³, o Jornalismo 3.0 utiliza um fórum público para

²² A autora se refere especificamente ao jornalismo *open source*, mas como ela própria justifica em seu trabalho, as variáveis entre o modelo *open source* e o jornalismo participativo são muito sutis.

²³ O Jornalismo 1.0 é a fase de transposição dos conteúdos dos meios tradicionais à Internet; o Jornalismo 2.0 é a criação de conteúdo na e para a

usuários e fontes se comunicarem diretamente usando meios digitais que geram um critério social que excede a objetividade e a mediação da mídia tradicional.

Ao dispensar a figura do mediador convencional retoma-se o debate sobre as diferenças dos papéis do cidadão e do jornalista nesta atividade. Moretzsohn (2007) é contundente ao tentar esclarecer que esse cidadão ativo no jornalismo participativo “não é um jornalista, e sim (potencialmente) uma fonte, e que o papel do jornalista como mediador precisa ser preservado em nome do referencial de credibilidade da informação disponibilizada ao público” (p.288). Para a autora, a reconceituação do jornalismo como atividade capaz de ser exercida por todos os cidadãos, “desconsidera as responsabilidades envolvidas na tarefa de informar” (MORETZSOHN, 2007, p.287).

Bowman e Willis (2003), no entanto, conseguem contrapor esse pensamento:

A diferença mais óbvia entre o jornalismo participativo e o tradicional está em suas estruturas e sua organização. A mídia tradicional é produzida por organizações hierarquizadas voltadas para uma atividade comercial. Seu modelo de negócios se concentra na emissão e na publicidade dirigida. Valorizam o fluxo editorial rigoroso, lucratividade e integridade. O jornalismo participativo é criado por comunidades conectadas em rede que valorizam o diálogo, a colaboração e o igualitarismo acima da lucratividade. (BOWMAN E WILLIS, 2003, p. 13)

Neste sentido, cabe observar que uma grande diferença entre a mídia convencional e um *blog*, por exemplo, é que na primeira o conteúdo é editado antes de ser publicado, enquanto no segundo a edição acontece depois de suas postagens.

Esta edição “coletiva” e de “código-aberto” revela o que Varela (2005) se refere também ao Jornalismo 3.0, ao afirmar que neste novo espaço de comunicação, os cidadãos lutam contra a mídia de massa e sua capacidade de reduzir a agenda pública a uma agenda institucional, dominada pelos poderes e instituições.

web, somando características de multimídia, interatividade e hipertextualidade. (VARELA, 2005)

É neste cenário que as antigas práticas de *gatekeeping*²⁴ são substituídas por aquelas de *gatematching*, dentro do conceito desenvolvido por Axel Bruns (2005). Segundo o autor, a expressão *gatematching* é criada em oposição à noção de *gatekeeping* e significa a observação das portas de saída de publicações de notícias e outras fontes, a fim de identificar o material importante e como ele se torna disponível (BRUNS, 2005, p.17). Escreve Bruns:

As práticas de *gatekeeping* eram simplesmente uma necessidade prática: os jornais impressos e os noticiários na rádio e na televisão nunca poderiam oferecer mais que uma seleção redigida com muito aperto das notícias do dia; as avaliações de quais eram as matérias mais importantes para o conhecimento das audiências (isto é, quais eram as matérias que poderiam ser comprimidas para caber no espaço total disponível para conteúdo noticioso na publicação ou na transmissão pela rádio ou TV) tinham que ser feitas. [...] A escassez de canais não apenas justifica as práticas de *gatekeeping* em si, mas exige também um escrutínio especial destas práticas: o poder e a influência dos editores sobre a pauta das notícias são inversamente proporcionais ao número de canais noticiosos disponíveis. (BRUNS, 2011, p.121)

Concomitantemente ao surgimento e o desenvolvimento da web, a multiplicação contínua de canais disponíveis para a publicação e divulgação de notícias vem fazendo com que a função de mero *gatekeeping* começasse aos poucos a entrar para o limbo, com o risco de transformar em jurássica uma clássica atividade do jornalismo.

Bruns (2011) observa que praticamente todas as importantes matérias noticiosas “quentes” nos últimos anos (como tempestades, inundações, terremotos, *tsunamis* e outros desastres naturais) foram

²⁴A noção de *gatekeeping* é a de que existem “portões” de informação controlados por jornalistas em redações, responsáveis por selecionar quais fatos serão publicados, de acordo com critérios de noticiabilidade. (PRIMO; TRÄSEL, 2006; BRUNS, 2005, 2011)

propulsionadas de maneiras significativas pela sua cobertura nos espaços da mídia social. Para o autor, o fato de os internautas reenviarem *links* de matérias veiculadas na mídia tradicional ou comentários de outros via redes sociais, revela exatamente o que se descreve como *gatewatching* (BRUNS, 2011, p.131). Assim, baseados no conceito de Bruns, Primo e Träsel (2006, p.8) acreditam que “o *gatewatcher* combinaria funções de bibliotecário e repórter. Do porteiro, passa-se ao vigia”.

Historicamente, nos meios convencionais a atividade jornalística encerra-se com a publicação de um texto no jornal ou a difusão de um programa no rádio ou na TV. Na web, de acordo com Bruns (2005), a produção de uma notícia começa com a publicação e se desenvolve com a participação do público em fóruns, *weblogs* e outras formas de interação. Dentro da abordagem de *gatewatching*, a republicação, a divulgação e a contextualização de uma reportagem significam uma forte resposta e demonstração de participação da audiência que, mais do que interferir na construção do conteúdo original, amplia a capacidade de exame e avaliação, já que os mesmos são realizados de forma coletiva e colaborativa.

Conforme Kovach e Rosenstiel (2004), a chegada de novas tecnologias que permitem o aprimoramento das interações deu um maior vigor ao fórum público como elemento importante do jornalismo. No entanto, sua maior velocidade também aumentou seu poder de distorção e desorientação no processo, esmagando outras funções essenciais de uma imprensa livre (p.206). Para os autores, a veracidade, fatos e verificação são fundamentais para a construção destes espaços, pois sem respeito pelos fatos este fórum acaba falhando (p.207-208).

Diante deste desafio de conformação entre verificação e imediatismo através do debate público, os autores entendem que “o argumento tecnológico é o equivalente digital da tirania, não da liberdade. Em lugar de livres, nos tornamos prisioneiros da tecnologia. O trabalho dos jornalistas se converte simplesmente em assegurar que a tecnologia esteja funcionando” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.209). A ideia de um fórum aberto com o público surge antes mesmo da imprensa escrita, que segundo os autores, apenas aprimorou a tradição das conversas que envolvessem troca de informações, de ideias e de opiniões (p.210).

Neste sentido, há o entendimento de que não é a tecnologia a responsável pelas atitudes dos seus participantes, até porque “as máquinas não mudam a natureza humana” (KOVACH; ROSENSTIEL,

p.220), podendo desmistificar - em parte - a ideia corrente de que as novas tecnologias são revolucionárias. Moretzsohn escreve a respeito:

Ocorre que nenhuma tecnologia é capaz de, por si, alterar as relações sociais; pelo contrário, e como a própria experiência da rádio o demonstra, são as relações sociais, a luta política, os conflitos e contradições historicamente determinados que vão conformar a utilização dessa tecnologia. Fora da superação da sociedade burguesa, as promessas revolucionárias do rádio viram-se confinadas a movimentos periféricos de contestação, e a nova tecnologia enquadrou-se nos parâmetros da grande indústria de comunicação que então se formava. O mesmo vale para as promessas da internet, cujo potencial mobilizador depende da articulação a projetos políticos que até o momento não demonstraram capacidade de ir além de slogans como o “outro mundo possível”, de concretização entretanto distante, sem perspectivas de enfrentar o poder do capital. (MORETZSOHN, 2007, p.258)

É por isso que o fórum público defendido por Kovach e Rosenstiel (2004, p.215-217) deve se basear em uma troca mais reflexiva, mais concentrada na discussão e que leve à resolução, diferentemente de uma eventual inclinação para a polarização, que não concilia, não soluciona os problemas apresentados e se distancia da missão do jornalismo de esclarecer.

O problema com esses aspectos da Cultura da Discussão – o nível descendente da reportagem, a desvalorização de especialistas, a ênfase num conjunto estreito de histórias apelativas, no debate muito simplificado e polarizado – isso tudo tende a afastar o público da discussão pública que a mídia não só deveria apoiar, mas dela necessita para sua própria sobrevivência. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.216)

Da mesma forma que em todos os veículos de comunicação tradicionais, nas novas mídias surge de forma implícita um contrato comunicativo, que funciona como um pacto de leitura, de audiência e agora também de participação nos meios. Como sugere Rodriguez (2005, p.314), tanto na comunicação face a face como na mediatizada há

a exigência de se estabelecer um consenso interpretativo entre autor e leitor, entre emissor e usuário, que é um acordo acerca das regras de expressão e interpretação e da situação comunicativa. Seria mediante este pacto, de acordo com Rodriguez, que autor e receptor estabelecem quais são suas atitudes e seus modos de enfoque, valendo também para as possibilidades de interação e de participação que se oferece. (RODRIGUEZ, 2005, p.315)

Como já observado, a participação do público nos meios de comunicação não iniciou somente com as novas mídias nem, como lembra Savi (2007), o jornalismo participativo está restrito à web, pois cada vez mais há a presença de conteúdos produzidos por amadores nas mídias tradicionais.

Isso foi, por exemplo, o que aconteceu na Ásia durante a tsunami de 2004, quando diversos meios de comunicação do mundo todo apresentaram fotografias, vídeos e textos de pessoas que não são jornalistas treinados mas obtiveram o material por testemunharem o fato. E também no ataque terrorista de Londres, quando usuários do metrô obtiveram fotos e vídeos segundos após as explosões, que depois foram enviados para a imprensa e também divulgados em vários websites. (SAVI, 2005, p.32)

No mesmo sentido, Vizeu e Mesquita (2011) observam que os cidadãos comuns deixam de ser “receptores passivos” nos meios convencionais, como televisão, rádio e jornais para interferirem e participarem de uma forma mais efetiva do processo de produção de conteúdos para as mídias.

Em junho de 2010 quando temporais destruíram algumas cidades do Nordeste brasileiro, os mediadores públicos também estavam a postos. Imagens feitas por cidadãos, seja por meio de telefones celulares, ou máquinas fotográficas foram mostradas pelos principais veículos de comunicação do Brasil, trazendo para o noticiário lugares pouco retratados pelos grandes veículos de comunicação e fomentando a discussão sobre situações de descaso do poder público. (VIZEU; MESQUITA, 2011, p.337)

Com esta participação mais ampla do público, os autores alertam para as inevitáveis hipóteses apocalípticas para o futuro da atividade, ora

apontando para o fim da atividade jornalística, ora sinalizando novas possibilidades. (VIZEU; MESQUITA, 2011, p.329)

Mas nem a promessa de interação social, nem o horizonte do tempo real trazidos pela internet, seriam fatores de grande transformação, para Moretzsohn (2007), já que ambos já haviam sido viabilizados pelo rádio. Para a autora, a democratização da informação resultaria da luta política que poderia colocar ou não o aparato tecnológico a serviço do público. (MORETZSOHN, 2007, p.287)

3.2 Participação do ouvinte: diálogo e multiplicação de vozes na programação radiofônica

3.2.1 Interação e diálogo

O avanço das conquistas individuais e da cidadania, especialmente nas últimas duas décadas no Brasil e na maioria dos países ocidentais, tem proporcionado uma ampliação de possibilidades de participação do cidadão nos meios de comunicação, facilmente verificável mesmo antes da popularização das novas ferramentas de interação, como é o caso hoje das redes sociais na internet. O desenvolvimento da chamada consciência cidadã antecede, em poucos anos, porém, esse renascimento tecnológico corporificado pela ascensão da Web 2.0 e a proliferação de múltiplos canais e formatos de interatividade.

No entanto, mesmo autores que investigam as mutações dos meios e das linguagens, como é o caso de Roger Fidler (1998), reconhecem que as características embrionárias da interatividade atual estão localizadas em tempos muito distantes, notadamente no período denominado como a primeira grande midiamorfose e a aparição da linguagem falada. Foi nessa fase, compreendida entre 40.000 e 90.000 anos atrás, que houve o desenvolvimento acelerado do domínio interpessoal, favorecendo também o processamento e a difusão da informação de maneira mais prática (FIDLER, 1998, p.101). Se no período anterior, quando havia o predomínio da linguagem expressiva²⁵, os humanos modernos já exibiam sua capacidade de transmitir, trocar e assimilar ideias, foi com o desenvolvimento de novas formas de

²⁵ Segundo Fidler (1998), a linguagem expressiva inclui sinais e símbolos na arte, na música e na dança.

narração - com o compartilhamento de histórias - que as interações grupais foram potencializadas em comunidades cada vez maiores, com menor distinção entre intérpretes e público (FIDLER, 1998, p.104).

Esta interação face a face, restrita ao alcance geográfico, mas alargada no espaço temporal pelas figuras dos recordadores²⁶, compelia os indivíduos a se deslocar fisicamente para que ocorresse a interação.

É inegável que com o surgimento e o desenvolvimento dos meios de comunicação, “novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais” são criados (THOMPSON, 2008, p. 77). Essa complexa reorganização dos padrões de interação humana através do espaço e do tempo a partir da influência sofrida pela intervenção dos meios de comunicação fez com que Thompson sugerisse três tipos de interação: a interação face a face, a interação mediada e a quase-interação mediada (THOMPSON, 2008, p.78).

De acordo com o autor, a interação face a face acontece em um contexto de copresença, onde os participantes partilham um mesmo sistema referencial de espaço e tempo. Mantendo vínculos com nossa herança da primeira midiamorfose apontada por Fidler (1998), as interações face a face tem um caráter, sobretudo, dialógico, “no sentido de que geralmente implicam ida e volta no fluxo de informação e comunicação” (THOMPSON, 2008, p. 78). Diferem das interações mediadas, já que estas necessitam do uso de um meio técnico para possibilitar a interação. Este tipo de situação interativa é comum através do uso de cartas, de conversas telefônicas e outros, segundo Thompson, estendendo-se no espaço e no tempo, mas permitindo a manutenção do diálogo, principalmente no caso da conversa telefônica, que preserva e até acentua as deixas orais.

Já as “quase-interações mediadas” são apontadas pelo autor como “relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc.)” (THOMPSON, 2008, 79). Para Thompson, esta forma de interação possui um caráter monológico, mas resguarda alguns aspectos de interatividade apoiando-se na “situação social na qual os indivíduos se ligam uns aos outros num processo de comunicação e intercâmbio simbólico” (THOMPSON, 2008, p.80).

²⁶ Os recordadores eram pessoas que controlavam o conteúdo e o fluxo de comunicação de difusão dentro de cada sociedade durante o período de domínio da linguagem falada (Fidler, 1998, p.105).

Apesar da distinção sugerida, o autor defende que em muitas interações desenvolvidas no fluxo da vida diária há um caráter híbrido, misturando estas diferentes formas de interagir.

E é exatamente nestes pontos de fusão entre as modalidades apontadas que as características da conversação tradicional – presencial ou à distância - são convertidas em uma conversação através da mídia.

Cabe então distinguir interação de conversação ou mesmo de participação. Se a conversação pode estar mais ligada às linguagens do que aos meios, a interação pode estar mais voltada às ferramentas de participação, como defendem Ribeiro e Meditsch:

É importante destacar que interatividade e participação, apesar de estarem diretamente associadas, não são sinônimos. A participação do público na produção e emissão de conteúdo se dá, geralmente, através de ferramentas interativas – analógicas ou digitais. Mas nem sempre o uso dessas ferramentas gera um conteúdo novo, com grau significativo de autoria do usuário (ou receptor), requisito necessário para considerá-lo resultado de uma produção compartilhada, ou participativa (RIBEIRO; MEDITSCH, 2006, p. 4-5).

Para Sodré (2006), no entanto, interação é a forma operativa do processo mediador, o que difere das mediações simbólicas, já que estas seriam linguagens, leis, artes, etc. e estariam presentes em todas as culturas.

Neste sentido, convém lembrar Santaella (2007), que considera que os meios não são necessariamente responsáveis únicos pelas mediações sociais, mas que impactam em um ambiente sociocultural suportado pelas mudanças na própria natureza da linguagem.

Para Fidler (1998), até mesmo as novas máquinas de realidade virtual devem dar às pessoas a capacidade de compartilhar ideias e emoções diretamente, sem necessidade de mecanismos e interfaces intermediários, mas seu efeito transformador sobre a sociedade não é mais profundo quanto os desenvolvimentos da linguagem ao longo dos tempos. Tanto que o autor adverte que as novas tecnologias não podem por si só garantir a adoção generalizada de um novo meio.

Fidler (1998) e Santaella (2007) concordam que o que está em constante transformação não é exatamente o meio de comunicação amparado em si mesmo, mas as possibilidades de adaptação das linguagens ao surgimento de novas formas de interação.

Pertinente também considerar um aspecto da concepção dialética de Platão, abordado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) no seu clássico estudo sobre os âmbitos da argumentação, que é a preocupação com a concordância do interlocutor durante cada passo da exposição de seu raciocínio. De acordo com os autores, a possibilidade que é oferecida ao interlocutor para formular perguntas ou apresentar objeções, oferece-lhe a impressão de que as teses a que adere são mais solidamente alicerçadas do que as conclusões do orador que desenvolve um discurso contínuo.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, “para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental. [...] Cumpre observar, aliás, que querer convencer alguém implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta” (1996, p.18).

Mas antes que se comemore um triunfo da dialética sobre a retórica, há que se considerar tanto a adesão do interlocutor – não como vitória sobre um opositor, mas como convencimento diante da discussão estabelecida – quanto à adesão do auditório universal. Até porque o diálogo “real” estabelecido com o interlocutor, através da argumentação perante um único ouvinte, ampliaria as chances da eficácia de um diálogo “mental” com o auditório universal. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca “a adesão do interlocutor no diálogo extrai seu significado do fato de este ser considerado uma encarnação do auditório universal” (1996, p.41).

Um outro aspecto a ser observado está dentro da dimensão temporal da conversa, onde um locutor não pode falar ao mesmo tempo do que outro, gerando a necessidade que Belo (1991) descreve como uma “pertinência para responder”, ao interagir ou mesmo para iniciar uma conversa. O autor compartilha o entendimento que “conversar [...] não obedece nenhum ‘contrato de cooperação’ em que cada cooperante ‘contribui’ com a sua parte” (p.44). Neste sentido, enfatiza que durante uma conversa ou discussão, o conflito é mais geral do que a cooperação: “qualquer conversa é pois um conflito, institui uma relação de forças que é prévia a qualquer princípio de cooperação [...]. Quando se deixa o outro falar ou, pelo contrário, se interrompe, é sempre de uma relação de forças que se trata”. (BELO, 1991, p.44-45)

Mas é no conceito de diálogo de Paulo Freire (1987) que encontramos a essência para uma comunicação dialógica construída na relação do sujeito *com* outro sujeito. Para o pedagogo, o diálogo estabelecido entre as pessoas não pode ser uma imposição de “um” para “outro” dentro de uma relação de poder:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] Diálogo é uma exigência existencial. [...] Não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a *pronúncia* do mundo, nem a buscar a verdade, mas a impor a sua. Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do *pronunciar* de uns a outros. É um ato de criação. (FREIRE, 1987, p. 78-79, grifo do autor)

Para Freire, o homem dialógico é crítico e “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (FREIRE, 1987, p.83). E é justamente neste pensar crítico que Freire aborda a essencialidade da relação dialógica, pois, segundo ele, este “pensar” não aceita a dicotomia mundo-homens e reconhece entre eles uma “inquebrantável solidariedade” (p.82).

O conceito geral de comunicação estabelecido por Freire é resgatado por Meditsch e Faraco (2003), quando retomam o pensamento do pedagogo na década de 1970, defendendo que a comunicação é a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar. Contudo, o pensar que Freire se refere não se encerra no pensamento, mas na extensão de um primeiro pensante a um segundo pensante, essencial para a existência do diálogo (FREIRE & GUIMARÃES, 1988).

Meditsch revisita Freire em outro momento ao observar que o pedagogo já demonstrava sinais de otimismo com a abertura da mídia ao diálogo com o público através das formas de interatividade disponibilizadas pelo rádio na década de oitenta (MEDITSCH, 2003).

Ao estudar a obra de Paulo Freire e sua relação com o conceito atual de comunicação, Venício Lima (2001) ressalta que:

No momento em que as potencialidades das tecnologias interativas acenam para a quebra da unidirecionalidade e da centralização das comunicações, o conceito de comunicação dialógica, relacional e transformadora de Freire oferece uma referência normativa revitalizada, criativa e desafiadora para todos aqueles que

acreditam na prevalência de um modelo social comunicativo humano e libertador. (LIMA, 2001, p.69)

Nesta análise, diante da “revolução digital”, Lima destaca a “redescoberta da *comunicação humana como diálogo* em oposição à comunicação como monólogo” (LIMA, 2001, p.71, grifo do autor).

Dentro desta perspectiva, o autor relaciona a tendência de um novo cenário tecnológico, integrado e integrador com a possibilidade de interação simultânea entre emissor e receptor. Lima expõe o contraponto suscitado no início do século XXI entre a chegada das chamadas “sociedades interativas” e a “sociedade de massas” do século XIX, que teria servido de referência aos modelos teóricos da Manipulação e da Persuasão²⁷ (LIMA, 2001, p.56-57).

E contrariando as orientações voltadas à comunicação para uma sociedade de massas, Freire (1971) defende a concepção de um diálogo dentro de uma sociedade de classes, priorizando o encontro de sujeitos interlocutores em uma relação dialética:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho. Não pode pensar acerca dos objetos sem a co-participação de outro Sujeito. Não existe um ‘eu penso’, mas sim um ‘nós pensamos’. É o ‘nós pensamos’ que estabelece o ‘eu penso’ e não o oposto. Esta co-participação dos Sujeitos no ato de conhecer se dá na comunicação. [...] A comunicação implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. [...] O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo. (FREIRE, 1971 p. 66-69)

Esta retomada dos conceitos elaborados por Freire nas décadas de 60 e 70 torna-se oportuna neste momento em que as interações ocorrem em código aberto e expõem o diálogo como algo colaborativo e

²⁷ De acordo com Lima (2001) o modelo teórico de Manipulação baseia-se na suposição que as mensagens são “todo-poderosas” e que os indivíduos são vulneráveis e facilmente manipuláveis (p.41). O Modelo teórico de Persuasão passou a considerar a influência que as comunicações teriam sobre o indivíduo (p.42).

articulado com as possibilidades de participação do público vistas em algumas escolas e tendências do jornalismo, como o jornalismo público e o jornalismo participativo.

Este caráter de interação simultânea entre emissor e receptor (que abandonam tais denominações para se tornarem sujeitos), defendida por Freire, pode ser identificado nos conceitos de interação face a face e interação mediada de Thompson (2008), mas não, necessariamente, pela quase-interação mediada, devido à sua predominância de distância temporal entre emissão e recepção, além do caráter soberanamente monológico, que resguarda apenas fragmentos de interação dentro de um intercâmbio simbólico, porém com pouca consistência na resposta instantânea da audiência.

3.2.2 O diálogo radiofônico e a aproximação com o ouvinte

Quando se rediscute os conceitos de comunicação, associando-a ao diálogo e quando se questiona o caráter dos meios de comunicação de massa tradicionais, tensionados pelas alterações comportamentais de novos ‘consumidores’ de mídia, é que cabe então lembrar que o dramaturgo alemão Bertolt Brecht já destacava há cerca de 80 anos, em sua Teoria do rádio, a importância de transformação do meio de distribuição em meio de comunicação.

Mesmo tendo em conta as mudanças ocorridas nos últimos anos em relação à participação do ouvinte nos espaços da programação, tal conquista pode ser considerada um avanço tardio diante da clarividência de Brecht, para quem o rádio deveria “não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele” (BRECHT, 2005, p.42).

Ortriwano (1998), ao analisar os escritos de Brecht entre 1927 e 1932, observa que os mesmos contrariavam a visão desenvolvimentista predominante à época e que o rádio poderia realmente ter sido um meio interativo de comunicação, mas “se viu limitado em sua capacidade bidirecional à medida em que se constituía o sistema econômico de sua exploração” (p. 13).

O intercâmbio entre fonte e destinatário, proposto por Brecht, surge de forma tímida no Brasil após um longo período de predominância de um radiojornalismo baseado em textos redigidos e curtas entrevistas editadas, que davam voz aos acontecimentos oficiais. E como também lembra Ortriwano (1998):

Com o processo de abertura política foi necessário dar voz não apenas aos ouvintes, os receptores das mensagens: foi necessário, antes de mais nada, que os profissionais da comunicação, os emissores, recuperassem seu direito a ter voz sem censura oficial e, situação paradoxalmente mais complexa, aprendessem a ter voz sem autocensura. É para que todos tenham domínio sobre o direito de ter voz é necessário, antes, resgatar a própria cidadania, com seus direitos e deveres. (p.19)

A autora lembra que mesmo o diálogo mental, indispensável para que o ouvinte reaja à mensagem, muitas vezes não acontece, pois o emissor se preocupa em tomar todo o espaço sem permitir que o ouvinte possa participar do processo comunicativo. Para tanto, sugere que devam ser levadas em conta motivações para que os ouvintes participem deste diálogo mental, pois além de informações é necessário que esse processo comunicativo seja prazeroso, agradável e espontâneo. (ORTRIWANO, 1998, p.22)

Se Mário Kaplún (2008) considera a unidirecionalidade da mensagem como uma característica limitadora do meio rádio, devido ao fato de o receptor ficar sem poder de reciprocidade diante da emissão do locutor, o estabelecimento do diálogo no ar com o ouvinte surge como uma das motivações propostas por Ortriwano, diminuindo a sensação de distância e fortalecendo o diálogo mental.

Mas para Ortriwano, no rádio brasileiro, a interatividade é exceção, concentrada principalmente nas emissoras dedicadas ao jornalismo. “Nas demais, o direito do ouvinte é, praticamente, o de escolher sua predileta entre umas tantas músicas destacadas no programa. E concorrer a algum prêmio” (1998, p.27).

Além da participação direta, Brecht defendia a interferência indireta do público no rádio, tendo poder de influência nas decisões sobre o que transmitir. Zuculoto (2005) acredita que esse acesso do público trata-se hoje do “controle público sobre os meios e que uma outra concepção de comunicação seja aplicada a suas práticas diárias” (ZUCULOTO, 2005, p.53-54). Entretanto, para Brecht o modelo concentrador com que o rádio foi desenvolvido não permitia tal abertura.

3.2.3 O diálogo como gênero

Arturo Merayo (2002) faz uma clara distinção entre os gêneros de monólogo, os gêneros de diálogo e os gêneros mistos, separados por fatos; fatos e opiniões; e opiniões. Assim, o que constituem os gêneros de ‘diálogo’ para o autor são as modalidades de discurso radiofônico que contemplam a inclusão de outras vozes na programação jornalística da emissora, desde que essas vozes dialoguem entre si ou com terceiros. Nos gêneros de monólogo não há a intenção de dialogar, nem a necessidade de simular a existência de um diálogo, tanto que a duração do discurso é muito breve e “é precisamente na brevidade e simplicidade onde reside a força comunicativa desses gêneros: notícia e informe para comunicar fatos, crônica para divulgar fatos e interpretá-los e editorial e comentário para oferecer opiniões” (MERAYO, 2002, p.85)²⁸.

Para o autor, os gêneros de diálogo podem expressar, da mesma forma que os gêneros baseados no monólogo, tanto fatos quanto opiniões, apesar de reconhecer que os limites não estão perfeitamente definidos em todos os casos. Para o que ele chama de “difusão dialógica” dos fatos verificáveis, utiliza-se a notícia dialogada e certos tipos de reportagens. Quando há uma mistura de fatos e interpretações dos mesmos, utiliza-se a chamada crônica de alcance e a maioria das reportagens. Já a entrevista, o colóquio (debates e mesas-redondas) e a participação são baseados em opiniões, segundo o autor. (MERAYO, 2002, p.85)

Esta participação, que Merayo expõe como gênero, “pode ser essencial e complementar e de acordo com suas diferentes variantes (concurso, serviço, denúncia, solicitação, consulta, desabafo, atualidade...) é realizada de diferentes maneiras” (2002, p. 92)²⁹.

Ainda nos chamados gêneros mistos há estruturas discursivas que ficam entre o monólogo e o diálogo, contemplando também a notícia

²⁸ Tradução Livre: es precisamente en La brevedad y sencillez donde radica La fuerza comunicativa de estos géneros: noticia e informe para comunicar hechos, crônica para difundir hechos e interpretalos y editorial y comentario para ofrecer opiniones.

²⁹ Tradução Livre: puede ser esencial y complementario y según sus diferentes variantes (concurso, servicio, denuncia, petición, consulta, desahogo, actualidad...) se lleva a cabo de modos diferentes.

dialogada, a reportagem, a crônica de alcance e a participação (MERAÑO, 2002, p.85-86).

Ao avaliar a participação do ouvinte na programação das rádios espanholas, Susana Herrera Damas (2002) descarta a consideração da participação direta na audiência como um gênero radiofônico:

Uma leitura mais detalhada do gênero como forma de representação da realidade e como instrumento para os modelos de enunciação e recepção permite advertir que, em sentido estrito, a participação direta da audiência não constitui um gênero radiofônico (HERRERA DAMAS, 2002, p.154)³⁰.

O que move o pensamento da autora neste sentido é que, na prática, um ouvinte pode se dirigir a uma emissora de rádio com finalidades diferentes daquelas que os profissionais perseguem ou desejam empregar. Além disso, “a capacidade do gênero para adaptar-se às demandas sociais e às necessidades e interesses dos cidadãos aconselha não reduzir a fórmula da participação direta da audiência nos programas de rádio a um só gênero” (HERRERA DAMAS, 2002, p.155)³¹. A autora prefere utilizar o termo “gêneros de participação” apenas para os três modelos tradicionais de participação, que são o concurso, o consultório e o interrogatório da audiência³². Em todos os outros casos, prefere manter a denominação de “modalidade participativa”, que supõe uma derivação do conceito de fórmula de participação quando é utilizada com um conteúdo, uma técnica e uma finalidade concreta, como veremos mais adiante.

³⁰ Tradução Livre: una lectura más detallada del género como forma de representación de la realidad y como instrumento para los modelos de enunciación y recepción permite advertir que, en sentido estricto, la participación directa de la audiencia no constituye un género radiofónico.

³¹ Tradução Livre: La capacidad del género para adaptarse a las demandas sociales y a las necesidades e intereses de los ciudadanos aconseja no reducir la fórmula de la participación directa de la audiencia en los programas de radio a un solo género.

³² A autora considera interrogatório da audiência como um modo participativo em que os ouvintes são direcionados para o meio com uma atitude de questionamento para solicitar informação ou opinião sobre um tema considerado de interesse.

No caso brasileiro, ao propor uma classificação para os gêneros radiojornalísticos, Lucht (2009) considera a participação direta do ouvinte na programação como “formato” dentro do gênero opinativo. Neste caso, os formatos identificados são denominados “Ouvinte” e “Rádio-conselho” (LUCHT, 2009, p.68-69). Diferente da classificação apresentada por Merayo (2002), na tipologia de Lucht (2009) não há distinção entre monólogo e diálogo, mas sim um enquadramento dos formatos de participação do ouvinte dentro de um gênero específico.

Entretanto, ao considerar monólogo e diálogo como gêneros distintos, Merayo (2002) entende que estes representam as únicas formas que se pode tomar a palavra a ser apresentada (p.84). O autor defende que quando se recorre aos gêneros de diálogo há mais facilidade e melhores resultados para se estabelecer uma verdadeira comunicação em relação à utilização do monólogo (MERAYO, 2002, p.85). As principais razões apresentadas por Merayo residem no fato de o ouvinte precisar de menor esforço para manter a atenção e a escuta durante mais tempo e porque o diálogo introduz formas expressivas mais ricas, variadas e dinâmicas que configuram mensagens mais comunicativas. Acredita, contudo, que os gêneros de diálogo são os que se adaptam com maior eficácia ao meio radiofônico, pois reproduzem melhor o sistema estrutural próprio da linguagem falada (MERAYO, 2002, p.85).

Para Merayo (2002), o diálogo incrementa a proximidade psicológica, já que o ouvinte deixa de ser um mero destinatário e se converte em testemunha de uma conversação, envolvendo-se mais, portanto, no processo de comunicação (p.91). Também há um aumento da credibilidade na medida em que o relato se apresenta para o ouvinte de maneira improvisada e natural, além de intensificar a atenção, pois o diálogo exige menos esforço por parte do ouvinte, habituado à conversa na maioria dos processos de comunicação oral (MERAYO, 2002, p.91). Desta forma, entende-se que há um aumento da eficácia comunicativa da informação, na medida em que a estrutura dialógica favorece a compreensão.

Esse efeito de aproximação é o que Prado (1989) entende como resultado de uma interação natural na comunicação humana a nível oral, que faz com que o ouvinte sinta-se “incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar” (p.57). É o caráter vivo do rádio, direto e simultâneo aos acontecimentos que “contribui [...] para provocar essa sensação de participação, aquela narração criativa na qual, mais que expor sentimentos próprios, deve provocar estes no ouvinte” (PRADO, 1989, p.86).

3.2.4 Da participação como forma de entretenimento às interações no conteúdo radiojornalístico

O caráter intimista do rádio, incluindo sua possibilidade de exercer uma comunicação afetiva, a empatia e a identificação³³ com o ouvinte, proporcionou ao meio a capacidade para ser um dos principais precursores na abertura de espaço às vozes do cidadão, que se condicionava até então à sua passividade rotineira como mero espectador de um espetáculo formulado a uma distância espaço-temporal parcialmente desconforme com os hábitos de sua audiência.

Nas primeiras décadas do rádio no Brasil, a interação entre locutor e ouvinte era realizada através do envio de cartas pelo público. A partir da década de 1970 o ouvinte passa "a integrar de maneira mais intensa a programação das emissoras através da interação síncrona. Essa potencialização da presença do ouvinte se deu devido à popularização do telefone e permitiu uma reaproximação do rádio com seu público" (LOPEZ, 2010, p.40). Com o telefone, foi criado "um novo gênero de programas, o popular *phone-in*, e até um novo formato de programação, o *talk radio*" (RIBEIRO; MEDITSCH, 2006, p.2).

Para Cebrián Herreros, o telefone tornou-se a tecnologia de mídia de maior transformação para o rádio, pois incorpora uma enorme capacidade de diálogo, de comunicação horizontal e, finalmente, de geração de uma cultura de diálogo, que é o que lhe tem colocado em todo momento na vanguarda da participação e presença da audiência no conteúdo radiofônico (informação verbal)³⁴.

Atualmente, a maior parte dos modelos radiofônicos ocidentais conta com a participação direta dos ouvintes, reforçando a característica

³³ Comunicação afetiva, empatia e identificação são algumas das possibilidades e recursos do rádio, apontados por Kaplún (2008, p.87-90), para compensar ou equilibrar, em maior ou menor medida, as limitações do meio, como a unisensorialidade, a ausência do interlocutor, a fugacidade e o público condicionado.

³⁴ Palestra realizada por Mariano Cebrián Herreros no GP Rádio e Mídia Sonora, XI Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 34, 2011, Recife. Data: 05.09.2011.

essencialmente participativa do meio rádio. No rádio espanhol, de acordo com Martínez-Costa e Herrera Damas (2007), até o final da década de 1970 a participação do público era mais utilizada em concursos, consultórios e pedidos musicais. De maneira progressiva, o ouvinte começou a “opinar e interpretar sobre a realidade” (MARTÍNEZ-COSTA; HERRERA DAMAS, 2007, p. 31).

Como acontece em muitos países, a mensagem no rádio no Brasil vai perdendo seu caráter monológico. Grande parte da programação radiofônica atual oferece os conteúdos articulados em torno do diálogo entre os locutores e os ouvintes. Não é difícil observar, deste modo, uma leve tendência a uma estrutura alinear de comunicação, buscando cada vez mais as vozes múltiplas dos ouvintes para interagir com a informação transmitida.

Em contraposição a um modelo de participação anterior, pautado apenas na finalidade de divulgar e entreter para promover e aumentar o prestígio da emissora, surge um novo tipo de ouvinte nas rádios do Brasil. Esse ouvinte-falante e ouvinte cidadão é fruto da contribuição das rádios jornalísticas e de serviço, de acordo com Klöckner e Bragança (2001). Ele configura um novo perfil de participação após a redemocratização no país e o avanço das atenções aos temas de interesse humano e da cidadania, passando gradualmente a exercer o que Gisela Ortriwano defendia em décadas anteriores para que se cumprissem plenamente as ideias de Bertolt Brecht: “uma *expressão de liberdade* e não uma *expressão de necessidade*” (ORTRIWANO, 1998, p. 30).

Já habituado a interagir com a programação de entretenimento nas emissoras, o ouvinte passa a usar o telefone como rápida e eficaz ferramenta para colaborar ou até mesmo intervir no conteúdo da programação radiojornalística sempre que o assunto abordado é de seu real interesse. Assim, muitas notícias que anteriormente eram preparadas pelos “redatores” e repórteres da emissora dentro da tradicional tipologia de Prado (1989), ou como estrita ou com citação de voz ou com entrevista, passam a considerar a intervenção do ouvinte no conteúdo, seja comentando o assunto ou mesmo complementando-o com novas informações. É onde o radiojornalismo tradicional começa a ganhar novos contornos.

E com a utilização do telefone em escala cada vez maior, tanto o repórter vê a possibilidade de transmitir as informações simultaneamente aos acontecimentos, como o ouvinte passa a gerar um novo formato de comunicação em tempo real, exigindo também maior criatividade do locutor na construção do diálogo, no que Merayo (2002)

lembra sobre a renovação das formas expressivas, incorporando elementos de caráter estético e ornamental (p.93).

Meditsch entende que a universalização tanto do telefone quanto do gravador de voz reforçou o caráter polifônico do discurso jornalístico no rádio.

Os novos meios tecnológicos provocaram uma abertura da programação para uma larga gama de vozes e de discursos, expondo, por contraste, a artificialidade da anterior fala amarrada ao texto. No momento em que o telefone e o gravador dão acesso a vozes vivas e pessoais às ondas, a insistência no locutor despersonalizado aparece como a ingenuidade da criança que, tapando os próprios olhos, julga estar escondida dos pais. (MEDITSCH, 2007, p.188)

Para Lopez (2010), o ouvinte está participando cada vez mais da programação radiofônica, tanto emitindo opinião em programas jornalísticos quanto agindo como fonte ao interagir com a equipe de produção, sugerindo-lhe pautas, além de ser entrevistado pelos repórteres.

Uma questão relevante é a potencialização dessa participação propiciada pela evolução das tecnologias da comunicação e da informação. Telefone, telefone celular, cartas, email, fóruns de discussão e mais recentemente o uso de sistemas de conversa instantânea aproximam o público do comunicador e o rádio da compreensão interativa que Bertolt Brecht (2005) tinha desse veículo de comunicação. (LOPEZ, 2010, p.78-79)

Desta forma, o que se observa é um crescimento na interação entre ouvinte e comunicador, com conteúdos e motivações diversas. A variação de conteúdos e finalidades, além de estruturas e técnicas diferentes nas intervenções dos ouvintes no ar “mudam com o passar do tempo e dão lugar a novas modalidades participativas”, de acordo com Martínez-Costa e Herrera Damas (2004, p.135).

Herrera Damas (2002) apresenta diferentes modalidades participativas em sua análise na participação dos ouvintes no rádio espanhol e que são definidas em função de critérios relativos ao conteúdo e de critérios referentes às técnicas de produção. Entre os

critérios no âmbito do conteúdo, a pesquisadora separa finalidade e temática das intervenções.

Em função da finalidade, que é o que a intervenção pretende, a autora apresenta as seguintes modalidades participativas: expressar uma opinião; retificar uma informação; fornecer informações; relatar um caso próprio ou de outro; consultar uma informação; denunciar um fato ou situação; desabafar; pedir informação ou opinião; participar de concurso (HERRERA DAMAS, 2002, p.162).

Para expressar uma opinião, o ouvinte se dirige à rádio com o propósito de expressar suas opiniões a respeito de um tema da atualidade abordado na emissão. Para retificar uma informação, dirige-se à rádio para retificar (corrigir) uma informação divulgada na programação. Já para fornecer informações, o ouvinte age, muitas vezes, como testemunha do acontecimento. No relato de um caso próprio ou de outro, ele narra um caso em que esteja envolvido diretamente ou um caso que ele tenha conhecimento a respeito de outra pessoa, o que pode muitas vezes ser usado apenas como caráter ilustrativo. No caso de querer consultar uma informação, o ouvinte se dirige à rádio para buscar conselhos sobre assuntos diversos, que normalmente não estão nos noticiários, como alimentação, saúde, astrologia e outros. Quando denuncia um fato ou situação, há a intenção de formular essa denúncia com respeito a uma situação que considera injusta. Esta difere da finalidade “expressar uma opinião” pelo fato do denunciante normalmente estar diretamente envolvido em uma situação que lhe prejudique e por esta razão o tom utilizado na formulação da denúncia soa mais enérgico e contundente. Para desabafar, o ouvinte torna públicos seus problemas e inquietudes. No caso de pedir informação ou opinião, o ouvinte se dirige à rádio com perguntas sobre um tema que está interessado. Normalmente difere da modalidade participativa de “consultar uma informação” por se caracterizar mais como atendimento a uma demanda por informações e opiniões. Já para participar de concurso, o ouvinte procura a rádio para responder a perguntas (que podem lhe render prêmios), sendo muito comum em programas musicais. (HERRERA DAMAS, 2002, p.162-171).

Com exceção das finalidades “participar de concurso” e “consultar uma informação”, as demais se encaixam perfeitamente no formato de rádio informativo, que a autora entende avançar da simples difusão da notícia para “uma concepção de informação cujo propósito é

interpretar, analisar, contextualizar e adiantar as possíveis consequências do fato relatado” (HERRERA DAMAS, 2002, p.140)³⁵.

Já sobre a natureza do conteúdo abordado pelo ouvinte, a pesquisadora identifica dentro das intervenções os temas ‘política’ e ‘sociedade’. (HERRERA DAMAS, 2002, p.171-172)

Para Herrera Damas (2003) as formas de participação direta permitem um acesso praticamente imediato do ouvinte com o meio e a sua presença no produto jornalístico final é maior do que nas formas indiretas, já que é ele quem expressa diretamente seu ponto de vista particular (p.66). A autora entende que há um incremento nas formas de participação nos últimos tempos devido à introdução da cultura dos profissionais nas correntes de Jornalismo de Serviço e Jornalismo Cívico (Público) (p.67).

São manifestações que afloram no meio, especialmente no rádio AM, como bem observa Ferraretto (2001b, p.58), percebendo nessas rádios que “a participação do público é buscada pelas emissoras como um diferencial importante”. Tanto que emissoras do porte de Eldorado, de Bandeirantes e de Gaúcha, a partir dos anos 90, passaram a transmitir queixas, debates ou até mesmo a revelar a figura do ouvinte-repórter por telefone (FERRARETTO, 2001b).

A participação do ouvinte-repórter foi permitida pela utilização do telefone celular já que, em algumas emissoras, de maneira espontânea, o ouvinte transmite informações e, teoricamente, pode estar em qualquer lugar dando ampla cobertura aos acontecimentos que presencia. Para Ortriwano (1998), o conteúdo dessas intervenções ainda é muito discutível, limitando-se a informações ligadas à prestação de serviços (p.27).

Sobre a origem dessa denominação, o jornalista Marcelo Parada (2000) relata a sua experiência na Rádio Eldorado em 1993 quando os ouvintes passaram a ter uma participação ativa no rádio, logo após a chegada do telefone celular em São Paulo. Segundo ele, os ouvintes ligavam, inicialmente, quando estavam “presos” no trânsito, tanto para informar sobre a existência quanto para explicar as razões do congestionamento. Foi naquele período, segundo Parada, que após uma reportagem publicada na revista Veja São Paulo, foi concebido o nome

³⁵ Tradução Livre: una concepción de la información cuyo propósito es interpretar, analizar, contextualizar y adelantar las posibles consecuencias de lo relatado.

de “Ouvinte-repórter” para tal presença do ouvinte no ar (PARADA, 2000, p.115-117).

Tal qual a chegada do telefone celular, o advento da internet também incrementou a participação do público nas emissoras de rádio. Para o jornalista Milton Jung (2004), o rádio é interativo de nascença e fortalece a relação com o público. De acordo com ele, se “o entrevistado escorrega, [...] vem a crítica. O apresentador se engana, e a correção aparece. E assim, internauta ou ouvinte, conectado à internet, transforma-se em protagonista” (JUNG, 2004, p.68).

Para Débora Lopez “estes espaços de interação aumentam com a adoção do jornalismo participativo através do ouvinte-repórter, o estímulo a fóruns de discussão, os campos para comentários e a inserção de jornalistas e comentaristas na blogosfera, entre outros” (LOPEZ, 2010, p.52). Ela entende que “o rádio não fala para um ouvinte passivo, mas para alguém que deseja participar, contribuir – mais do que fazia até então”. A autora verifica que o ouvinte, que agora é também ouvinte-internauta, “busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute, corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar” (LOPEZ, 2010, p.115).

São essas novas formas de interatividade que chegam a ser observadas por Ortriwano, antevendo uma possível mudança na até então limitada participação do ouvinte: “com a interatividade proporcionada pela tecnologia, talvez os ouvintes possam determinar os conteúdos” (ORTRIWANO, 1998, p.30).

3.2.5 A hierarquia das vozes na programação jornalística radiofônica

Ao retomarmos a obra “Pedagogia do Oprimido” de Freire (1987), podemos buscar algumas implicações na relação de sua defesa do estabelecimento do diálogo com a aplicação na programação jornalística nas emissoras de rádio. Freire propõe o diálogo para que possa ser processada a conscientização, porque o diálogo significa horizontalidade, ou seja, há igualdade pelo fato de que todos procuram pensar e agir criticamente. Esta concepção freireana, voltada originalmente para a educação, resgata a antevisão de Brecht (2005, p.43) na defesa de que o “público não apenas tem que ser instruído, mas também tem que instruir”, referindo-se ao potencial comunicativo do rádio em seus primórdios. Se análises contemporâneas já atestam a conquista do espaço na programação pelo ouvinte, surgem também

algumas divergências sobre os papéis desempenhados pelos atores que configuram o uso e aproveitamento destes expedientes.

A constituição dos ouvintes como meros abastecedores de um processo que mantém enormes traços com a estrutura do monólogo faz Ortriwano (1998) considerar que a interatividade ainda é controlada – especialmente durante a década de 1990 -, com a participação do ouvinte limitada a pequenas intervenções como reclamações sobre serviços, testemunho sobre acontecimentos e participação em enquetes conduzidas por um repórter. A emissão de opiniões, segundo a autora, só vinha acontecendo com respostas objetivas a perguntas específicas. Desta forma, “o controle é sempre do *emissor*, nunca do *receptor*” (ORTRIWANO, 1998, p.14, grifo da autora).

Porém, existem fatores a serem levados em consideração, referentes a algumas convenções estabelecidas pela própria história do meio e também naquilo que é concernente à atividade jornalística.

Um desses fatores - e extremamente relevante - é o fato de o ouvinte estar habituado a uma determinada hierarquia de vozes. Segundo Meditsch (2007), quando se identifica a voz (que está no ar) é que se estabelece o contexto comunicativo: o ouvinte distingue o que deve ser acreditado enquanto informação jornalística das demais informações. A intercalação de vozes sinaliza “mudanças de assunto e de procedência das notícias; os diversos timbres e situações acústicas informam sobre a identidade e o contexto dos falantes” (MEDITSCH, 2007, p. 188). É justamente na qualidade do som, segundo Meditsch, que se estabelece também essa hierarquia de vozes: “na base o entrevistado, com postura amadora; acima dele o repórter, treinado com o microfone; no ápice, o apresentador no estúdio, com as melhores condições de emissão” (MEDITSCH, 2007, p.188).

Dentro desta hierarquia, há uma distinção entre as “vozes institucionais”, dos apresentadores e repórteres e as “vozes admitidas”, dos entrevistados (ouvintes no ar) (HARTLEY apud MEDITSCH, 2007, p. 188). O controle das “vozes admitidas” por parte das “vozes institucionais” nas suas interações é muitas vezes exercido com a utilização do subtexto. Meditsch (2007) lembra que o uso deste recurso técnico pelo teatro definiu a modulação das palavras do texto na interpretação dos atores, compondo seu significado em função dos objetivos de cada fala no conjunto da obra. O autor afirma que “no rádio, o subtexto se expressa unicamente através do uso da voz, que substitui a mímica visual. A curva melódica, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas repetidamente constituem códigos que permitem aos ouvintes situar imediatamente o texto da fala” (MEDITSCH, 2007, p.191).

Assim, muitas vezes “o tom da pergunta indica aos ouvintes submissão ou desafio ao entrevistado, admiração ou desprezo por sua pessoa, concordância ou desconfiança com as suas respostas, sem que nada disso necessite ser explicitado em palavras” (MEDITSCH, 2007, p.191).

Meditisch compara a comunicação radiofônica com o cinema, já que ambos falam para “um espectador desconhecido, um terceiro não participante das interações construídas e que é para quem está efetivamente direcionada toda a fala produzida” (2007, p.192). Há então, segundo o autor, uma intencionalidade de audiência da fala justificando a situação comunicativa seguindo padrões convencionais compartilhados com essa audiência. É o que Mozahir Salomão (2003) entende como contratos de leitura (a exemplo da relação leitor e jornal) que são ratificados a todo o momento: “o ouvinte se identifica com os atos de fala, as abordagens das coisas do mundo – ou seja, com o local que é construído para ele pelo enunciador” (p.52). Para Salomão o ouvinte vale-se do contrato para garantir que diversas cláusulas “serão sempre aquelas que ele pactuou com a emissora ou que, pelo menos, sejam mudanças com as quais ele concorde”, inclusive “perfis de plasticidade e formas e maneiras de dizer as coisas do mundo” (p.53).

Então, uma estrutura unilateral exposta na construção do diálogo entre locutor e ouvinte confirma que a “bagagem cognitiva e cultural do comunicador que está à frente do microfone é determinante para a estrutura da enunciação” (PRATA, 2009, p.133). Belo (1991) entende que na conversa “a primeira coisa a ter em conta é o seu início, quem a inicia, quem toma a primeira vez o lugar do ‘eu’, com o privilégio em relação ao ‘tu’” (p.53).

Nesse sentido, geralmente é o locutor-entrevistador quem normalmente define a condução do diálogo radiofônico. “Como possui status superior, o locutor é quem comanda a abertura e o encerramento das interações e é ele quem abre e fecha a conversação, concedendo/retirando o espaço para quem quer falar no rádio” (PRATA, 2009, p.124).

É por este entendimento que Merayo (2002) chega a afirmar que o diálogo é estabelecido no campo dos emittentes, quer dizer, dentro do processo de produção, uma vez que o emissor dispõe dos recursos de controle da conversação (p.85). Mas para Charaudeau “esta reivindicação de um saber por parte do entrevistador não se encontra inscrita no contrato das condições de produção” (CHARAUDEAU, 2005, p.229). O que ocorre é que a composição do enunciado acaba por influenciar na alternância dentro da hierarquia de vozes.

Para Bakhtin “todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto. [...] O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2003, p.275). O autor também considera que no diálogo real, em que se alternam as enunciações dos interlocutores (parceiros do diálogo), cada réplica “possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2003, p.275).

Meditsch (2007), ao discutir como a teoria de Bakhtin pode ser aplicada à teoria do rádio, percebe uma certa complexidade em algumas situações, como a não alternância de falas entre os sujeitos falantes ao microfone e o ouvinte (neste caso, entendendo o ouvinte como receptor passivo). Embora para Meditsch o enunciado no rádio possa ser considerado como a fala de cada um dos sujeitos ou a fala de todos juntos, considera-se o planejamento do discurso dentro das interações locutor-ouvinte. Como herança da imprensa, o rádio ainda carrega consigo o sentido de fechamento do discurso, que é determinado pelos “elementos fixos do enunciado que estabelecem o conteúdo variável que o completará a cada emissão” (MEDITSCH, 2007, p.197). Contudo, é a continuidade das emissões que permitirá fazer com que “o conjunto de imposições unilaterais envolvidas na definição de um programa seja assimilado pelo público como convenção” (MEDITSCH, 2007, p.197). Esta convenção, apresentada de forma natural, refere-se também ao contrato de “leitura” no rádio apontado por Salomão (2003), já que o mesmo se dá dentro de um processo de construção de hábitos de audiência. Porém, este hábito é cultivado pelo que Meditsch (2007) se refere como um “enquadramento discursivo” proposto pelo emissor, garantindo que entrevistados e até ouvintes habituais submetam-se às regras de participação no ar dentro da programação radiofônica. O autor busca esta constatação em Scannell (1991, p.218), que entende que os ouvintes regulares conhecem as regras do programa e seu uso apropriado e exibem este conhecimento durante a conversa na participação por telefone no ar com o apresentador do programa.

Estas regras podem estar definidas na estratégia da organização da grade de programação, estabelecendo uma periodicidade rotineira que por vezes é substituída pela tática, de acordo com Meditsch (2007). A tática surge diante da ocorrência de acontecimentos extraordinários que rompem a ordem habitual, como os desastres provocados por forças naturais ou humanas. A grade de programação também “funciona como estratégia de *controle discursivo*, estabelecendo os conteúdos e as

abordagens admissíveis a cada momento da programação e excluindo, por incompatível tudo o que não se adequa a ela” (MEDITSCH, 2007, p.195-196, grifo do autor). Desta forma, ouvintes regulares se familiarizam com a definição do discurso que parte do polo emissor.

Ao considerar a intencionalidade do emissor dentro do discurso, leva-se em conta o controle sobre o tema abordado nas interações com o ouvinte, que pode ser exercido através do tópico inicial, revelado através de diversas formas como “chamada, manchete, frase de abertura da notícia, cabeça da reportagem, *lead* completo ou texto de apresentação de uma entrevista” (MEDITSCH, 2007, p.205). O tópico é “o nome que se dá a qualquer parte do discurso destacada das demais sem vantagem para o significado, mas correspondendo às intenções do emissor, às suas estratégias discursivas e ao contexto: é o que se chama de recurso pragmático” (LAGE, 2005, p.40).

Embora se reconheça que este controle exercido com o tópico seja mais ao nível de orientação à compreensão sobre o tema abordado, Meditsch (2007) entende que é preciso orientar a própria condução da enunciação, “especialmente se eventuais coadjuvantes são chamados a participar na sua elaboração em tempo real” (p.205). É neste sentido que é localizada a importância do controle sobre o tópico inicial e o fechamento dos enunciados ou das interações completas, o que faz com que Meditsch coloque em questão até mesmo as proposições iniciais de Brecht (2005) em transformar o rádio “de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação”, já que a versatilidade do meio oferece novas formas de controle do discurso.

Enfim, Meditsch entende que:

A interatividade eletrônica, seja na forma da interação verbal já presente no discurso do rádio, seja nas formas que estão por vir, será sempre uma interatividade dirigida ou será um retrocesso tecnológico sem futuro. Um rádio concebido sem esta diretividade perderia a maior parte de sua capacidade de produzir sentido e, em consequência, perderia o interesse para o ouvinte, podendo ser no máximo objeto de uma curiosidade ocasional [...] ou restringiria a sua utilização aos eventuais interlocutores e *voyeurs*, como nos serviços telefônicos de tele-amizade e nos *chats* da internet. A inobservância desse princípio, por influência da utopia brechtiana, com o desprezo pelas técnicas de controle discursivo, deixou a maior parte das “rádios livres” falando

sozinhas, como a experiência portuguesa demonstra, e concorreu para a derrocada do seu movimento em toda a Europa. (MEDITSCH, 2007, p.218)

Diante de uma postura mais extrema, como a de Ortriwano (2008, p.58), que observa que “o ouvinte, como *fonte direta de (re)alimentação* do sistema só participa na medida em que atende aos interesses do próprio sistema, nunca para questioná-lo” (grifo da autora), há que se considerar que a limitação da “interação verbal à participação de uma voz entre milhares de ouvintes mudos, a quem a comunicação é efetivamente dirigida” (MEDITSCH, 2007, p.218), faz com que esse interlocutor torne-se uma amostra da audiência (esse espectador desconhecido como Meditsch sugeriu). Essa amostra representa a encarnação do auditório universal, onde o ouvinte é regulado por um conjunto de regras que abrange também “códigos de conduta e etiqueta transpostos da interação face a face para o dial, como a não-abordagem de assuntos-tabu”, conforme lembra Kischinhevsky (2011, p.7).

Todavia, o enquadramento deste interlocutor ocorre principalmente através do discurso do emissor, seu tópico inicial, seu fechamento, com as interrupções ou não dos conteúdos narrados pelo ouvinte, fazendo com que a simultaneidade entre o diálogo estabelecido no ar pelos interlocutores e a recepção sem resposta fônica do ouvinte atenda aos objetivos iniciais do contrato invisível compartilhado entre emissora e sua audiência.

E retomando, assim, as concepções de Bakhtin (2003, p.263-264), que divide os gêneros do discurso em primários (simples) e secundários (complexos), no processo de formação dos gêneros discursivos secundários há a incorporação e a reelaboração de diversos gêneros primários. O autor utiliza como exemplo a réplica de um diálogo ou uma carta, inseridas em um romance, que perdem o vínculo imediato com a realidade concreta, ao serem absorvidas por um enunciado secundário, que é o romance.

Em analogia com a programação radiofônica, Meditsch (2007), entende que esta “pode ser vista como um *enunciado secundário*, composto de discursos mais simples que só se integram à realidade através da vinculação com este enunciado complexo” (p.194, grifo do autor). Para o autor, “um programa de notícias pode ser considerado igualmente como um enunciado secundário em relação às notícias individualmente, e assim por diante” (MEDITSCH, 2007, p.194).

Neste sentido, a fala de um ouvinte, incorporada como réplica de um diálogo, retomaria sua relação direta com a realidade somente através do enquadramento discursivo imposto pelo emissor, na formação de um enunciado secundário.

4. METODOLOGIA

4.1 O objeto de estudo

Como já foi descrito na introdução deste trabalho, este estudo busca responder à pergunta: qual a especificidade da participação dos ouvintes durante a cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau? Partimos, então, da hipótese de que a participação dos ouvintes antecipa características do jornalismo participativo, como tal é descrito, mas tem outras especificidades do meio rádio.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 63 horas contínuas de programação – entre os dias 22 e 25 de novembro de 2008 - da Rádio Nereu Ramos AM (760 kHz), localizada em Blumenau e identificada sob o prefixo ZYJ742. Por pertencer ao mesmo grupo de radiodifusão, a Rádio Clube de Blumenau AM (1330 kHz), operou em rede com a Rádio Nereu Ramos durante a cobertura do evento, transformando-se em uma só emissora geradora para dois canais distribuidores. Neste sentido, entende-se que a análise comporta o conteúdo de programação de apenas uma emissora de rádio.

Entre as 13 emissoras de rádio instaladas em Blumenau³⁶, a escolha da Rádio Nereu Ramos AM como objeto de análise nesta pesquisa deve-se aos seguintes critérios: maior duração de tempo no ar durante a catástrofe e maior número de profissionais envolvidos na cobertura jornalística do acontecimento. Quanto ao primeiro critério, outras emissoras que operam em AM no município também participaram da cobertura, mas devido a problemas técnicos ficaram por mais tempo fora do ar, principalmente durante os primeiros dias do desastre. A emissora educativa Furb FM (107,1 MHz) permaneceu no ar durante todo o período da tragédia, mas devido ao fato de sua cobertura ao acontecimento ter sido baseada na transmissão do áudio de uma cadeia de emissoras de televisão e, conseqüentemente, abrindo reduzidos espaços para a participação do público, optou-se por não escolhê-la para a análise.

O recorte de 63 horas contínuas da programação justifica-se por estas integrarem justamente o período principal do acontecimento e pelo

³⁶ Blumenau abriga (hoje e em 2008) 5 emissoras AM's comerciais, 6 FM's comerciais, 1 FM educativa e 1 FM comunitária, conforme detalharemos no capítulo seguinte.

fato da cobertura da emissora naquele momento estar mais voltada à participação do ouvinte. O período analisado inicia às 21h27min de sábado (22/11) e termina às 12h29min de terça-feira (25/11), sendo dividido em quatro estágios diferenciados, que vão desde o momento em que a cidade começou a tomar conhecimento da ocorrência do desastre, passando pelos momentos mais críticos com a revelação de muitas vítimas e o isolamento da maior parte do município, até o momento em que o ritmo de recuperação começa a ser percebido na cidade. Após esse período o foco da emissora passou a se voltar mais para a repercussão e a análise sobre o desastre, priorizando as entrevistas com fontes oficiais em reportagens externas. A emissora permaneceu com a cobertura do desastre ao longo daquela semana, conforme detalharemos no capítulo seguinte. No entanto, entendemos que esse período posterior à nossa análise poderia ser objeto de outra pesquisa acerca da cobertura.

4.2 Características do Método e sua pertinência para a pesquisa proposta

Para realizar este trabalho de investigação, optou-se pela utilização do Estudo de Caso como estratégia de pesquisa, recorrendo-se a orientações de Robert Yin (2005). Para o autor, o uso do método é importante quando há o “desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (YIN, 2005, p. 20). Além disso, a intenção deste trabalho é explicar “como” ocorreu a participação do público na cobertura radiofônica do desastre e também “por que” a participação é realizada daquela forma, com determinados critérios estabelecidos, implicando em determinadas dinâmicas específicas de comunicação. A forma destas questões (como e por que) sugeridas em pesquisa são propostas por Hedrick, Bickman & Rog (1993 apud YIN, 2005) e de acordo com a proposição, essas perguntas remetem à necessidade de estudos de casos ou pesquisas históricas, justamente por serem mais explanatórias, não sendo encaradas como simples repetições ou incidências. Mas o que difere o presente objeto empírico de outros, que poderiam ser pesquisados através de pesquisa histórica, é o fato de ser um fenômeno jornalístico contemporâneo. De acordo com Yin (2005, p. 26), “o estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos”. O autor considera ainda duas fontes de evidências diferenciadoras dos estudos históricos: a observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e as entrevistas das pessoas neles envolvidas.

Neste caso, consideramos como pré-observação tanto a participação do autor na cobertura radiofônica do desastre – em outra emissora, conforme relatado na introdução desta dissertação – como a escuta prévia de vários trechos das gravações da cobertura da Rádio Nereu Ramos. A observação dos acontecimentos aconteceu com a escuta e a análise do áudio do período de 63 horas de programação da emissora.

A escolha do estudo de um caso único, ao invés de casos múltiplos, apoia-se no fundamento lógico que Yin (2005, p.63) aplica para os casos únicos, que é o caso representativo ou típico. A escolha do caso Rádio Nereu Ramos ocorreu por ser um caso típico de cobertura radiofônica em desastres na cidade de Blumenau. O caráter típico reveste-se de alguns fatores: cobertura continuada, ou seja, decisão de trocar a programação normal pela programação especial de cobertura do evento; emissora com estrutura mínima de radiojornalismo, como redação própria, repórteres, linhas telefônicas diferenciadas para ouvintes e entrevistados, etc.; programação normal da emissora baseada em jornalismo e comunidade, com participação do ouvinte; equipe com experiência profissional em coberturas do gênero (equipe formada tanto por jornalistas profissionais como por experientes radialistas). Esses fatores diferenciam-se, portanto, de uma eventual cobertura realizada por uma emissora com programação musical, sem estrutura jornalística habitual e formada por profissionais com histórico restrito de atuação em coberturas de enchentes e desastres.

A singularidade empírica do caso analisado envolve algumas situações inusitadas para a constituição da participação do público no meio de comunicação pesquisado: a eclosão de um desastre em condições totalmente atípicas em uma região habituada a conviver com desastres de outra ordem; derrubada de paradigmas na cobertura jornalística radiofônica, em função do surgimento do inesperado diante de uma política profissional de intimidade com as rupturas do cotidiano dentro de uma certa razoabilidade em suas previsões; o isolamento parcial das diversas regiões da cidade e, conseqüentemente, a inacessibilidade a outros meios de comunicação. É neste sentido que a participação do público durante este episódio apresenta-se como um fenômeno singular, não passível de repetibilidade para fins de concentração de seus elementos a uma classe isolada de eventos.

Portanto, a articulação entre os dados empíricos singulares colhidos nesta pesquisa e as proposições de ordem geral, como defende Braga (2007), remete-nos a uma relação entre os indícios observados neste fenômeno comunicacional e as teorias que envolvem as correntes

do jornalismo público, jornalismo participativo e as modalidades e convenções constituídas sobre participação do público nos meios de comunicação e, sobretudo, no rádio.

Yin (2005) lembra que um dos testes para a confiabilidade de uma pesquisa é sua validade externa. Diferente das pesquisas com base em levantamentos, que se baseiam em generalizações estatísticas, os estudos de caso “baseiam-se em generalizações analíticas. Na generalização analítica, o pesquisador está tentando generalizar um conjunto particular de resultados a alguma teoria mais abrangente” (YIN, 2005, p.58).

É neste sentido que a preocupação maior deste trabalho não é exatamente realizar uma descrição exaustiva dos dados empíricos, mas verificar como o jornalismo participativo está presente nestes dados, ou seja, nas participações do ouvinte em uma situação de emergência. Este estudo apresenta, porém, alguns dados quantitativos, como o número de participações e suas finalidades por estágio de cobertura, servindo como ponto de partida para a repartição que realizamos em nossa análise descritiva, a fim de melhor compreender as diferenças entre as distintas fases de cobertura jornalística. Apesar dos demonstrativos quantitativos, a pesquisa realizada é de cunho majoritariamente qualitativo, pois analisa a essência das intervenções do público na programação da emissora de rádio, sem a preocupação maior em tecer comparativos numéricos.

Desta forma, estabelecemos o rigor da investigação do caso estudado, ao relacionar diretamente os dados empíricos às bases teóricas da pesquisa, ao mesmo passo em que buscamos desviar a análise de uma concepção puramente metadisciplinar, justamente para abrir as possibilidades futuras de tensionamento do presente objeto a perspectivas teóricas distintas. “O rigor e a audácia não são incompatíveis no fazer científico” (LOPES, 2005, p.100).

Como material documental mais importante para a pesquisa, foi utilizado o arquivo de áudio da emissora durante a cobertura do desastre. Portanto, para o devido entrelaçamento entre a hipótese apresentada nesta pesquisa e o método de investigação escolhido, realizamos a análise das gravações da emissora de rádio durante o período do desastre, descrevendo as participações dos ouvintes dentro das 63 horas que compõem o *corpus*, observando as formas, finalidades, níveis de interesse e o controle discursivo exercido na construção dos diálogos realizados entre apresentadores e o público.

As formas de participação do público na emissora foram divididas em participações diretas e indiretas, que por sua vez foram subdivididas entre as ferramentas que o público utilizou para entrar em

contato ou ser abordado pela emissora de rádio. Entre as participações diretas foram consideradas as intervenções por telefone ao vivo no ar, as participações via reportagens externas e no estúdio da emissora. Para as indiretas foram incluídos os contatos que ocorreram fora do ar, como envios de e-mails e recados por telefone.

As participações foram analisadas de acordo com oito finalidades diferentes, sete delas conforme estudos realizados por Herrera Damas (2002): expressar uma opinião; desabafar; denunciar um fato ou situação; retificar uma informação; fornecer informações; relatar um caso próprio ou de outro; pedir informação ou opinião. Ainda foi acrescentada a opção “oferecer ajuda”, já que tal finalidade foi detectada durante o período de pré-observação e não se enquadrava em nenhuma das modalidades pré-existentis.

Também foram observados os diferentes níveis de envolvimento do público com o acontecimento, baseado na teoria de participação pública de Kovach e Rosenstiel (2003), que sugerem um público envolvido, um público interessado e um público desinteressado no assunto.

As observações acerca do controle discursivo na construção dos diálogos são baseadas nos conceitos expostos por Meditsch (2007), que por sua vez apoia-se em autores como Scannell (1991), Lage (2005) e Bakhtin (2003), que se referem ao enquadramento discursivo do interlocutor através do discurso do emissor, do tópico inicial, das interrupções e do fechamento do discurso em si. A análise, por sua conta, relaciona as observações sobre o controle discursivo aos conceitos estudados sobre as correntes do jornalismo público (ROSEN, 2000, 2003a, 2003b) e do jornalismo participativo (GILLMOR, 2005; BRUNS, 2011), tendo o conceito de diálogo, baseado em Freire (1971, 1987, 1988), como um elemento fundamental e articulado com as diversas teorias de participação do público nos meios de comunicação.

Dentro desse período de 63 horas contínuas, quatro estágios diferenciados foram separados para análise, de acordo com o ritmo do desastre e o ritmo da cobertura. Esta divisão tornou-se importante para que fosse possível analisar primeiramente cada etapa em separado: o primeiro estágio abrange o horário de 21h27min de sábado, 22 de novembro, a 0h40min da madrugada de domingo, 23 de novembro, com profissionais e o público ainda demonstrando dúvidas e incertezas sobre a natureza e dimensão do desastre; o segundo estágio acontece entre 06h20min e 17h46min do domingo, dia 23 de novembro, entre interrupções na transmissão da emissora e é considerada a fase mais crítica do desastre, com a cidade e o público ouvinte alarmados com os

acontecimentos; o terceiro estágio abrange o horário das 14h15min da segunda-feira, dia 24 de novembro, até 1h46min da madrugada de terça-feira, dia 25 de novembro, também entre interrupções na transmissão da emissora, mas com o registro de maiores operações de resgate e de auxílio aos atingidos; e o quarto estágio acontece entre 04h11min e 12h29min da terça-feira, dia 25 de novembro, onde a população tenta retomar, em parte, a normalidade na sua vida. Diante destas exposições, denominaremos, neste trabalho, o Estágio 1 como **Alerta**; o Estágio 2 como **Socorro**; o Estágio 3, como **Solidariedade** e o Estágio 4, como **Reabilitação**. Tais denominações se referem aos estágios de cobertura da Rádio Nereu verificados nesta pesquisa e não devem ser confundidos com as fases da administração de desastres estipuladas pela política nacional de Defesa Civil³⁷ nem com as regras de enchente estipuladas pelo Sistema de Alerta de Cheias da Bacia do Rio Itajaí³⁸.

No fichamento resultante da escuta do áudio da programação da emissora de rádio foram registrados cada ouvinte pelo primeiro nome (nome ao qual foi chamado no ar pelo apresentador) e a região identificada de moradia ou de proveniência da ligação. Em seguida, além do registro do horário do início da participação, foi relatado um breve resumo sobre o assunto exposto pelo ouvinte para fins de identificação e registro da finalidade da intervenção. Em seguida, fizemos um resumo da conversa entre o ouvinte e o apresentador, com foco maior para o tópico inicial, interrupções do mediador e fechamento das participações (Apêndice A). O objetivo de cada registro sobre a conversa entre apresentador e ouvinte é buscar a identificação sobre o funcionamento do controle discursivo dentro da construção do diálogo. Para fechar cada fichamento, registramos o nível de interesse do ouvinte, de acordo com a exposição de sua relação com o

³⁷ De acordo com a Política Nacional de Defesa Civil, as ações de redução dos desastres abrangem quatro fases: a prevenção dos desastres, a preparação para emergências e desastres, a resposta aos desastres e a reconstrução. (OLIVEIRA, 2010, p.16)

³⁸ Dentro dos parâmetros do Sistema de Alerta de Cheias da Bacia do Itajaí, são considerados os seguintes estados no monitoramento da elevação do nível do rio: “normal”, “atenção”, “alerta” e “emergência”. Fonte: <http://www.comiteitajai.org.br/alerta>.

acontecimento. Da mesma forma, registramos cada entrevista realizada pela emissora no período, apenas com a finalidade de observar o fluxo de participações e identificar possíveis relações entre as intervenções dos ouvintes e das fontes oficiais. Todo o áudio das participações dos ouvintes foi editado em separado, utilizando o software Sony Sound Forge 10.0.

Além do documento principal (arquivo em áudio), foram observados alguns documentos de arquivo da secretaria de comunicação social da prefeitura municipal de Blumenau, como boletins de notícias dos órgãos de segurança e relatórios de imprensa, no sentido de verificar e checar o fluxo dos acontecimentos externos com os acontecimentos relatados pela emissora de rádio, além de buscar a constatação a respeito de pressuposições sobre o protagonismo do meio rádio em relação a outros meios de comunicação.

Para Moreira (2006, p. 272), a análise documental é, ao mesmo tempo, método e técnica: “Método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário”.

Somando-se aos documentos mencionados, o estudo contou também com entrevistas durante o processo de investigação. As entrevistas com quatro profissionais do rádio que atuaram diretamente na cobertura do desastre em Blumenau foram fundamentais para a execução do presente projeto, a fim de revelar a percepção dos mesmos sobre a importância das interações com os ouvintes. De acordo com Demo (2001, p.10 apud DUARTE, J., 2006, p. 62-63) na entrevista realizada em uma pesquisa qualitativa “os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade”. Jorge Duarte ainda destaca a importância da entrevista individual:

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. (DUARTE, J., 2006, p. 63)

Neste sentido, as entrevistas realizadas previam respostas indeterminadas para possibilitar a captação de ângulos diferenciados por conta de quem atuou na linha frontal dos trabalhos de produção e apresentação na emissora. Para poder garantir a exposição espontânea do entrevistado e, ao mesmo tempo, esclarecer dúvidas sobre lacunas existentes na escuta do material em áudio, utilizamos um roteiro com questões semiestruturadas para a realização de entrevistas semiabertas e em profundidade. Para Jorge Duarte (2006), desta forma é possível conjugar a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle.

As entrevistas foram realizadas com os seguintes profissionais: Paulo César da Silva, que realizou as atividades de apresentador, repórter e coordenador da equipe de jornalismo (entrevista realizada dia 02/02/2012); Jorge Eliseu Theiss, que realizou as funções de apresentador e produtor, atuando tanto no estúdio quanto na retaguarda jornalística (entrevista realizada dia 07/02/2012); Dirceu Bombonatti, que realizou as funções de apresentador e também auxiliou na retaguarda jornalística (entrevista realizada dia 07/02/2012); Joelson dos Santos, que ocupou principalmente a função de apresentador durante a cobertura (entrevista realizada dia 23/02/2012).

A escolha dos entrevistados entre os demais profissionais que atuaram na cobertura teve como critérios principais: a duração de tempo em que cada um exerceu a função de apresentador/mediador durante o período analisado; maior contato com o público ouvinte que participou direta e indiretamente na programação; realização de funções consideradas relevantes para esta análise, como coordenação de equipe ou atividades de produção na retaguarda jornalística.

A realização das entrevistas com os quatro profissionais escolhidos aconteceu nos locais de trabalho de cada um deles, utilizando um gravador de voz para captação de perguntas e respostas. O material coletado foi transcrito na íntegra (Apêndice B), com exceção de trechos em que o conteúdo narrado era alheio ao conteúdo principal da entrevista e da pesquisa.

A apresentação dos resultados e a análise do material em áudio foram divididas em três partes. A primeira cumpre o papel de apresentar os dados com um resumo quantitativo das participações durante o período analisado. A segunda parte se propõe a realizar a análise descritiva das participações, dividida entre os quatro estágios e analisando cada um deles apoiado em amostras de algumas intervenções do público. A terceira etapa realiza a análise interpretativa do conjunto

de participações, dialogando com o referencial teórico da pesquisa, em busca da explicação científica sobre o fenômeno.

Para Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2005), a descrição se constitui como a primeira etapa da análise dos dados na pesquisa, fazendo a ponte entre a fase de observação e a fase da interpretação. Seguindo as orientações da autora, este trabalho cuidou de organizar os dados em um primeiro momento, para em seguida tratar da reprodução do fenômeno, antes de adentrar totalmente no espectro interpretativo. Após a conversão dos dados de fato em dados científicos, a etapa interpretativa buscou levar a análise a um nível de “abstração e de generalização”, como sugere Lopes (2005). A opção de divisão entre as etapas de descrição e de interpretação dos dados deve-se ao fato de que na descrição os relatos são apresentados em ordem cronológica, de acordo com os estágios da cobertura do desastre. Já na interpretação buscou-se realizar a análise do material como um todo.

A redação da análise do material em áudio contemplou também os depoimentos dos quatro profissionais entrevistados, não havendo a separação de uma unidade específica para a exposição da entrevista na íntegra. Desta forma, há um entrelace permanente dos testemunhos dos profissionais com a análise do áudio da emissora, já que as entrevistas complementaram as observações feitas durante a escuta do material sobre aspectos que envolvem a construção do diálogo.

Relevante neste estudo é a importância que o fenômeno investigado tem em relação aos outros fenômenos semelhantes. É aí que reside a necessidade da pesquisa se articular com outros estudos de caso, compreendendo as partes para poder compreender o todo. “O interesse primeiro não é pelo caso em si, mas pelo que ele sugere a respeito do todo” (CASTRO, 1977 apud DUARTE, M., 2006, p. 219).

Para a validade da pesquisa e as articulações com estudos de casos futuros, tornou-se necessária a escolha de uma emissora de rádio com as já citadas características representativas dentro do universo de emissoras que atuam em coberturas de diferentes desastres em localidades diversas. Une-se aqui, portanto, o caráter típico e representativo das circunstâncias e condições fixas da emissora para operar a transmissão, com a singularidade da ocorrência, fazendo gerar novos parâmetros de cobertura jornalística.

Neste sentido, a intenção deste trabalho não se limita à compreensão isolada dentro da proposta de concepção do *corpus* da pesquisa, mas sim buscar uma percepção mais clara do próprio fenômeno e, principalmente, do conjunto de fenômenos comunicacionais similares, justamente por considerar que os elementos

singulares e episódicos estão situados dentro de uma realidade mais abrangente.

5. O DESASTRE SOCIOAMBIENTAL DE 2008 E A PARTICIPAÇÃO DO RÁDIO

5.1O enigma do desastre: uma tragédia anunciada

A história de Blumenau e do Vale do Itajaí chega a se confundir com a história dos fenômenos climáticos registrados em Santa Catarina ao longo de mais de um século e meio. Desde a primeira grande enchente registrada no município, em 1852 (dois anos após a fundação do município), sessenta e nove cheias³⁹ foram registradas até 2008. Recentemente, em setembro de 2011 uma nova inundação atingiu Blumenau, elevando o rio Itajaí-Açu para 12 metros e 60 centímetros acima de seu nível normal.

A característica física, a baixa declividade do rio Itajaí, particularmente no último trecho, é a responsável pela formação de grandes planícies de inundação. São áreas muito vulneráveis, com elevado risco de inundação, principalmente a partir de Blumenau (AUMOND et. al., 2009, p.25).

Mas se o blumenauense já estava adaptado a conviver com inúmeras inundações durante toda a história do município, em novembro de 2008 deparou-se com uma situação inusitada: uma combinação de enchente, enxurrada e deslizamentos de terras, resultando no maior desastre socioambiental⁴⁰ desde a fundação do município. O saldo da tragédia foi impressionante: 24 pessoas mortas, 5.209 desabrigadas e 25 mil desalojadas entre as 103 mil atingidas, somente no município (SEVEGNANI et. al., 2009, p.113). Muitas estradas desapareceram e a cidade ficou por vários dias sem abastecimento de água e sem energia elétrica.

No total foram 63 municípios de Santa Catarina que decretaram situação de emergência e 14 decretaram estado de calamidade pública,

³⁹ Considerados 69 picos de inundações com cota acima de 8,5m registradas em Blumenau, SC, de 1852 a 2008, de acordo com relatório organizado por Frank (2003), complementado com registros do CEOPS/IPA/FURB.

⁴⁰ De acordo com Mattedi et. al (2009, p.19) os desastres como o de 2008 no Vale do Itajaí não são fenômenos naturais, mas são fenômenos socioambientais que convertem a fragilidade natural em vulnerabilidade social.

inclusive Blumenau⁴¹. Em todo o estado houve 135 mortes na tragédia de novembro de 2008, com 1,5 milhões de pessoas afetadas pelas consequências das chuvas, a maior parte no Vale do Itajaí (SEVEGNANI et. al., 2009, p.112).

Além de todas as condições geográficas para a ocorrência de inúmeras inundações, a região também apresenta sua vulnerabilidade a ocorrências de enxurradas e deslizamentos de terra, já que sua paisagem é constituída por encostas, vales de formas variadas e planícies. Cerca de 80% da bacia hidrográfica do rio Itajaí se encontra na região da floresta pluvial da mata atlântica, “montanhosa e fortemente entrecortada por rios e ribeirões” (SEYFERTH, 1974, p.30-31 apud FRANK, 2003, p.15). A sua localização combinada com a geologia e as condições climáticas também teriam influenciado na eclosão da nova catástrofe:

As rochas formadoras dos morros do Vale, mesmo as mais duras e resistentes, se modificaram sob a ação do clima, das águas, dos microrganismos, das plantas e dos animais, formando os solos. As rochas, assim alteradas, geraram um solo poroso, permeável e frágil e que, muitas vezes, podem atingir espessura superior a 40 m. A posição geográfica do vale do Itajaí, voltado para o leste (para o oceano Atlântico), na direção dos ventos predominantes (sudeste e nordeste), favorece a entrada de umidade, proveniente do oceano, em direção ao continente. Além disso, o Vale está subordinado à condição climática quente e úmida, favorável à ocorrência de intensas precipitações, especialmente concentradas na primavera e no verão e, excepcionalmente, no outono e inverno. (AUMOND et. al., 2009, p.27)

Os escorregamentos⁴² e corridas de massa⁴³ - ocorridos no desastre de 2008 - são fenômenos naturais recorrentes, associados à

⁴¹ O prefeito João Paulo Kleinübing decretou na noite de domingo (23) estado de calamidade pública em Blumenau. No sábado (22), Kleinübing já havia decretado situação de emergência, mas, devido ao agravamento do quadro na cidade, com novas quedas de barreiras e enxurradas, optou-se pela calamidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 2008).

⁴² O mesmo que deslizamento de terra.

dinâmica de evolução da paisagem. Mas a ocupação desordenada das encostas e planícies interfere na dinâmica natural, podendo antecipar, ampliar e agravar esses fenômenos (AUMOND; SEVEGNANI, 2009, p.80).

Para Siebert (2009, p.49), “o desastre de novembro de 2008 conjugou quatro causas imediatas: topografia acidentada; geologia frágil; precipitação intensa e prolongada que saturou o solo; e a ocupação desordenada”. A pesquisadora entende que foi “uma tragédia anunciada”, em função da ocupação das áreas de risco de escorregamento (SIEBERT, 2009, p.49).

Espíndola, Nodari e Lopes (2011) concordam que o desastre foi uma tragédia anunciada em função da ocupação das áreas de risco. “O evento das fortes chuvas é natural, mas os desastres foram socialmente construídos” (ESPÍNDOLA; NODARI; LOPES, 2011, p.6). É por este motivo que os autores preferem não chamar os eventos ocorridos de “desastres naturais”, já que não são derivados exclusivamente do mundo natural. “A denominação ‘desastres ambientais’ tem fundamento à medida que os eventos tenham ocorrido com base na interação seres humanos/natureza.” (ESPÍNDOLA; NODARI; LOPES, 2011, p.5)

Mattedi (2000) relaciona fatores naturais e fatores sociais dentro de todo o histórico de cheias e desastres na região de Blumenau. “O processo de ocupação do espaço e a utilização dos recursos naturais, ao reproduzir a cobertura vegetal e a espessura da camada litorânea, fizeram com que precipitações baixas, quando comparadas com anteriores, provocassem impactos mais destrutivos” (MATTEDI, 2000, p.207). Para o autor, as análises “indicam que as *enchentes transformaram-se em tragédias anunciadas em função das incompatibilidades existentes entre os meios e os fins empregados no tratamento do problema*” (MATTEDI, 2000, p.226, grifo do autor).

Neste sentido, convém retomar o próprio processo de colonização e crescimento populacional da região:

A história da colonização do Vale do Itajaí remonta ao início do século XIX. Havia, então, uma razão importante para concentrar grandes contingentes imigratórios entre o planalto e o

⁴³ As corridas de massa são fenômenos naturais em encostas íngremes. Foram os movimentos que causaram maiores prejuízos e o maior número de perdas de vidas humanas no final de 2008. (AUMOND; SEVEGNANI, 2009, p.80).

litoral de Santa Catarina. Os imigrantes não escolheram deliberadamente essas regiões de floresta para colonizar. Foi a colonização a estratégia adotada para abrir vias de comunicação entre o litoral e o planalto, e, o mais viável, era acompanhar os principais rios do vale. Interessava ao Governo Brasileiro estabelecer, nas áreas de floresta das províncias meridionais, colonos que fossem pequenos proprietários, que usassem só mão-de-obra familiar, de modo a não entrar no mercado de escravos nem competir na criação de gado. Como não havia comunicação entre a capital, Desterro, e o planalto, foi com esta finalidade que se deu estímulo à colonização alemã no vale do Itajaí (SEYFERTH, 1974, p.30-31 apud FRANK, 2003, p.15).

Para Frank (2003), ao longo da história de Blumenau, especialmente no século 20, o motivo para a não implantação de medidas de prevenção de enchentes, como o ordenamento do uso do solo estaria na “racionalidade econômica”.

As iniciativas de desenvolvimento levadas a termo compreendiam atividades produtivas, o que justifica os empreendimentos privados. As medidas de prevenção de cheias, embora tivessem a finalidade de evitar eventuais prejuízos privados, teriam caráter nitidamente público, razão pela qual estiveram excluídas da racionalidade dos empreendedores do Vale do Itajaí (FRANK, 2003, p.21).

Mas foi principalmente nas décadas de 1960 e 1970 que a urbanização tomou suas formas definitivas no Vale do Itajaí. O processo de valorização de áreas centrais, resultado de um modelo socioespacial de exclusão e especulação, teve no Vale do Itajaí o agravante de as “áreas centrais dos núcleos urbanos em grande parte se localizarem em áreas inundáveis e as de ocupação precária e irregular se implantarem sobre áreas frágeis, ao longo de cursos d’água e de encostas” (SCHULT; PINHEIRO, 2003, p.175).

Em 2008, a concentração excessiva de chuvas em dois dias (22 e 23 de novembro), antecedida por um longo período de precipitações, teria sido apenas o detonador do desastre, já que a intensidade dos seus efeitos sobre a população da região foi socialmente construída,

admitindo-se assim “que grande parte dos danos dela resultantes tiveram sua origem na ação e omissão humanas” (BOHN; SILVA; BEVIAN, 2009, p.165).

A soma dessas ações e omissões teriam resultado na ocupação de áreas de risco de deslizamento, que já teve em um passado recente resultado catastrófico em Blumenau em períodos de muita chuva. Em 1990, 22 pessoas perderam a vida, soterradas (SIEBERT, 2009, p. 49). Dezoito anos depois a situação se repetiu, só que em maior escala:

Do final da tarde do dia 22 de novembro até o amanhecer de segunda-feira, dia 24, ecoaram gemidos e pedidos de socorro, abafados pelo ruído dos escorregamentos de encostas, de residências ruindo, da chuva que insistentemente caía e dos rios e riachos velozes que arrastavam pedras, árvores, fragmentos de construções e tudo mais que encontravam pelo caminho. Esse era o cenário nos morros e fundos de vale do médio e baixo vale do Itajaí (SEVEGNANI et. al., 2009, p.116).

Após a saída das pessoas de seus domicílios, ameaçados de desabamento, muitos foram para a casa de parentes ou amigos, outros foram deslocados para os abrigos dispostos no município, em um total de 4.456 pessoas nesta situação. Entre os desalojados e desabrigados a situação era traumática, porém, de solidariedade entre as famílias, equipes de apoio e as milhares de pessoas de todo o país que enviaram doativos para a cidade.

Durante a fase aguda da calamidade, a dor e a tristeza foram companheiras de muitas pessoas, a ponto de levar algumas à morte. Nas dezenas de milhares de pessoas desalojados e desabrigados, bem como em todos que tomaram conhecimento e contato com a dura realidade vivenciada nessa região do vale do Itajaí, o sentimento de perda juntou-se ao de impotência diante de tão dramática situação. Sentimentos que o tempo se encarregará de amenizar, mas que ainda se evidenciam no medo coletivo e no desassossego ao ver o céu se cobrir de nuvens a cada chuva forte ou que se estende por dias. Não há morador de Blumenau, Gaspar, Ilhota, Luis Alves, Itajaí, Brusque, Pomerode, Benedito Novo, Rio dos Cedros, Timbó e Rodeio que não se sintam

angustiado com o som da chuva. (SEVEGNANI et. al., 2009, p.120-121).

O nível de atenção e de alerta da população não atingida no acontecimento - de Blumenau e região - foi altíssimo, tanto em função do espanto diante do inusitado, quanto do sentimento de solidariedade, além da sensação de risco iminente que se espalhava a cada período de ausência de novas informações.

Também ficaram em estado permanente de alerta os moradores ribeirinhos e de encostas, que não haviam sido atingidos diretamente, e que vigiavam as margens dos rios e os morros com medo dos desabamentos, fatos que muitas vezes se confirmavam. Como os escorregamentos continuaram acontecendo, o estressante estado de alerta se mantinha pungente no seio da comunidade. (SEVEGNANI et. al., 2009, p.121)

5.2 A cobertura do desastre de 2008

Há uma diferença básica e vital para a cobertura de um desastre entre o rádio e demais meios de comunicação, como a TV e os jornais. Estes últimos normalmente conseguem operar o essencial de organização em suas atividades para realizar a cobertura dentro de padrões minimamente aceitáveis na tarefa jornalística, como apuração, verificação, checagem, etc.

Para os meios impressos a limitação da periodicidade da difusão da informação torna-se um aliado à eficácia da preparação do material jornalístico. Já com o rádio a situação é diferente. Obrigado, pela própria natureza de sua audiência, a transmitir as informações simultaneamente ao desenrolar dos fatos, corre o risco de pecar pelo desconhecimento prévio do cenário físico da ocorrência, sua história e seus personagens. Mesmo a Televisão, ainda com sua mobilidade dificultada, utiliza o tempo necessário para a edição de seus materiais como um aliado à disciplina da verificação, antes mesmo de operar a transmissão das matérias dentro de seus principais noticiários. Até porque pela característica de formação de redes nacionais na TV brasileira, pouco espaço sobra para a programação regional.

Os *blogs* de notícias na internet operam com lógicas variadas e, em nível regional, a maioria ainda funciona como reprodutor de notícias de veículos de comunicação oficiais ou como espaço para a opinião do

responsável pelo *blog* e fórum aberto para comentários do internauta, além de publicação de fotos do desastre.

Mas outro complicador durante o desastre de novembro de 2008 em Blumenau foi o fornecimento de energia elétrica: 75% do município estavam sem luz durante os quatro primeiros e principais dias da tragédia. Havia tanto a dificuldade de operação para os emissores quanto (e principalmente) de recepção para o público.

Sem energia elétrica, coube ao cidadão apelar para o rádio à pilha, do telefone celular ou do automóvel. A única emissora de rádio a manter permanentemente o sinal no ar foi a Furb FM (107,1 MHz), reproduzindo na maior parte do tempo o áudio da cobertura realizada pela Furb TV, integrada à chamada Rede da Solidariedade, cadeia formada pela Furb TV, TV Galega, TVL (TV Legislativa Municipal)⁴⁴ e Furb FM. A rede acabou se transformando em um canal de comunicação que mais tempo permaneceu no ar com cobertura contínua sobre os acontecimentos em Blumenau. Com poucos repórteres à disposição, a rede local e informal de TV preenchia o espaço da programação entre uma reportagem externa e outra com a participação de apresentadores lendo notas dos jornalistas e e-mails de telespectadores direto dos estúdios das três emissoras, além de exibir imagens externas do desastre. As pessoas que não tinham energia elétrica conseguiam acompanhar a cobertura da rede pelo rádio.

Nas demais TVs abertas do município a cobertura sobre o desastre foi muito reduzida durante o ápice da tragédia. Como regra geral para a maioria das redes de TV aberta, só há interrupção da programação nacional havendo consentimento da “cabeça de rede”, através de solicitação da emissora afiliada. A grade de programação das emissoras de TV aberta, principalmente no domingo (dia principal da eclosão do desastre), é predominantemente nacional e repleta de programas voltados ao entretenimento.

O jornalista Alexandre Gonçalves da Ric Record⁴⁵ de Blumenau lembra que a direção regional decidiu exibir um telejornal especial na faixa horária das 19 horas no sábado, dia 22 de novembro, início do

⁴⁴ A Furb TV é uma emissora de TV educativa e com sinal aberto, pertencente à Universidade Regional de Blumenau. A TV Galega é uma emissora comercial de sinal fechado (cabo) e a TVL opera somente com sinal fechado, em rede com a TVAL, canal da Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

⁴⁵ Emissora afiliada à Rede Record de Televisão.

desastre. Dentro da programação normal, só haveria um novo espaço de notícias locais na segunda-feira de manhã, dia 24 (GONÇALVES, 2009). Ainda no domingo, dia 23, a Ric Record abriu espaço na programação nacional da rede para transmitir em rede estadual algumas informações sobre a tragédia no estado. Mas o andar térreo da emissora foi atingido pela enchente e as operações locais foram canceladas. Durante a segunda-feira, dia 24, os sinais da Ric Record que Blumenau recebia eram de Florianópolis. “De forma muito precária, conseguimos fazer participações ao vivo nos telejornais em rede estadual e assim passar informação do que estava acontecendo” (GONÇALVES, 2009, p. 133-134). A emissora só retornaria ao vivo de Blumenau na terça-feira à noite, dia 25 de novembro. Segundo Gonçalves, a falta de profissionais na TV nos dois primeiros dias da tragédia foi preenchida por 10 equipes no período pós-desastre, a maioria vinda de Florianópolis.

Já na RBS TV⁴⁶ de Blumenau as imagens exibidas ao longo do fatídico domingo, dia 23 de novembro, eram de programas nacionais com conteúdo baseado no entretenimento, como “Domingão do Faustão” e “Fantástico”. A exemplo da Ric Record, a demora para que uma cobertura jornalística mais efetiva da rede ocorresse se estendeu ao longo da semana, invadindo o período de pós-desastre, com a cidade já em ritmo de recuperação.

Brígida de Poli (2009), coordenadora do Núcleo Globo SC – RBSTV, Florianópolis, lembra que o apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional, Willian Bonner, ancorou o jornal diretamente de Blumenau, durante dois dias⁴⁷. No conjunto da cobertura, os jornalistas do Núcleo Globo em Santa Catarina realizavam as reportagens na região do Vale do Itajaí e enviavam para os principais noticiários nacionais da Rede Globo de Televisão.

Jornalistas do Jornal de Santa Catarina⁴⁸, durante a fase inicial do desastre, chegaram a ocupar a programação da Rádio Atlântida FM de Blumenau para divulgar as ocorrências que apuravam como repórteres do jornal. A repórter Letícia da Silva lembra que naquela ocasião “todo mundo virou radialista” (CHRISTIANO, 2009, p.62).

⁴⁶ Emissora afiliada à Rede Globo de Televisão.

⁴⁷ A participação do Apresentador Willian Bonner ao vivo de Blumenau ocorreu nos dias 27 e 28 de novembro de 2008.

⁴⁸ Único jornal impresso diário do município de Blumenau. Integrante do grupo RBS.

O Jornal de Santa Catarina circulou com sua edição de segunda-feira, dia 24 de novembro, já intercalando em suas imagens a enchente e os deslizamentos de terra, além de difundir as informações de serviço, de como as “cheias prejudicam aulas, rodovias e oferta de mantimentos” (JORNAL DE SANTA CATARINA, 24 de novembro de 2008). Já na edição do dia seguinte, o jornal conseguia realizar um balanço mais amplo das ocorrências em Blumenau e na região.

Outros jornais, como o semanário Folha de Blumenau e os diários A Notícia e Diário Catarinense, além de outros meios impressos regionais e nacionais, também realizaram a cobertura do desastre por um período superior a duas semanas (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 2008).

De acordo com o relatório de imprensa organizado pela secretaria de comunicação social da prefeitura de Blumenau, portais de notícias nacionais na internet já divulgavam o desastre na noite de 22 de novembro, relatando o decreto do estado de emergência no estado de Santa Catarina e as ocorrências até então. A partir do domingo, dia 23, a veiculação nacional de notícias pela internet era intensificada, geralmente apresentando o balanço com número de mortos e desabrigados. Entre os dois principais portais monitorados pela secretaria, a Folha Online, do Jornal Folha de São Paulo, realizou cobertura desde o dia 22 de novembro, início do desastre. Já o G1, da Rede Globo, iniciou sua cobertura somente na noite de 25 de novembro, já em ritmo de pós-desastre. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 2008)

Na divulgação da tragédia para outras regiões do estado e do país, as próprias emissoras de rádio locais auxiliavam, emitindo boletins para emissoras dos grandes centros, inclusive de países vizinhos: “nós tivemos muitas, muitas ligações de rádios da Argentina, Uruguai, do MERCOSUL, do Brasil inteiro, pedindo informações” (THEISS, 07/02/2012). Também a RNA - Rede de Notícias Acaert produziu 90 matérias sobre o desastre para emissoras de rádio durante aquele período (GOMES, M., 2009).

Outro fato que acabou influenciando na cobertura inicial do desastre foi a cobertura dos Jogos Abertos de Santa Catarina, que era realizado nas vizinhas cidades de Pomerode, Indaial e Timbó e que acabou deslocando algumas equipes de jornalistas para o evento, dificultando seu retorno para auxiliar na cobertura do desastre nos veículos de comunicação de Blumenau.

5.3 O rádio em Blumenau

Em Blumenau o pioneirismo⁴⁹ do rádio conflita com a velocidade com que este meio se transformou nos grandes centros do país durante a década de 1950, após o surgimento da televisão. “Ao contrário do que ocorreu nos grandes centros do Brasil, onde os anos dourados do rádio se situam entre as décadas de 30 e 60, em Blumenau a época áurea do meio foram os anos 60 e 70” (REIS; MARTINS, 2005, p.151). Apesar desse reflexo tardio, com a chegada da TV Coligadas em 1969 os maiores anunciantes do antigo veículo foram atraídos pelo novo e o rádio trocou o horário nobre noturno pelas manhãs e tardes. (CRUZ, 1996, p.27)

Mas o pioneirismo do rádio em Blumenau influenciou também no desenvolvimento social e cultural, além do econômico. Neste sentido, fez com que a população local entrasse em contato com acontecimentos e ideias de outras regiões do país gerando uma integração maior de informações e estabelecendo um apoio às causas comunitárias, mobilização da sociedade e órgãos públicos. (REIS; PETTERS, 2006)

Blumenau hoje abriga 13 emissoras de rádio⁵⁰, sendo 11 comerciais, 1 educativa e 1 comunitária: Rádio Blumenau Arca da

⁴⁹ Em Blumenau foi implantada a primeira emissora de rádio de Santa Catarina: a Rádio Clube de Blumenau, em 1935.

⁵⁰De acordo com dados cruzados entre o site da Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações (2012), e o site da Acaert – Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão (2012), as emissoras são as seguintes: Nome fantasia: Rádio Blumenau Arca da Aliança AM. Razão Social: Empresa Blumenauense de Comunicação Ltda. Sede dos estúdios: Rua XV de Novembro, 550. Freqüência: 1260 khz. Prefixo: ZYJ740. Formato de programação: Generalista/Místico-Religioso; Nome fantasia: Rádio CBN Vale do Itajaí AM. Razão Social: Rede Fronteira de Comunicação Ltda. Sede dos estúdios: Rua Ângelo Dias, 207. Freqüência: 820 khz. Prefixo: ZYJ738. Formato de programação: Informativo/ *Talk and News*; Nome fantasia: Rádio Clube AM. Razão Social: Rádio Clube de Blumenau Ltda. Sede dos estúdios: Rua Buenos Aires, 145. Freqüência: 1330 khz. Prefixo: ZYJ739. Formato de programação: Generalista; Nome fantasia: Rádio Itaberá AM. Razão Social: Rádio Itaberá Ltda. Sede dos estúdios: Rua XV de Novembro, 600. Freqüência: 1160 khz. Prefixo: ZYJ741. Formato de programação: Generalista; Nome fantasia: Rádio Nereu AM. Razão Social: Rádio Nereu Ramos Ltda. Sede dos estúdios: Rua Buenos Aires, 145. Freqüência: 760 khz. Prefixo: ZYJ742. Formato de programação: Informativo/ *Talk and News*; Nome fantasia: Rádio

Aliança AM, CBN Vale do Itajaí AM, Clube AM, Itaberá AM, Nereu Ramos AM, Antena 1 FM, Atlântida FM, Band FM, Comunitária Fortaleza FM, Furb FM, Guararema FM, Menina FM, 90 FM.

Durante o desastre de novembro de 2008, as emissoras de rádio de Blumenau que realizaram cobertura ao vivo do evento foram: Furb FM; Nereu Ramos AM (integrada à Rádio Clube de Blumenau AM); Blumenau AM; Itaberá AM; Atlântida FM. Considera-se aqui como cobertura ao vivo, a substituição da programação normal pela transmissão das ocorrências da catástrofe. De qualquer forma, a grande maioria das rádios noticiou o desastre durante vários momentos, assim que cada uma teve restabelecido o abastecimento de energia elétrica em seus estúdios e transmissores. Conforme já relatado, a emissora que ficou por mais tempo no ar cobrindo a tragédia foi a Furb FM, embora na maior parte das transmissões os serviços realizados basearam-se na

Antena 1 FM. Razão Social: Fundação Luterana de Comunicação. Sede dos estúdios: Rua Amazonas, 131. Frequência: 96,5 Mhz. Prefixo: ZYD727. Formato de programação: Musical Adulto; Nome fantasia: Rádio Atlântida FM. Razão Social: Rádio Atlântida FM de Blumenau Ltda. Sede dos estúdios: Rua Presidente Getúlio Vargas, 32. Frequência: 102,7 Mhz. Prefixo: ZYD718. Formato de programação: Musical Jovem; Nome fantasia: Rádio Band FM. Razão Social: Rede Fronteira de Comunicação Ltda. Sede dos estúdios: Rua Ângelo Dias, 207. Frequência: 95,9 Mhz. Prefixo: ZYD734. Formato de programação: Musical popular; Nome fantasia: Rádio Comunitária Fortaleza FM – Adenilson Teles. Razão social: Associação de Difusão Comunitária Fortaleza. Sede dos estúdios: Rua Leonor Virmond Leitão, 49. Frequência: 98,3 MHz. Formato de programação: Comunitário; Nome fantasia: Rádio Furb FM. Razão Social: Fundação Universidade Regional de Blumenau. Sede dos estúdios: Rua Antônio da Veiga, 140. Frequência: 107,1 Mhz. Prefixo: ZYM559. Formato de programação: Educativo-Cultural; Nome fantasia: Rádio Guararema FM. Razão Social: Sociedade Econômica de Comunicação Ltda. Sede dos estúdios: Rua Alameda Rio Branco, 14. Frequência: 103,5 Mhz. Prefixo: ZYM558. Formato de programação: Musical popular; Nome fantasia: Rádio Menina FM. Razão Social: Rádio Menina Tropical FM Ltda. Sede dos estúdios: Rua 7 de Setembro, 473. Frequência: 97,5 Mhz. Prefixo: ZYD719. Formato de programação: Musical popular; Nome fantasia: Rádio 90 FM Lite Hits. Razão Social: Studio Radiodifusão Ltda. Sede dos estúdios: Rua Buenos Aires, 145. Frequência: 90,5 Mhz. Prefixo: ZYD753. Formato de programação: Musical Adulto.

reprodução ao vivo da cobertura da emissora Furb TV, canal educativo de televisão vinculado à emissora de rádio, ambas de propriedade da Universidade Regional de Blumenau (Furb).

O rádio em Blumenau detém um histórico de coberturas a catástrofes naturais, especialmente nas enchentes de 1983 e 1984, além da trágica enxurrada de 1990 que atingiu o sul do município.

Já em 1957, quando ocorreram quatro enchentes em Blumenau, a Rádio Clube de Blumenau tomou a si a tarefa de informar o público sobre o nível e a previsão do nível do rio. Ainda no mesmo ano “os radialistas criaram a AIRVI – Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí, com a finalidade de pressionar o poder público a tomar atitudes em relação às enchentes”. (FRANK, 2003, p.31-32)

Parte das emissoras de Blumenau já possuía o hábito diário de unir a programação de conteúdo jornalístico com a prestação de serviços e a participação da comunidade. Para algumas delas, o desafio de concentrar o seu *know-how* nessas atividades durante os obscuros dias de novembro daquele ano transformou-se em algo muito maior do que uma simples prova de capacidade técnica ou profissional.

A própria história da região do Vale do Itajaí, marcada pelos fenômenos climáticos, chegou a auxiliar na formação prática dos profissionais do rádio, que ao longo de suas trajetórias já detinham o conhecimento sobre os principais procedimentos e operações a realizar durante uma cheia no rio Itajaí-Açu. Como em uma transmissão habitual de conhecimentos, profissionais mais antigos repassavam aos mais jovens métodos e técnicas de como realizar a cobertura das inundações em todas as suas etapas. Desta forma, havia uma certa previsibilidade nos acontecimentos, conforme a chuva insistisse ao longo dos dias e o nível do rio gradualmente atendesse às previsões. A distribuição dos repórteres por regiões mais problemáticas ou o momento de decisão em derrubar a programação normal da emissora faziam parte muito mais de noções intuitivas das equipes do que necessariamente uma avaliação em profundidade sobre a situação. Isto fez com que cada profissional ou equipe soubesse dosar os tempos para cada unidade de transmissão, tudo baseado no ritmo da elevação do nível do rio.

Mas ao se deparar com o inusitado fenômeno de 2008, todo o conhecimento acumulado dos profissionais entrou em conflito com os inesperados deslizamentos de terra pela cidade. Até então, as equipes faziam o que sabiam de melhor: cobrir a elevação do nível do rio. A partir dos primeiros registros de soterramento de pessoas em regiões diversas do município, uma nova ordem teve de ser implantada na cobertura: a concentração das atenções a um momento crítico específico,

onde não havia respostas nem de profissionais de imprensa, nem de técnicos experientes da defesa civil ou de militares, mas somente o relato imediato de testemunhas ‘civis’: cidadãos que presenciavam o fato e não conseguiam as respostas nos veículos de comunicação. A principal base de informação possível naqueles momentos era o relato do próprio público.

5.4 A Rádio Nereu Ramos e a cobertura do desastre

A Rádio Nereu Ramos inaugurou suas operações em 1º de setembro de 1958, sendo responsável direta pelos anos dourados do rádio em Blumenau (REIS; MARTINS, 2005, p.152). Seu fundador foi Evelázio Vieira, que posteriormente foi um dos políticos mais influentes de Santa Catarina, chegando a prefeito de Blumenau e senador da República. A administração da rádio permanece até hoje sob o comando de seus filhos e netos.

A emissora foi a terceira a ser implantada no município, após a Clube de Blumenau (1935) e a Difusora (1957), hoje Rádio Itaberá. A partir do ano 2001, a Rádio Clube foi adquirida pela família proprietária da Rádio Nereu e passou a integrar a denominada “Força do Rádio”, grupo que já agregava a Rádio 90 FM Lite Hits desde 1988.

Operando com 25.000 watts de potência, o sinal da Rádio Nereu Ramos atinge principalmente a região do Vale do Itajaí e sua audiência ocupava o primeiro lugar na cidade, conforme pesquisa⁵¹ realizada em período anterior ao desastre.

O formato de programação da emissora é denominado Informativo/ *Talk and News* e um de seus principais programas diários, o Espaço Comunitário⁵², veiculado das 9h00 às 12h00 (segunda à sexta), é baseado no espaço aberto à participação do ouvinte. À época do desastre, o programa era apresentado por Joelson dos Santos. Atualmente, o responsável pela apresentação é Paulo César da Silva, também coordenador de jornalismo da emissora.

⁵¹ IBOPE – INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. Ibope Easy Media 3. São Paulo, 2006.

⁵² Disponível em <http://www.radionereuramos.com.br/programas/default.aspx?s=1> Acessado em 28.02.2012.

O instinto de repórter provocou o primeiro boletim informativo sobre o desastre socioambiental de 2008, de acordo com Silva. O apresentador conta que na tarde de sábado, 22 de novembro daquele ano, ele estava dentro do Shopping Neumarkt, no centro da cidade, quando presenciou um momento de pânico entre as pessoas, que de forma inesperada queriam deixar o estabelecimento imediatamente. Eram as primeiras barreiras que caíram ao lado do Shopping, provocando a angústia de quem acreditava que aconteceria o pior naquele local, diante de tanta chuva que assolava a região. Silva lembra que quando “percebeu o que estava acontecendo, a primeira iniciativa foi ligar pra rádio. Instinto de repórter” (SILVA, 02/02/2012).

Apesar das proporções atingidas pela queda das barreiras (que acabaram não causando maiores danos ao estabelecimento e ao seu público), Paulo César da Silva conta que a percepção naquele momento era de algo isolado e que não tinha a menor noção da dimensão do problema que estaria por vir para cidade e para toda região.

Após realizar algumas participações no ar via telefone, relatando o que presenciou naquela tarde, o apresentador conta que conversou com o diretor da rádio para decidir como seria a cobertura sobre o acompanhamento da chuva naquela noite, já que havia a apreensão sobre a possibilidade de uma nova enchente na cidade.

A gente sabia que tinha uma chuva muito forte, algumas quedas de barreira tinham acontecido [...] que uma menina já tinha morrido (⁵³), infelizmente aquela primeira vítima da tragédia da Rua Araranguá, então a gente definiu o que a gente faria na noite daquele sábado. Nós convocamos mais dois profissionais, o Jorge Theiss e o Dirceu (Bombonatti) num primeiro momento. Eles foram convocados pra vir até a rádio, junto comigo nós faríamos uma ronda, como se fala nas redações [...]. A gente ligaria pra Defesa Civil, pro Corpo de Bombeiros, pras polícias rodoviárias, pra ver como estava a questão das rodovias. [...] Ia ser um apanhado geral de toda a situação, a gente faria um jornal

⁵³ Considerada a primeira vítima fatal do desastre de 2008, uma criança de três anos morreu soterrada na região da Rua Araranguá na tarde do dia 22/11/2008. (JORNAL DE SANTA CATARINA, 24 de novembro de 2008, p.9).

extraordinário na noite daquele sábado e depois cada um iria pra sua casa. (SILVA, 02/02/2012)

O início da cobertura realizada pela emissora, considerando a “derrubada completa” da programação⁵⁴, ocorreu às 21h27min daquele sábado, dia 22 de novembro, após um longo período em que o veículo ficou fora do ar devido à falta de energia elétrica, de acordo com a própria narração de Silva no ar quando da retomada dos trabalhos.

A equipe que formava aquela transmissão inicial narra que ao longo do dia houve vários deslizamentos de terra na cidade de Blumenau, a maioria queda de barreiras, com residências em risco. Também relata que choveu, entre 10h00 e 16h00, 122 milímetros, próximo à média de um mês de chuva, que é de 150 milímetros. A emissora reforça várias vezes a informação oficial da Defesa Civil do município, de que a preocupação maior não é com a possibilidade de enchente, de que o nível chegaria durante a madrugada em torno de 7 metros e deveria começar a baixar a partir daí. Apesar disto, o estado já era de alerta, com o nível do rio subindo (6m26cm às 20h e 6m62cm às 22h)⁵⁵. A preocupação divulgada pela Defesa Civil era com os deslizamentos de terra, embora a visão ainda fosse localizada sobre esse novo fenômeno.

Somando-se à equipe do estúdio, o repórter José Carlos Góes circulava pelas ruas da cidade com a Unidade Móvel da emissora realizando vários boletins de reportagem ao vivo e seus principais relatos naquela noite baseavam-se no alagamento do Terminal de ônibus do bairro Fortaleza. O veículo utilizado para a Unidade Móvel chegou a ficar atolado em uma rua atingida pelos alagamentos, mostrando a dificuldade que havia para circular pela cidade e informar o público direto dos locais do acontecimento.

⁵⁴ A programação normal da emissora naquele horário e ao longo dos finais de semana é predominantemente musical, de acordo com Paulo César da Silva (02/02/2012) e o site da emissora: <http://www.radioneuramos.com.br/gradeProgramacao/Default.aspx?diaSemana=6&s=2>.

⁵⁵ Dentro dos parâmetros do Sistema de Alerta de Cheias da Bacia do Itajaí, o estado de alerta para o rio Itajaí-Açu no município de Blumenau (SC) é estabelecido entre 6m e 8,5m acima do nível normal. A partir de 8,5m a cidade entra em estado de emergência. Fonte: <http://www.comiteitajai.org.br/alerta>.

A partir das 22h03min a Rádio Clube de Blumenau passa a transmitir em cadeia com a Rádio Nereu Ramos, mas o ritmo ainda é de “pré-desastre”, com a busca de coleta de fragmentos da ocorrência para sua contextualização. Os relatos principais se referem aos deslizamentos de terra e alguns alagamentos localizados, que não são considerados como enchente, mas como obstrução do curso da água, em virtude de represamentos e entupimento de tubulações.

Por volta de 0h15min da madrugada, a equipe anuncia que iria encerrar a cobertura e recomeçar os trabalhos a partir das 7 horas da manhã, apesar de admitir no ar que o telefone não parava de tocar nos estúdios e redação das emissoras. Mas os trabalhos prosseguiram por mais 25 minutos, em função do novo boletim de medição do rio (boletim da meia-noite), apontando 7 metros acima do nível normal. A equipe então começou a questionar a previsão e a interpretar por conta própria, sem ter certeza do que ocorreria com o nível do rio.

Pelas declarações feitas no ar anteriormente pelo diretor da Defesa Civil do município, Telmo Duarte, a situação era de tranquilidade: “[...] mas também tem a preocupação de **passar uma informação de credibilidade**, e dizer que a gente, nós estamos monitorando, estamos acompanhando, [...] nós vamos alertar **pra que ninguém seja pego de surpresa**, nós vamos passar essa informação pra todo mundo”. Em uma nova intervenção na emissora, no início da madrugada, o diretor mostra um ar maior de preocupação, dizendo que estava chovendo mais do que o previsto, apesar de declarar que “espera” que não tenha enchente em Blumenau.

Apesar das incertezas daquele momento, a equipe suspende a cobertura por volta de 0h40min. A emissora fica fora do ar até às 5 horas da manhã, quando retorna rodando música de “bandas típicas alemãs” até o retorno da equipe às 6h20min.

Paulo César da Silva justifica a suspensão dos trabalhos:

A gente tinha um plano B, a gente imaginava “olha, se a coisa se agravar, a gente tem de descansar para eventualmente se tiver que ficar um período mais longo na rádio, se eventualmente der uma enchente, a gente tem de estar mais preparado, até fisicamente”. [...] A defesa civil tá descartando enchente agora nesse momento, e era o que o Duarte (diretor da Defesa Civil) confirmou pra gente. (SILVA, 02/02/2012)

Da mesma forma que a emissora interrompeu as atividades, as equipes do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil também declaravam no ar que estavam suspendendo as buscas por desaparecidos em soterramentos e que só retornariam pela manhã, quando a luz do dia auxiliasse os trabalhos. Um dos casos foi o anúncio de Carlos Olímpio Menestrina, comandante do Corpo de Bombeiros, que relatou no ar naquela noite de sábado a suspensão das buscas a um adolescente que estaria dentro de uma casa soterrada na região da Rua Eça de Queiroz, no bairro Água Verde. Nos dias seguintes foi confirmada a morte do jovem⁵⁶.

Enquanto a Rádio Nereu Ramos e todas as demais emissoras do município passaram a madrugada sem transmitir as ocorrências, a cidade de Blumenau entrava em estado de enchente, ultrapassando os 9 metros acima do nível antes do clarear do dia e os deslizamentos e soterramentos de casas se espalhavam pelo município e pela região do Vale do Itajaí. O nível do rio chegaria ainda a 11m52cm acima de seu nível normal, deixando a própria emissora de rádio e sua equipe isolada devido à inundação.

Diante da constatação da evidência do maior desastre que a cidade já viveu, a confiança nas fontes oficiais tem seu peso reduzido pela equipe de jornalismo da emissora: “a partir daquela informação que não se confirmou, toda a informação que a Defesa Civil passava tinha aquela desconfiança” (SILVA, 02/02/2012).

Revisando o acontecimento histórico, Jorge Theiss conta que tanto a imprensa quanto a população foram iludidos pelas informações da Defesa Civil do município: “Se tivesse tido [*sic*] um alerta no sábado à tarde, talvez o estrago não teria sido tão grande, com tantas mortes” (THEISS, 07/02/2012).

Por volta de 13h40min do domingo, dia 23 de novembro, os transmissores da Rádio Nereu foram atingidos pela água e a partir daquele momento a transmissão acontece somente pela Rádio Clube de Blumenau e pela internet. Já por volta de 15h30min é anunciado que a Rádio Nereu estaria voltando ao ar. Mas ambas as emissoras voltam a

⁵⁶ Roger Simas Lana, 16 anos foi vítima de soterramento da residência onde se encontrava na rua Paulo Krause, transversal da Rua Eça de Queiroz, bairro Água Verde. (fonte: clicrbs-
<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&seccion=Geral&newsID=a2305674.xml>)

ficar fora do ar das 17h46min daquele dia até 0h29min do dia seguinte. Deste horário até às 14h15min roda apenas a trilha característica da emissora.

A cobertura recomeça às 14h15 de segunda-feira, dia 24 de novembro, com o anúncio de que apesar de o sinal das emissoras estar fraco, na medida do possível a equipe fará o trabalho de informação e cobertura do desastre. Mesmo com o nível do rio baixando, a emissora ainda demonstra dificuldades de deslocamento de sua reportagem, em virtude da falta de acesso devido a quedas de barreiras, de árvores e de postes de luz. No balanço da situação, a questão da enchente em Blumenau já é minimizada e autoridades tentam explicar a diferença deste desastre, onde o grande problema foram os deslizamentos de terra.

Às 14h47min daquela segunda-feira há o anúncio de que as emissoras farão ajustes nos transmissores e ficarão fora do ar por algum tempo e que voltarão em breve. Às 15h30min começa a rodar música na rádio. Às 15h48min é reaberta a transmissão com o aviso de que o sinal da Rádio Clube está melhor e o da Rádio Nereu tem dificuldades. O problema alegado para as interrupções são os alagamentos. As emissoras também transmitem pela internet. A cobertura prossegue até 1h43min da terça-feira, dia 25 de novembro, quando os membros da equipe anunciam que vão interromper os trabalhos porque precisam se “reenergizar” para voltar à cobertura na manhã seguinte. E as rádios saem do ar. As emissoras voltam ao ar por volta de 3h50min com trilha e mensagem institucional da rádio no desastre até às 4h11min. Após a retomada da cobertura, nova interrupção do sinal das emissoras às 8h51min, com novo retorno às 10h15min daquela terça-feira, dia 25 de novembro. A justificativa informada no ar era de que não havia energia elétrica.

Dentro do período de cobertura analisado tiveram envolvimento direto na cobertura, com participações no ar, os seguintes profissionais das duas emissoras: Paulo César da Silva, Jorge Elizeu Theiss, Dirceu Bombonatti, Joelson dos Santos, José Carlos Góes, Evelásio Vieira Neto, Edélcio Vieira, Kátia Regina, Napoleão Bernardes, Enei Mendes e Rodrigo Vieira. Outros profissionais destas e também de outras emissoras de rádio da cidade fizeram algumas intervenções ocasionais por telefone, mas sem continuidade do trabalho de cobertura.

A cobertura especial da emissora se estendeu ao longo daquela semana, até a sexta-feira, dia 28 de novembro. Naquela data, as rádios Nereu Ramos e Clube ainda transmitiam alguns programas jornalísticos em cadeia, mas os programas musicais da rádio já haviam retornado à sua normalidade. Outras notícias já começavam a se misturar com as

informações sobre o desastre e a recuperação da cidade. Durante a semana inteira não houve a transmissão do programa A Voz do Brasil, da Empresa Brasil Comunicação (EBC) e seu retorno ocorreu no dia 1º de dezembro.

No sábado e no domingo posteriores ao desastre (29 e 30 de novembro), a programação da emissora foi normal, com seus programas musicais e de entretenimento ao longo do final de semana. Na segunda-feira, dia 1º de dezembro, a programação da emissora também retornou à sua normalidade, com a divisão habitual de programas. O assunto desastre continuou em pauta na programação jornalística por vários dias, apesar de já dividir espaço com outros temas.

6. PARTICIPAÇÃO DOS OUVINTES DURANTE O DESASTRE: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 Descrição quantitativa das participações dos ouvintes

No período analisado durante a cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau realizada pela Rádio Nereu Ramos AM, entre 21h27min do dia 22 de novembro de 2008 e 12h29min do dia 25 de novembro de 2008, foram registradas 407 intervenções de ouvintes e entrevistados. Destas, 305 participações se referiam a intervenções de ouvintes e 102 de entrevistados que foram procurados pela emissora ou que entraram em contato com a mesma para conceder entrevista a respeito da tragédia.

Entre as 305 participações dos ouvintes, 253 são consideradas participações diretas no ar, ou seja, o ouvinte pôde expor diretamente sua voz no ar, sem intermediários. Além disso, essas participações são consideradas síncronas à transmissão do conteúdo ao vivo da programação. Dentro deste formato, houve 236 participações por telefone ao vivo no ar, 16 participações ao vivo via reportagens externas e apenas 1 participação de ouvinte ao vivo no estúdio da emissora.

Já as outras 52 participações são consideradas indiretas e assíncronas, pois exigiram intermediários para retransmitir suas mensagens no ar e a enunciação de seu conteúdo não ocorreu simultaneamente à intervenção do ouvinte. Todas as participações indiretas não tiveram identificação de meio de origem. Há que se registrar a suposição de que essas participações sem identificação do meio utilizado sejam provenientes de telefonemas fora do ar ou via internet (envio de e-mails à emissora), ferramentas utilizadas pelo veículo durante a cobertura do evento e confirmadas pelos profissionais entrevistados.

Nas Figuras 1 e 2 verifica-se a distribuição das participações no período analisado de acordo com sua forma:

Figura 1: Formas de participação

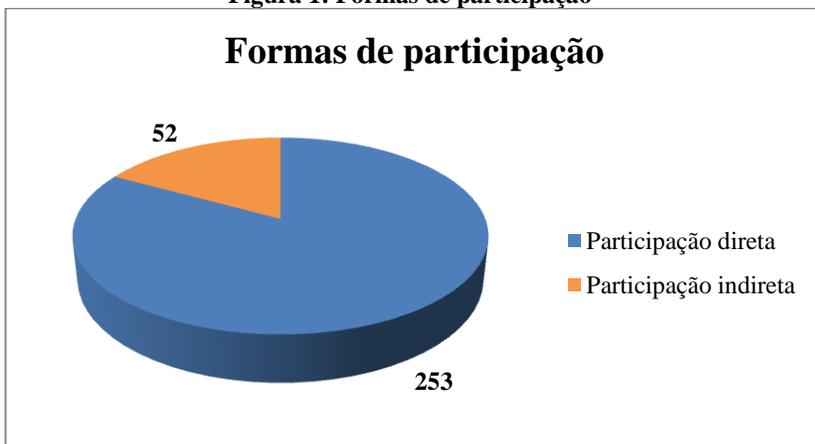
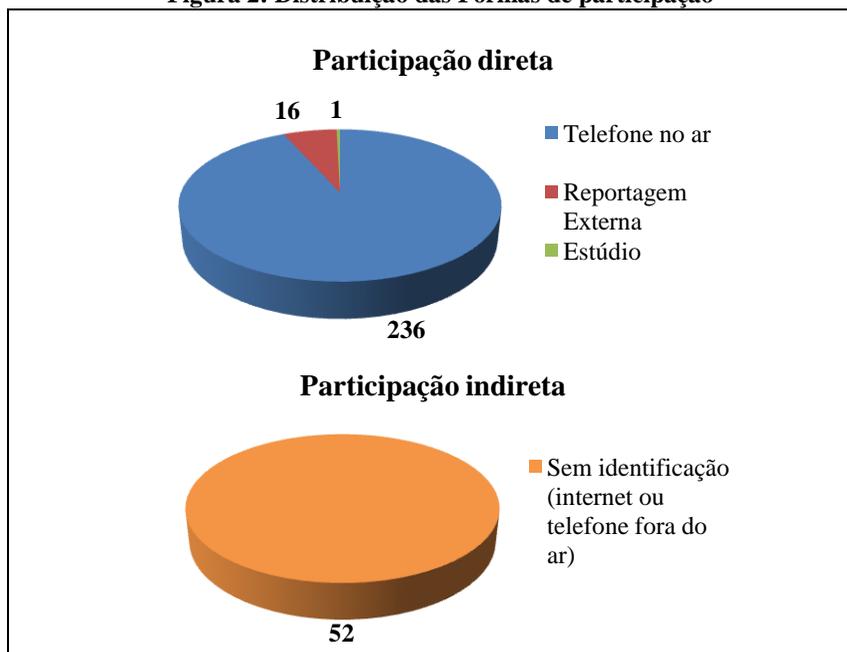


Figura 2: Distribuição das Formas de participação



Dentro da proposta de estágios da cobertura radiofônica do desastre, a análise é realizada de acordo com a seguinte divisão:

Estágio 1 - Alerta: do dia 22/11 (sábado) – 21h27 ao dia 23/11 (domingo) - 0h40.

Estágio 2 - Socorro: dia 23/11 (domingo) - das 06h20 às 17h46.

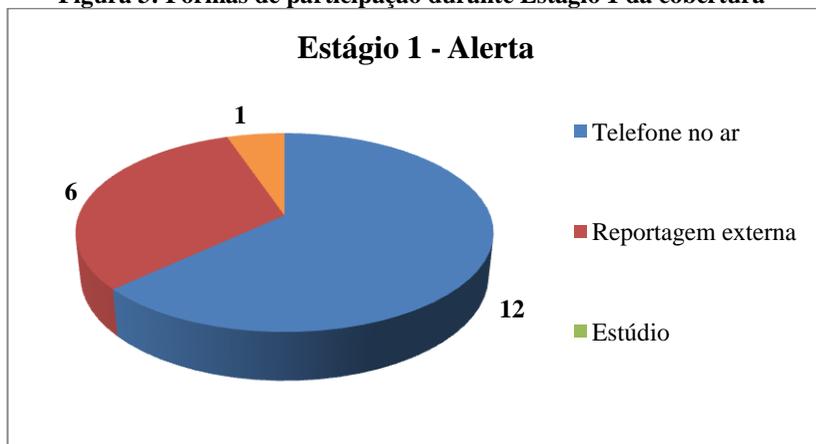
Estágio 3 - Solidariedade: do dia 24/11 (segunda-feira) - 14h15 ao dia 25/11 (terça-feira) - 01h43.

Estágio 4 - Reabilitação: dia 25/11 (terça-feira) - das 04h11 às 12h29.

A proposta de divisão da análise em quatro diferentes estágios da cobertura (entre 22 e 25 de novembro de 2008) coincide em parte com a observação feita posteriormente pelo jornalista Jorge Theiss de que a participação do público acabou se dividindo em três etapas principais: uma primeira etapa de informações, para uma confirmação do que estava acontecendo diante da desinformação e até do clima de desespero de muitas pessoas; uma segunda etapa quando as pessoas ligavam para pedir ou oferecer ajuda; uma terceira etapa em que as pessoas já pediam para a situação voltar ao normal, com água, luz e abertura de ruas (THEISS, 07/07/2012). Na divisão proposta pela pesquisa, a diferença principal de separação contempla uma melhor divisão desta primeira etapa sugerida por Theiss, justamente para abranger parte do período de pré-desastre.

O Estágio 1 (**Alerta**) da cobertura jornalística abrange o horário de 21h27min de sábado, 22 de novembro, a 0h40min da madrugada seguinte e compreende um período ainda de incertezas sobre o rumo das ocorrências. Durante este estágio, foram registradas 19 participações de ouvintes, sendo 12 via telefonemas no ar, 6 através de reportagens externas e 1 de participação indireta – de origem não identificada (internet ou telefone fora do ar). Nenhuma participação no estúdio ocorreu durante este estágio. O número de intervenções de ouvintes via telefone no ar foi proporcionalmente mais reduzido do que nos estágios seguintes. Este fato é facilmente justificado tanto pelas condições operacionais de transmissões em ritmo de “pré-desastre” quanto pela ausência de informações sobre a dimensão real que o desastre começava a tomar, conforme já observado anteriormente pelos depoimentos dos profissionais que participaram da fase inicial de cobertura.

Na Figura 3 verificam-se as formas de participação durante o Estágio 1 da cobertura do desastre:

Figura 3: Formas de participação durante Estágio 1 da cobertura

Já o Estágio 2 (**Socorro**) da cobertura realizada pela Rádio Nereu Ramos compreende o período mais crítico do desastre, que inicia na reabertura dos trabalhos da emissora, às 06h20min do domingo, dia 23 de novembro até às 17h46min do mesmo dia, quando a emissora novamente fica fora do ar. Neste Estágio houve 118 intervenções de ouvintes, sendo 115 diretamente no ar por telefone e apenas 3 participações indiretas – de origem não identificada (internet ou telefone fora do ar). Nenhuma participação via reportagem externa ou no estúdio ocorreu durante este estágio.

Na Figura 4 verificam-se as formas de participação durante o Estágio 2 da cobertura do desastre:

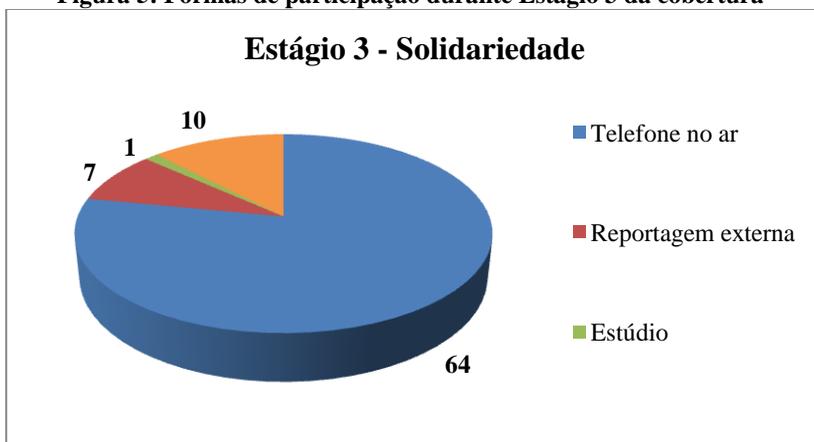
Figura 4: Formas de participação durante Estágio 2 da cobertura



O Estágio 3 (**Solidariedade**) da cobertura abrange o horário das 14h15min da segunda-feira, dia 24 de novembro até 1h46min da madrugada de terça-feira, 25 de novembro. Marca a retomada das atividades da emissora após ficar por quase 24 horas fora do ar. Durante este Estágio, participaram 82 ouvintes: 64 por telefone no ar, 7 via reportagem externa e 1 no estúdio ao vivo, além de 10 participações indiretas – de origem não identificada (internet ou telefone fora do ar).

Na Figura 5 verificam-se as formas de participação durante o Estágio 3 da cobertura do desastre:

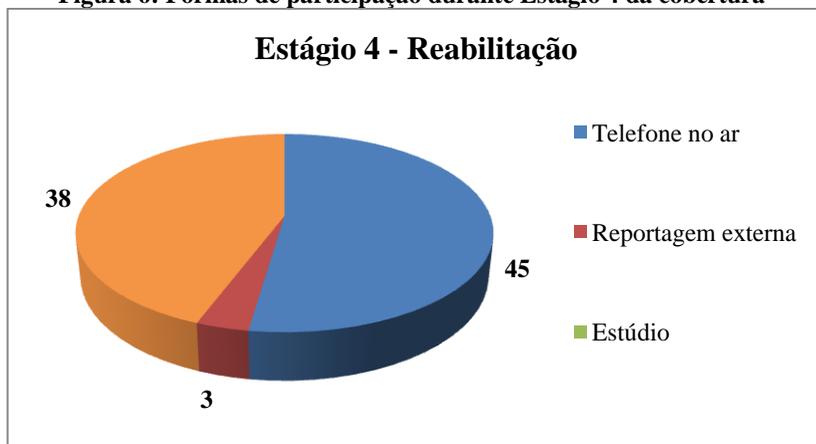
Figura 5: Formas de participação durante Estágio 3 da cobertura



O Estágio 4 (**Reabilitação**) da cobertura abrange a retomada dos trabalhos da emissora, às 04h11min da terça-feira, dia 25 de novembro, até às 12h29min do mesmo dia. Nesta última etapa, houve 86 participações de ouvintes, sendo que 45 delas ocorreram via telefone no ar e 3 em reportagem externa ao vivo. Neste estágio houve 38 participações indiretas – de origem não identificada (internet ou telefone fora do ar). Nenhuma participação de ouvinte no estúdio ocorreu durante este estágio.

Na Figura 6 verificam-se as formas de participação durante o Estágio 4 da cobertura do desastre:

Figura 6: Formas de participação durante Estágio 4 da cobertura

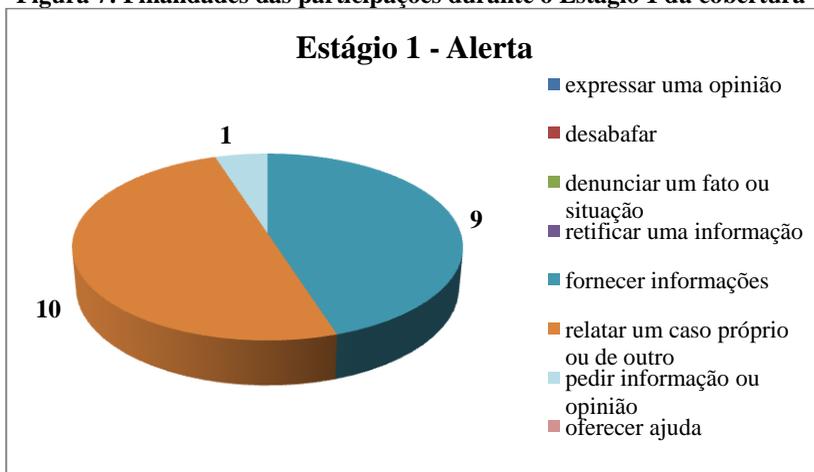


Quanto à finalidade das intervenções, as participações dos ouvintes foram agrupadas de acordo com a classificação sugerida por Herrera Damas (2002): expressar uma opinião; desabafar; denunciar um fato ou situação; retificar uma informação; fornecer informações; relatar um caso próprio ou de outro; pedir informação ou opinião. Além destas finalidades, foi acrescentada também a opção “oferecer ajuda”, já que a mesma não se encaixava em nenhuma das modalidades anteriores. A finalidade de cada intervenção foi definida de acordo com o conteúdo relatado no ar diretamente pelos ouvintes ou através da leitura das mensagens dos participantes feitas pelos locutores da emissora.

Durante o Estágio 1 (Alerta) da cobertura houve a predominância absoluta das finalidades “relatar um caso próprio ou de outro”, com 10

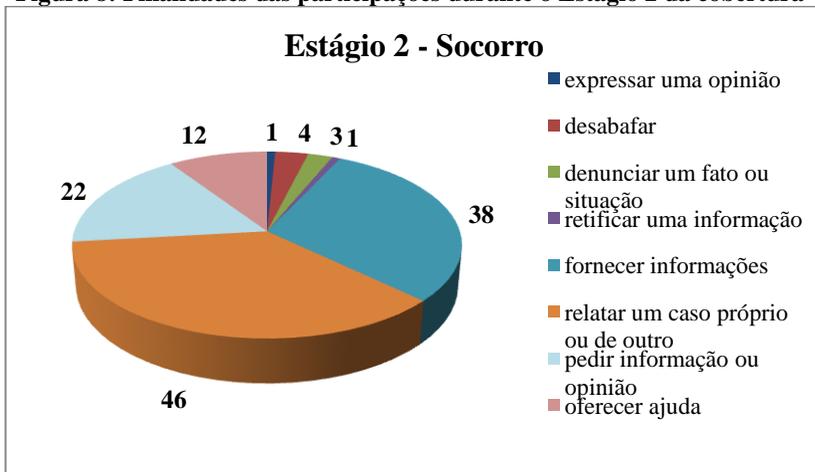
registros e “fornecer informações”, com 9, além da ocorrência de 1 intervenção com a finalidade de “pedir informação ou opinião”. Nenhuma participação com as demais finalidades ocorreu durante este estágio. Na Figura 7 é possível verificar a distribuição das finalidades de participação neste estágio:

Figura 7: Finalidades das participações durante o Estágio 1 da cobertura

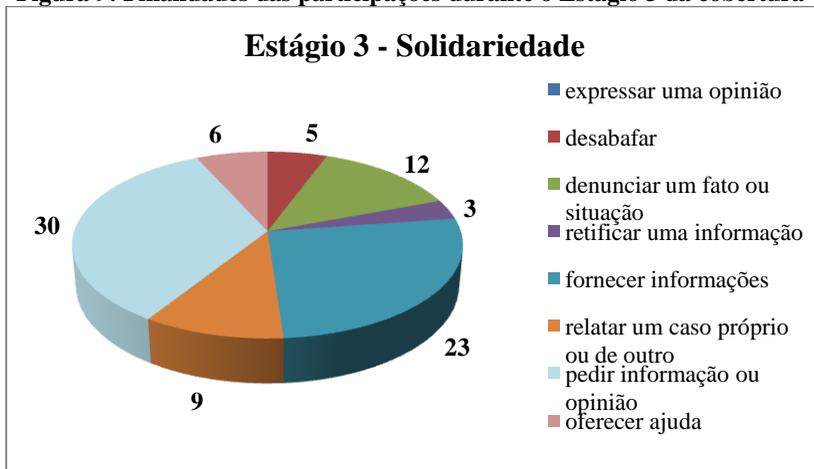


Durante o Estágio 2 (Socorro) da cobertura do desastre continua o predomínio das finalidades “relatar um caso próprio ou de outro”, com 46 registros e “fornecer informações”, com 38. Entretanto, há um destaque também para as finalidades “pedir informação ou opinião”, com 22 incidências desta modalidade e “oferecer ajuda”, com 12. Complementam as participações neste estágio as finalidades “expressar uma opinião”, “desabafar”, “denunciar um fato ou uma situação” e “retificar uma informação” com 1, 4, 3 e 1 registros, respectivamente, de acordo com a Figura 8:

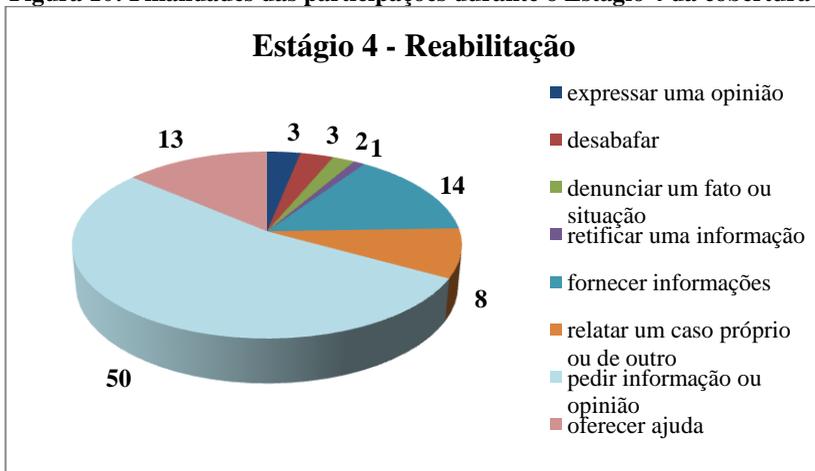
Figura 8: Finalidades das participações durante o Estágio 2 da cobertura



Já o Estágio 3 (Solidariedade) apresenta uma divisão maior entre as finalidades de participação dos ouvintes durante a cobertura do desastre: 30 registros dentro da modalidade “pedir informação ou opinião”, 23 em “fornecer informações”, 12 em “denunciar um fato ou situação”, 9 na modalidade “relatar um caso próprio ou de outro”, 6 em “oferecer ajuda”, 5 com a finalidade de “desabafar” e 3 para “retificar uma informação”. Nenhuma participação dentro da finalidade “expressar uma opinião” ocorreu durante este estágio. Na Figura 9 é possível verificar a distribuição das finalidades de participação neste estágio:

Figura 9: Finalidades das participações durante o Estágio 3 da cobertura

O Estágio 4 (Reabilitação) da cobertura demonstra um predomínio da finalidade de “pedir informação ou opinião”, com 50 registros, seguida de “fornecer informações”, com 14, “oferecer ajuda”, com 13 e “relatar um caso próprio ou de outro”, presente em 8 intervenções. As finalidades “expressar uma opinião”, “desabafar”, “denunciar um fato ou situação” e “retificar uma informação”, complementam as participações neste estágio com 3, 3, 2 e 1 registros, respectivamente, conforme a Figura 10:

Figura 10: Finalidades das participações durante o Estágio 4 da cobertura

No conjunto das finalidades ao longo dos quatro estágios, há a predominância das modalidades “pedir informação ou opinião”, “fornecer informações” e “relatar um caso próprio ou de outro”.

Quando a finalidade da intervenção tratava-se de “expressar uma opinião”, foram registradas apenas 4 participações, todas diretas no ar (1 no estágio 2; 3 no estágio 4), conforme Figura 11. Esta finalidade foi considerada quando o ouvinte expressava majoritariamente o desejo de emitir seu ponto de vista pessoal acerca da tragédia.

Já a opção “desabafar” esteve presente em 12 intervenções, também todas diretas no ar (4 no estágio 2; 5 no estágio 3; 3 no estágio 4). Foram compreendidos como desabafos, situações em que os ouvintes não realizavam reclamação sobre algo específico, mas simplesmente registravam sua indignação, revolta ou desconforto com as ocorrências como um todo ou sobre a situação geral da sua região.

Dentro da finalidade de “denunciar um fato ou situação”, houve 17 registros nas participações, todas diretas no ar (3 no estágio 2; 12 no estágio 3; 2 no estágio 4), conforme Figura 11. Esta finalidade foi considerada quando o ouvinte denunciava um fato ou situação específicos, como por exemplo, um comércio aumentando os preços durante a tragédia ou o descaso de um órgão público diante de um pedido de socorro. Para que fosse possível diferenciar da finalidade “desabafar” foi observada a especificidade da situação reclamada. Já para distinguir da finalidade “expressar uma opinião”, foi observada também a aproximação do ouvinte com o problema, de acordo com o

conteúdo de seu relato; maior objetividade na explanação e a utilização de um tom de voz mais contundente na sua reclamação.

Para a finalidade “retificar uma informação” ocorreram apenas 5 intervenções, todas diretas no ar (1 no estágio 2; 3 no estágio 3; 1 no estágio 4). Considerou-se como retificar uma informação, quando um ouvinte entrava no ar para corrigir uma informação ou um dado prestado pela emissora, por um entrevistado ou por outro ouvinte.

Quando a finalidade era “fornecer informações”, foram registradas 84 intervenções, sendo que 75 foram realizadas diretamente no ar e 9 aconteceram de forma indireta (9 no estágio1; 38 no estágio2; 23 no estágio 3; 14 no estágio 4). Foi considerado como fornecimento de informações quando o próprio público informava, com detalhes, as ocorrências próximas à sua região ou durante seu trajeto. Na maioria destes casos, os próprios profissionais da emissora exerciam também a função de entrevistador.

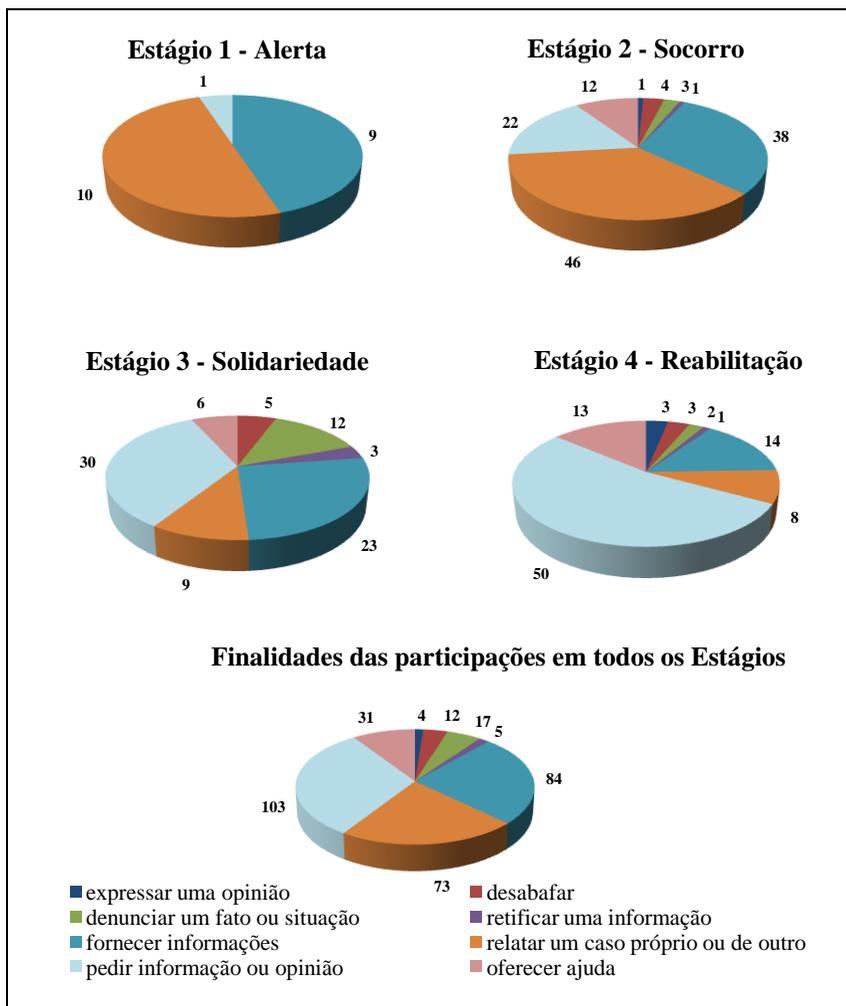
Já para a situação de “relatar um caso próprio ou de outro” houve 73 registros de participações – 67 delas de forma direta no ar e apenas 6 de forma indireta (10 no estágio1; 46 no estágio 2; 9 no estágio 3; 8 no estágio 4). Como relato de um caso foram considerados tanto pedidos de ajuda para si ou para outra pessoa, além do relato sobre situações específicas, como deslizamentos próximos e outras ocorrências, sem o caráter de denúncia ou reclamação.

No caso de a finalidade do ouvinte estar configurada como “pedir informação ou opinião”, foram registradas 103 intervenções, 70 delas de forma direta no ar e 33 de forma indireta (1 no estágio 1; 22 no estágio 2; 30 no estágio 3; 50 no estágio 4), conforme Figura 11. Para esta finalidade foram consideradas as intervenções que solicitavam informações sobre pessoas e lugares, além de perguntas sobre a realização ou o restabelecimento de serviços públicos.

E quando a finalidade observada era “oferecer ajuda”, foram registradas 31 participações, sendo que 24 delas de forma direta no ar e 7 de forma indireta (12 no estágio 2; 6 no estágio 3; 13 no estágio 4). Neste caso foram agrupadas todas as participações de ouvintes que ofereciam ajuda, tanto para socorro como para donativos aos atingidos pela catástrofe.

A soma das finalidades (329) é superior ao número de participações (305) pelo fato de que foram identificadas mais de uma finalidade durante algumas intervenções. Na Figura 11 é possível verificar as finalidades das participações distribuídas de acordo com os estágios de cobertura e o resumo das finalidades na cobertura completa:

Figura 11: Finalidades das participações por Estágios de cobertura e em todos os Estágios



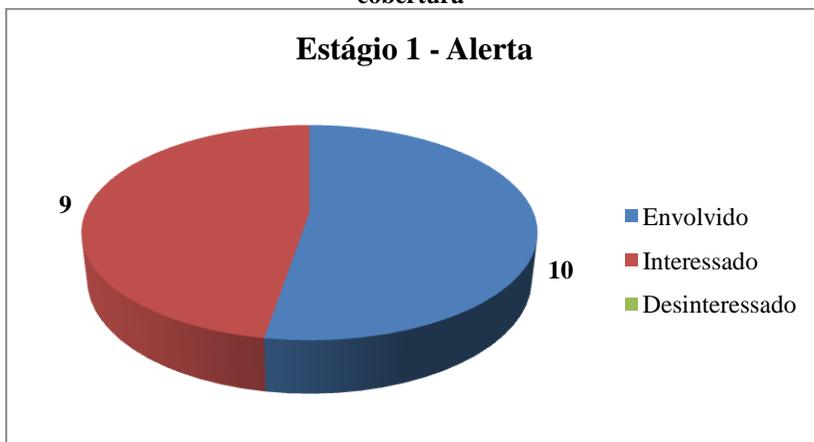
Quanto ao nível de envolvimento no desastre, foram utilizados os três níveis sugeridos por Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004) dentro de sua teoria da participação pública nos assuntos: o público envolvido, que tem um interesse pessoal no tema e um bom entendimento dele; o público interessado, sem participação direta no assunto, mas que se

sente afetado e responde com alguma experiência no tema; e o público desinteressado, que dá pouca atenção ao assunto.

Nesta análise, foi compreendido que os ouvintes que relataram no ar seu envolvimento direto com os acontecimentos são considerados como público envolvido (atingidos diretamente pelo desastre: ficaram isolados em sua região; tiveram perdas pessoais ou materiais; manifestaram preocupação com risco de deslizamentos ou alagamentos próximos à sua residência, etc.). Já aqueles que não têm envolvimento direto com os acontecimentos, mas que demonstram grande interesse pelas ocorrências e pelo público envolvido são considerados aqui como público interessado (pessoas que oferecem ajuda; que buscam informações sobre outras pessoas; que fornecem informações sobre locais e trajetos atingidos, etc.). E aquelas pessoas que demonstram pouco ou nenhum interesse pelos acontecimentos são consideradas como público desinteressado (neste caso, seriam consideradas apenas pessoas que não procuraram a emissora, mas que foram abordadas por ela e teriam demonstrado pouco interesse e nenhum envolvimento com as ocorrências). Todas as intervenções registradas para este fim foram de participação direta no ar, já que seria difícil a detecção do nível de interesse com o conteúdo sendo narrado por uma terceira pessoa.

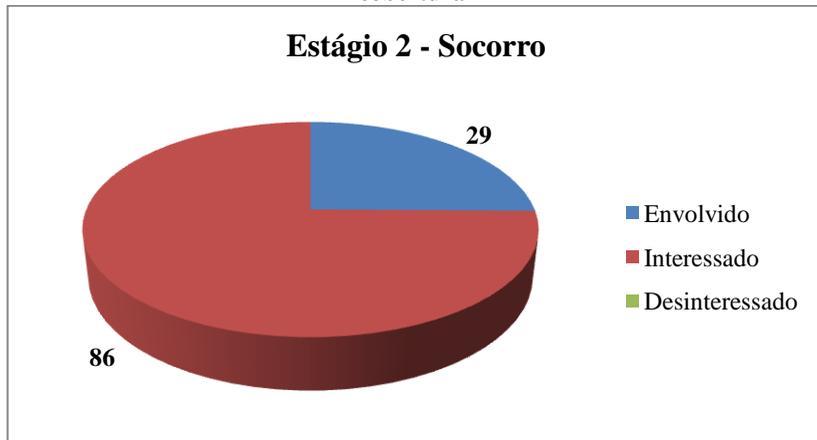
No Estágio 1 (Alerta) da cobertura, as participações dos ouvintes se dividem entre um público diretamente envolvido nos acontecimentos, com 10 intervenções, um público interessado, com 9 participações e nenhuma participação de público desinteressado, conforme a Figura 12:

Figura 12: Nível de envolvimento do público durante o Estágio 1 da cobertura



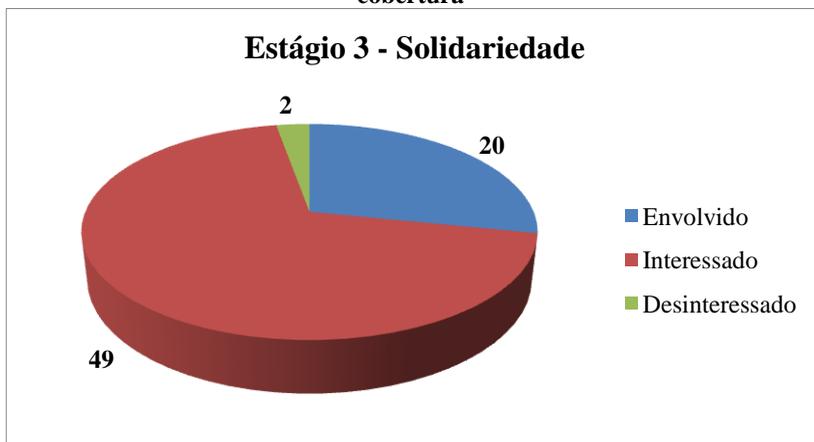
Durante o Estágio 2 (Socorro) da cobertura, o público interessado é bem superior ao público envolvido diretamente no assunto, com 86 participações contra 29, além de nenhum registro de público desinteressado, conforme demonstração da Figura 13:

Figura 13: Nível de envolvimento do público durante o Estágio 2 da cobertura



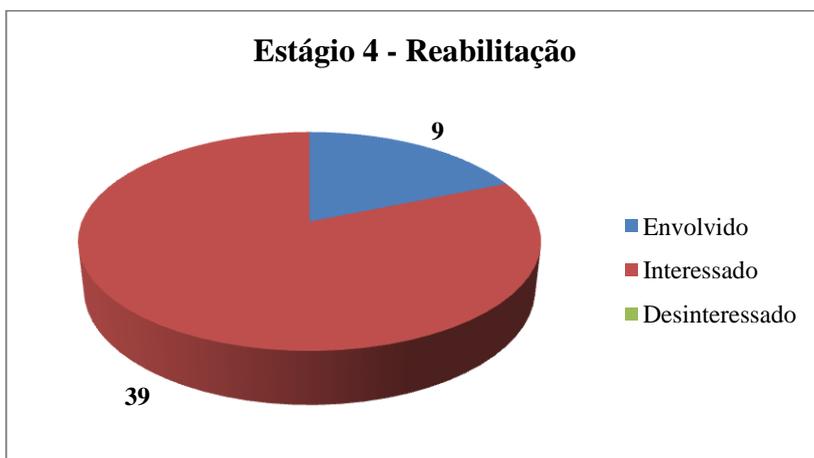
No Estágio 3 (Solidariedade) da cobertura, a diferença entre o público interessado e o público envolvido permanece grande, com 49 participações da primeira, contra apenas 20 da segunda. Foram registradas também 2 participações de um público desinteressado pelo assunto, conforme mostra a Figura 14:

Figura 14: Nível de envolvimento do público durante o Estágio 3 da cobertura



No Estágio 4 (Reabilitação) da cobertura do desastre o predomínio de um público interessado no assunto se mantém, com 39 participações contra apenas 9 do público envolvido diretamente nos acontecimentos, além de nenhuma intervenção do público desinteressado, conforme demonstra a Figura 15:

Figura 15: Nível de envolvimento do público durante o Estágio 4 da cobertura



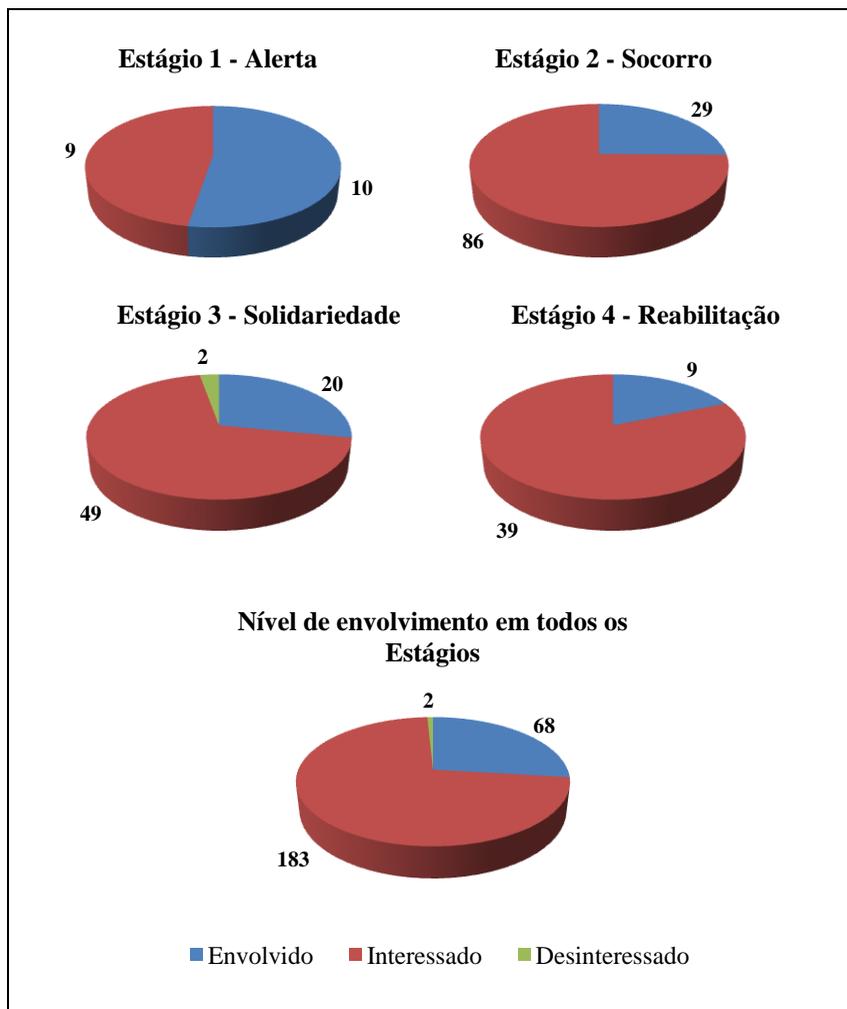
No total da cobertura, foram registradas 68 intervenções do público envolvido (10 no estágio 1; 29 no estágio 2; 20 no estágio 3; 9 no estágio 4), conforme Figura 16.

Já o público que demonstrou estar interessado no acontecimento totalizou 183 intervenções (9 no estágio 1; 86 no estágio 2; 49 no estágio 3; 39 no estágio 4).

E o público caracterizado como desinteressado, que demonstrou pouco interesse sobre o acontecimento, foi de apenas 2 moradores (ambos no estágio 2), já que se tratava de duas pessoas que assistiam à cena posterior a um desabamento quando foram abordados pela reportagem externa da emissora. Justifica-se a inclusão de ambos pelo fato de demonstrarem pouco interesse em contribuir com o relato da emissora e não, necessariamente, pelo seu real nível de interesse em assistir aos trabalhos das equipes de resgate diante dos escombros.

Na Figura 16 é possível verificar a distribuição das participações ao longo dos estágios da cobertura e o resumo do nível de envolvimento dos partícipes na cobertura completa:

Figura 16: Nível de envolvimento do público por estágios de cobertura e em todos os 4 Estágios



Quanto às entrevistas realizadas pela emissora no período analisado, todas foram diretamente ao ar, ao vivo, em caráter síncrono com a transmissão do conteúdo ao vivo da programação. Do total, 73 foram realizadas via telefone, 26 via reportagem externa e apenas 3 realizadas no estúdio da emissora. Todas as entrevistas realizadas através de reportagens externas ocorreram durante os estágios 3 e 4 da

cobertura (10 no estágio 3; 16 no estágio 4), revelando a dificuldade de deslocamento de repórteres ao encontro das fontes jornalísticas nas primeiras fases do desastre, onde muitos acessos estiveram limitados devido a inundações e deslizamentos de terra. Das 73 entrevistas realizadas por telefone, praticamente a metade ocorreu no estágio 2 (11 no estágio 1; 37 no estágio 2; 12 no estágio 3; 13 no estágio 4), período mais crítico do desastre onde tanto profissionais quanto ouvintes necessitavam com urgência de respostas das fontes envolvidas nas atividades relacionadas à catástrofe.

Diante dos dados expostos, é possível observar que as participações diretas do ouvinte, com a utilização do telefone, predominaram durante todo o período analisado dentro da cobertura jornalística da Rádio Nereu Ramos. Igualmente, houve um predomínio do nível de envolvimento do público como “interessado” nos acontecimentos. Já as finalidades das participações variaram de acordo com cada estágio, com maior incidência no fornecimento de informações e no relato de casos específicos, nos estágios 1 (Alerta) e 2 (Socorro). Nos estágios 3 (Solidariedade) e 4 (Reabilitação), os pedidos de informação, com solicitações de auxílio e retomada dos serviços normais, passaram a se sobrepor às demais finalidades de participação.

6.2 Descrição qualitativa das participações dos ouvintes

Como pudemos observar anteriormente, há algumas diferenças no aspecto quantitativo entre as participações dos ouvintes durante os distintos estágios da cobertura realizada pela emissora e pela própria evolução do desastre. Mesmo que o objetivo desta pesquisa não seja estabelecer comparativos numéricos dentro da temporalidade, cumpre-se descrever neste momento como ocorreram essas participações, buscando o entendimento sobre as razões das mesmas, de acordo com as formas utilizadas, suas diferentes finalidades variando conforme o estágio da cobertura e mesmo as distinções existentes entre os níveis de envolvimento com o acontecimento. Paralelamente a esta análise, é realizada a identificação do controle discursivo utilizado durante a construção do diálogo entre apresentadores e ouvintes.

Durante o Estágio 1 (Alerta) da cobertura jornalística, entre 21h27min de sábado, 22 de novembro e 0h40min da madrugada seguinte, a equipe inicial de trabalho na emissora era formada por Paulo César da Silva, Dirceu Bombonatti e Jorge Elizeu Theiss, revezando-se no estúdio, na apuração dos fatos, na realização de entrevistas e no

atendimento ao ouvinte, além de José Carlos Góes na reportagem externa, relatando as ocorrências e entrevistando a população.

A primeira participação de ouvinte via telefone direto no ar acaba ocorrendo somente às 22h57min, ou seja, 1 hora e 30 minutos após o início oficial da cobertura realizada pela emissora. Até então, a maioria das intervenções realizadas eram provocadas pela própria equipe de jornalistas, como entrevistas com autoridades municipais e fontes ligadas à área de segurança e defesa civil, além da interceptação de moradores durante a realização de reportagem externa em ruas com alagamento e queda de árvores.

Neste estágio, as participações dos ouvintes se dividem entre um público diretamente envolvido nos acontecimentos e um público interessado em informar sobre as ocorrências que está testemunhando.

Embora a equipe tenha relatado a ocorrência de quedas de barreiras, intensidade de chuva acima da média e o registro de uma morte por soterramento, o tom adotado pelos apresentadores é de alerta para a possibilidade de uma enchente no município, o que acabaria ditando o ritmo inicial das conversações com os ouvintes no ar. Porém, algumas intervenções apontam para uma mudança de rumo, com ouvintes dando as primeiras pistas sobre o grande estrago que estaria por acontecer, relatando no ar os primeiros grandes deslizamentos de terra. Foi o caso da intervenção de um ouvinte que informa ao apresentador Paulo César da Silva sobre o soterramento de um posto de gasolina na Rua Pomerode, no bairro Salto do Norte, considerado aqui como o primeiro grande relato de um morador para informar sobre deslizamentos. A participação ocorreu às 23h23min e teve como finalidade “fornecer informações”:

- Onze e 23, o Everaldo está conosco também. Ô, Everaldo, boa noite.
- Boa noite, Paulo César.
- Boa noite, qual é a situação aí no Salto...
- Bom, eu estou no Salto Weissbach, Paulo César, mas eu quero passar a situação aqui do Salto do Norte, que eu vim do SESC, que eu trabalho ali. É... inundou tudo o Hotel SESC ali, que é uma baixada, mas chegando na Ponte do Salto, **ali o Posto Repsol, ali aquele morro à direita, desceu “tuudo”, quase não tem mais posto ali.** É uma situação bem feia mesmo, bem triste, né, pra quem passa ali.
- Onde é que fica o posto?
- O Posto Repsol, ali na Rua Pomerode... quase chegando na Ponte do Salto.
- Ali onde é...a Rua Pomerode é onde existia aquela fábrica de chocolates Saturno?

- Não, não, é [...], essa é a Almirante Barroso... (na verdade a rua que se referem é a Marechal Rondon, transversal da Rua Pomerode).
- Ah, é a rua paralela... Paralela à Rua Engenheiro Udo Deeke?
- Aqui pra quem sai, você vindo de Pomerode, pra você não pegar a 2 de Setembro, você pega essa rua pra pegar a Ponte do Salto.
- Entendi, entendi.
- Bem defronte, a entrada dela é bem defronte ao Salão Salto do Norte, né?!
- Ok.
- **O posto ali deslizou mesmo, não dá pra ver nada no posto, só o teto do posto. Muito feio mesmo** e a gente tava trabalhando até agora... amanhã vamos trabalhar de novo, com certeza, tomara que Deus nos ilumine aí pra que essa chuva aí cesse um pouco e a gente consiga trabalhar, né, porque é complicado...a gente vê várias pessoas sofrendo e...foi tudo muito inesperado, né?!
- (pausa de 2 segundos)
- Tá certo, Everaldo. E nesse momento você está aonde?
- Eu tô no Salto Weissbach, que chove muito.
- Chove forte aí...
- É, o ribeirão lateral que passa próximo à minha casa, é... alagou completamente, não tem água na estrada ainda, mas a situação é bem preocupante porque tem casas ainda na beira desse ribeirão onde a água ainda... é, chega, né. Então a gente vê muito entulho como o Góes (repórter da emissora) disse, muito entulho vindo de cima desses ribeirões.
- (pausa de quase 1 segundo)
- E vocês estão com energia elétrica aí ou vocês estão no escuro?
- Tudo normal, tudo normal, aqui energia elétrica normal ainda, Paulo César... é, tanto nas residências, quanto nas ruas, normal.
- (pausa de mais de 1 segundo)
- Ok, Everaldo, obrigado então pelas informações, obrigado, boa noite.

A participação transcrita acima durou 2 minutos e 9 segundos, ficando dentro da média de tempo neste estágio da cobertura do desastre.

Em seguida à participação do ouvinte, o apresentador anuncia a hora certa e chama o próximo ouvinte no ar, sem tecer qualquer comentário sobre o relato do ouvinte anterior, especialmente sobre a gravidade exposta a respeito do soterramento do posto de gasolina. Aparentemente por dificuldade em compreender o acontecimento, o apresentador apressa o encerramento da conversa, passando a impressão de não ter entendido a gravidade da situação relatada pelo ouvinte ou de não acreditar na dimensão que o ouvinte apresentou sobre o ocorrido. Também é fácil observar o tempo ocupado no ar para a compreensão

sobre o local da ocorrência, evidenciando ainda mais a fragilidade das operações naquele momento. Contudo, fica nítido o direcionamento que o apresentador tenta dar às questões tradicionais de cobertura de enchentes, como as perguntas a respeito da chuva e da energia elétrica no local, indagações comumente realizadas durante as habituais “marchas da enchente”.

Questionado a respeito deste ocorrido específico, Silva conta que era difícil mesmo de acreditar no relato, principalmente durante aquela fase inicial do desastre. Ele afirma que em uma situação como esta, normalmente é necessária uma checagem da informação, já que o ouvinte não seria uma fonte oficial, requerendo, portanto, uma verificação do fato. “É que era difícil acreditar naquele momento, as informações estavam chegando de forma muito rápida e era difícil de acreditar. Não que a gente tenha desconfiado da palavra do ouvinte, não, mas era difícil de acreditar.” (SILVA, 02/02/2012)

Já os ouvintes abordados neste estágio pela reportagem externa da emissora formam principalmente o tradicional conjunto de público envolvido no acontecimento e que naquele momento do desastre ainda se situava em torno da problemática dos alagamentos e da expectativa por mais uma enchente no município. Neste caso, trata-se de moradores que foram procurados pela reportagem propositadamente para fornecer relatos daquilo que a equipe de jornalismo da emissora havia proposto como pauta principal.

Predominantemente, neste estágio, as finalidades dos ouvintes se concentravam em “fornecer informações” e “relatar um caso próprio ou de outro”, típicas para um momento onde as informações ainda estão em processo de construção e os olhares atentos do público somam-se aos escassos elementos informativos que o veículo de comunicação detém.

Um exemplo de participação de ouvinte com a finalidade de “relatar um caso próprio ou de outro”, além de público “envolvido” diretamente nos acontecimentos, é de uma ouvinte que relata no ar o caso do desabamento de sua casa, às 23h31 de sábado, 22 de novembro:

- Vamos agora com a Maria Aparecida, ela mora lá também na Rua Uruguaiana e ela é proprietária da casa que desabou lá na rua. Boa noite, Maria Aparecida.
- Boa noite.
- Qual foi a situação aí?
- É que a casa desabou totalmente pra estrada... a casa de dois andares. Eu e meu esposo estávamos lá no... tô com ferimento, eu tô com dor no tórax, acho que até minha perna...
- Vocês estavam em casa no momento?

- Não, eu tô aqui na casa de uma vizinha minha que eles foram lá e tiraram nós de lá, porque nós fomos rolando pelos escombros da casa e paramos lá no riacho. Porque nós estávamos dentro de casa na hora que a casa desabou. Estavam [*sic*] só eu e meu esposo em casa e um foi segurando pela mão do outro e nós estávamos no segundo andar, né, então não pegou a laje e então nós fomos deslizando pela laje, foi caindo o telhado... aí o pessoal já começou a ajudar nós ali, só que ficou [*sic*] meus documentos lá... só saímos com a roupa do corpo.

- Perdeu tudo...

- Perdi tudo, totalmente, terreno... não tenho mais...

[...]

O trecho da participação transcrito acima mostra também um dos poucos casos onde há um tópico inicial específico para a conversa realizada entre apresentador e ouvinte. Na maior parte deste estágio praticamente não há um tópico inicial para cada participação, já que os ouvintes entravam no ar em fluxo contínuo e eram anunciados por seu nome pelo apresentador. Porém, pode-se considerar como grande tópico inicial o próprio informativo sobre o estado de alerta na cidade que a emissora colocou no ar no início da cobertura. De acordo com Paulo César da Silva, foi após estas informações iniciais que os ouvintes começaram a se manifestar:

A gente colocou no ar o informativo [...], os telefonemas, as ligações começaram a chegar aqui, um volume impressionante. As linhas começaram a ficar congestionadas, porque quando as pessoas começaram a perceber que a Nereu estava trazendo aquelas informações, as pessoas começaram a ligar pra rádio e trazer outras informações que até então nós desconhecíamos. (SILVA, 02/02/2012)

No enquadramento discursivo durante os diálogos realizados pelos apresentadores com o público neste estágio, há a predominância de um tom de entrevista durante a conversa com o ouvinte, com uma perceptível condução para que o participante forneça os dados básicos, como bairro de moradia ou local da ocorrência.

Boa parte dos fechamentos das participações ocorre sem a despedida ao ouvinte, com apresentadores exercendo um monólogo, resumindo o conteúdo relatado pelo participante e prometendo repassar aos órgãos competentes, ou buscando a generalização das ocorrências.

No tempo de exposição concedido ao ouvinte, percebe-se que, principalmente o apresentador Paulo César da Silva, oferece um maior

tempo às fontes entrevistadas do que aos ouvintes. E entre os ouvintes partícipes, oferece uma maior atenção aqueles envolvidos nas ocorrências do que aos interessados, que apenas relatam o que estão testemunhando.

As regras de participação no ar são apresentadas sutilmente através do discurso e das interrupções realizadas pelos apresentadores durante o diálogo, fortalecendo uma estrutura unilateral desenhada pela (ainda) dependência das fontes oficiais como garantias de informação com qualidade. Para Paulo César da Silva, a desconfiança em relação ao relato do ouvinte é praticamente a mesma que em relação a uma fonte oficial: “a gente tem que duvidar sempre, [...] tanto das informações dos órgãos oficiais quanto dos ouvintes, do cidadão comum também. Essa avaliação é difícil de fazer” (SILVA, 02/02/2012).

Já para Jorge Theiss a dependência excessiva pelas fontes oficiais só seria colocada em questão no dia seguinte ao início da cobertura (durante o Estágio 2), após a constatação de equívoco na declaração da principal fonte jornalística naquele momento. Na noite de sábado, 22 de novembro e início da madrugada seguinte, o então diretor do setor de Defesa Civil do município declarou insistentemente ao vivo na emissora de que a situação não era tão drástica e que não havia perigo de enchente. “a Defesa Civil falando que o problema era uns deslizamentos que poderiam acontecer, mas que não haveria problemas com chuva e enchente. Às cinco horas da manhã de domingo a gente já tava com água aqui na frente (da rádio)”. (THEISS, 07/02/2012).

Apesar de o apresentador Paulo César da Silva informar no ar que havia “muita gente ligando para rádio”, buscando informações e orientações, a equipe suspende os trabalhos e a emissora sai do ar aos 40 minutos da madrugada de domingo, dia 23 de novembro. No ar, Dirceu Bombonatti justifica a suspensão da cobertura pelo fato de que “à noite” não há condições de fornecer mais informações do que já foi passado, evidenciando a dificuldade em conseguir novas informações com as fontes oficiais deste episódio.

O Estágio 2 (Socorro) da cobertura realizada pela Rádio Nereu Ramos, entre 6h20min e 17h46min de domingo, dia 23 de novembro, apesar de sua duração não ter sido demasiadamente superior, foi o que acumulou o maior número de entrevistas e participações dos ouvintes. De forma disparada, o telefone foi o principal instrumento para realização de ambas as tarefas, já que neste período a emissora não contava com deslocamento de repórteres.

Semelhante ao estágio anterior, a média de tempo das entrevistas é maior do que a média de tempo das participações dos ouvintes, até

pela falta de informações que a emissora demonstra ter. A primeira intervenção no ar é uma nova entrevista com o diretor do setor de Defesa Civil do município, que até o encerramento da etapa anterior da cobertura anunciava a “tranquilidade” da situação. Neste momento, esta importante fonte jornalística assume posição no ar de que a “situação da chuva é nova até para os técnicos da defesa civil”, justificando o porquê do órgão não ter previsto nem a chegada de uma nova enchente nem de sistemáticos deslizamentos.

A partir de então, inúmeras ligações de moradores tomam conta da programação da emissora, tanto com aparentes ouvintes habituais, que auxiliam fornecendo informações sobre os pontos de alagamento e de queda de barreiras, como moradores em tom de desespero pedindo socorro para si ou para alguém próximo. Neste estágio, portanto, predominam novamente nas participações as finalidades em “fornecer informações” e “relatar um caso próprio ou de outro”, somados agora com a finalidade de “pedir informações ou opinião”, gradativamente surgindo em compasso com o estado de pânico que começa a tomar conta da cidade diante das escassas informações oficiais.

Somente às 07h35min (após 18 participações de ouvintes por telefone desde o início da análise) a emissora pede para o ouvinte participar, revelando o procedimento improvisado até então, que agora passa oficialmente a integrar o formato de programação durante a cobertura realizada pelo veículo. Os apresentadores anunciam:

- (Paulo César da Silva): Então vamos orientar nossos ouvintes, se você tem alguma dificuldade, se você precisa de algum auxílio, se você tem alguma dúvida, em busca de uma informação, ou **se você quer ser o nosso repórter** também trazendo informações sobre sua região, **você pode ligar pra cá, a partir de agora você também faz parte de nossa programação com informações** aí da sua região, da sua rua, do seu bairro, se você tem alguma reivindicação, um pedido de auxílio, uma orientação, 3222-9046, 3222-9047, os canais de comunicação abertos com a nossa comunidade.

- (Jorge Elizeu Theiss): Nós queremos saber qual a situação da região onde você vive.

Cerca de 45 minutos antes do anúncio transcrito acima, houve uma das mais intrigantes intervenções no ar por um ouvinte, que forneceria uma espécie de marco divisor na percepção tanto dos profissionais que estavam no ar quanto do público ouvinte alheio aos acontecimentos. Nesta participação, o ouvinte informa ao apresentador Paulo César da Silva “em primeira mão” (sem que o ouvinte

demonstrasse saber que estava informando em primeira mão) o soterramento de duas casas no loteamento Santa Rita, no bairro Fortaleza, com a morte de três pessoas⁵⁷ (já retiradas mortas dos escombros).

[...]

- Nós estamos com dificuldade aqui no loteamento Santa Rita, onde houve um desabamento aqui, soterrou duas casas e houve óbito... três pessoas, é...foram tiradas com óbito e tem mais duas pessoas que estão soterradas e a máquina que a gente tem...tá com muita dificuldade, não consegue mexer no montante de entulho e de barro. Nós precisamos aqui de uma... por isso eu tô fazendo esse apelo através da rádio, estamos precisando de uma escavadeira hidráulica pra poder trabalhar aqui. Tentando contatar a secretaria de obras e o diretor, engenheiro Éder, o celular dele está desligado, num dia de tragédia desse a gente não consegue acesso com ele, o secretário, o telefone dele está desligado. [...] Nós estamos com vidas soterradas aqui, com esperança de vida ainda e a secretaria de obras até agora não nos mandou uma máquina ainda⁵⁸.

- Delamar, é no loteamento Santa Rita?

- Loteamento Santa Rita.

- Onde é que fica o loteamento Santa Rita?

- Na Fortaleza, passando a BR (470), sentido Belchior, a segunda entrada à esquerda.

- Foram duas casas desmoronadas...

- Duas casas soterradas completamente, destruídas, foram tiradas (*sic*) de uma mesma família, um pai e duas filhas falecidas, é... com mais a mãe e outras duas meninas vivas e tem mais um casal que está soterrado também...e a gente depende dessa máquina e a secretaria de obras não sabe o que fazer pra mandar uma máquina pra nós. Uma vergonha, um absurdo, porque tem acesso, tem todas as máquinas e estão... não nos atendendo, na verdade.

- Então o pai e duas... dois filhos...

- Um pai e duas filhas foram tirados sem vida.

⁵⁷ O Corpo de Bombeiros retirou as 3 pessoas mortas e outras 3 com vida em uma das casas. Posteriormente, mais duas pessoas foram encontradas mortas na casa soterrada ao lado. (JORNAL DE SANTA CATARINA, 24 de novembro de 2008, p.9).

⁵⁸ Aproximadamente 25 minutos após a denúncia, o engenheiro da secretaria de obras da prefeitura de Blumenau, citado na conversa, é entrevistado pela emissora e relata o que a secretaria está realizando, em resposta às críticas feitas no ar pelo ouvinte.

- E ainda tem duas pessoas soterradas?
- Tem mais um casal soterrado.
- Da mesma família, Delamar?
- Não, não, vizinhos, de uma outra casa [...].
- Da outra casa...
- Essa é a situação então, a secretaria de obras está nos deixando na mão até agora, na verdade. [...]
- Tá certo, nós vamos fazer esse apelo também à secretaria de obras, né, pra que possa providenciar essa máquina, essa escavadeira hidráulica...
- Com total urgência, com total urgência, porque tem vidas embaixo dos escombros ainda, talvez. A esperança nossa é essa. [...]

Em seguida, o próprio ouvinte toma a iniciativa de encerrar a participação no ar, diante da demora em uma definição sobre o encaminhamento a ser dado ao assunto por parte da emissora. Novamente, a exemplo da primeira participação transcrita anteriormente no Estágio 1, o apresentador ocupa boa parte do tempo do diálogo buscando informações sobre a localização da região.

Instantes depois, Jorge Elizeu Theiss retoma o balanço geral de vítimas (mortes), incluindo as mortes relatadas pelo ouvinte. Desta forma, a emissora transmite a sensação de que o caso já era conhecido por ela, apesar de que o conteúdo do diálogo no ar entre apresentador e ouvinte oferecesse todos os indícios de que a emissora não sabia do ocorrido e também porque não o havia divulgado até então. Esta sutil guinada representa um tardio enquadramento discursivo do diálogo, onde o fechamento do tema recoloca o emissor dentro do controle da conversação.

Importante observar que a finalidade principal da intervenção do ouvinte pode ser caracterizada como “denunciar um fato ou situação”, no caso denunciar o descaso do poder público diante de uma ocorrência em caráter de urgência. A finalidade de “fornecer informações” foi sendo construída durante a condução do diálogo, redirecionado pelo apresentador diante de seu suposto desconhecimento sobre os fatos e sobre a localização do loteamento onde houve o deslizamento.

Sobre a dificuldade em não ter respostas aos ouvintes durante a conversa no ar, Paulo César da Silva explica como se sentia durante muitas participações no ar, diante de um acontecimento totalmente diverso daqueles a que estava habituado:

A sensação de impotência era brutal, era enorme, porque as pessoas estavam com problemas, as pessoas estavam perdendo vidas, estavam perdendo seus bens, patrimônios que foram

construídos com muito suor ao longo de muitos anos, estavam perdendo assim em questão de segundos pelos deslizamentos de terra, aí a gente, a sensação de impotência era assim [...]. (SILVA, 02/02/2012)

Jorge Theiss, por sua vez, explica que o departamento de jornalismo da emissora estava muito habituado a trabalhar com informações concretas e que muitas vezes havia o receio de passar uma informação incorreta justamente por apenas “imaginar uma situação à distância”, mas não ter certeza sobre a mesma. Inicialmente a ideia era em primeiro lugar buscar uma fonte oficial pra depois dar uma resposta.

O que acontecia muitas vezes é que um ouvinte ligava pela manhã precisando de algo, de uma informação e a gente demorava muito pra conseguir isso, por não ter o conhecimento aprofundado disso, portanto demorava um pouco até chegar numa fonte oficial, de ter a certeza daquela informação e passar. (THEISS, 07/02/2012)

O apresentador Joelson dos Santos, que se incorporou à equipe da rádio durante este estágio, concorda que a grande dificuldade que a equipe tinha ao longo da cobertura e das participações dos ouvintes era dar respostas e encaminhamentos às pessoas que ligavam, principalmente pedindo ajuda. Ele conta que muitas vezes, apesar das tentativas de contato com as fontes, paralelamente às participações, não havia respostas imediatas.

Você não conseguia dar uma resposta naquela hora pra pessoa, você tinha que dizer “ô, tá aqui, tá anotado, vamos atrás, vamos correr atrás dessa informação, vamos correr atrás dessa ajuda”, mas a dificuldade que a gente sentia era não poder dar uma resposta imediatamente. (SANTOS, 23/02/2012)

Como neste período a equipe de profissionais já demonstrava entender que o conteúdo mais importante para a programação da emissora era o conteúdo transmitido pelo ouvinte, estilos diferenciados de mediação já começavam a ser notados. Neste estágio a maioria das mediações com o ouvinte no ar foi realizada pelos apresentadores Paulo César da Silva, Dirceu Bombonatti e Joelson dos Santos.

Ao exemplo do estágio anterior, onde não havia um tópico inicial definido para cada participação – simplesmente, em forma de rodízio, cada um deles chamava o próximo ouvinte em linha – a pessoa que estava entrando no ar não identificava de imediato quem era o seu interlocutor. Como Joelson dos Santos à época apresentava um programa diário (principal programa da emissora) com a participação do público, naturalmente boa parte das pessoas identificava sua voz no ar. Ao mesmo tempo em que esse ouvinte conseguia se submeter às regras de participação, agora também submetido a uma hierarquia informal de vozes, do outro lado o apresentador tentava fazer valer o contrato “invisível” de leitura (e audiência), valorizando mais as sutilezas nas saudações iniciais, nas interrupções e principalmente no fechamento das intervenções. São perceptíveis alguns traços mantidos de uma apresentação em tom mais coloquial, herdada de um programa cotidiano onde a opinião e o comentário dos ouvintes reinam em absoluto. Apesar de um fluxo contínuo quase homogêneo nas intervenções, Santos admite a facilidade vinda da experiência em lidar com o público no ar: “eu não me identificava como o apresentador do programa ‘x’, realmente estava ali como mais um profissional de plantão, mas que já estava habituado a conversar com os ouvintes por causa do dia-a-dia” (SANTOS, 23/02/2012).

Neste sentido, as convenções sobre as participações vão se formando aos poucos durante este estágio, consolidando adaptações às regras de participação que eram então conhecidas somente pelo público habitual da emissora.

Mas embora o dia 23 de novembro tenha sido a data de maior número de registros de deslizamento de terra, de perda de vidas e do maior pico de inundação no município, o número de pessoas ligando para a rádio que registravam um envolvimento direto com as ocorrências era praticamente um terço daquelas que demonstravam ter interesse pelo assunto. Apesar de muitos registros de ocorrências e muitos apelos por ajuda dos órgãos civis e militares, um número expressivo das intervenções no ar era realizado por terceiros, como o exemplo de familiares dos atingidos. Tanto que por volta do meio-dia daquele domingo, a emissora anuncia que as linhas telefônicas ficam mudas em diversos bairros da cidade devido à queda de fiações e por isso muita gente liga (do telefone celular) para a rádio para saber informações sobre a região onde moram seus familiares.

Também algumas pessoas aproveitam para ligar para a rádio para oferecer algum tipo de ajuda aos atingidos pela enchente ou pelos

deslizamentos de terra, como o caso de uma ouvinte no trecho transcrito abaixo:

[...]

- Inclusive a gente tem uma casa de aluguel que foi desocupada na semana passada e ela tá totalmente livre lá embaixo, né?!

- Tá.

- E ela tem quatro cômodos, dá pra sossegado acho que umas duas famílias dá pra ficar ali dentro. Se alguém precisar eu queria deixar meu telefone pra...

- Mas essa casa... essa casa não pega água?

- Não, não, é bem em cima do morro.

- Ah, então tá, qual é teu telefone então?

[...]

Outros ouvintes neste período também ligaram para oferecer colchões, roupas e alimentos, embora essa não seja a finalidade mais registrada durante esse período, conforme já observado anteriormente no resumo das finalidades das participações.

Durante este estágio da cobertura ainda é comum os ouvintes pedirem no ar para os órgãos públicos desobstruírem caminho para as pessoas saírem de casa. A maioria, pelo visto, quer salvar pertences, sem pensar em simplesmente sair para salvar a própria vida. Tanto que diante de tantos pedidos à Defesa Civil do município, o apresentador Dirceu Bombonatti pede para aquele órgão que acompanhe a emissora de rádio para ficar por dentro dos principais problemas que os ouvintes relatam no ar.

No Estágio 3 (Solidariedade) da cobertura, entre 14h15min da segunda-feira, dia 24 de novembro e 1h46min da madrugada seguinte, as entrevistas já são melhor repartidas entre aquelas realizadas via telefone e via reportagem externa, mostrando o retorno das possibilidades de deslocamento. As entrevistas são baseadas principalmente em abastecimento de energia elétrica e de água, serviços de transporte coletivo, trânsito, suspensão das aulas, donativos para desabrigados e resgate de vítimas dos deslizamentos de terra.

Da mesma forma reaparecem algumas participações do público via reportagem externa, principalmente entre moradores resgatados por helicóptero das regiões de Belchior, em Gaspar e Alto Baú, em Ilhota, que foram relocados para abrigos em Blumenau. Mas a predominância das participações do público continua sendo via telefone ‘ao vivo’ na emissora.

As finalidades principais das participações neste estágio são “pedir informação ou opinião” e “fornecer informações”, dentro de um

público majoritariamente “interessado” nos acontecimentos, além de uma parcela menor “envolvida” diretamente nas ocorrências. O relato de casos próprios ou de outros diminui nesta fase, demonstrando que o ápice do desastre estava localizado no estágio anterior. Em contrapartida crescem as denúncias de fatos e situações, revelando que uma parcela do público já demonstrava sinais de irritação com o conjunto ou parte dos acontecimentos. As reclamações mais frequentes são em relação ao atendimento dos serviços públicos, como desobstrução de ruas e fornecimento de energia elétrica e água. Tanto que por volta de 18h50min, o apresentador Paulo César da Silva informa que na redação quase todos os telefonemas de ouvintes são para perguntar quando a energia elétrica retornará ao normal. Coincidentemente, quanto maior o volume de informações úteis que a emissora transmite aos ouvintes, menor o volume de participações do público no ar.

O baixo conhecimento sobre as diversas regiões do município dificultam as intervenções dos apresentadores durante os diálogos com os ouvintes, diminuindo sensivelmente sua importância como mediador em muitos momentos. Constantemente a equipe da emissora fica debatendo no ar onde fica determinada rua, inclusive corredores de serviços conhecidos pela maioria do público.

Em função da desorientação geral sobre acessos principais e acessos secundários, um ouvinte que se identificou como blumenauense e morador da cidade de Porto Alegre informa com detalhes precisos um caminho alternativo para o bairro Progresso, ainda isolado totalmente do restante da cidade. Em uma participação com duração de cerca de oito minutos, muito acima da média, o apresentador pouco interrompe a narração do ouvinte.

Gradativamente, em virtude do cansaço da equipe principal, outros apresentadores vão se incorporando às transmissões, até mesmo aqueles não ligados diretamente ao departamento de jornalismo de ambas emissoras. Durante o revezamento das mediações com o público nem sempre as ocorrências relatadas pelo ouvinte recebem o valor-notícia merecido. É o caso de uma ouvinte que fornece informações no ar sobre o aparecimento do corpo de uma pessoa que chegou boiando pelo ribeirão na região da Nova Rússia, bairro Progresso e as pessoas não sabiam o que fazer com aquele corpo:

[...]

- A minha prima acabou de me ligar lá do Progresso [...], que encontraram um corpo que veio pela água, apareceu nas margens do rio, né... retiraram ele e elas não sabem o que fazer com esse corpo. [...]

- E esse corpo foi encontrado então no bairro Progresso pela prima da senhora... ele tá localizado aonde agora, na propriedade da prima da senhora?
- Ó, ela também não me deu esses detalhes aonde que ele tá, mas é na Nova Rússia.
- Na Nova Rússia...
- Porque ela mora ali, quem vai pra Nova Rússia, onde é a rede do Samae.
- Aham, a senhora tem o telefone dessa prima da senhora?
- Só tenho o residencial, mas lá não atende agora.
- Ah, tá sem comunicação lá.
- Sem comunicação.
- Então tá, porque senão a gente ia passar esse telefone para as autoridades... então mais uma morte aqui confirmada em Blumenau. Isso lá no bairro Nova Rússia?
- É, foi o que ela me ligou agora, que ela conseguiu vir até ali fora, né?
- Aham.
- E não sabe o que fazer...
- Então esse corpo tá na propriedade de... (nome da prima da ouvinte)?
- Não, não tá na propriedade. Ela disse que as pessoas encontraram esse corpo e que tá na residência ali onde eles encontraram na beira do rio.
- [...]
- Se a senhora tiver um telefone de contato, que a senhora puder nos informar, isso vai ser importante, até pra que a gente possa repassar para as autoridades e que, enfim, que as providências sejam tomadas nesse sentido.
- Ó, o telefone que eu tenho é da residência dela (informa o telefone).
- [...]

Embora o encaminhamento aparentemente coerente do apresentador quanto à anotação do número de telefone para contato e a promessa de encaminhamento aos órgãos competentes, observa-se uma evolução para a banalização da morte, citada pelo profissional no ar como “então mais uma morte aqui confirmada em Blumenau”, além da falta de repercussão do assunto nos momentos seguintes, já que um corpo desconhecido sendo encontrado em uma região com várias pessoas desaparecidas poderia gerar grande inquietação por parte de familiares e pessoas próximas aos moradores de áreas diretamente atingidas pelos deslizamentos ou enxurradas.

Neste sentido, cabe observar que o controle discursivo em situações como esta transcrita acima tenta manter um padrão de saudação inicial, relato do ouvinte, interrupções do mediador para colher e anotar dados relatados, anúncio de encaminhamento às “autoridades

competentes” e fechamento com despedida ou não do ouvinte. As variações ocorrem mais pelo tempo de exposição do ouvinte e pela alternância das vozes, de acordo com a finalidade da intervenção. Normalmente quando o ouvinte pede informações, o apresentador fala mais que o ouvinte, estabelecendo nestes momentos um monólogo dentro do diálogo.

De acordo com Paulo César da Silva, a manutenção do ouvinte por mais tempo no ar dependia da importância do assunto: “o ouvinte ligava, o operador (de som) atendia e aí ‘olha, eu gostaria de falar no ar’... era colocado no ar e aí o tempo de permanência dele no ar dependia da relevância da informação que ele tinha” (SILVA, 02/02/2012).

Já para Dirceu Bombonatti, era necessário perceber a segurança que o ouvinte demonstrava ao fornecer uma informação:

Quando o ouvinte passava as informações seguras, a gente aproveitava e explorava esse conhecimento dele pra melhorar a notícia, pra ampliar a notícia e dar mais informações pros ouvintes. Quando a gente percebia que não existia essa segurança do ouvinte era então um momento da gente... descartar, dizendo que existiam outros, de fato existiam outras pessoas querendo usar o espaço do telefone ou pra ter também informações de outros lugares que mereciam da cobertura. (BOMBONATTI, 07/02/2012)

A preocupação se o assunto relatado pelo ouvinte atendia aos interesses da audiência também era um critério para interromper ou não a conversa com o ouvinte no ar, segundo Joelson dos Santos:

Dependia muito do apresentador em si e dependia muito também do ouvinte. [...] Naquele momento cada ouvinte que liga está pensando no caso dele em particular [...]. Só que nós pensamos no coletivo. Se aquela informação que ele estava trazendo [...] de alguma forma a gente achasse que servia como uma informação coletiva ou trazia uma curiosidade coletiva, se focava mais, se estendia mais o papo. (SANTOS, 23/02/2012)

Ao final da tarde de 24 de novembro, segunda-feira, os comentários dos apresentadores do estúdio já começavam a predominar no conteúdo da programação. Também a reprodução das declarações

dos entrevistados é usada para reforçar informações constantemente, até devido à falta de dados mais concretos das fontes oficiais.

No início daquela noite houve um aumento considerável de registros de solidariedade, como de pessoas comunicando à emissora que estavam iniciando campanhas de doação. A preocupação com a situação das vítimas atingidas começa a se fazer presente. Às 20h31min a emissora roda pela primeira vez uma mensagem gravada de solidariedade, que veicularia por mais vezes nas horas seguintes.

O clima de comoção e solidariedade com o acúmulo das ocorrências começa a se tornar tão intenso que até mesmo intervenções voltadas a uma opinião mais crítica são rechaçadas pelo próprio público participante. Um exemplo foi a participação de um morador do bairro da Velha no início da madrugada de 25 de novembro, terça-feira, desabafando que estava sem energia elétrica há mais de dois dias e aproveitando para questionar a arrecadação financeira de autarquias públicas como Celesc e Samae, além de sugerir que havia critérios políticos envolvendo toda a situação em torno das causas e consequências do desastre.

[...]

- Eu tô ligando porque eu acho que um homem como você que é de grande comunicação, que é de grande influência no meio, né, devia me ajudar a fazer algumas questões, alguns questionamentos aí.

- Aham.

- Eu vejo que a Celesc, por exemplo, não pode reestabelecer a luz... não sei o quê... A Celesc é uma empresa que fatura milhões e milhões de reais em situação normal.

- Sim.

- Agora em situação anormal a gente sabe que eles não têm equipe suficiente, a gente sabe que eles não têm equipamento suficiente...

- Aham.

- Bom, o Samae, o lixo, por exemplo, daqui eles não recolhem desde sábado. O Samae tem a concessão do serviço de lixo, mas não tem a competência para recolher, tanto que quem faz o serviço é a Blumeterra, que não tem feito o serviço. Então numa situação de emergência não recolhe o lixo, seja o Samae, seja a Blumeterra, seja quem for.

[...]

- O que eu queria fazer uns questionamentos era sobre a questão estrutural da coisa. Por exemplo, vocês entrevistaram o João Paulo Kleinubing (prefeito) e ele fala com um entusiasmo tal que [...] quer dizer, parece que ele ainda tá em campanha, parece que é um entusiasmo exacerbado, é uma coisa assim de... e essa mesma Defesa Civil, eu me

lembro, é coisa de uma semana atrás, disse que não havia perigo de enchente.

- Sim, exatamente.

- Então quem é questiona isso, ninguém, quer dizer que nós só pagamos impostos, nós só ficamos abaixando a cabeça e concordamos, eu não quero mais concordar com isso, porque eu tenho família que tá no escuro, tá sem água, e eu recolhi muita água da chuva, graças a Deus, tô com a água estocada... agora, ninguém questiona, ninguém fala nada contra estado de coisa, todo mundo fica assim “abobado”, “apavorado”, “atônito”, eu acho que tá errado isso.

[...]

A intervenção completa do ouvinte no ar, entre tópico inicial e fechamento do apresentador, durou 9 minutos e 40 segundos, sendo uma das mais longas dentro de todo o período analisado. A finalidade da participação foi considerada como um “desabafo”, já que o ouvinte não denunciava um fato localizado e específico, tampouco concluiu sua análise sobre algum fato ou sobre a tragédia como um todo, para que a intervenção fosse considerada como expressão de uma opinião.

Apesar de o apresentador do momento pouco ter interferido no discurso do ouvinte, o tom das críticas provocou a reação de outra moradora da mesma rua, também com a finalidade de desabafar, afirmando que aquela não seria a “hora de criticar, mas de ajudar”.

[...]

- É o seguinte, ó, eu também sou aqui da Rua Florianópolis e eu só queria lamentar essa ligação do nosso vizinho, né, porque a gente também tá aqui na rua sem energia, sem água, a minha casa tá cheia de gente que eu acolhi.

- Certo.

- Então, assim, como é que pode uma pessoa no meio de uma tragédia tão grande como essa, ficar preocupada com o lixo que não foi recolhido, então a gente não compreende isso, né, então eu só queria lamentar essa ligação porque pessoas estão morrendo, [...] nós também estamos aqui em estado precário, mas a gente entende que o volume de atendimento pra recuperar a água, recuperar a energia é uma coisa gigantesca.

- É muito grande.

- [...] E tem pessoas ali que perderam tudo e não tão nem preocupadas com lixo que não foi recolhido porque é uma tragédia muito grande.

[...]

Essa reação, embora aparentemente em uma situação isolada, demonstra o controle exercido pelo próprio conjunto da audiência sobre

a programação que ora se estabelecia. Se durante a programação habitual da emissora era comum o livre espaço para a manifestação de desabafos, denúncias e opiniões acerca de assuntos diversos, naquele novo “contrato de audiência” estabelecido com o público há mais de 48 horas, determinados enfoques surgiram como objetos estranhos a uma nova linearidade do fluxo das participações e da cobertura jornalística como um todo.

Neste sentido, Paulo César da Silva entende que há diferenças entre a participação do ouvinte em uma programação normal e durante a cobertura de um episódio como aquele:

Durante a tragédia as pessoas estão mais angustiadas, eu vejo as pessoas mais preocupadas [...] parece que o rádio é muito mais importante, as pessoas são mais dependentes do rádio naquele momento da tragédia. As pessoas recorrem ao rádio como se o rádio tivesse um poder, a capacidade de resolver o problema delas. Já no dia-a-dia a conversa com o ouvinte tem um outro foco, o ouvinte ele tá... ele é mais crítico no dia-a-dia, ele é mais participativo por conta do conteúdo da programação que tá sendo oferecido. (SILVA, 02/02/2012)

Para Dirceu Bombonatti, outra questão relevante é que a topografia diferenciada do município fazia com que moradores de um bairro não soubessem da gravidade dos deslizamentos de outra região da cidade:

Não sabiam nem o que estava acontecendo e estavam pensando diferentemente, porque viam o nível do rio não tão alto e gente reclamando [...] existia um ceticismo de certas pessoas que não estavam entendendo a gravidade do caso [...] que inclusive começavam até a falar mal dessa situação, que “era um absurdo pessoas não estarem trabalhando, não estarem indo para os seus negócios, não querendo abrir seu estabelecimento ou não fornecendo as coisas para os seus clientes”. Então houve assim... uma desinformação muito grande porque nós temos uma realidade diferente aqui em Blumenau por causa da topografia. Alguns bairros não tiveram conhecimento dos outros. (BOMBONATTI, 07/02/2012)

O Estágio 4 (Reabilitação) da cobertura - último estágio de nossa análise – das 04h11min às 12h29min da terça-feira, dia 25 de novembro, é a única fase analisada em que há um equilíbrio entre as formas de participação do ouvinte. Quase metade das intervenções ocorreu de forma indireta, via internet e via telefone fora do ar: público entrava em contato com a emissora, deixava seu recado com a produção, que depois repassava as mensagens no ar.

Da mesma forma, as entrevistas já são maioria via reportagem externa, devido à instalação de uma equipe fixa junto ao chamado “QG” do desastre na prefeitura municipal de Blumenau, onde naturalmente se encontrava a maior parte das fontes envolvidas nas operações sobre a tragédia. Além de mandatários de cargos políticos, a participação das Forças Armadas como fonte já era mais comum, principalmente devido ao trabalho de resgate e entrega de água e alimentos às áreas de difícil alcance, a maioria delas acessíveis apenas por helicópteros.

Igualmente às participações nos estágios anteriores, o público classificado como “interessado” é superior ao público “envolvido” diretamente no desastre. Já a diferença entre as finalidades das intervenções é muito mais perceptível, com a maioria absoluta buscando contato no ar junto à emissora para “pedir uma informação ou opinião”, tanto para a equipe de jornalistas e radialistas que cobriam o evento como para os órgãos públicos que já se mostravam mais presentes, através de entrevistas concedidas por seus representantes.

Os pedidos de informação sobre acesso a determinadas regiões, bem como sobre o paradeiro de parentes e amigos ditam o ritmo das conversas realizadas ao longo daquela manhã. Entre as várias solicitações, os apelos para a religação da energia elétrica demonstram que boa parte das pessoas não atingidas diretamente pelo desastre queria restabelecer sua vida normal: “terça-feira de manhã, já era um outro sentido, [...] era pedindo que as coisas voltassem ao normal, que era água, luz, abertura de estrada pra poder voltar ao trabalho” (THEISS, 07/02/2012).

É o caso da participação de uma ouvinte às 7h14min de terça-feira, dia 25 de novembro:

[...]

- Então eu queria ver se a Celesc podia religar a nossa luz.

- Sim. Nós estamos em contato agora a partir das sete e meia, nós temos um boletim pra dar a respeito da energia elétrica falando com o Régis Evaloir da Silva, que é o nosso gerente regional da Celesc, ele tem um posicionamento oficial pra dar, pra saber do que tá já podendo... a cidade podendo contar com o trabalho do pessoal da Celesc, tá certo?

- [...] Não é coisa grande, porque aconteceu um deslizamento e arrebentou um fio, entende?
- Sim, sim.
- Mas não derrubou poste ou coisa assim, sabe?!
- É, mas eles orientam que ali localizado às vezes é um probleminha pequeno, mas às vezes na sequência, no todo o caminho têm mais problemas, mais barreiras...
- [...]

Logo em seguida à participação transcrita acima, a equipe comenta o problema da falta de luz, explicando possibilidades do que pode ter ocorrido, de acordo com informações já recebidas das fontes oficiais e já relatadas anteriormente no ar.

Paulo César da Silva diz que a cobertura já estava chegando a um ponto em que as participações no ar começavam a ficar repetitivas: “chegou um momento em que as ligações se concentravam assim, ó ‘olha, tá faltando água, tá faltando luz’, as pessoas queriam saber quando [...], claro, a cidade toda tava sem luz”. (SILVA, 02/02/2012)

Naquele momento, pôde-se perceber que para cada pedido no ar de religação da energia elétrica, os apresentadores repetiam a mesma resposta aos ouvintes, que às 10h30min daquela manhã haveria uma reunião em Blumenau com o presidente da Celesc para “avaliar a situação”. Diante da visível irritação de alguns moradores durante o encerramento das conversas no ar e da percepção da equipe de que a rotina já estava se tornando cansativa, a prioridade em buscar as fontes oficiais para dar respostas ao ouvinte se tornaria mais importante para a cobertura jornalística.

A gente pensou “tá ficando muito cansativo, repetitivo pra programação” [...]. Então a gente entendeu que naquele momento o mais importante era buscar as autoridades pra dar essa resposta pro ouvinte que queria saber quando a luz ia voltar, quando é que o serviço de abastecimento de água ia ser restabelecido. (SILVA, 02/02/2012)

Diante de muitas perguntas para poucas respostas, altera-se, em parte, o controle discursivo sobre os diálogos realizados no ar. Ao mesmo tempo em que a emissora tenta cumprir determinadas “cláusulas contratuais” de audiência, como a alternância entre uma variação de vozes, refletida pelas múltiplas participações, o ouvinte cobraria também outra parte do contrato, que seria a habitual resposta e o encaminhamento às suas maiores aflições. Com a desconfiança se

generalizando, a interatividade perde o rigor de sua diretividade, com fechamentos de conversa baseados em relações mais tensas e o surgimento de um novo tópico inicial, desta vez, amparado no discurso de insatisfação do participante anterior. Desta forma, o chamado ouvinte passivo, que apenas acompanha os relatos pelo rádio, passa a mover-se pelo conteúdo do grande enunciado transmitido pela rádio, que conforme explica Meditsch (2007), pode também ser considerado como a fala de todos juntos, ou seja, o conjunto de interações seguidas dentro de um espaço da programação radiofônica.

No conjunto de participações ao longo da cobertura, foi possível perceber que as interrupções feitas pelos apresentadores nas falas dos ouvintes, com perguntas, comentários e encaminhamentos, foram mais determinantes para o exercício do controle discursivo. Já os simplificados tópicos iniciais e os fechamentos sem um encerramento formal nos diálogos ocuparam mais a função de elementos de continuidade na programação. De qualquer forma, os visíveis sinais de cansaço dos profissionais lhe permitiram, por vezes, baixar a guarda, deixando que o conjunto da audiência assumisse gradualmente parte do controle das interações.

6.3 Análise dos dados

O espaço vazio deixado pelo escasso acesso às fontes oficiais e, conseqüentemente, a novas informações, permitiu a liberação de um incomum fluxo de ouvintes participando no ar na Rádio Nereu Ramos, principalmente durante os dois primeiros estágios da cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau. Esse fato fica evidente diante das constantes repetições de informações no ar, como o nível do Rio Itajaí-Açu e previsões de elevação do mesmo para as horas seguintes. Essas informações, comuns durante esses dois estágios da cobertura e rotineiras durante os procedimentos de cobertura de cheias na região, entravam em choque com a nova e alarmante situação que a cidade começava a viver. Por um lado, a importância da repetição de dados para ouvintes que estavam ligando o rádio a cada momento, especialmente na manhã de domingo, dia 23 de novembro, com a população acordando e já se movimentando ao soar do alarme de emergência. Por outro lado, a gradual decisão da equipe jornalística em ouvir as testemunhas civis, para que de certa forma pudesse confrontar os relatos com as declarações oficiais das autoridades.

Algumas semelhanças entre as coberturas jornalísticas do desastre de 2008 em Blumenau e dos furacões Katrina e Rita nos

Estados Unidos em 2005 estão longe da dimensão das tragédias, mas começam pela dificuldade de encontrar respostas através das fontes jornalísticas oficiais.

No episódio dos furacões, os jornalistas pouco puderam utilizar as fontes que normalmente eram confiáveis, sendo obrigados a checar cada vez mais os fatos investigados (DILL, 2010). Além disso, as vítimas eram as principais fontes, acima de especialistas e órgãos de serviços oficiais, principalmente nas transmissões das redes de TV nas primeiras 24 horas de cobertura (STEMPEL III, 2010).

Durante o desastre de 2008 em Blumenau, as fontes também foram colocadas em questão, principalmente diante do desencontro de informações durante as primeiras horas da tragédia.

Hoje quando nós vamos falar com uma fonte oficial a gente exige mais, não se contenta com uma simples informação de que tá tudo bem. [...] Então eu acho que o aprendizado foi isso: exigir mais informações que nos convençam de que aquilo que se está falando realmente é realidade. (THEISS, 07/02/2012)

Outra semelhança verificada entre as coberturas foi a ausência de um maior planejamento para a realização da atividade jornalística. Enquanto nos Estados Unidos as equipes de filmagem das TVs tinham dificuldade de lidar com questões básicas até então, como falta de energia elétrica e ruas submersas, na cobertura radiofônica em Blumenau havia a dificuldade de acesso às regiões atingidas pelos deslizamentos de terra. “Às vezes nós sabíamos que tinha um problema em determinado lugar, mas não tínhamos estrutura para chegar lá. Não tínhamos carro 4x4, não tínhamos moto pra acessar” (THEISS, 07/02/2012).

Se na opinião de Theiss essa era uma dificuldade para uma emissora local de rádio realizar sua cobertura jornalística, no episódio dos furacões nos Estados Unidos em 2005, as grandes redes de televisão tinham o mesmo problema. Para Izard e Perkins (2010) foram poucos os repórteres e equipes que se organizaram com telefones por satélite ou mesmo anteciparam a necessidade de um barco e veículos com tração nas quatro rodas, por exemplo, diante da grande dificuldade em se locomover nas áreas inundadas.

Várias diferenças, enfim, nortearam as coberturas de ambos os eventos, como o fato de que os testemunhos dos cidadãos nos Estados Unidos eram realizados via equipes externas de reportagem, enquanto

que a cobertura radiofônica em Blumenau contemplava majoritariamente a participação do público via telefone no ar.

A habitual cobertura equilibrada e desapixonada, tradicional no jornalismo norte-americano, foi colocada em questão durante a cobertura dos furacões Katrina e Rita, fazendo surgir naquele momento a figura do defensor (*advocate*) das vítimas, típico das práticas da corrente do jornalismo público.

Na cobertura realizada pela Rádio Nereu em Blumenau em 2008, o papel do defensor surge principalmente quando as solicitações e dúvidas do público são incluídas entre os principais questionamentos da emissora às autoridades civis e militares. Era comum, especialmente durante os estágios 3 e 4 da cobertura (Solidariedade e Reabilitação), que os relatos dos ouvintes pautassem as entrevistas com as fontes responsáveis pelas informações acerca do desastre. Seria esta a forma encontrada pela equipe de profissionais para atender à grande demanda de participações do público diante do compromisso assumido no ar a cada intervenção que solicitasse algum amparo. Desta forma, a cobertura perde seu caráter tradicional da objetividade jornalística, substituindo-a pelo que Rosen (2003b) chama de teoria da credibilidade, onde se invertem os valores do crédito conquistado junto a uma comunidade, aproximando-se mais dela e de seus problemas, ao invés de manter postura de imparcialidade e distanciamento. A teoria da credibilidade alçada com o jornalismo público exige um jornalista comprometido, preocupado, que se importa. Da mesma forma, os cidadãos são focados como atores do drama público em vez de espectadores.

Embora formalmente essa pareça ter sido a característica principal da cobertura da Rádio Nereu Ramos, colocando o ouvinte em destaque como protagonista dos fatos e dos relatos, em boa parte das participações os apresentadores preferiam oferecer conselhos gerais aos seus ouvintes-interlocutores, evitando avançar aos detalhes de situações singulares de cada partícipe.

O apego tradicional dos comunicadores e jornalistas aos critérios clássicos que nortearam os princípios da neutralidade mostra-se com certa evidência, sobretudo nas fases iniciais da cobertura. Somado a isto, entende-se que, como lembra Nair Prata (2009), a bagagem cognitiva e cultural do comunicador que está à frente do microfone ajuda a determinar a estrutura de tais enunciações.

Além da formulação de tópicos iniciais reduzidos, apenas com a saudação a cada ouvinte pelo nome, o monólogo predominante nos fechamentos das interações provocaria, por fim, um obstáculo à

condição do exercício de um papel de liderança que os veículos de comunicação tendem a desempenhar em situações de comoção social. Porém, com o avanço da cobertura e a percepção sobre os acontecimentos, frutos do acúmulo de intervenções de ouvintes, gera-se uma gradual condição para o estabelecimento efetivo de um diálogo que rompe uma suposta relação de poder. Adiciona-se a este avanço, a variação de vozes no campo dos emittentes, com heranças profissionais diversas, estilos de locução diferenciados e olhares também distintos sobre o acontecimento.

Os traços de uma apresentação mais voltada à conversa em tom coloquial com o público, por exemplo, diferem da frieza habitual das redações, onde a busca incessante pelo fato e a necessidade da realização de uma cobertura desapaixonada geram uma desconexão das narrativas do ouvinte - este quase sempre revestido da simplicidade na forma de contar suas histórias - o que por si só dificultam a eficácia de um diálogo como encontro dos homens, dentro de uma reciprocidade que não deve ser rompida, exatamente como pregava Paulo Freire (1971, 1987).

Entretanto, a mediação exercida pelos jornalistas e apresentadores mostra-se pertinente durante as intervenções do público, especialmente pelo fator da contextualização dada aos temas abordados por cada ouvinte. O tom de concordância, observado mais pela utilização de uma linguagem fática⁵⁹, desloca o apresentador para uma posição inversa de papéis dentro da concepção dialética abordada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) quanto à adesão do interlocutor durante o diálogo. Neste caso, é o apresentador que adere à argumentação do ouvinte. Contudo, estabelece, assim, sua relação com o conjunto das narrativas, trazendo o relato do ouvinte do particular para o geral, reforçado pelos comentários observados dentro do conteúdo narrativo utilizado nas passagens entre as intervenções do público. As próprias orientações prestadas (como economia de água, compra de alimentos, etc.) pelos apresentadores ao ouvinte participante demonstram estar mais ligadas às suas experiências profissionais, que também são resultantes de um contexto estabelecido com o acúmulo de coberturas sobre outros tipos de desastre.

⁵⁹ A função fática da linguagem ocorre, de acordo com Jakobson (1969), quando se produzem enunciados cuja única função é averiguar se o contato com o interlocutor está vivo, se o canal de comunicação está operando.

Além disso, a mediação observada mostra-se como única alternativa para que os ouvintes advindos do mundo dos mortais possam ter acesso às autoridades. É o rádio servindo como “ponte”, como sugeriu o apresentador Joelson dos Santos (23/02/2012). Revela, na figura do profissional, a importância deste “estranho”, que segundo Moretzsohn (2007), está investido de autoridade para chegar a fontes inacessíveis para a maioria dos cidadãos.

Sem sombras de dúvida, o ouvinte participante na cobertura radiofônica durante o desastre demonstra conhecer muito mais sobre o cenário físico das ocorrências do que os jornalistas e apresentadores e, até pela familiaridade com seu histórico, expõe seus relatos com relativa segurança. Este aspecto nos conduz ao entendimento de Gillmor (2005) de que o público conhece mais detalhes de um fato do que os próprios jornalistas, pois são muitos e estão em todos os lugares. Foi possível perceber que boa parte dos ouvintes se integraria ao processo jornalístico justamente ao perceber falhas na cadeia informativa transmitida pela emissora. Estas falhas, na verdade, são advindas da falta de condições dos veículos em enviar equipes de reportagens aos mais diversos bairros da cidade para relatar todas as principais ocorrências de deslizamentos de terra. Ao acompanhar pela emissora o relato de um ouvinte sobre queda de barreiras de um bairro, o cidadão de outra localidade é provocado a ligar para a rádio e relatar sobre ocorrência similar na sua região. Desta forma, a participação do ouvinte preenche as lacunas deixadas pela ausência de equipes de reportagens, fazendo com que não apenas o público envolvido diretamente no desastre participe, mas gere uma corrente de ampla participação em todo o grande público interessado no assunto.

Grande parte das participações é gerada por testemunhas fiéis dos acontecimentos, tanto do público envolvido como do público interessado, dentro da conceituação da teoria da participação pública de Kovach e Rosenstiel (2004). Esse testemunho surgiu como uma necessidade operacional da emissora, pois como confirma Joelson dos Santos, não havia equipe suficiente para enviar ao bairro a fim de verificar o relato de um ouvinte. Para o apresentador, naquele momento da tragédia, a participação do ouvinte era considerada essencial para dar a ideia do contexto total do que acontecia na cidade (SANTOS, 23/02/2012). Já o coordenador de Jornalismo da emissora, Paulo César da Silva, acredita que essa participação era um complemento à informação da autoridade e da informação que a equipe produziu (SILVA, 02/02/2012). Para Jorge Theiss, a participação do ouvinte era

importante para realizar um choque de informações com as fontes oficiais (THEISS, 07/02/2012).

Merayo (2002) lembra que a participação do ouvinte no rádio pode ser essencial ou complementar. Neste sentido, entende-se que a essencialidade reside na atitude pró-ativa do ouvinte, não apenas em ligar para a emissora, mas de abordar e relatar um assunto original, neste caso um novo e desconhecido acontecimento. A sua complementaridade estaria evidenciada quando o ouvinte oferecesse uma continuidade a um tópico específico levantado pela emissora, o que não ocorreu na maioria das participações registradas.

Em analogia aos conceitos de usuário reativo e usuário pró-ativo (RODRIGUEZ, 2005) e de interação mútua e interação reativa (PRIMO, 2000), é possível observar que esse usuário reativo e que desenvolve uma interação reativa está bem identificado naquele público que responde aos questionamentos da reportagem externa (Unidade Móvel). Da mesma forma, está presente em uma parcela dos participantes via telefone que apenas fornece informações, estimulados pelas intervenções semelhantes ocorridas anteriormente. Incluem-se aqui também os ouvintes que entraram em contato com a emissora com a finalidade principal de retificar uma informação.

Já a maior parte do público que entrou em contato com a emissora com a finalidade de relatar casos próprios ou de outra pessoa, de pedir informações, de oferecer ajuda, expressar opinião, desabafar e denunciar e ainda parte do público que forneceu informações, pode ser identificada como um conjunto de usuários pró-ativos, que desenvolvem seus próprios materiais ao formularem sua narrativa sem maior apego a pautas ou questionamentos da emissora. Exercem, assim, uma interação mútua, pois, de acordo com Primo (2000), alteram o agente, que reage à sua participação. Definitivamente, este seria o público que participa do processo de construção da notícia, característica do jornalismo participativo. No entanto, o controle das emissões é da emissora de rádio, deixando o ouvinte em um espaço intermediário entre a função de fonte e a de colaborador.

Da mesma forma, dentre os tipos de interatividade de acordo com o nível de conversação estabelecido (RODRIGUEZ, 2005), as participações são essencialmente dialógicas, com os papéis do emissor e receptor se alternando sucessivamente.

A função do mediador durante a cobertura assemelha-se à função de *gatewatcher*, proposta por Bruns (2011), já que o mesmo não controla as informações que serão veiculadas pelos ouvintes, mas sim, coordena o fluxo informativo no sentido de que o acúmulo de

informações veiculadas tome forma de conjunto e por si só acabe sendo autoverificável. Semelhante a um *blog* na web, a produção de cada notícia sobre o desastre inicia com a sua publicação - ou seja, a participação do ouvinte no ar - e se desenvolve com as perguntas dos apresentadores, da posterior apuração da retaguarda jornalística e da sequência de participações de ouvintes, que confirmam ou atualizam a informação anteriormente relatada. A função do apresentador como mediador torna-se, portanto, a de vigia deste fluxo informativo. Ao contrário do que pregam Kovach e Rosenstiel (2004) de que o trabalho dos jornalistas nestas circunstâncias seria simplesmente assegurar que a tecnologia funcione, o envolvimento deste jornalista/apresentador com a situação (característica do jornalismo público) e como um dos sujeitos do diálogo mantém sua condição de autoridade - menos pelas características de *gatekeeping* e mais pelo controle exercido pelas interrupções e fechamentos do diálogo e do conjunto de participações. Cabe lembrar que este controle ocorreu, na maioria dos casos, mais em torno da forma (como protocolo de atendimento) do que necessariamente pelo domínio completo do conteúdo.

Quanto aos tipos de interação sugeridos por Thompson (2008), há um ponto de fusão nas participações analisadas entre as “interações mediadas” e as “quase-interações mediadas”, no sentido de que ao inserir a conversa por telefone dentro da programação radiofônica, preservam-se as características de conversação tradicionais, porém moldadas por um caráter menos informal, seguindo determinadas regras de expressão e interpretação dentro de um consenso interpretativo que o ouvinte habitual reconhece ao ligar o rádio. A maior parte das intervenções analisadas demonstra que o ouvinte possui o hábito de escuta e está familiarizado com as regras de participação, identificando, inclusive, os principais comunicadores da emissora. Desta forma, aspectos monológicos comuns da conversa entre desconhecidos ganham contornos de diálogo quando surge tal identificação, fazendo com que o efeito de aproximação entre os sujeitos da conversa se converta em uma estrutura onde cada interlocutor responda ao raciocínio do outro.

Neste sentido, cabe lembrar a hierarquia de vozes a que o ouvinte está habituado. O ouvinte passivo distingue o que deve ser acreditado enquanto informação jornalística das demais informações quando identifica a voz do falante (MEDITSCH, 2007). Da mesma forma, o ouvinte partícipe, que entra no ar como “voz admitida” (HARTLEY apud MEDITSCH, 2007), habituado a estar na base da hierarquia, prolonga sua confiança no profissional do outro lado da linha, mesmo

diante da ausência ou escassez de informações, como ocorreu durante a cobertura em análise.

Conforme foi possível observar, o controle discursivo altera-se sutilmente ao longo dos estágios da cobertura radiofônica. No estágio inicial, o ritmo do emissor é amparado por uma espécie de formulário-padrão sobre enchentes e, sem maior aprofundamento sobre as ocorrências relatadas pelo público, utiliza o ouvinte como preenchimento do conteúdo da programação entre uma informação oficial e outra. Essa dependência de fontes e informações oficiais acaba ditando a cadência das conversas com o ouvinte.

Ao avançar pelo segundo estágio da cobertura, observa-se que as novas convenções sobre as participações vão se consolidando, mesmo frente a diferentes estilos de mediação. Embora a convenção inicial seja resultado de imposições unilaterais na definição da estratégia da grade de programação da emissora (MEDITSCH, 2007), a tática implementada diante dos novos acontecimentos ajusta-se automaticamente à raiz da estratégia, dando visibilidade a um padrão de mediação – observado já no terceiro estágio da cobertura – que já contaria com a adesão do conjunto da audiência em um renovado “contrato de audiência e de participação”. Dessa forma, embora o enquadramento discursivo fosse proposto pelo polo emissor, o próprio público participante compreende a nova função de *gatewatcher* do apresentador e o auxilia no controle das participações, repelindo tudo aquilo que não represente a encarnação do auditório universal. É a adesão à tática devido ao conhecimento e submissão à estratégia.

Entretanto, os repetitivos discursos, tanto dos ouvintes quanto dos apresentadores, demonstram no quarto estágio da cobertura que as novas cláusulas contratuais de audiência e de participação eram provisórias e que já estariam ao final de sua validade. Ao perceber o esgotamento do modelo de fluxo contínuo de participações, a equipe investe mais na busca de respostas e soluções das fontes oficiais nesta fase, conforme já relatado.

No resultado do conjunto dos quatro estágios da cobertura realizada pela Rádio Nereu, alguns integrantes da equipe consideram que o aprendizado com a participação do ouvinte foi importante para coberturas futuras. O jornalista Jorge Theiss admite que a equipe aprendeu muito com os ouvintes que ligaram e deram orientações diversas no ar. Lembra, inclusive, de pessoas que ligavam ensinando como recarregar a bateria do telefone celular sem energia elétrica, usando a bateria do automóvel, por exemplo. (THEISS, 07/02/2012). Bombonatti reitera a importância do celular do ouvinte naquele

momento como facilitador da distribuição da informação (BOMBONATTI, 07/07/2012). O aparelho foi fundamental em uma cobertura jornalística que registrou um número muito baixo de participações via internet. Paulo César da Silva observa que o uso da internet pelo ouvinte foi muito maior, por exemplo, durante a enchente ocorrida em 2011 do que durante o desastre de 2008. Além da diferença entre as dimensões dos desastres e de uma maior interrupção de energia elétrica em 2008, o apresentador considera o fato do crescimento das redes sociais ser mais visível ao longo de três anos, com a própria emissora incentivando mais a interatividade via internet atualmente. (SILVA, 02/02/2012)

Como o relato que chegava aos comunicadores era basicamente via telefone, sem texto e sem imagens, era necessário colocar-se no lugar do ouvinte, ao depender somente de relatos orais sobre a tragédia para formar as imagens do que estaria acontecendo. Joelson dos Santos lembra que, como ficou isolado na emissora de rádio por alguns dias, longe do alcance das imagens sobre o desastre, apenas podia imaginar as cenas de destruição através do relato dos ouvintes partícipes, para posteriormente poder reproduzir as informações ao público em geral (SANTOS, 23/02/2012).

Theiss acredita que se atualmente os profissionais estão mais preparados para dar orientações à população durante enchentes e desastres é porque aprendeu com o próprio público durante o episódio de 2008 (THEISS, 07/02/2012).

Esse aprendizado, resultante do processo de comunicação estabelecido com o público, remete-nos novamente às concepções de Paulo Freire, na defesa de que o sujeito pensante não pode pensar sozinho. O encontro de sujeitos interlocutores, de acordo com Freire (1971), deve estar dentro de uma relação dialética, onde a coparticipação de sujeitos pensantes estabelece um diálogo e a reciprocidade da comunicação deve ser um elo inquebrantável. Embora essa relação sujeito-sujeito possa ser observada no formato de participação do público na emissora de rádio, a estrutura ainda mantém certa distância do ideal freireano. A eficácia comunicativa conquistada baseia-se, em boa parte das participações, pelo hábito que o ouvinte possui com o processo de comunicação oral (MERAYO, 2002), mas avança lentamente rumo às concepções de Freire, pois ainda são percebidos inúmeros traços de tentativa de simples troca de informações entre

apresentador e ouvinte, o que não se configura, necessariamente, em uma horizontalidade na construção do pensamento e da crítica⁶⁰.

No entanto, com o ouvinte sendo protagonista no abastecimento de informações à emissora, cumprem-se em parte os propósitos da teoria brechtiana de converter o público como grande abastecedor, ao invés da dependência excessiva das fontes oficiais (BRECHT, 2005). Neste caso, mais por uma questão de necessidade do que de liberdade, conforme já reconhecia Ortriwano (1998).

A proposta inicial apoiada nas concepções de Brecht de fortalecer o diálogo e com ele gerar uma sensação de aproximação com o ouvinte ganhou corpo durante a cobertura do desastre, especialmente entre o público que fornecia informações ou relatava casos específicos, aproximando-se da função de ouvinte-repórter que predominou nos dois primeiros estágios da cobertura. Essa participação do ouvinte aproxima-se consideravelmente das características do jornalismo participativo devido à pró-atividade do público na construção do conteúdo, apesar dos relatos se configurarem mais como testemunhos do que como apuração dos fatos. Embora para Moretzsohn (2007) o ouvinte continuará sendo sempre uma “fonte” em potencial, tal envolvimento do público combina a importância do cidadão como definidor da pauta jornalística - própria do jornalismo participativo - com o engajamento da emissora nas causas do público - próprio do jornalismo público.

⁶⁰ Para Paulo Freire o “pensar crítico” é que gera o diálogo. E sem diálogo não há comunicação. (FREIRE, 1987, p.83)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção principal desta pesquisa foi buscar uma melhor compreensão sobre o envolvimento do público na cobertura radiofônica em desastres, procurando revelar qual a especificidade da participação dos ouvintes durante a programação e de sua relação com a construção do conteúdo jornalístico durante a transmissão.

O objeto empírico escolhido facilitou a percepção sobre aspectos relevantes acerca da construção dos diálogos radiofônicos, por envolver uma emissora habituada à cobertura jornalística dentro de sua estratégia de programação normal e, portanto, com facilidades para substituí-la pela tática da programação especial, além de ser aproveitado um momento de grande ruptura no cotidiano da população, com a eclosão de um desastre de características e dimensões até então pouco conhecidas pelos profissionais de comunicação, pelas fontes oficiais e pelo público.

Para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, foi necessário investigar a construção do conteúdo das conversações entre apresentadores e ouvintes na cobertura da Rádio Nereu Ramos sobre o desastre de 2008 em Blumenau, baseando-se na fundamentação teórica desenvolvida no segundo e no terceiro capítulo, a partir das conceituações das correntes do jornalismo público, do jornalismo participativo e da participação do público na programação das emissoras, tendo o diálogo como elemento transversal às diversas correntes e modalidades de participação.

O diálogo entre os distintos conceitos teóricos norteou nossa investigação dentro do problema de pesquisa apresentado sobre qual é a especificidade da participação dos ouvintes durante a cobertura do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau.

A hipótese apresentada neste trabalho carregava a proposição de que a participação dos ouvintes antecipa características do jornalismo participativo, tal como ele é descrito, mas tem outras especificidades do meio rádio.

Partimos da constatação de que a emissora pesquisada já tinha o hábito de abrir espaço para a participação do público em sua programação, o que poderia diferenciar de eventuais resultados caso fosse analisada uma emissora sem essa rotina. O caráter típico da emissora, já justificado pela aplicação do método de estudo de caso a esta pesquisa, reforça os indícios verificados na análise, de um reconhecimento por parte do público do ajuste da tática à estratégia da programação.

Desta forma, confirmamos a hipótese apresentada, ao constatar a existência de vários elementos do jornalismo participativo durante a cobertura, como a maior parte das intervenções com a finalidade de relatar um caso, de pedir informação, de denunciar, desabafar, expressar opinião, de oferecer ajuda e em parte daquelas que forneciam informações, onde os aspectos de uma interação mútua alteram o rumo das transmissões e de seus desdobramentos. A semelhança da função do apresentador com a função de *gatewatcher* e o diálogo com o público substituindo o modelo difusionista da informação reforçam as constatações da predominância da presença de características do jornalismo participativo dentro do espaço de programação pesquisado.

Contudo, as características tradicionais do rádio como forte meio de comunicação para a transmissão de informações mesclam-se com os aspectos envolvendo a construção das mensagens através de múltiplas vozes. O imediatismo e a instantaneidade do rádio para a produção, circulação e reconhecimento (consumo) das informações estendem-se também à simultaneidade da execução do diálogo abordando os vários aspectos envolvendo a ocorrência do desastre, revelando a ênfase no “ao vivo”, como uma particularidade de grande diferenciação do rádio para a maioria dos outros meios de comunicação. A importância de tal característica durante a participação dos ouvintes na cobertura da emissora pesquisada é evidenciada pela utilização do telefone, como principal ferramenta de interação diante de inúmeros obstáculos impostos pelo desastre, como a falta de energia elétrica, por exemplo.

A comunicação horizontal proporcionada pelo telefone fez com que o rádio em determinado momento da história pudesse se antecipar às tendências de interatividade na mídia e em outro momento ficasse sujeito ao tensionamento imposto pelas novas mídias. Assim, o rádio é tanto causa como efeito na abertura dos caminhos para o jornalismo participativo. O sentido polifônico, próprio do discurso jornalístico, se materializa no rádio com a inclusão de diversas vozes, com seus tons, timbres, ritmos e flexões singulares, fazendo com que o telefone, ao alavancar a intertextualidade polifônica, interseccione a especificidade do meio rádio com as características principais do jornalismo participativo.

Neste sentido, enquanto nos meios digitais a linha divisória entre jornalistas e cidadãos é pouco perceptível, na participação do ouvinte radiofônico via telefone essa separação é observada com maior facilidade dentro da hierarquia de vozes e do controle discursivo imposto pelo emissor.

A reciprocidade do diálogo sugerida por Freire (1971) submete-se ao contrato estabelecido entre emissora de rádio e seu público, que avança a brandos passos rumo a níveis mais elevados de interação. Até porque o diálogo entre locutor e ouvinte durante a programação radiofônica deixa de ser compreendido como um gênero primário, sendo absorvido pelo gênero secundário do discurso, que é o enunciado da programação radiofônica, ou seja, um enunciado secundário. A relação do diálogo com a realidade passa a ser mediada pelo conjunto de emissões radiofônicas ao longo da cobertura, caracterizado pela programação especial dedicada ao desastre. No entanto, embora imerso dentro de uma espécie de nova “cláusula contratual”, o ouvinte adere às novas condições de participação e de audiência durante a programação especial justamente por compactuar com o contrato original, reconhecendo em todos instantes traços característicos de sua programação habitual, como os tons de voz utilizados, os elementos fixos do discurso e um conjunto de imposições unilaterais que reforçam o “contrato de audiência” estabelecido através da convenção que auxiliou o processo de construção de hábitos de audiência.

O reconhecimento que o ouvinte passivo tem por um território seguro durante a cobertura do desastre encontra-se também nos textos de passagem do apresentador entre as intervenções dos ouvintes partícipes. Há, por muitas vezes, uma breve fusão entre o fechamento de cada enunciado e o tópico inicial posterior, gerando um considerável elemento de continuidade que reforça a visibilidade do compromisso do emissor quanto às “cláusulas” estabelecidas no contrato comunicativo, além de demonstrar que o polo emissor está operando, orientando a condução das enunciações.

A demonstração de livre abertura aos cidadãos comuns ao diálogo real (sonoro) durante um momento de apreensão e inquietação do público estimula o desenvolvimento do diálogo mental e da consequente adesão deste ouvinte passivo, ao sentir-se representado pelas diversas vozes que sugerem se alternar entre emissores e receptores, transformados em sujeitos interlocutores.

Entendemos, portanto, que foi possível alcançar o objetivo principal de nossa pesquisa em analisar a participação do público no rádio durante a cobertura jornalística do desastre socioambiental de 2008 em Blumenau, atendendo a cada um dos seus objetivos específicos. No que se refere ao primeiro objetivo, identificamos as formas de participação do ouvinte, entre direta e indireta, com uma predominância maior das participações diretas e síncronas e a potencialização do telefone como instrumento principal de contato entre

público e profissionais. Quanto ao segundo objetivo específico, reconhecer e analisar as finalidades das participações em cada estágio da cobertura nos permitiu compreender a evolução de um estado de incertezas no público participante para os vários “gritos de socorro” externados pela situação alarmante do momento mais crítico do desastre. Após atravessar o posterior clima de comoção e solidariedade, já em um ritmo de operação de resgate, conseguimos perceber a vontade do público em retomar a normalidade, através das várias vozes vindas de “trás dos destroços”, que marcaram as tentativas de reencontro com familiares, amigos e tudo o que pudesse significar a recomposição de sua vida habitual.

Identificamos e analisamos também o funcionamento do controle discursivo nas conversações entre apresentadores e ouvintes, atendendo a mais um objetivo proposto, justamente onde foi possível desenvolver a ligação principal com o problema de pesquisa e a hipótese apresentada. O controle discursivo, conforme já exposto, evidenciou as características principais do rádio em sua relação com o jornalismo participativo, revelando que as aberturas, fechamentos e interrupções nos diálogos sustentam determinadas especificidades do meio na aplicação de um jornalismo participativo e cidadão. Logo, o controle discursivo é a maneira com que o rádio se apropria da participação do ouvinte.

Dentro de outro objetivo proposto, os relatos dos profissionais que atuaram na emissora de rádio durante o desastre permitiram muito mais do que preencher lacunas existentes durante a escuta do material em áudio sobre a cobertura, mas também contribuíram para atestar a importância das participações dos ouvintes ao longo dos trabalhos da equipe.

Cumpre-se também o último objetivo apresentado, com a avaliação sobre a contribuição das participações para o conteúdo da cobertura, partindo da constatação de que não haveria tal cobertura se não fossem os ouvintes partícipes. Ou ao menos a cobertura tomaria um rumo totalmente diferenciado, desfigurada do relevante trabalho que acabou sendo realizado. A ausência de fontes oficiais disponíveis, as dificuldades de locomoção da equipe nos bairros e a interrupção da energia elétrica impedindo o uso da internet e de outras ferramentas de compartilhamento de informações, fizeram com que as participações não apenas se somassem ao conteúdo jornalístico original, mas que guiassem todos os trabalhos, principalmente durante os dois primeiros estágios da cobertura, entre as incertezas (Alerta) e a instalação da crise (Socorro). Mesmo nos estágios posteriores, um grande diferencial desta

cobertura radiofônica para outras coberturas esteve na humanização total dos trabalhos, ao invés de apenas inserir um complemento humano.

Diferentemente da maioria das reportagens sobre desastres em outros meios de comunicação, que tendem a explorar o “lado humano” das vítimas, na cobertura radiofônica analisada é o ouvinte quem estabelece um elo maior entre vítimas e emissora, relatando os acontecimentos, solicitando informações ou mesmo oferecendo auxílio a quem necessita de socorro. É neste sentido que o diálogo construído entre os interlocutores durante a programação busca sua aproximação com os conceitos expostos por Paulo Freire (1987) de um diálogo como pronúncia do mundo e como ato de criação. A imediata identificação com o receptor, diante do rompimento brusco da vida cotidiana, faz com que a conversa entre duas ou mais pessoas gere uma aproximação que unifica tanto público envolvido como público apenas interessado nos acontecimentos.

Ressalta-se, assim, essa necessidade humana de encontrar outra voz humana, de ouvir e também ser ouvido, de se coapropriar da linguagem do outro e de suas implicações, de expor e estar exposto às diversas denegações e interferências que se manifestam com maior facilidade nas interações síncronas, diante do calor da exibição em tempo real.

Embora esteja manifesto o intento da Rádio Nereu em identificar os problemas comunitários durante a cobertura do desastre, a aproximação com a corrente do jornalismo público encerra-se no engajamento temporário da emissora nas causas do público participante. A herança maior deixada pela emissora ao seu público acabaria sendo a realização de práticas de um jornalismo participativo específico para o meio radiofônico.

A pró-atividade exercida pelo público durante a cobertura da emissora no desastre de 2008 revela que o ouvinte quer muito mais do que a tradicional difusão de informações sobre os acontecimentos, ao exemplo dos clássicos boletins sobre a medição do nível do rio ou a cota de enchente para ruas inundáveis. A própria ocorrência de um desastre inusitado e fora das proporções convencionais ajudou a deslocar o ouvinte de sua passividade como consumidor de notícias para um nível de maior interação com o acontecimento e com a circulação das informações, proporcionando uma melhor interpretação sobre o conteúdo noticiável.

Além do público diretamente envolvido nos acontecimentos, foi possível perceber o elevado grau de comprometimento da maior parte do público interessado que participou da programação, buscando, por

vezes, até detalhes mais rigorosos acerca dos fatos ocorridos à sua volta. Esta sintonia entre emissores e público participante acabou gerando grande volume de informações imprescindíveis para a cobertura do desastre, o que dificilmente aconteceria caso não houvesse tal abertura.

Desta forma, prolifera-se um sentimento de “participação engajada” na cobertura radiofônica, com as contribuições do público acrescentando-se mutuamente, estimuladas pelas intervenções anteriores, pelas informações transmitidas pelos apresentadores e até mesmo pelas zonas de silêncio criadas em meio às conversações.

Já na participação do público frequentemente praticada em muitas das novas mídias, por exemplo, é possível constatar um baixo comprometimento por parte do usuário em suas manifestações, operando uma espécie de “engajamento sentado”, com análises superficiais sobre os fatos, justamente pela distância em que o participante observa tais acontecimentos. Normalmente, essa observação distante e descomprometida faz com que as opiniões tendam a ficar em um lugar-comum, moldado anteriormente pelos meios de comunicação de massa, sobretudo aqueles que utilizam os métodos convencionais de difusão de conteúdo. O que deveria ser então um senso crítico no jornalismo participativo nas novas mídias acaba sendo a reprodução de um senso comum, já que o ponto de vista do público tem suas lacunas preenchidas com comentários prontos e embalados de especialistas também pouco comprometidos com os fatos analisados.

Diferente é a participação através da intervenção no ar em uma emissora de rádio, onde a revelação da voz em público remete a responsabilidades previstas diante da queda do anonimato pelo uso da fala oral.

O que há em comum entre a participação do público ao vivo no rádio e nos *blogs* (e outros formatos na web), é que o conteúdo é praticamente editado após a publicação, ou seja, primeiro o ouvinte expõe seus argumentos no ar, simultaneamente à recepção da grande audiência, para somente depois, nas ponderações dos apresentadores ou encaminhamento do assunto, ser efetivamente processada sua edição.

Entretanto, o que é por vezes questionado no jornalismo participativo, dentro da ótica habitual do jornalismo de precisão, é o risco que se corre durante os intervalos entre a primeira publicação - eventualmente com uma informação distorcida - e a publicação já restaurada, já que nem todos os usuários ficam conectados ininterruptamente à espera do desfecho da matéria.

No caso das intervenções dos ouvintes durante o desastre, a predominância das finalidades das participações do público em pedidos

e fornecimento de informações, relatos de casos próprios e oferecimento de auxílio, mostram que os riscos foram reduzidos e ficaram sob controle. Aliás, foi constatado tanto na observação realizada durante a nossa escuta da programação quanto nos depoimentos dos profissionais envolvidos na cobertura, que as informações menos precisas e mais distorcidas foram transmitidas pelas fontes oficiais do desastre e não pelo público participante na programação.

Dentro deste cenário, uma das recomendações que este trabalho pode fazer às emissoras de rádio e aos profissionais do meio é a busca por uma preparação efetiva dos ouvintes para a função de ouvinte-repórter durante a ocorrência de desastres desta natureza. A escolha de moradores voluntários em áreas vulneráveis a desastres para que os mesmos possam ser preparados para assumir as responsabilidades de coleta, organização e fornecimento de informações sobre suas comunidades às emissoras de rádio pode representar um avanço de qualidade nas coberturas em uma região sujeita a contínuas ocorrências de enchentes, enxurradas e até mesmo de deslizamentos de terra. Assim, o ouvinte-repórter auxiliaria também na apuração dos fatos, ao invés de somente testemunhá-los. Porém, a promoção de ouvintes comuns a colaboradores eventuais não retira do rádio a obrigação do controle da apuração e da verificação das ocorrências, tampouco do papel de mediador durante as intervenções desses participantes. Com o controle discursivo operando por parte da emissora, garante-se a diretividade das interações, com a abertura à participação tanto do ouvinte comum quanto do ouvinte-repórter. Quanto maior o envolvimento do emissor na formulação dos tópicos iniciais e dos fechamentos dos enunciados, maior é o estímulo a uma participação desfragmentada e conseqüentemente maior é o zelo pelo cumprimento das regras convencionadas entre veículo de comunicação e o seu público, buscando, de tal modo, o reconhecimento dentro de uma audiência interativa com o conteúdo.

Outra recomendação possível é no caminho para que os próprios profissionais das emissoras de rádio escalados para tais coberturas possam se familiarizar mais com as zonas sujeitas a desastres, conhecendo e reconhecendo locais, históricos de ocorrências similares e até peculiaridades dos cenários mais comuns. A rápida identificação destes locais diante das chamadas telefônicas dos ouvintes evitaria o desperdício de um precioso tempo para preenchimento de “formulários” básicos no ar durante situações de extrema emergência como as investigadas nesta pesquisa.

Da mesma forma, é fundamental a familiarização dos profissionais com as falas comuns da população. Tão importantes quanto o controle discursivo que a emissora exerce ao longo da programação e da hierarquia de vozes reconhecida pelo ouvinte, são a aproximação e o calor humano que o diálogo pode gerar através da palavra, especialmente em momentos como o de desastres, onde as incertezas da escuridão de uma cidade em polvorosa podem encontrar alento diante da escuta de outra voz humana.

No entanto, esta dissertação pode ser apenas o ponto de partida para várias outras pesquisas similares. Uma das sugestões para a sequência desta investigação é o estudo sobre a estrutura dos enunciados durante a participação do ouvinte em programas informativos dentro da grade habitual das emissoras de rádio.

Outra sugestão é a investigação sobre a participação do público em outras coberturas radiofônicas sobre desastres com a finalidade de identificar e avaliar as formas emergentes de participação, como o exemplo das redes sociais. Afinal, as vozes do rádio apenas mudam de forma na tentativa de se perpetuarem na cristalização do diálogo como encontro de sujeitos mediados pela palavra e inspirados pelo mundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alda. Notícia não é salsicha – as novas tecnologias e o jornalismo nas rádios AM cariocas. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. pp. 141-148.
- AMARAL, Márcia Franz; POZOBON, Rejane de Oliveira; RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia: indignação, testemunho e piedade. **Lumina** - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, Vol.4, nº2. Juiz de Fora, 2010.
- AMARAL, Márcia Franz. O Enquadramento nas catástrofes: da interpelação da experiência ao relato da emoção. **Contracampo** - Revista do programa de pós-graduação em Comunicação - Universidade Federal Fluminense, nº 22. Niterói, 2011. pp. 65-82.
- AMORIM, Lidiane Ramirez. (Tele)jornalismo participativo: novos olhares sobre as notícias de TV. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 32, 2009, Curitiba. **Anais...**, Curitiba: Intercom 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2048-1.pdf>. Acessado em 19/12/2011.
- AUMOND, J.J. et. al. Condições naturais que tornam o vale do Itajaí sujeito aos desastres. In: FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**. Água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009, pp. 23-37.
- AUMOND, J.J.; SEVEGNANI, Lúcia. Descrição do desastre: os escorregamentos de encostas. In: FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**. Água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009, pp. 79-91.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAMBRILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do *OhmyNews* International. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BARBEIRO, Heródoto. O desafio da ancoragem. In: TAVARES, Mariza; FARIA, Giovanni (Orgs). **CBN, a rádio que toca notícia: a história da rede e as principais coberturas, estilo e linguagem do all news, jornalismo político, econômico e esportivo, a construção da marca, o modelo de negócios.** Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006. pp. 28-43.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROS, A.T.; JUNQUEIRA, R.D. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006, pp. 32-50.

BAUMWORCEL, Ana. Radiojornalismo e sentido no novo milênio. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI.** São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. pp. 109-116.

BELO, Fernando. **A Conversa, Linguagem do Quotidiano, Ensaio de Filosofia e Pragmática.** 1ª ed. Lisboa. Editorial Presença, 1991.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e Prática do Jornalismo.** Adamantina: FAI/Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional/ Edições Omnia, 2006.

BENEDETI, Carina Andrade. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática.** Florianópolis: Insular, 2009.

BOHN, Noêmia; SILVA, Vanilda da; BEVIAN, Elsa Cristina. A responsabilidade civil do estado por omissão frente ao desastre. In: FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí.** Água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009, p. 156-165.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Cris. **Nosotros, el medio** – como las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. The Media Center at The American Press Institute. Stanford, California, USA: 2003. On-line, disponível em

<http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php>. Acessado em 23.09.2011

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. In: ENCONTRO DA COMPÓS, XVI, GT Epistemologia da Comunicação, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Compós, 2007.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. I, 2005, pp. 35-45.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, Gatewatching, Realimentação em Tempo Real: novos desafios para o Jornalismo. In: **Brazilian Journalism Research**, vol. 7, nº 2, 2011, pp.117-136.

BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. Nova York: Peter Lang, 2005, 330p.

CARVALHO, Mariana. **Jornalistas viram “psicólogos” em cobertura de tragédias**. Observatório da Imprensa. 2012. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed677_jornalistas_vir_am_psicologos_em_cobertura_de_tragedias Acessado em 19.01.2012.

CASTILHO, Carlos. **O Processo colaborativo na produção de informações: gênese, sistemas e possíveis aplicações no jornalismo comunitário**. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2009.

CASTILHO, Carlos. **A prevenção como preocupação permanente da imprensa na cobertura de tragédias naturais**. Observatório da Imprensa. 2011. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/posts/view/a_prevencao_co_mo_preocupacao_permanente_da_imprensa_na_cobertura_de_tragedias_naturais Acessado em: 03.11.2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Problemas de Análises das Mídias. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. I, 2005, pp. 223-230.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 1ªed. São Paulo: Contexto, 2009.

CHRISTIANO, Luiz. O rio turvo da notícia. In: ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUZA, Soledad Yaconi Urrutia (Orgs). **Relatos de um desastre**: narrativas jornalísticas da tragédia de 2008 em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/ CEPED, 2009. pp. 57-65.

COLEMAN, Renita. Os antecedentes intelectuais do jornalismo público. In: TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mario. **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. pp. 59-73.

CONFERENCIA MUNDIAL SOBRE LA REDUCCIÓN DE LOS DESASTRES. Kobe, Hyogo – Japão: EIRD – Estrategia Internacional para La Reducción de Desastres, 2005.

COUTO, T. Andréia. A ética na sociedade de informação: o que delinea o olhar jornalístico na cobertura de conflitos. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004, Coimbra – Portugal. **Anais...** Coimbra, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/AndreiaCouto.pdf>. Acessado em 31.01.2012.

CRUZ, Dulce M. A rádio AM em Blumenau: programas e propagandas até os anos 80. **Revista De Divulgação Cultural**. Blumenau, nº 59. pp. 22-28, mai./ago.1996.

DAMASCENO, Dorcas Vieira. **Me llamo Rigoberta Menchú**: heterogeneidade, hibridismo e relações de poder. 2009. Dissertação de Mestrado em Letras Neolatinas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil. 2009.

DENARDI, Carol; MEDEIROS, Ricardo. **CBN Diário**: uma luz no apagão. Florianópolis: Insular, 2007.

DIEZHANDINO, Maria Pilar. **Periodismo de Servicio**: La utilidad como complemento informativo en Time, Newsweek y U.S. News and World Report, y unos apuntes del caso español. Barcelona: Bosch Comunicación, 1994. 214p.

DILL, Roxanne K. Local Coverage: Anticipating the Needs of Readers. In: IZARD, Ralph; PERKINS, Jay (editors). **Covering Disaster**: lessons from media coverage of Katrina and Rita. New Jersey: Transaction Publishers. 2010. pp. 39-54.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. In: **Brazilian Journalism Research**, vol.4, nº2, 2008. pp.121-131.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. pp. 62-83.

DUARTE, M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. pp. 215-235.

EKSTEROWICZ, Anthony J.; ROBERTS, Robert; CLARK, Adrian. Jornalismo Público e conhecimento publico. In: TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mario. **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. pp. 85-105.

ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; NODARI, Eunice Sueli; LOPES, Alfredo Ricardo Silva. Considerações sobre desastres sócio-ambientais no Vale do Itajaí-SC em 2008. In: Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, 9, Brasília, 2011. **Anais...** Brasília, Ecoeco, 2011. Disponível em:

http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix_en/GT3-179-156-20110620140659.pdf Acessado em 31.10.2011.

FERNANDES, Márcio. **Civic Journalism: há um modelo brasileiro?** Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001a.

FERRARETTO, Luiz Artur. Tendências da programação radiofônica: as emissoras em amplitude modulada. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001b.

FERREIRA, Gil Baptista. Jornalismo Público e Deliberação: Funções e limites do jornalismo nas democracias contemporâneas. **Revista Estudos em Comunicação** nº9, UBI – Universidade da Beira Interior,

2011, pp. 61-79. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/> Acesso em 12.08.2011.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos médios. Buenos Aires, Granica, 1998.

FRANK, Beate. Uma história das enchentes e seus ensinamentos. In: FRANK, Beate; PINHEIRO, Adilson (Orgs.). **Enchentes na Bacia do Rio Itajaí**: 20 anos de experiências. Blumenau: Edifurb, 2003, pp. 15-62.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: diálogos**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. 4v, il. (Educação e comunicação, v.9).

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa (PT): Editorial Presença, 2005. 269p.

GOMES, Marco Aurélio. Sempre Alerta. In: ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUZA, Soledad Yaconi Urrutia (Orgs). **Relatos de um desastre**: narrativas jornalísticas da tragédia de 2008 em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/ CEPED, 2009. pp.117-121.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**. Florianópolis: Insular, 2009.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria Del Periodismo**: cómo se forma el presente. Barcelona: Paidós, 1991.

GONÇALVES, Alexandre. Dor e indignação. In: ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUZA, Soledad Yaconi Urrutia (Orgs). **Relatos de um desastre**: narrativas jornalísticas da tragédia de 2008 em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/ CEPED, 2009. pp.127-137.

GONÇALVES, Juliano Costa; MARCHEZINI, Victor; VALENCIO, Norma. Colapso de barragens: aspectos sócio-políticos da Ineficiência

da gestão dos desastres no Brasil. In: VALENCIO, Norma *et. al* (Orgs.). **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2009. pp.160-175.

HERRERA DAMAS, S. **La participación de la audiencia en la radio española: evolución, evaluación e implicaciones para la práctica profesional**. Estudio del caso de RNE Radio 1 (1999/2000). Tesis doctoral. Universidad de Navarra. 2002.

HERRERA DAMAS, S. La participación del público en los medios: análisis crítico e intentos de solución. In: **Comunicación y Sociedad**, vol. XVI, n. 1, 2003, pp.57-94.

IBOPE – INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA. **Ibope Easy Media 3**. São Paulo, 2006.

IZARD, Ralph; PERKINS, Jay. In the Wake of Disaster: Lessons Learned. In: _____ (editors). **Covering Disaster: lessons from media coverage of Katrina and Rita**. New Jersey: Transaction Publishers. 2010. pp. 1-18.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 2. ed. rev. São Paulo : Cultrix, 1969.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 24 de novembro de 2008.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 6 e 7 de dezembro de 2008.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

KAPLUN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, pp. 81-90.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio social: Mapeando novas práticas interacionais sonoras. In: XX Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Compós, 20, 2011,

Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Compos, 2011. Disponível em: <http://www.compos.org.br/> acessado em 02/03/2012.

KLÖCKNER, L; BRAGANÇA, M. A. Radiojornalismo de serviço. AM e FM em tempos de internet. In: MOREIRA, Sônia Virgínia; BIANCO, Nélia R. (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001. pp. 149-168.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Tradução de Wladir Dupont. 2ª Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1997.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LEONI, Brigitte; RADFORD, Tim; SCHULMAN, Mark. **Disaster Through a Different Lens: Behing Every Effect, there is a Cause: A guide for Journalist Covering Disaster Risk Reduction**. Geneva; United Nations International Strategy for Disaster Reduction Secretariat (UNISDR); 2011. 188p.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, Venicio Artur de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 365p, il.

LOOMIS, D. O., A tale of two cities: Do smalltown dailies practice public journalism without knowing it?, **Asia Pacific Media Educator**, 9, 2000, pp. 132-147. Disponível em: <http://ro.uow.edu.au/apme/vol1/iss9/10> Acessado em 16.11.2011

LOPES, Maria Immacolatta Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LOPEZ, Débora Cristina. As fontes no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. **Contemporanea**, vol. 7, nº 1. Jun.2009

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo Hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio *all news* brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** Covilhã, UBI, LabCom, 2010.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos: análise da rádio Eldorado de São Paulo, 2009.** 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

MACHADO, César do Canto. **Tubarão 1974: fatos e relatos da grande enchente.** Tubarão: Ed. Unisul, 2005.

MARTÍNEZ-COSTA PÉREZ , M. y HERRERA DAMAS, S., La participación de los oyentes en la programación de la radio española. Estudio del caso de RNE Radio 1. In: **Comunicación y Sociedad**, vol. XX, n. 1, 2007, pp. 29-49. Disponível em: http://www.unav.es/fcom/comunicacionysociedad/es/articulo.php?art_id=49 Acessado em 22.09.2011.

MARTÍNEZ-COSTA PÉREZ , M. y HERRERA DAMAS, S., Los géneros radiofónicos en la teoría de la redacción periodística en España Luces y sombras de los estudios realizados hasta la actualidad. In: **Comunicación y Sociedad**, vol. XVII, n. 1, 2004, pp.115-143. Disponível em: http://www.unav.es/fcom/comunicacionysociedad/es/resumen.php?art_id=76 Acessado em 22.09.2011.

MATTEDI, Marcos A. A formação de políticas públicas em Blumenau: o caso do problema das enchentes. In: THEIS, Ivo; MATTEDI, Marcos A.; TOMIO, Fabrício R.L. (Orgs.). **Novos olhares sobre Blumenau: contribuições críticas sobre seu desenvolvimento recente.** Blumenau: Edifurb, 2000, pp.195-230.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MEDITSCH, Eduardo, FARACO, Mariana B.. O pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** – Intercom. Vol. 26, pp. 25-46, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo. In: **Revista Comunicação e Educação** – USP. Vol. 9, pp. 15-30, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2007.

MERAYO, Arturo. La construcción Del relato informativo radiofônico. In: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (Coord.). **Información radiofónica: cómo contar noticias en la radio hoy**. Madrid: Ariel, 2002. pp. 59-96.

MERRITT, Davis. **Public journalism and public life: why telling the news is not enough**. 2ª ed. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

MESQUITA, Mario. As tendências comunitaristas no Jornalismo Cívico. In: TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mario (Orgs.). **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. pp. 19-27.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 269-279.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

OLIVEIRA, Marcos de. **Livro Texto do Projeto Gerenciamento de Desastres: Sistema de Comando em Operações**. Florianópolis: Ministério da Integração Nacional, Secretaria Nacional de Defesa Civil, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres, 2010. 82 p.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Revista Novos Olhares**, ano 1, nº 2, São Paulo: ECA. pp. 13-30, 1998.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. De Brecht aos (des) caminhos do radiojornalismo. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, pp. 57-68.

PARADA, Marcelo. **Rádio:** 24 horas de jornalismo. São Paulo: Editora Panda, 2000.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação:** a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PESSONI, Arquimedes. Jornalismo Público americano: O leitor como cidadão. **Comunicação e Inovação**, V.5, n.10, São Caetano do Sul. pp. 58-68, 2005. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/613/456 Acessado em 20/08/2011.

POLI, Brígida de. A maior experiência da minha vida. In: ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUZA, Soledad Yaconi Urrutia (Orgs). **Relatos de um desastre:** narrativas jornalísticas da tragédia de 2008 em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/ CEPED, 2009. pp. 93-96.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias:** linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo Jovem Pan.** 2ª ed. São Paulo: Atica, 1989.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** 2ª ed. São Paulo: Summus, 1989.

PRATA, Nair. **Web rádio:** novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009. 256p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. **Relatório Imprensa:** Operação Esperança. Blumenau, 2008.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. In: **Contracampo** (UFF), v. 14, pp. 37-56, 2006.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, pp. 81-92, jun. 2000.

RAMOS, Roberto; ZAMBERLAN, Liége. A tragédia no Rio de Janeiro na revista *Veja*: os mitos e a complexidade sócio-ambiental. **Revista Altejour**. São Paulo: ECA-USP. Vol. 2, nº 2, jul-dez. 2010. Disponível em: http://www.usp.br/alterjor/Liege_tragedia.pdf. Acessado em 06.02.2012.

REIS, Clóvis; MARTINS, César. A publicidade veiculada nas emissoras de rádio de Blumenau nas décadas de 60 e 70. In: QUEIROZ, Adolpho (Org.). **Propaganda, História e Modernidade**. Piracicaba: Editora Degaspari, 2005. pp.151-168.

REIS, Clóvis; PETTERS, L. B. O papel das emissoras de rádio no desenvolvimento econômico de Blumenau (1960-1970). In: **Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Cultura em Movimento, Tomo XLVII, n. 11/12, pp.84-105, nov./dez. 2006.

RIBEIRO, Ângelo Augusto; MEDITSCH, Eduardo. O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência CBN-Diário AM de Florianópolis. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. **Anais...**São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1267-1.pdf> Acessado em 22.09.2011

RODRÍGUEZ, Lourdes Martinez. La Participación de los Usuarios en los Contenidos Periodísticos de la Red. In: GARCÍA, Guillermo López (Org.). **El Ecosistema Digital**. Valencia: 2005. pp. 269-332. Disponível em: <http://www.uv.es/demopode/libro1/>. Acessado em 17.12.2011.

ROSEN, Jay. **What are journalists for?**. New Haven: Oxford University Press, 2000. 338 p.

ROSEN, Jay. Tornar a vida pública mais pública: sobre a responsabilidade política dos intelectuais dos media. In: TRAQUINA,

Nelson; MESQUITA, Mario (Orgs.). **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003a. pp.31-58.

ROSEN, Jay. Para além da objectividade. In: TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mario (Orgs.). **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003b. pp.76-84.

RUBLESCKI, Anelise Ribeiro. **Jornalismo Líquido: mediação multinível e notícias em fluxo**, 2011. 260 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo. Annablume, 2003. 134 p.

SAMPAIO, Walter. Teoria e prática do jornalismo no rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, vol. II, 2008, pp. 37-47.

SANTAELLA, Lúcia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. In: **Revista Matrizes**, São Paulo: ECA/USP, v.1, n.1, pp. 75-97, out. 2007.

SAVI, Rafael. **Utilização de ferramentas interativas em jornalismo participativo: uma análise de casos de blogs, wikis, fóruns e podcasts em meados da primeira década do século XXI**. 2007. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis, SC.

SCANNELL, Paddy. **Broadcast Talk**. London: Sage, 1991.

SCHULT, Sandra I.Momm; PINHEIRO, Adilson. Ocupação e controle das áreas urbanas inundáveis. In: FRANK, Beate; PINHEIRO, Adilson (Orgs.). **Enchentes na Bacia do Rio Itajaí: 20 anos de experiências**. Blumenau: Edifurb, 2003, pp.173-190.

SEABRA Rafael Souza; CORRÊA João de Deus. Radiojornalismo como serviço - Show do Apolinho. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34, 2011, Recife. **Anais...**, Recife: Intercom, 2011. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1306-1.pdf> Acessado em 09.11.2011.

SEVEGNANI, Lúcia et. al. Gente socorrendo gente. In: FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**. Água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009. pp. 111-127.

SIEBERT, C. (Des)controle urbano no vale do Itajaí. In: FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**. Água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009. p. 39-51.

SILVA, Luiz Martins da. Jornalismo e hibridização da informação pública. In: _____. **Jornalismo Público**. Brasília: Casa das Musas, 2006.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis de. (Org.). **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. pp. 19-32.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó/Florianópolis: Argos/Letras Contemporâneas, 2002.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, Conhecimento e Objetividade: além do espelho e das construções**. Florianópolis: Insular, 2009.

STAMILLO, Leonardo. Cobertura local 24 horas por dia. In: TAVARES, Mariza; FARIA, Giovanni (Orgs.). **CBN, a rádio que toca notícia**: a história da rede e as principais coberturas, estilo e linguagem do all news, jornalismo político, econômico e esportivo, a construção da marca, o modelo de negócios. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006. pp. 110-123.

STEMPEL III, Guido H. Hurricane Katrina: Flooding, Muck, and Human Misery. In: IZARD, Ralph; PERKINS, Jay (editors). **Covering Disaster: lessons from media coverage of Katrina and Rita**. New Jersey: Transaction Publishers. 2010. pp. 19-29.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. Jornalismo Cívico: Reforma ou Revolução? In: TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mario (Orgs.). **Jornalismo cívico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, pp. 9-17.

VARELA, Juan. Blogs vs. MSM. Periodismo 3.0, la socialización de la información. **Revista Telos**. Cuadernos de Comunicación, Tecnología y Sociedad, nº 65, octubre-diciembre 2005, pp. 68-76.

VAZ, Paulo e ROLNY, Gaelle. Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais. In: ENCONTRO DA COMPÓS, XIX, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Compós, 2010.

VIZEU, Alfredo; MESQUITA, Giovana. O cidadão como mediador público: um novo agente no jornalismo. **Revista Estudos em Comunicação** nº9, UBI – Universidade da Beira Interior, pp. 329-340, maio 2011. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/09/> Acesso em 12.08.2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5ªed. Lisboa: Presença, 1999. 271 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZENATTI, Ana Paula de Assis; SOUZA, Soledad Yaconi Urrutia. **Comunicação em Desastres**: a atuação da Imprensa e o Papel da Assessoria Governamental. Florianópolis – Governo do Estado de SC – SJC/DEDC – UFSC/CEPED, 2010.

ZIMMERMANN, Arnaldo. Jornalismo de Serviço no Rádio: a informação que provoca a ação. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34, 2011, Recife. **Anais...**, Recife: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1529-1.pdf>

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A notícia no radiojornalismo brasileiro: transformações históricas e técnicas.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUC/RS, 1998.

ZUCULOTO, Valci. Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio:** textos e contextos. Florianópolis: Insular, vol. I, 2005, pp.47-60.

SITES:

ACAERT – Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão. **Associados.** Disponível em: <http://www.acaert.com.br/index.php?option=content&task=view&id=97&Itemid> Acessado em: 21 de fevereiro de 2012.

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações (Brasília). **Consulta Entidades Outorgadas.** Disponível em: <http://sistemas.anatel.gov.br/siscom/consulta/>. Acessado em: 21 de fevereiro de 2012.

CLICRBS-

<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18§ion=Geral&newsID=a2305674.xml>. Acessado em 29.02.2012.

G1 - <http://g1.globo.com/tsunami-no-pacifico/noticia/2011/05/japao-faz-um-minuto-de-silencio-para-vitimas-dos-desastres-naturais.html>
Acessado em 08.02.2012.

G1 - <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/chuvas-no-rj/noticia/2011/02/passa-de-900-o-numero-de-mortos-na-regiao-serrana-apos-chuvas.html> Acessado em 08.02.2012.

Época Online -

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1044923-1655,00.html>.
Acessado em 24.05.2012.

Rádio Nereu Ramos -

<http://www.radionereuramos.com.br/programas/default.aspx?s=1>
Acessado em 28.02.2012

Sistema de Alerta da Bacia do Itajaí -
<http://www.comiteitajai.org.br/alerta>. Acessado em 29.02.2012.

APÊNDICES – CD de dados

APÊNDICE A: Registro das participações dos ouvintes na Rádio Nereu Ramos (760 kHz) entre 22/11/2008 (21h27) e 25/11/2008 (12h29).

APÊNDICE B: Entrevistas com quatro profissionais que atuaram na cobertura radiofônica do desastre: Paulo César da Silva, Jorge Theiss, Dirceu Bombonatti, Joelson dos Santos.

APÊNDICE A:

Registro das participações dos ouvintes Rádio Nereu Ramos(760 kHz) /Rádio Clube (1330 kHz) entre 22/11/2008 (21h27) e 25/11/2008 (12h29)

Total de intervenções (ouvintes + entrevistados) = 407

Total de ouvintes: 305

Participação direta, síncrona: 253

Ouvintes por telefone no ar: 236

Ouvintes em reportagem: 16

Ouvintes no estúdio: 1

Participação indireta: 52

Ouvintes pela internet ou telefone fora do ar (não informado): 52

Total de entrevistados: 102

Participação direta, síncrona: 102

Entrevistados por telefone no ar: 73

Entrevistados em reportagem: 26

Entrevistados no estúdio: 3

Apresentadores e repórteres: Paulo César da Silva, Jorge Theiss, Dirceu Bombonatti, José Góes, Joelson dos Santos, Napoleão Bernardes, Evelásio Vieira Neto, Edécio Vieira, Kátia Regina, Enei Mendes e Rodrigo Vieira.

Formas de participação:

Direta: por telefone, estúdio, em reportagem;

Indireta: fora do ar (internet, telefone fora do ar);

Finalidades das participações, baseadas em Herrera Damas (2002):

- expressar uma opinião;
- retificar uma informação;
- fornecer informações;
- relatar um caso próprio ou de outro;
- consultar uma informação;
- denunciar um fato ou situação;
- desabafar;
- pedir informação ou opinião;
- nenhum dos itens;

Nível de envolvimento, baseado em Kovach e Rosenstiel (2003):

- público envolvido, com interesse pessoal no tema e um bom entendimento dele
- público interessado, sem participação direta no assunto, mas se sente afetado
- público desinteressado, que dá pouca atenção ao assunto

Controle discursivo, apoiado em Meditsch (2007)

Em aberto. Apenas breve descrição de como ocorreu a participação do apresentador/entrevistador durante o diálogo.

Obs: a numeração das intervenções se refere à ordem em que cada uma delas entrou no ar. Intervenções separadas por data, de acordo com a forma de participação e também entre entrevistados e ouvintes.

22/11

PARTICIPAÇÃO POR TELEFONE:

Entrevistados: 10

(1) Gerente regional da Celesc (Régis Evaloir):

Finalidade: (fornecer informações) relatar a situação de abastecimento de energia na cidade e explicar procedimentos a serem tomados; **orientações** ao público;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta inicial e perguntas intermediárias – buscando esclarecer melhor as informações; apresentador deixa entrevistado falar;

(2) Prefeito de Blumenau (João Paulo Kleinubing):

Finalidade: (fornecer informações) explica que o município ainda está em situação de emergência (não foi decretado estado de calamidade pública); relata o que o poder público está realizando diante da situação; prefeito não tinha noção ainda da dimensão que o evento tomaria, ao declarar que a prefeitura levaria alguns meses para colocar manutenção da cidade em dia diante dos deslizamentos já ocorridos (quedas de barreiras);

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta inicial e perguntas intermediárias – solicitando **orientações** à população por parte da prefeitura; apresentador deixa entrevistado falar;

(3) Polícia Rodoviária Estadual – Rodovia Jorge Lacerda (Soldado Vieira):

Finalidade: (fornecer informações) relata pontos de risco na rodovia;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta inicial e várias perguntas de reforço; perguntas e respostas objetivas;

(4) Polícia Rodoviária Estadual – Rodovia Guilherme Jensen (Capitão Júlio César):

Finalidade: (fornecer informações) relata pontos de risco nas rodovias da região;

Controle discursivo: (Dirceu) pergunta inicial e após extenso relato faz nova pergunta; entrevistador deixa entrevistado falar;

(5) Engenheiro da prefeitura (Hélcio Sauer):

Finalidade: (fornecer informações) relata atividades da secretaria de obras da prefeitura para remover barreiras e outras atividades realizadas. Diz que atividades de remoção de barreiras serão retomadas na manhã seguinte; **Orienta** população a não circular pelas ruas;

Controle discursivo: (Paulo César) perguntas sobre situação geral e locais específicos; pergunta se trabalhariam de madrugada (resposta negativa);

(6) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina):

Finalidade: (fornecer informações) relata atividades; já relata sobre um deslizamento de terra na rua Eça de Queirós com uma pessoa dentro da casa, um rapaz de 14 anos – interrupção de resgate para retomada no dia seguinte. **Orientação** para pessoas desocuparem casas em risco; relata que não há risco de enchente – preocupação é com os riscos de deslizamentos em encosta;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta inicial e perguntas para confirmar informação sobre possível vítima; apresentador deixa entrevistado falar;

Obs: confirmada morte mais tarde de Roger Simas Lana, 16 anos — Rua Paulo Krause, transversal da Rua Eça de Queirós, Água Verde.

(11) Diretor da Defesa Civil (Telmo Duarte): 22h47

Finalidade: (fornecer informações) relata atividades e situação no município; orienta população quanto ao risco de desabamento; Tom de alerta; Justifica que durante a noite não há condições de equipes da Defesa Civil se deslocar aos locais com risco de deslizamentos;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta inicial e várias perguntas sobre locais específicos; (Jorge Theiss) pergunta sobre risco de enchente – entrevistado responde que não há risco de enchente e acalma população (**declara que nível ficará em torno de 7m e deverá começar a baixar a partir daí**); Jorge reforça alegando que população em moradias em locais mais baixos tem a preocupação com enchente; diretor da Defesa Civil declara: “... mas também tem a preocupação de passar uma informação de credibilidade, e dizer que a gente, nós estamos monitorando, estamos acompanhando, né [...] nós vamos alertar pra que ninguém seja pego de surpresa, nós vamos passar essa informação pra todo mundo”; fechamento com agradecimento pela entrevista;

(13) Vereador (Jens Mantau)

Finalidade: (fornecer informações) começa a relatar situação nos bairros, mas sinal do telefone cai; retorna com ligação e alerta moradores sobre trajetos obstruídos;

Controle discursivo: (Paulo César) deixa o vereador transmitir livremente os vários comunicados, como cancelamentos de agendas sociais e trechos sem passagem de veículos; apresentador faz uma pergunta quando vereador já encerrava sozinho sua participação;

(23) Vereador (Jovino Cardoso)

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro/ fornecer informações) pedido de auxílio ao Corpo de Bombeiros sobre família que precisa de ajuda – está abrigada no sótão da casa na Fortaleza; informa também sobre deslizamento de terra em 3 casas na Escola Agrícola, uma delas recentemente; Pede auxílio à Defesa Civil para ajudar as famílias dessas casas; relata caso de uma pessoa que ficou presa nos escombros (com vida);

Controle discursivo: (Paulo César) deixa vereador falar e usa linguagem fática para dar concordância e reafirmar informações passadas pelo entrevistado; apresentador indaga e pede mais informações quando entrevistado conta caso da pessoa presa nos escombros; pergunta sobre ação da Câmara de vereadores diante dessa situação (mais em tom de protocolo do que de cobrança); Fechamento: com agradecimento, como na maioria das entrevistas oficiais; (obs: Paulo César e Dirceu confundem nomes das ruas relatadas pelo vereador, logo após a entrevista);

(28) Assessor de imprensa Fundação de Esportes (Giovani Vitória)

Horário: 0h02

Finalidade: (fornecer informações) relata interdições de ruas e rodovias observadas durante seu trajeto; fala sobre impacto da chuva na realização dos jogos abertos;

Controle discursivo: (Paulo César) tenta fazer com que entrevistado reitere informações; aproveita e pergunta sobre jogos abertos (que estão em andamento); Quem fechou foi o entrevistado, pois apresentador partiu para a tentativa de realização de um fechamento geral com balanço do dia e da cobertura (o que foi adiado por mais aprox. 30 minutos);

Ouvintes: 10

(12) Moradora da rua Paulo Eberhart no Garcia (Maria):

Horário: 22h57

Finalidade: (fornecer informações) relata que caíram barreiras próximo à sua rua e 3 casas em situação de risco, alertando que energia não foi desligada da casa;

Controle discursivo: (Paulo César) confirma identificação da ouvinte no ar e conduz a ouvinte para que esclareça o fato narrado; não se despede nem encerra sua participação, apenas aproveita o gancho do assunto para comentar a situação com o outro apresentador (Dirceu);

Nível de envolvimento: público interessado.

(15) Presidente sindicato hotéis (Emil Chartouni)

Horário: 23h10

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta sobre previsões e últimas informações sobre nível do rio e situação em geral. Diz falar em nome dos associados do sindicato (obs.: ligou para a rádio como ouvinte).

Controle discursivo: (Paulo César e Jorge Theiss) respondem às perguntas e tratam o ouvinte com tom de entrevista, com agradecimentos ao final (papel de cumplicidade); Fechamento: apresentador toma iniciativa de encerramento da conversa e ouvinte complementa a conversa reforçando mais o ar de entrevista do que de participação de ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(19) Morador do Salto Weissbach/Salto Norte (Everaldo)

Horário: 23h23

Finalidade: (fornecer informações) relata situação de inundação no Sesc e deslizamento de terra sobre o posto de gasolina Repsol da rua Pomerode no bairro Salto Norte (soterramento do posto); **Primeiro grande relato de ouvinte por telefone para informar sobre deslizamento;**

Controle discursivo: (Paulo César) dificuldade para se localizar com descrição dada pelo ouvinte; ouvinte dá testemunho do que viu, já emitindo opinião a respeito dos estragos que tem visto; Fechamento: aparentemente por dificuldade de compreender a situação, apresentador apressa encerramento da conversa (impressão de não ter entendido a gravidade da situação relatada pelo ouvinte ou não acreditar na dimensão que o ouvinte apresentou sobre o ocorrido);

Nível de envolvimento: público interessado.

(20) Morador da rua Uruguaiana, Ponta Aguda (Vilson):

Horário: 23h25

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro/fornecer informações); fala sobre situação de sua rua; saiu de casa porque ouviu a recomendação para sair, pois tem um ribeirão que corta a rua;

Controle discursivo: (Paulo César) perguntas sobre onde fica a rua e se a casa estava em risco – guiando o relato do ouvinte; perguntas sobre a situação (quantas famílias tiveram que deixar suas casas) e sobre as condições de segurança do ouvinte; apresentador deixa ouvinte falar mais que o anterior, por se tratar de envolvimento pessoal (drama humano) do ouvinte; fecha conversa com tom de solidariedade, informando que emissora ficará à disposição;

Nível de envolvimento: envolvido.

(21) Moradora da Fortaleza (Márcia):

Horário: 23h30

Finalidade: (fornecer informações) aviso - informar que sua padaria estará atendendo normalmente, já que ouviu anteriormente a proprietária de outra padaria do bairro ser atingida pela água e que não poderá atender no dia seguinte;

Controle discursivo: (Paulo César) pede confirmação de localização da padaria e aproveita para colher outras informações, como energia elétrica, etc.; agradece a participação;

Nível de envolvimento: público interessado.

(22) Moradora da rua Uruguaiana , Ponta Aguda (Maria Aparecida):

Horário: 23h31

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) ouvinte é proprietária da casa que desabou (informado no ar anteriormente); relata que ela e o esposo estavam dentro de casa na hora que a casa desabou; disse que segurou na mão do esposo e se salvaram; solicita auxílio dos bombeiros para tentar recuperar documentos perdidos no deslizamento; disse que está na casa de amigos;

Controle discursivo: (Jorge Theiss) inicia identificando que é a proprietária da casa que desabou, dando atenção maior ao caso; (Paulo César) faz pergunta retórica “você nasceu de novo, não é?”; perguntas sobre condições pessoais da ouvinte; coloca a emissora à disposição como tom de fechamento da conversa;

Nível de envolvimento: envolvido.

(24) Moradora do Vorstadt (Sandra)

Horário: 23h48

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) Relata que caiu muro nos fundos de sua casa e que está tentando contato com Defesa Civil desde a tarde, mas teme risco de atingir sua casa; sem pressa pede pra que emissora fale com Defesa Civil mesmo que no dia seguinte;

Controle discursivo: (Dirceu) atende (Paulo César) colhe dados no ar e passa orientações já repassadas pela Defesa Civil quando à segurança; agradece participação;

Nível de envolvimento: envolvido;

(25) Morador Tribess (Ervin)

Horário: 23h51

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre deslizamentos e alagamentos na região, alertando população de não passar em determinados locais que ele acabou de passar;

Controle discursivo: (Dirceu) deixa ouvinte fazer breve relato e encerra (quase bruscamente) a conversa (sem dar muita atenção ao relato); apresentadores reforçam o que ouvinte falou, após desligar telefone;

Nível de envolvimento: público interessado.

(26) Morador do Garcia (Antônio)

Horário: 23h55

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta no ar que caiu o muro nos fundos de sua residência e que não consegue contato com Defesa Civil, entendendo que a mesma deve estar muito ocupada; pede à emissora que auxilie no contato;

Controle discursivo: (Paulo César) anota local e promete contato com Defesa Civil no dia seguinte; fechamento: encerra conversa, tratando caso como banal diante da situação; obs.: pressa em encerrar ligação não era por ter ouvintes ou repórter na fila, já que em seguida informou novamente ocorrências do período da tarde;

Nível de envolvimento: envolvido;

(27) Moradora It.Norte – rua da Coca (Genilda)

Horário: 0h00 (meia-noite)

Finalidade: (fornecer informações/ relatar um caso próprio ou de outro) relata que rua está em meia pista, com queda de barreira na região e que na sua rua várias casas estão com andar térreo alagado; que estão quase ilhados;

Controle discursivo: (Paulo César) faz perguntas para confirmar locais e dados e fecha com mensagem - já de praxe - colocando as emissoras à disposição;

Nível de envolvimento: envolvido;

PARTICIPAÇÃO POR REPORTAGEM EXTERNA:

Ouvintes: 7

(7) Morador da região da rua Vereador Romário da Conceição Badia (Edézio):

Horário: 22h21

Finalidade: (fornecer informações) relata (**como testemunha**) como ocorreu queda de árvores durante a tarde sobre fiação elétrica;

Controle discursivo: (José Góes) repórter faz várias perguntas guiando o relato do entrevistado; tenta captar testemunho do ouvinte-entrevistado; repórter pergunta o nome do ouvinte/entrevistado demonstrando desconhecimento prévio sobre a identidade da fonte; faz perguntas retóricas, como “será que ele está ciente do risco que está correndo?”, quando se refere ao vizinho do ouvinte em situação de risco; induzi, desta forma, as respostas do entrevistado para que as mesmas se enquadrem dentro dos parâmetros da reportagem completa, coincidindo com o relato (tópico inicial) acerca da dimensão da ocorrência; no

fechamento, não se despede do ouvinte, nem agradece, mas se dirige diretamente ao apresentador, complementando a narração da ocorrência;
Nível de envolvimento: envolvido.

(9) Morador do bairro Fortaleza (Sérgio):

(10) Morador do bairro Fortaleza (Lourival):

Horário: 22h37

Finalidade: (fornecer informações) 2 ouvintes simultaneamente complementam informações do repórter sobre alagamento da Fortaleza;

Controle discursivo: (José Góes) repórter faz várias perguntas no sentido de complementar suas informações; faz perguntas bem objetivas e diretas; só pergunta nomes dos ouvintes ao final; fechamento: encerra concordando com ouvintes e dirigindo-se ao apresentador do estúdio;

Nível de envolvimento: público interessado

(14) Moradora do bairro Fortaleza (Adriana):

Horário: 23h03

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata o alagamento de seu comércio;

Controle discursivo: (José Góes) faz pergunta inicial objetiva; perguntas intermediárias durante relato da ouvinte; (interrupção da intervenção do repórter).

Nível de envolvimento: envolvido.

(16) Moradora do bairro Fortaleza (Adriana) continuação:

Horário: 23h11

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) no retorno da reportagem relata o alagamento de seu comércio; importância destacada pelo repórter é o fato de não ter fornecimento de pão na região;

Controle discursivo: (José Góes) faz perguntas objetivando saber como aconteceu o início do alagamento;

Nível de envolvimento: envolvido.

(17) Moradora do bairro Fortaleza (Léa)

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) reportagem busca relatar o alagamento de comércios no bairro entrevistando comerciantes que faziam a limpeza no local;

Controle discursivo: (José Góes) faz perguntas objetivando saber como aconteceu o início do alagamento; Fechamento: despedindo-se dos entrevistados e dirigindo-se ao apresentador no estúdio;

Nível de envolvimento: envolvido.

(18) Criança de 11 anosilhada, saiu do bairro It.Norte e não consegue retornar (Adriane)

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) pedido de ajuda: para sua mãe lhe buscar;

Controle discursivo: (José Góes) faz perguntas objetivas para saber como localizar os familiares da criança para ajudá-la. Encerra a intervenção com lembretes de utilidade pública acerca do ocorrido;

Nível de envolvimento: envolvido.

(SEM IDENTIFICAÇÃO) OU PELA INTERNET OU POR TELEFONE FORA DO AR:

Ouvintes: 1

(8) Moradora rua Uruguaiana, Ponta Aguda (Ana):

Horário: 22h34

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) Apresentador narra relato da ouvinte informando que uma casa próxima à sua caiu em desmoronamento e a família atingida está desabrigada e não consegue contato com Defesa Civil.

23/11

PARTICIPAÇÃO POR TELEFONE:

Entrevistados: 38

(30) Diretor da Defesa Civil (Telmo Duarte)

Horário: 0h23

Finalidade: (fornecer informações) Nega informação que passou anteriormente de que nível de 7m seria pela manhã, mas sim às 2h da madrugada; mostra ar mais preocupado, dizendo que está chovendo mais do que o previsto, apesar de declarar que espera que não tenha

enchente em Blumenau; diretor declara que Defesa Civil não tem como fazer avaliação do risco de imóveis durante a noite;

Controle discursivo: (Paulo César e Dirceu) questionamentos diversos sobre previsões e locais de chuva; deslizamento de terra, Paulo César repassa ao vivo ao entrevistado informações da população que ligou pra rádio; Dirceu agradece e encerra entrevista;

(32) Diretor da Defesa Civil (Telmo Duarte)

Horário: 6h20

Finalidade: (fornecer informações) informar nível do rio e de que situação da chuva é nova até para os técnicos da Defesa Civil; e que na metade da manhã vão ter uma noção mais “real” da situação; presta contas do que a equipe está fazendo (tom de defensiva); está em prática o plano de ação para enchentes; informa site da Defesa Civil; previsão para 10m às 9h; informa sobre vários deslizamentos; declara que tem informação de deslizamento na rua Botuverá na Itoupavazinha (onde mais tarde chegou a informação sobre vítimas soterradas);

Controle discursivo: (Paulo César) questionamento sobre erro na previsão (de onde veio a água para o rio em Blumenau) e sobre pessoas em abrigos; pergunta para previsão de nível do rio; pede orientação para saber como população pode ajudar (donativos); questiona sobre os deslizamentos também; muitas perguntas buscando informações úteis; encerra comunicando que emissora ficará acompanhando as informações oficiais;

(38) Assessor de imprensa Samae – Serviço Autônomo de Abastecimento de Água e Esgoto (Oscar Jenichen)

Horário: 7h

Finalidade: (fornecer informações) pede para que população economize água porque ETA II está sem abastecimento desde a meia-noite;

Controle discursivo: (Paulo César e Jorge) reforçam pedido para que toda a população economize água;

(39) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina):

Horário: 7h10

Finalidade: (fornecer informações) relata mortes no loteamento Santa Rita, informa 3 mortes por soterramento (e que pode ter mais vítimas), uma morte na rua Botuverá (e que pode ter mais vítimas), e avisa que bombeiros retomarão trabalho de resgate à possível vítima soterrada na rua Eça de Queiróz; pede à população que não é atingida para ficar em casa; **solicita** para quem tem barcos para auxiliar vítimas, usando barco

dos bombeiros também; fala sobre ocorrência no bairro Belchior (Gaspar) com um soterramento com possíveis vítimas, mas bombeiros não tem acesso; estão aguardando chegada de helicópteros para auxiliar; Controle discursivo: (Paulo César) inicialmente deixa comandante relatar à vontade; pergunta sobre número de mortes confirmadas (resposta: 5); perguntas apenas para repetir/confirmar informações de utilidade pública passadas pelo entrevistado;

(40) Engenheiro da secretaria de Obras (Éder Marchi)

Horário: 7h15

Finalidade: (fornecer informações/retificar uma informação) relata o que a secretaria está fazendo, em resposta às críticas feitas no ar anteriormente pelo ouvinte Delamar – diz que secretaria “está trabalhando sim”, embora as dificuldades técnicas; informa que vários locais da cidade estão isolados, incluindo bairro Progresso; muitas quedas de barreira das 3h da manhã em diante; **indícios de que pontos da cidade inteira estavam “desabando”**;

Controle discursivo: (Paulo César/Jorge) concordando com explicações de entrevistado; perguntam sobre principais ações a serem tomadas de imediato; perguntas sobre ocorridos específicos e interdição de ruas; deixam entrevistado fazer os relatos e passar suas impressões pessoais sobre as ocorrências; informam engenheiro sobre problemas que ouvintes passam no ar e fora do ar;

(41) Gerente regional Celesc (Régis Evaloir)

Horário: 7h26

Finalidade: (fornecer informações) relata situação de queda de energia e balanço geral de energia elétrica nos municípios da região.

Controle discursivo: (Paulo César) deixa entrevistado apresentar balanço à vontade; pergunta específica sobre atendimento do órgão em Blumenau; pergunta sobre previsão de reestabelecimento de energia na região do Garcia; (Dirceu) pergunta sobre apoio de equipes de outras cidades do estado; pedem orientação ao consumidor;

(49) Funcionário do Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA) (Mário Tachini)

Horário: 7h55

Finalidade: (fornecer informações) explica e comenta sobre intensidade da chuva para relacionar com previsões de nível do rio; apresenta previsão do tempo; explica a dificuldade de ter previsões mais precisas;

Controle discursivo: perguntam sobre previsões no nível do rio de acordo com chuva;

(50) Presidente Fundação Desportos (Sérgio Galdino)

Finalidade: (fornecer informações) relata sobre andamento dos jogos abertos durante cheias (cancelamento de atividades) e avisa aos familiares dos atletas que estão todos bem;

Controle discursivo: fazem poucas perguntas sobre andamento dos jogos e solicitação de testemunho sobre situação de chuva em Pomerode, Timbó e região onde ocorrem os jogos;

(51) Prefeito de Blumenau (João Paulo Kleinubing)

Horário: 8h02

Finalidade: (fornecer informações) relato sobre situação geral da cidade e ações da prefeitura no período; recomendações para pessoas não atingidas para não sair de casa; Município ainda está em estado de emergência;

Controle discursivo: equipe deixa prefeito falar mais livremente; (Paulo César) pergunta sobre plano de ação; diante de poucos questionamentos feitos pela equipe, apresentador pede uma mensagem de orientação do prefeito aos ouvintes;

(62) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina):

8h50

Finalidade: (fornecer informações) relata situação atual com quadro geral das ocorrências e previsão de chuva que recebeu do governo do estado; entrevistado confirma vítima fatal na Rua Botuverá e que precisa de mais equipamentos para retomar buscas; pede à equipe da rádio pegar mais detalhes dos endereços sobre pessoas que pedem auxílio;

Controle discursivo: equipe ouve as informações e passa informação sobre soterramento de casas na Rua Botuverá; passa outros relatos de ouvintes feitos no ar;

(69) Diretor da Defesa Civil (Telmo Duarte)

9h10

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre previsão de nível do rio, dizendo que está difícil fazer uma previsão exata – passa “probabilidades”;

Controle discursivo: (Jorge) pergunta sobre uma previsão para o nível do rio; questiona o que a população deve fazer;

(75) Funcionária da Secretaria de saúde (Clair)

Finalidade: pedir auxílio – pede pra quem tiver próximo à Ponta Aguda e tiver geladeira para manter medicamentos, pois os mesmos serão estragados;

Controle discursivo: equipe reitera pedido para moradores;

(81) Diretor de operações do Samae (Ramiro Nilson)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre operações das estações de tratamento de água – abastecimento de água: fim do abastecimento em aproximadamente uma hora;

Controle discursivo: equipe concorda com entrevistado sem maiores questionamentos, reforçando pedido de economia de água feito pelo entrevistado.

(91) Secretário da Assistência Social (Mário Hildebrant)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre procedimentos para dar auxílio aos desalojados/desabrigados e funcionamento de abrigos.

Controle discursivo: (Paulo César/Joelson) pergunta inicial e pergunta para tirar dúvida sobre declaração; entrevistado interrompe entrevistador para “tentar” esclarecer melhor; Passam pedido de ajuda relatado no ar por ouvinte; perguntam sobre número de desabrigados e abrigos. Entrevistado toma iniciativa de encerrar entrevista.

(97) Bispo (Dom Angélico)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre quais paróquias estão abertas para atender os desabrigados.

Controle discursivo: (Joelson) abre com texto (tópico inicial) falando sobre importância para locais para desalojados e pergunta como a igreja está dispondo dos locais. Faz mediação sempre em tom de concordância com entrevistado, embora perguntando sobre detalhes do atendimento. Entrevistado toma iniciativa de encerrar conversa.

(98) Secretária municipal de saúde (Elisabeth Turner)

Finalidade: (fornecer informações) informa atendimento dos postos de saúde e orienta população, pedindo cooperação dos médicos e profissionais de saúde para que se dirijam ao ambulatório mais próximo.

Controle discursivo: (Paulo César) abre com texto (tópico inicial) adiantando o assunto da entrevista. Deixa entrevistada falar mais à vontade, já que a mesma está dando números de telefones para contato no ar. Perguntas reiterando o que já foi explicado pela secretária.

(101) Gerente regional Celesc (Régis Evaloir)

Finalidade: (fornecer informações) informa que normalização da energia elétrica na região demorará 5 dias.

Controle discursivo: (Paulo César/Edélcio) pergunta se percentual de residências sem energia na cidade continua o mesmo da última informação anterior. Paulo faz perguntas retóricas, como “o nível de enchente atrapalha os trabalhos...” Edélcio pergunta novamente para reiterar informação sobre prazo para reestabelecimento da energia.

(102) Funcionário do IPA (Dirceu Severo)

Finalidade: (fornecer informações) informa como está o tempo e previsão de chuva.

Controle discursivo: (Paulo César) deixa entrevistado falar continuamente e opina junto com perguntas.

(103) Funcionário do IPA (Mário Tachini)

Finalidade: (fornecer informações) fala sobre nível do rio e previsões. Justifica dificuldade para ter previsão mais correta.

Controle discursivo: (Paulo César/Joelson/Dirceu) praticamente repete informações repassadas pelo entrevistado em tom de pergunta (de surpresa). Pede maiores esclarecimentos sobre os dados apresentados. Pedem orientação para famílias que moram em cotas próximas às das previsões, já que há o entendimento de que as previsões estão sendo pouco precisas diante de inúmeras variáveis.

(107) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina):

Horário: 12h05

Finalidade: (fornecer informações) confirma que já tem 8 mortes na cidade, inclusive o adolescente desaparecido nos escombros da rua Eça de Queiroz da noite anterior. Suspeita de mais uma vítima na rua Antônio Zendron.

Controle discursivo: (Paulo César/Joelson) após pergunta (retórica) inicial, para confirmar número de mortes, perguntam quais as prioridades do atendimento dos bombeiros. Ele responde que a prioridade é onde há “risco de morte”. Perguntam o que a população pode fazer para ajudar neste momento.

(110) Tenente do exército

Horário: 12h15

Finalidade: (fornecer informações) pede que militares da ativa compareçam no batalhão para ajudar nas operações. Explica que prioridade agora não é socorro de móveis, mas salvar pessoas.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre número de militares na ativa. Pergunta sobre principais pedidos da população.

(120) Secretária da regularização fundiária (Neusa Felizetti)

Finalidade: (fornecer informações) informa como está a situação em diversos locais da cidade e pessoas que não querem sair de casa.

Controle discursivo: (Paulo César) deixam falar à vontade. Pergunta sobre número de famílias em áreas de risco e em quais regiões. Encerramento em tom formal de entrevista.

(121) Responsável pelo atendimento do Hospital Santa Isabel (Jane)

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre situação do atendimento do hospital.

Controle discursivo: (Paulo César/Joelson) perguntas sobre atendimento, tudo como uma entrevista habitual.

(124) Vereador (Ângelo Roncáglio)

Finalidade: (fornecer informações) relata situação e pede para Defesa Civil para passar no local para pessoas em risco saírem de casa.

Controle discursivo: (Joelson) rapidamente confirma informações com ouvinte.

(126) Reitor da Furb (Eduardo Deschamps)

Finalidade: (fornecer informações) relata atuação do Ceops da Furb e fala sobre nível do rio e previsões.

Controle discursivo: perguntas em geral sobre previsões e atividades (aulas) Furb.

(128) Secretário estadual (Gilmar Knaesel)

Finalidade: (fornecer informações) inicia comentando sobre desastre no estado de SC; fala sobre decisão de suspender atividades dos jogos abertos em Pomerode. Após apresentador agradecer, informa que deverão suspender atividades dos jogos abertos externas.

Controle discursivo: inicialmente (Joelson) deixa entrevistado falar à vontade. Comenta a morte ocorrida em Pomerode e que a cidade está ilhada. Agradece participação.

(130) Governador do estado (Luis Henrique da Silveira)

Horário: 13h46

Finalidade: (fornecer informações) informa que está em Blumenau e o que tem feito diante da situação (contatos, ações, etc); informa que helicópteros estão vindo para Blumenau. Fala sobre problemas gerais no estado.

Controle discursivo: iniciam fazendo pergunta aberta de como está a situação geral. Algumas perguntas apenas para reiterar informações já repassadas pelo entrevistado. Concordância com entrevistado e pergunta aberta sobre “que medidas mais estão sendo tomadas...”. Pergunta específica sobre cálculo do prejuízo no Vale do Itajaí. Joelson faz pergunta e entrevistado responde em cima da pergunta. (entrevistado dá poucos pontos de corte). Deixa palavra aberta ao entrevistado para um recado aos municípios da região. Governador pede para encerrar, pois está com ministro da Segurança Nelson Jobim em linha.

(139) Prefeito de Blumenau (João Paulo Kleinubing)

Finalidade: (fornecer informações) faz análise sobre subida do nível do rio; fala que preocupação é com os deslizamentos de terra e riscos nas residências. Relata como estão os serviços em geral realizados pela prefeitura.

Controle discursivo: perguntas (com comentários) sobre uso de máquinas da prefeitura; Outras perguntas, sempre antecedidas de pequenos relatos dos apresentadores (sobre o que estão ouvindo das participações).

(148) policial rodoviário da Guilherme Jensen (Gerson Mantau)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre situação da rodovia.

Controle discursivo: equipe interage com entrevistado, comentando rapidamente as informações recebidas.

(154) Engenheiro da secretaria de Obras (Éder Marchi)

Finalidade: (fornecer informações) informa ações da secretaria e solicita a todas as empreiteiras da cidade para que coloquem suas máquinas à disposição.

Controle discursivo: equipe interage com entrevistado, perguntando sobre quadro geral. Também como as empreiteiras podem entrar em contato e auxiliar.

(157) Gerente regional Celesc (Régis Evaloir)

Finalidade: (fornecer informações) informa que em Blumenau tem quase 40 mil consumidores sem energia. Relata muitas estatísticas a respeito do fornecimento de energia.

Controle discursivo: perguntas são a respeito **das participações dos ouvintes**.

(160) Funcionário da Auto Viação Catarinense (Aldenir)

Horário: 16h

Finalidade: (fornecer informações) informa que clientes que adquiriram passagens poderão fazer troca das mesmas posteriormente, já que a rodoviária não está operando.

Controle discursivo: equipe interage com entrevistado, confirmando informações.

(161) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina):

Finalidade: (fornecer informações) cachorro encontra mais uma vítima na rua Botuverá, onde já houve outras vítimas. Informa sobre deslizamento na Rua Guanabara, onde há informação sobre outra vítima. Informa sobre 2 pessoas salvas com vida no Belchior, que estavam semi-soterradas.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta sobre como podem ajudar as pessoas que tem canoa (baseado em participações de ouvintes). Pergunta sobre forma da rádio passar informações para bombeiros. Apresentadores passam informações sobre as **participações dos ouvintes**. Perguntam novamente informação sobre Rua Guanabara, com possíveis 3 vítimas.

(163) Funcionário do IPA (Dirceu Severo)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre previsão do tempo e nível do rio (preocupação com enchente).

Controle discursivo: várias perguntas da equipe, repetindo informações passadas pelo entrevistado.

(165) Tenente do 23 BI (Batalhão de Infantaria do Exército)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre operações do exército.

Controle discursivo: iniciam dizendo que estão fazendo apelo para militares se apresentarem no exército.

(176) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina):

Finalidade: (fornecer informações) diz que já está mandando equipe para resgatar mulher grávida da rua Emílio tallman. Diz que não tem acesso à rua Pedro Kraus.

Controle discursivo: pedido de resgate da mulher grávida, relatado no ar **pelos ouvintes**.

(177) Vereador (Deusdith de Souza)

Finalidade: (fornecer informações) passa informações da região da rua Treze Tílias e pedido aos bombeiros e exército.

Controle discursivo: deixa vereador falar e anota informações para passar às equipes de socorro.

(179) Funcionária do Supermercado Angeloni da Proeb (Francieli)

Finalidade: (fornecer informações) emissora fez contato para saber se supermer cado funcionará. Entrevistada diz que supermercado está fechado e não abrirá amanhã.

Controle discursivo: aproveitam para fazer perguntas para saber como está a região em termos de inundação.

Ouvintes: 117

(29) Morador da It.Central (Marcos)

Horário: 0h20

Finalidade: (fornecer informações) relata que já tem água no muro da casa, faltando pouco mais de 1m para chegar na rodovia próxima ao aeroporto e casas da Vila União alagadas;

Controle discursivo: (Paulo César) faz perguntas sobre como nível do ribeirão e como está a situação; encerra a conversa reiterando as informações passadas pelo ouvinte; agradece participação, resumindo que situação já está além do alagamento (transbordamento do ribeirão);

Nível de envolvimento: público interessado.

(31) Morador da Velha Grande (Adriano Pereira)

Horário: 0h30

Finalidade: (fornecer informações) relata que tem barreira caída na região e impressões que tem da situação (é líder comunitário); oferece auxílio para quem precisar;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre situação na região, como abastecimento de energia; reforça informações como telefone que ouvinte colocou à disposição; fecha agradecendo;

Nível de envolvimento: público interessado.

(33) Morador falando da rua Antônio da Veiga (Leandro)

Horário: 6h30

Finalidade: (fornecer informações) relata situação de inundação na região da rua, descrevendo o que já está submerso e o que está próximo de atingir (conta que está fotografando e pode passar para emissora); pede para pessoas não fazerem o que ele está fazendo (saindo de casa para olhar a enchente); orienta população sobre diversos aspectos ao circular pela rua;

Controle discursivo: (Paulo César) identifica o ouvinte no meio da conversa (departamento de marketing do Supermercado Giassi) e pergunta sobre o supermercado se abrirá (não iria abrir, segundo Leandro); Obs: fonte com tratamento diferenciado (anunciante da emissora); fecha agradecendo – deu bastante espaço para ouvinte falar;

Nível de envolvimento: público interessado.

(34) Moradora Valparaíso (Elenir)

Horário: 6h41

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) avisa que tem poste de luz que caiu, árvore em risco de cair próximo à fiação, água da rede jorrando na rua; sem água e sem luz;

Controle discursivo: (Jorge) abre dando bom dia e explica que órgãos públicos estão com vários pedidos; pediu endereço; encerrou rapidamente (vendo caso como relativamente banal diante da gravidade da situação);

Nível de envolvimento: envolvido.

(35) Morador da Velha Grande (Adriano Pereira)

Horário: 6h44

Finalidade: (fornecer informações) informa situação no bairro, moradores que precisam de lona e outras necessidades, sem particularizar; dificuldades de acesso a várias ruas; solicita equipamentos da prefeitura para remoção e desobstrução de ruas;

Controle discursivo: (Jorge) entra na conversa, complementando possíveis encaminhamentos como “ou até alguém que possa doar (lonas), não é, Adriano?”; deixa ouvinte falar bastante com poucas interrupções; reforça pedido à prefeitura; ouvinte toma iniciativa de encerrar conversa;

Nível de envolvimento: público interessado.

(36) Morador da Fortaleza (Delamar)

Horário: 6h50

Finalidade: (fornecer informações/denunciar um fato ou situação) informa (**em primeira mão, sem que o ouvinte soubesse que era em primeira mão**) o soterramento de 2 casas no loteamento Santa Rita com a morte de 3 pessoas soterradas (retiradas mortas) e denuncia descaso da prefeitura (secretaria de obras) pelo não atendimento para remoção do barro; bombeiros retiraram as 3 pessoas mortas e outras 3 com vida; (**mais duas pessoas seriam encontradas mortas mais tarde – casa soterrada ao lado**);

Controle discursivo: (Paulo César) pede para ouvinte repetir informações sobre vítimas, mostrando que é o ouvinte quem está informando a emissora sobre a ocorrência; diz que vai reforçar pedido para prefeitura; pergunta onde fica o loteamento; ouvinte toma a iniciativa de encerrar participação; Jorge retoma já em seguida o balanço de vítimas (mortes) incluindo as mortes relatadas pelo ouvinte, passando a impressão assim de que o caso já era conhecido da emissora; Mesmo assim, Paulo César já havia passado todas as impressões de que emissora não sabia do ocorrido;

Nível de envolvimento: público interessado.

(37) Morador da rua 1º de janeiro (Diego)

Horário: 6h58

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata caso de família com 5 pessoas isoladas no segundo andar da casa, com primeiro andar inundado; **pede auxílio** do corpo de bombeiros ou outra pessoa com barco para salvamento;

Controle discursivo: (Jorge) pergunta detalhes sobre família e reforça pedido para quem estiver ouvindo e órgãos públicos para fazer o resgate; encerramento desejando que dê tudo certo com o resgate;

Nível de envolvimento: público interessado.

(42) Moradora (Evelyn)

Horário: 7h34

Finalidade: (pedir informação ou opinião) busca informação sobre se vestibular da Acafe está mantido;

Controle discursivo: participação rápida, (Jorge) responde que vestibular foi cancelado; reforça informação após participação, dirigindo-se a todos os ouvintes; (só 13” de participação)

Nível de envolvimento: público interessado.

(43) Moradora da rua 25 de Agosto (Ivone)

Horário: 7h36

Finalidade: (pedir informação ou opinião/ relatar um caso próprio ou de outro) busca informação para saber sobre funcionamento de comporta da região, informando também que água atingiu a região, parecendo que a comporta não deu conta da água da enchente;

Controle discursivo: (Jorge) atende e se identifica; (Paulo César) solicita dados sobre local da comporta; diante da situação promete buscar informação junto à prefeitura;

Nível de envolvimento: envolvido.

(44) Moradora da rua Prof. Lothar Kriek, Ponta aguda (Márcia)

Horário: 7h38

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) informa que barreira da rua está desabando cada vez mais e que moradores estão trancados na rua;

Controle discursivo: (Paulo César) rapidamente reitera informação passada pela ouvinte; (Jorge) generaliza, informando as dificuldades que a secretaria de obras da prefeitura tem em atender esses pedidos, pois da mesma forma que moradores tem dificuldades para sair do local, a prefeitura tem dificuldade para chegar no local; (Paulo) não chegou a encerrar conversa, quando já se dirigia ao público ouvinte em geral, iria dar hora certa, ouvinte interrompe para agradecer. Obs: ouvinte fica esperando na linha um fechamento para a conversa e telefone é desligado no ar;

Nível de envolvimento: envolvido.

(45) Morador da It. Central (Atilano)

Horário: 7h40

Finalidade: (fornecer informações) relata situação no bairro, com ribeirão transbordando, alagamento de casas na região; diz que tem muita gente passeando de carro para ver a enchente e atrapalha o trânsito (faz apelo para que pessoas que não precisam sair fiquem em casa);

Controle discursivo: (Jorge) abre chamando ouvinte pelo nome e perguntando como está a situação no bairro do ouvinte; deixa ouvinte falar por bastante tempo e corrobora apelo que o ouvinte faz (cochicho ao fundo do apresentador sugere que deixou o ouvinte falar à vontade para poder se organizar nos bastidores);

Nível de envolvimento: público interessado.

(46) Moradora rua Araranguá (Ana)

Horário: 7h44

Finalidade: (pedir informação ou opinião/expressar uma opinião/desabafo) relata situação em geral dos deslizamentos; diz que ligou pela preocupação com falta de lugar para comprar comida; diz que ligou para supermercados próximos que disseram que não vão abrir; questiona se haverá serviço como de 1983 onde levavam alimentos aos moradores; critica o fato de parecer estar “todo mundo perdido”; que ligou para Defesa Civil e órgãos públicos estão despreparados para lidar com situação; faz comparações com 1983 onde governantes estavam mais preparados para a situação;

Controle discursivo: (Jorge) abre chamando ouvinte pelo nome e perguntando como está a situação no bairro da ouvinte; (Paulo César) pergunta sobre se determinado supermercado está aberto;

Nível de envolvimento: público interessado.

(47) Morador Salto do Norte (Amadeu)

Horário: 7h48

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata risco de sua casinha de ferramentas no quintal está para desabar; que vizinho e ele ainda estão em casa;

Controle discursivo: (Paulo César) abre chamando direto pelo nome de ouvinte; (Jorge) pergunta se ainda está em casa e orienta para sair de casa; perguntam se família tem para onde ir; fechamento sem a mesma gentileza dos anteriores (por parecer que risco do morador é pequeno - só na casa de ferramentas);

Nível de envolvimento: envolvido.

(48) Morador da Fortaleza (Éderson)

Horário: 7h50

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** para quem estiver desabrigado, está oferecendo abrigo em sua casa;

Controle discursivo: (Jorge) pergunta dados para auxílio e equipe elogia iniciativa;

Nível de envolvimento: público interessado.

(52) Moradora de Jaraguá do Sul (Jaqueline)

Horário: 8h10

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta como está a situação da rua 2 de setembro e como está o nível do rio;

Controle discursivo: (Paulo César e Jorge) respondem as perguntas e perguntam como está Jaraguá do Sul;

Nível de envolvimento: público interessado.

(53) Morador (Aldo)

Horário: 8h15

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) solicita à Defesa Civil que casa de sua mãe no bairro Ponta Aguda (início da Toca da Onça) está condenada e com risco de cair em cima de outras casas; pede para orientar demais moradores para sair de casa devido ao risco;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta dados sobre local; promete passar informação à Defesa Civil; Jorge encerra com expressão “tá certo” e responde com orientação geral a todo o público ouvinte;

Nível de envolvimento: envolvido.

(54) Moradora da rua 1º de janeiro It.Norte (Isolete)

Horário: 8h17

Finalidade: (desabafo/relatar um caso próprio ou de outro) disse que ligou várias vezes para Defesa Civil ontem perguntando se daria enchente e foi informada que não daria; agora casa foi inundada e árvores desabaram sobre sua casa; disse que está ilhada em casa com crianças; fala emocionada; com 11m a água chega no segundo piso onde ela está com família e crianças de outras casas; reclama que funcionária da Defesa Civil riu “na sua cara”;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre o que exatamente ela precisa e promete passar informação à Defesa Civil; apresentador pergunta mais para ouvinte e comenta dirigindo-se ao público em geral após encerramento da conversa;

Nível de envolvimento: envolvido.

(55) Morador da rua Ver. Romário da Conceição Badia It.Norte (Artur)

Horário: 8h21

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta se a rádio sabe a respeito da situação de moradores da região – quer informação;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta informações para anotar e posteriormente encaminhar ao repórter da rádio para buscar informações;

Nível de envolvimento: público interessado.

(56) Moradora de Pomerode (Maike)

Horário: 8h25

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) tem filho que mora na Ponta Aguda que não consegue sair do local porque está ilhado e tem

riscos de desabamento; ouvinte (chora) fala emocionada, preocupada com situação do filho;

Controle discursivo: (Paulo César e Dirceu) tentam alentar a ouvinte e prometem avisar o corpo de bombeiros e informar pelo rádio quando houver notícias;

Nível de envolvimento: público interessado.

(57) Morador (Edemir)

Horário: 8h30

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta se o exército está operando junto;

Controle discursivo: (Paulo César) responde à pergunta do ouvinte; encerra conversa com expressão “é isso aí” – ouvinte quase não percebe que está encerrando participação;

Nível de envolvimento: público interessado.

(58) Moradora de Gaspar (Regiane)

Horário: 8h33

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pede informações sobre Belchior (Gaspar) porque tem familiares lá;

Controle discursivo: (Dirceu) responde que não tem informações de Belchior e pede para que se alguém que estiver ouvindo tiver informações sobre a região pode passar um “boletim” no ar informando e agradece e encerra participação rapidamente;

Nível de envolvimento: público interessado.

(59) Morador da Fortaleza (Adriano)

Horário: 8h34

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) informa que sua rua normalmente não é atingida, mas houve alagamento na sua casa porque houve entupimento da tubulação; solicita à secretaria de obras da prefeitura para mandar máquina ao local para desentupir tubulação;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta inicialmente como está o bairro;

Nível de envolvimento: envolvido.

(60) Moradora da Vila Bromberg Escola Agrícola (Angelita)

Horário: 8h37

Finalidade: (desabafar) demonstra preocupação com o que está ouvindo na rádio e fala sobre caso próximo à sua casa, mas generaliza os casos e

se emociona com o que está acontecendo na cidade; sugere que pessoas em risco saiam de casa porque a vida é mais importante;
Controle discursivo: (Dirceu) concorda com ouvinte, deixando desabar;
Nível de envolvimento: público interessado.

(61) Moradora da região da rua Botuverá, Itoupavazinha (Simone)
Horário: 8h47 (trecho de gravação perdido)
Finalidade: (fornecer informações) informa que 4 casas foram soterradas pela manhã na rua Botuverá com vítimas;
Controle discursivo: (Dirceu e Paulo César) tentam contato com Bombeiros para saber mais detalhes sobre resgate de vítimas;
Nível de envolvimento: público interessado.

(62) Morador da rua Marcelino Cardoso, Água Verde (José Raimundo)
Horário: 8h49
Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta que poste está prestes a cair e desbarrancamento da sua rua; pede à Celesc para ir ao local;
Controle discursivo: (Dirceu) confere com ouvinte informações da rua para poder passar para Celesc;
Nível de envolvimento: envolvido.

(63) Morador da Velha Grande (Adriano Pereira)
Horário: 8h53
Finalidade: (fornecer informações) relata casos no seu bairro;
Controle discursivo: (Dirceu) confere com ouvinte dados sobre ruas interditadas;
Nível de envolvimento: público interessado.

(64) Morador da Itoupavazinha (Arnaldo)
Horário: 8h57
Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) risco na sua casa, árvore obstruindo passagem e dificuldade para fazer mudança; pede ajuda para desobstrução do acesso para poder sair;
Controle discursivo: (Dirceu) confere com ouvinte dados para passar à Defesa Civil;
Nível de envolvimento: envolvido.

(65) Morador da Velha Grande (Ermíndio)
Horário: 8h59

Finalidade: (fornecer informações) relata caso de queda de ponte na região e barreiras; pede auxílio à prefeitura (secr. Obras); famílias ilhadas próximo ao Caic;

Controle discursivo: (Paulo César) confere com ouvinte dados para passar à secr. Obras;

Nível de envolvimento: público interessado.

(66) Moradora da Fortaleza (Patrícia)

Horário: 9h01

Finalidade: (fornecer informações) passa informações sobre Rua dos Condes com 3 casas ameaçadas a cair;

Controle discursivo: (Paulo César) confere dados com ouvinte; (Jorge) repete recomendação da Defesa Civil para sair de casa, já que def. civil não pode estar ao mesmo tempo em todos os lugares; (Paulo César) agradece pelas informações;

Nível de envolvimento: público interessado.

(67) Morador da rua Silvano Cândido da Silva (Cândido)

Horário: 9h02

Finalidade: (fornecer informações/desabafo) relata desabamento de parte da rua (diz que rua está desaparecendo) e conta o que está testemunhando na região; denuncia furto de fios de energia;

Controle discursivo: (Paulo César) deixa ouvinte relatar com mais calma; equipe faz mais perguntas sobre a situação (parecendo confiar mais nas informações do ouvinte); ouvinte fica muito à vontade para participar com poucas interrupções (**mais de 6' de intervenção**); informam nível do rio no meio da participação;

Nível de envolvimento: público interessado.

(68) Moradora do Garcia (Jennifer)

Horário: 9h08

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta que estão com problemas com queda de muro e tem filho de 1 ano e 6 meses em casa; começou desbarrancamento e pede lona pra Defesa Civil, além de querer saber se é situação de risco ou não, para saber se sai de casa ou não; pede auxílio para Defesa Civil;

Controle discursivo: (Jorge) repete recomendação da Defesa Civil para sair de casa (se suspeita que tem risco), já que def. civil não pode estar ao mesmo tempo em todos os lugares;

Nível de envolvimento: envolvido.

(70) Morador do Portal da Saxônia Ponta Aguda (José)

Horário: 9h22

Finalidade: (fornecer informações) relata que caiu barreira e rua está cedendo; pede para Defesa Civil interditar a rua para não passar mais carro;

Controle discursivo: (Dirceu) pede para o ouvinte repetir informação e rapidamente agradece;

Nível de envolvimento: público interessado.

(71) Moradora da Velha (Eunira)

Horário: 9h23

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta caso de sua filha em Gaspar, que está entrando água na casa e tentava pedir ajuda pros bombeiros e Defesa Civil; quer notícias da filha já que a mesma não atende telefone;

Controle discursivo: (Paulo César) confere dados com ouvinte; pede para que se algum ouvinte souber do paradeiro da mesma para entrar em contato;

Nível de envolvimento: envolvido.

(72) Morador (Adilson)

Horário: 9h25

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta que Loja do Nelson (Sulamericana) está perdendo tudo da loja com enchente; pede para o exército para ajudar a salvar pertences;

Controle discursivo: (Paulo César) reforça pedido; quando foi agradecer, ouvinte já havia desligado;

Nível de envolvimento: público interessado.

(73) Morador bairro da Velha (Adrian)

Horário: 9h27

Finalidade: (fornecer informações) percorreu a região da Velha e passa um balanço do que presenciou no bairro;

Controle discursivo: equipe deixa ouvinte fazer relato inicial; há um espaço entre fala do ouvinte e do apresentador (Jorge); dá valor de repórter ao ouvinte; agradece e sugere que quando tiver mais informações que volte a ligar;

Nível de envolvimento: público interessado.

(74) Moradora do Garcia (Marlene)

Horário: 9h38

Finalidade: (fornecer informações) informa que supermercados e padarias não estão funcionando por falta de energia elétrica;
Controle discursivo: (Paulo César) comenta situação geral do Garcia;
Nível de envolvimento: público interessado.

(76) Morador da rua Fritz Koegler na Fortaleza (Adolar)

Horário: 9h43

Finalidade: (fornecer informações/relatar um caso próprio ou de outro) relata rachaduras na rua; casa de seu vizinho já rachou inteira e casas abaixo correm risco;

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta especificidade do local da ocorrência; repete recomendação da Defesa Civil para sair de casa (se suspeita que tem risco)

Nível de envolvimento: público interessado.

(77) Morador da bairro da Velha (João)

Horário: 9h49

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta que caiu barreira em local próximo à sua casa;

Controle discursivo: (Paulo César) poucas perguntas específicas; comenta assunto se dirigindo aos ouvintes em geral e aos colegas, sem se despedir do ouvinte que ligou;

Nível de envolvimento: envolvido.

(78) Moradora (Cristina)

Horário: 9h53

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) faz apelo para a rua João Domingues no centro, porque tem famílias que precisam sair de barco e estão sem ajuda; (não mora lá);

Controle discursivo: pergunta sobre especificidade do local da ocorrência; agradece ouvinte;

Nível de envolvimento: público interessado.

(79) Moradora da It.Seca (Roseli)

Horário: 9h55

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro/ denunciar um fato ou situação) comenta que supermercados aumentaram preços durante a noite; fala da irmã que tem que fazer hemodiálise e não tem como se deslocar da casa dela para a sua – pede ajuda aos bombeiros para deslocamento e tem dificuldade de passagem na região da Itoupavazinha para It.Seca;

Controle discursivo: (Paulo César e Jorge) confere dados com ouvinte;
Nível de envolvimento: público interessado.

(80) Moradora (Dalva)

Horário: 9h59

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - oferece para colocar remédios na geladeira;

Controle discursivo: pega dados como telefone para repassar à funcionária da secr. Saúde; agradecem gentilmente a colaboração;

Nível de envolvimento: público interessado.

(82) Morador da Água Verde (Dejair)

Horário: 10h11

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) **pedido para Celesc** passar na rua Marcelino Cardoso porque há risco de queda de poste de luz devido a deslizamentos de terra;

Controle discursivo: (Joelson) pergunta se moradores não conseguem contornar situação (amarrando poste), faz perguntas mais específicas sobre a situação; (Jorge) repete recomendação da Defesa Civil para sair de casa, embora ouvinte diga que casa não tem risco. Apresentadores concordam com ouvinte quando ele conta procedimentos já adotados (desligou energia elétrica); encerra com agradecimento e reforça orientação dada ao ouvinte específico para o público em geral.

Nível de envolvimento: envolvido.

(83) Responsável pela escola Anita Garibaldi (Abel)

Horário: 10h15

Finalidade: (fornecer informações) informa que escola não pode receber desabrigados porque foi atingida por alagamento; informa (questionado) como está o bairro.

Controle discursivo: (Joelson) inicialmente deixa ouvinte dar recado de utilidade pública e depois pergunta como está a situação no bairro; agradece e encerra.

Nível de envolvimento: público interessado.

(84) Morador do Zendron (Luiz)

Horário: 10h26

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre situação na região com barreiras caídas e riscos em geral. Diz que Defesa Civil não foi ao local. Diz que moradores não conseguem sair do local.

Controle discursivo: (Joelson) apenas intercede com orientações gerais passadas pela Defesa Civil, bombeiros e Celesc. Pergunta (em tom de concordância com ouvinte) sobre quantidade de famílias e localização. Estabelece diálogo com ouvinte, entrando na narrativa do mesmo. Encerra com expressão “muito bem” e Dirceu já interrompe com nova informação, relacionada com o assunto do ouvinte (Helicópteros requisitados para auxiliar moradores isolados).

Nível de envolvimento: envolvido.

(85) Moradora da Itoupavazinha (Eliane)

Horário: 10h30

Finalidade: (fornecer informações) informa que funcionários de sua padaria estão atendendo normalmente no bairro. Faz um pouco de propaganda do estabelecimento (dizendo nome do comércio). Sugere que quem tem comércio de alimentos possa ajudar com doações também.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta sobre região exata do comércio da ouvinte no bairro e dados sobre o atendimento da padaria. Equipe trata essa informação como importante dentro da cobertura, pela divulgação de estabelecimentos comerciais de alimentos que estão atendendo.

Nível de envolvimento: público interessado.

(86) Moradora da Ponta Aguda (Lucimar)

Horário: 10h38

Finalidade: (fornecer informações) informa que mercado Vargas da rua das Missões vai atender o dia inteiro.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) perguntam localização e agradecem.

Nível de envolvimento: público interessado.

(87) Moradora It.Seca (Luciana)

Horário: 10h39

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) pede que responsáveis abram as instalações do campus II da Furb para que moradores da região da rua São Paulo possam usar o local como abrigo.

Controle discursivo: (Joelson) diz que vai entrar em contato com reitoria da Furb e agradece participação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(88) Morador da It.Central (José)

Horário: 10h41

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - oferece para abrigar duas famílias na sua residência.

Controle discursivo: (Joelson) confirma dados para contato com ouvinte e confirma disposição (entra na conversa). Agradece a solidariedade.

Nível de envolvimento: público interessado.

(89) Morador da Vila Nova (Horst)

Horário: 10h43

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata caso de 30 pessoas ilhadas em capela no bairro Belchior Baixo em Gaspar desde o dia anterior, devido à queda de barreira.

Controle discursivo: (Paulo César) inicia perguntando a situação do bairro; confirma dados com ouvinte e diz que vai passar para bombeiros.

Encerra sem se dirigir ao ouvinte, mas fazendo resumo do assunto para o público em geral.

Nível de envolvimento: público interessado.

(90) Morador da Itoupavazinha (Capilé)

Horário: 10h45

Finalidade: (fornecer informações) informa ação da Defesa Civil no bairro e dificuldade de acesso à região.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta se ouvinte tem informações sobre soterramento de pessoas na rua Botuverá da Itoupavazinha (sabe que ouvinte é funcionário da prefeitura). Faz perguntas como se ouvinte fosse um entrevistado com conhecimento de causa. Pede ao final que ouvinte passe informações quando as tiver.

Nível de envolvimento: público interessado.

(92) Moradora do Salto do Norte (Maria)

Horário: 10h47

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata que tem sobrinho que mora no bairro Vorstadt perto do rio e que o mesmo tem filhos pequenos e eles estariam ilhados. Está preocupada com a família.

Controle discursivo: (Paulo César/Joelson) prometem pedir auxílio à Defesa Civil e bombeiros para ajudar aquela família.

Nível de envolvimento: público interessado.

(93) Moradora da Velha Grande (Anadir)

Horário: 11h

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que não consegue contato com Defesa Civil e órgãos oficiais – quer saber como vão fazer em caso de emergência para se deslocar, já que sua rua está bloqueada; como as “outras” pessoas farão “se houver” uma emergência e alguém precisar sair da rua.

Controle discursivo: (Paulo César/Joelson) Joelson responde dizendo que órgãos oficiais estão muito ocupados, já que “é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo”. Concorda com ouvinte, mas ouve e confere com ouvinte local e se há maiores riscos. Orienta para que se houver algum problema mais sério para ligar para rádio que a rádio entra em contato com bombeiros e outros. Total cordialidade com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(94) Morador da Ponta Aguda (Estefão)

Horário: 11h03

Finalidade: (fornecer informações) relata situação da rua Silvano Cândido da Silva, com deslizamentos, queda de postes e outros. Diz que a rua inteira desapareceu.

Controle discursivo: (Paulo César) concorda com ouvinte, já demonstrando conhecimento sobre a situação da rua (já houve relato anterior no ar). Pergunta para ouvinte o que seria mais importante: secretaria de obras mandar máquina pra abrir caminho para os moradores (ouvinte concorda). Promete fazer pedido à prefeitura.

Nível de envolvimento: envolvido.

(95) Moradora da Fortaleza (Rosane)

Horário: 11h09

Finalidade: (fornecer informações) informa que na casa da sua irmã na rua Nicolau Werner está tendo deslizamento e estão precisando de lona.

Controle discursivo: (Paulo César) diz que vai passar informação à Defesa Civil e novamente diz que órgão está bastante atarefado diante da situação. Joelson encerra ligação de forma “carinhosa” com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(96) Moradora da Velha (Viviane)

Horário: 11h11

Finalidade: (fornecer informações) informa que casas estão desabando na região (da rua Emílio Jurk devem cair na rua Marechal Deodoro).

Controle discursivo: (Joelson) começa perguntando como está a situação na sua região. Vai conversando e reiterando informações passadas pela ouvinte. Rapidamente orienta o que os moradores em risco devem fazer.

Nível de envolvimento: público interessado.

(99) Moradora da Fortaleza (Heloísa)

Horário: 11h21

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - oferece uma casa desocupada de sua propriedade para abrigar pessoas. Informa também como está a região próxima onde mora, mas na sua casa não há risco de enchente ou deslizamento.

Controle discursivo: (Joelson) anota e repete no ar telefone para contato.

Nível de envolvimento: público interessado.

(100) Morador da Fortaleza e coordenador de abrigo (Ademir)

Horário: 11h28

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata situação do abrigo, que tem pessoas chegando sem nada (não conseguiram salvar pertences); faz pedido de alimentos e colchões à população não-atingida, já que a prefeitura deve enviar, mas deve demorar um pouco.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta localização correta do abrigo, repete o que eles precisam e pergunta se tem crianças no abrigo também. Encerra dirigindo-se ao público em geral falando sobre o assunto.

Nível de envolvimento: público interessado.

(104) Morador no Zendron (Udo)

Horário: 11h42

Finalidade: (fornecer informações) informa que moradores da sua região estão isolados.

Controle discursivo: (Joelson) confirma e concorda com ouvinte e logo encerra.

Nível de envolvimento: público interessado.

(105) Moradora da Velha (Almira)

Horário: 11h56

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata caso de sua filha que conseguiu sair de casa, mas casa que foi abrigada também deverá ser atingida (em Gaspar). Pede para alguém levá-los a um abrigo, já que estão ilhados.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(106) Moradora (Deise)

Horário: 12h03

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata caso de seu irmão que mora na região da rua Silvano Cândido da Silva e está ilhado com filhos pequenos e estão preocupados. Pede para órgãos competentes se puderem retirar árvores, barro e desobstruir rua. Diz que tem membro da família que precisa ir ao hospital porque está com pé inchado.

Controle discursivo: (Joelson) confirma dados com ouvinte, explica situação difícil dos órgãos competentes para atender, mas diz que vai passar informação a eles. Despede-se e comenta em seguida com público ouvinte em geral.

Nível de envolvimento: público interessado.

(108) Moradora da rua Bahia (Roberta)

Horário: 12h12

Finalidade: (pedir informação ou opinião) fala sobre sua preocupação com seus pais que moram no Belchior e não tem mais informações desde ontem. Pede para que entrem em contato com Defesa Civil e bombeiros.

Controle discursivo: (Joelson) informa declaração anterior do comandante dos bombeiros de que não há acesso ao Belchior. Pergunta nome do pai dela e telefone dela e diz que qualquer informação avisa no ar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(109) Moradora (Raquel)

Horário: 12h14

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) faz apelo, seus pais moram na rua São Sebastião na it. Norte e eles tem água na parte de baixo da casa e não tem como sair de casa. Precisam de ajuda.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta localização da rua e tenta confirmar informações com a ouvinte. Agradece participação e reforça pedido. Encerra rapidamente para entrevistar tenente do exército.

Nível de envolvimento: público interessado.

(111) Morador do Salto do Norte (Geraldo)

Horário: 12h20

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** que tem barcos para ajudar no resgate, mas não consegue falar com bombeiros. Precisa de transporte para os barcos a remo.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com ouvinte para repassar aos bombeiros.

Nível de envolvimento: público interessado.

(112) Moradora da Fortaleza (Rosane)

Horário: 12h21

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta informações sobre região da rua Rui Barbosa no Progresso, já que seus pais residem lá.

Preocupação com os pais. **Telefones não funcionam.**

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) respondem com informações que tem do grande Garcia, mas que não tem informações específicas da rua solicitada. Explicam o que está acontecendo com linhas telefônicas.

Encerramento de forma mais gentil.

Nível de envolvimento: público interessado.

(113) Morador da Fortaleza (Orlando)

Horário: 12h23

Finalidade: (fornecer informações) faz apelo para ninguém entrar de carro no loteamento Santa Rita sem necessidade pois atrapalha trabalhos de resgate e desobstrução no local.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) aproveitam para comentar com público em geral para que ninguém faça isso em local nenhum, deixando ouvinte esperando um tempo e tomando iniciativa de retomar conversa no ar. Encerram dizendo que vão reforçar esse pedido.

Nível de envolvimento: público interessado.

(114) Morador de Florianópolis (Sidnei)

Horário: 12h30

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber informações sobre parentes que moram no Garcia em Blumenau. Dá nomes das pessoas, já que não conseguem contato nem pela internet nem por telefone.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) pedem para confirmar nomes e região onde moram. Pedem para público para se alguém tiver alguma informação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(115) Moradora da Fortaleza (Kátia)

Horário: 12h36

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda**, coloca colchões à disposição, mas não tem como levar.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta se não tem como levar e no meio da participação comenta problema com colega Dirceu. Pede telefone da ouvinte para “resolver depois”. Vão passar a informação aos órgãos públicos e coordenação de abrigo na região. Não se despede da ouvinte, segue se dirigindo ao público em geral.

Nível de envolvimento: público interessado.

(116) Moradora da Velha (Amélia)

Horário: 12h38

Finalidade: (pedir informação ou opinião) fala que já saiu da sua casa e está em casa de amigos, mas está preocupada com sua mãe no Jordão que não tem contato. Pede para que alguém avise pela rádio.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) comentam problemas de comunicação no Garcia. Paulo César mais informativo (difusionista); Joelson usa mais diálogo. Edécio lembra que se moradores tiverem acesso à internet para mandarem mensagem via e-mail que a rádio divulga. Após ouvinte desligar, rapidamente debatem sobre problema de ter ou não energia elétrica.

Nível de envolvimento: público interessado.

(117) Moradora da Fortaleza (Rosane)

Horário: 12h44

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer contato com casal de amigos do bairro Nova Esperança que está sem acesso. Estão preocupados, pois estão com o filho do casal na sua casa. Caso alguém ouça e tem notícias deles para entrar em contato.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com ouvinte e pede para ela deixar telefone. Coloca rádio à disposição para contatos.

Nível de envolvimento: público interessado.

(118) Morador da Escola Agrícola (Valdemar)

Horário: 12h46

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - oferece garagem para colocar pertences.

Controle discursivo: (Joelson) pede dados para contato.

Nível de envolvimento: público interessado.

(119) Morador da Velha Grande (Adriano)

Horário: 12h50

Finalidade: (fornecer informações) pede lona para alguma loja de material de construção. Relata situação geral na sua região.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) pedem telefone para contato. Como ouvinte fala sem pausas, apresentadores pouco intervêm e buscam concluir assunto.

Nível de envolvimento: público interessado.

(122) Funcionária da Coteminas (Fernanda)

Horário: 13h05

Finalidade: (fornecer informações) informar a funcionários que turno de serviço da Coteminas está suspenso. Mais como aviso de **utilidade**.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com ouvinte e conversa encerra-se rapidamente.

Nível de envolvimento: público interessado.

(123) Moradora da Velha (Shirlei)

Horário: 13h09

Finalidade: (fornecer informações) avisa sua mãe que está tudo bem com ela.

Controle discursivo: (Joelson) confirma nome da mãe dela e localização e se está tudo certo.

Nível de envolvimento: público interessado.

(124) Moradora do Vorstadt (Monique)

Horário: 13h15

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) pede para Defesa Civil passar no local devido ao risco na sua rua e próximo à sua casa.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta se já deixou sua casa (ela confirma). Explica que bombeiros e Defesa Civil estão ouvindo e quando possível passarão por lá.

Nível de envolvimento: envolvido.

(125) Moradora da Ponte Salto (Helena)

Horário: 13h25

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) pede para Defesa Civil ou bombeiros passar na casa de sua irmã que está em risco no bairro Glória.

Controle discursivo: (Joelson) ouvinte já reconhece apresentador na saudação inicial. Joelson tenta minimizar solução do caso, trazendo para o geral (vizinhos ajudarem).

Nível de envolvimento: público interessado.

(127) Morador da Água Verde (Mauro)

Horário: 13h31

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) há um poste na rua Eça de Queiroz amarrado e em risco de cair sobre sua casa. Pede para Celesc para ir ao local, pois o poste está energizado.

Controle discursivo: (Joelson) interage com ouvinte, colhendo dados específicos a respeito do local e da situação, com várias pequenas perguntas, de acordo com explicações do ouvinte. Encerra dizendo que avisará Celesc.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(129) Moradora da rua Porto Seguro, bairro Glória (Sandra)

Horário: 13h41

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata que estão sem água e sem luz.

Controle discursivo: (Joelson) interage com ouvinte, colhendo dados específicos a respeito do local e da situação, com várias pequenas perguntas, de acordo com explicações do ouvinte. Encerra dizendo que avisará Celesc. Após encerrar conversa, explica que há muita gente precisando de atendimento da Celesc e outros órgãos.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(131) Moradora do Salto do Norte (Jane)

Horário: 13h55

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pede informações sobre nível de inundação da Vila União, na Itoupava Central. Ouvinte pede para rádio informar no ar os moradores que estão preocupados.

Controle discursivo: (Joelson) apresenta dificuldades (insegurança) para responder por não conhecer o local e ter de consultar lista da Defesa Civil de ruas a serem atingidas. Ouvinte, por ter mais domínio sobre o local, acaba dirigindo mais o rumo da conversa. Obs: equipe informa sobre rua Franz Volles, mas não sabe que Vila União é outra metragem.

Nível de envolvimento: público interessado.

(132) Morador do Garcia (Paulo)

Horário: 14h05

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre como está a situação na região da rua Gruesmuhel, sobre deslizamentos, como está a rua (interditada) e outras informações. Pede à rádio para prefeitura enviar maquinário para desobstruir a rua.

Controle discursivo: (Joelson) concorda com ouvinte e pede no ar à prefeitura para, assim que puder, disponibilizar maquinário para a rua.

Nível de envolvimento: público interessado.

(133) Morador do Texto Salto (Marcos)

Horário: 14h08

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre nível do ribeirão na região.

Controle discursivo: (Joelson) informa sobre nível da água na região, por ser indagado inicialmente sobre como está a situação no local.

Nível de envolvimento: público interessado.

(134) Morador da Fortaleza (Giovani)

Horário: 14h10

Finalidade: (fornecer informações) informa e comenta que houve alagamento antes de atingir o nível indicado pela cota de enchente da Defesa Civil, devido a problemas do ribeirão do bairro.

Controle discursivo: (Paulo César) confirma que a região foi atingida antes de outras devido ao transbordamento do ribeirão da Fortaleza. Após encerrar, Joelson comenta sobre as informações que os ouvintes trazem dos bairros como muito importantes para o trabalho de cobertura da emissora.

Nível de envolvimento: público interessado.

(135) Morador (Valdir)

Horário: 14h12

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que esposa e filho estavam voltando do litoral e pegaram desvio por Guaramirim e não consegue contato com eles.

Controle discursivo: (Joelson) informa ao ouvinte que na região não tem passagem e dificuldade de contato com telefone. Tranquilizam ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(136) Morador do bairro Glória (Vilson)

Horário: 14h15

Finalidade: (fornecer informações) informa que estão sem energia elétrica, que é dono de mercado (anuncia nome do mercado) e que amanhã não haverá mais alimento perecível se energia não voltar.

Controle discursivo: (Paulo César e Joelson) apenas comentam sobre a dificuldade geral com alimentos e energia elétrica. Prometem contato com Celesc.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(137) Moradora da It.Norte (Helena)

Horário: 14h18

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) pede para seu marido (onde estiver) volte para casa para ajudar a retirar os pertences de casa antes que ela caia. (ouvinte diz naturalmente, que não sabe se o marido morreu soterrado no shopping ou onde está).

Controle discursivo: (Paulo César e Joelson) fazem pequenas perguntas e ouvinte toma iniciativa de encerrar conversa.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(138) Moradora da Itoupavazinha (Salette)

Horário: 14h19

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata sobre risco no terreno de sua casa e está tentando contato com Defesa Civil e não consegue. Tem 11 pessoas na casa.

Controle discursivo: (Joelson/ Paulo César) Joelson pergunta se não tem local para se abrigar, pois recomendação é sair de casa em caso de risco. Paulo César recomenda sair o quanto antes, se há rachaduras na casa.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(140) Moradora da rua Belo Horizonte (Adriana)

Horário: 14h30

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber como está a situação da rua Laranjeiras onde mora sua mãe.

Controle discursivo: (Joelson) anota nome da rua e promete divulgar assim que tiver informações.

Nível de envolvimento: público interessado.

(141) Moradora da Ponte do Salto (Anita)

Horário: 14h33

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – oferece colchão e roupas para quem precisar e deixa número do telefone.

Controle discursivo: (Joelson) anota informações. Após conversa diz que é melhor sempre levar para os abrigos, se puder.

Nível de envolvimento: público interessado.

(142) Morador do Progresso (Adalberto Day)

Horário: 14h36

Finalidade: (fornecer informações) informa que caiu uma barreira (de forma violenta) na região do cemitério do bairro Progresso; diz que mudou curso do rio, que situação é mais apavorante que a enxurrada de

1990. Acha que tem vítimas. Diz que “não existe” mais a Rua Progresso.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) demoram um pouco para entender localização que o ouvinte se refere (maioria das pequenas perguntas feitas pelos apresentadores é para que os mesmos possam se localizar). Fazem outras perguntas, repetindo informações dadas pelo ouvinte, em tom de surpresa. Por conhecerem perfil do ouvinte, deixam falar por mais tempo.

Nível de envolvimento: público interessado.

(145) Moradora de Pomerode (Maíke)

Horário: 14h46

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) bombeiros e Defesa Civil fossem até a rua Silvano Cândido da Silva. Seu filho ligou de lá e tem risco de desabamentos (casa de seu filho também). Pede (chorando) para que máquina libere caminho para saírem de lá.

Controle discursivo: (Joelson/Paulo César) Joelson diz que Defesa Civil ouve a rádio e vai pedir para pessoas que trabalham com maquinário poderem ajudar porque a prefeitura sozinha não vai conseguir.

Nível de envolvimento: público interessado.

(146) Moradora da Itoupavazinha (Teresinha)

Horário: 14h49

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) casa de seu filho já desabou e sua casa está ligada a dele e corre risco também. Tem duas filhas deficientes em cadeiras de rodas, que já estão na vizinha, mas mesmo assim estão com medo. Não sabem se tiram mobília da casa ou não.

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte e orienta a deixar a casa e preservar a vida (em tom de aconselhamento).

Nível de envolvimento: público envolvido.

(147) Moradora da Velha (Dolores)

Horário: 15h01

Finalidade: (fornecer informações) informa que na Velha voltou a chover. Seu sobrinho mora no Progresso e está preocupada por que lá desabou barreira. Pede para que, se ele estiver ouvindo ou outra pessoa que o conheça, entre em contato com ela. Fala sobre região da Rua Coripós, dizendo que recebeu informação que desabou a rua e pessoal lá está sem acesso.

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte, confere informações com a mesma. Agradece ouvinte e reitera pedido sobre sobrinho da ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(149) Morador da Velha (Carlos)

Horário: 15h06

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta que rua na encosta do ribeirão está indo embora e temem ficar isolados. Tem poste caído sobre o rio e está eletrificado. Apelo à Celesc, já que não conseguem contato direto. Compara desabamentos a uma guerra.

Controle discursivo: (Dirceu) deixa ouvinte falar e agradece as informações (sem perguntas), prometendo repassar as informações à Celesc.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(151) Moradora (Cida)

Horário: 15h14

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) seu irmão mora em Gaspar (Gasparinho) e tem informações que está caindo uma árvore no local. Sua irmã, lá próximo, não consegue sair de casa porque tem água (estariam ilhados) e não conseguem contato com Defesa Civil de Gaspar.

Controle discursivo: (Dirceu) confere com ouvinte dados do local. (Paulo César) entra fazendo comentário sobre situação com Dirceu no ar, ouvinte fica de fora da conversa e apresentadores encerram conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(152) Moradora da Vila Nova (Nice)

Horário: 15h15

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - coloca igreja Batista Vida Nova à disposição dos desabrigados da região.

Controle discursivo: Dirceu e Paulo César conferem dados com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(153) Moradora (Josefina)

Horário: 15h16

Finalidade: (fornecer informações/relatar um caso próprio ou de outro) ouviu uma ouvinte perguntar sobre parente e tem resposta para isso (família está bem). Também conta que esteve na rua Johann Laffin onde

tem uma irmã e pede para bombeiros retirarem família de lá. Pede para seus familiares ligarem para ela assim que fossem resgatados.

Controle discursivo: (Paulo César) confirma informações com ouvinte. Faz apelo ao corpo de bombeiros para atender a ouvinte. Aparentando não entender muito o segundo assunto da ouvinte, agradeceu pelo primeiro assunto. Encerra para entrevistar engenheiro da prefeitura.

Nível de envolvimento: público interessado.

(155) Moradora (Elisa)

Horário: 15h26

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) conta que em determinada rua no Belchior, mulher está entrando em trabalho de parto e que vão sinalizar com lençol branco quando bombeiros chegarem.

Controle discursivo: (Dirceu) demonstra conhecer o local e confere informações com ouvintes, prometendo tentar contato com bombeiros. Paulo César comenta logo após.

Nível de envolvimento: público interessado.

(156) Morador da Velha (Leandro)

Horário: 15h28

Finalidade: (fornecer informações) diz que casa acabou de cair na rua Irmã Aluysianes há pouco tempo e várias ocorrências na região. Disse que não conseguem contato com Defesa Civil, que na secretaria de obras desligaram o telefone “na sua cara” e reclama da Celesc sobre falta de energia.

Controle discursivo: (Paulo César) confere informações com ouvintes, ignora assunto do atendimento da secretaria de obras e pede paciência quanto à Celesc e em geral. Comentário longo de Paulo César, com apoio de Dirceu. Esqueceram ouvinte no ar e emendaram assunto com entrevista com Régis da Celesc.

Nível de envolvimento: público interessado.

(158) Moradora do Garcia (Darci)

Horário: 15h37

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro/denunciar um fato) relata que na rua Jaborá há uma família precisando de socorro. Denuncia que uma família no Garcia está retendo uma canoa que foi colocada à disposição de todos.

Controle discursivo: (Paulo César) confere dados com ouvinte sobre família que precisa de ajuda. Não pergunta sobre caso da canoa. Ouvinte toma iniciativa de retomar esse assunto.

Nível de envolvimento: público interessado.

(159) Morador do Progresso (Adalberto Day)

Horário: 15h45

Finalidade: (retificar uma informação) diz que barreira que engenheiro da prefeitura se referia no progresso não é a mesma que o ouvinte relatou anteriormente. Fala sobre a gravidade do problema.

Controle discursivo: (Paulo César) deixa ouvinte relatar e pede reiteração. Novamente deixa ouvinte falar bastante. Dirceu entra no ar e tenta ajudar a resumir problema relatado pelo ouvinte. Longa intervenção (aprox. 6').

Nível de envolvimento: público interessado.

(162) Morador do Tribess (Márcio)

Horário: 16h08

Finalidade: (fornecer informações) fala que caiu uma barreira na região da rua Samuel Morse. Fala sobre árvores caídas e falta de luz.

Controle discursivo: equipe interage com ouvinte, sempre repetindo informações passadas pelo mesmo.

Nível de envolvimento: público interessado.

(164) Morador da rua Bahia (Thiago)

Horário: 16h23

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – tem cachorros-quentes para doar e quer saber onde pode levar.

Controle discursivo: equipe informa abrigos próximos para levar alimento. Equipe agradece e parabeniza ouvinte pela iniciativa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(166) Moradora do Salto do Norte (Susan)

Horário: 16h27

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata que sua sobrinha veio a Blumenau de Luís Alves fazer teste no Ibes (Instituto Blumenauense de Ensino Superior) e não fez contato com sua mãe. Pede para fazer contato.

Controle discursivo: Anota as informações passadas pela ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(167) Moradora do Garcia (Marlete)

Horário: 16h31

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que estão sem energia desde ontem e estão hospedando uma família, mas quer saber se a energia voltará, senão terá que arrumar outro local para família porque há uma criança pequena junto.

Controle discursivo: (Dirceu) responde dizendo que não há previsões para o Garcia. Pede para ouvintes que acompanham para que possam ajudar.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(168) Moradora da Boa Vista (Odete)

Horário: 16h36

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) fala que não estão com energia elétrica devido à queda de barreira. Pede para Celesc dar atenção.

Controle discursivo: (Joelson) confirma com ouvinte as informações e diz que encaminhará para Celesc, mas justificando os inúmeros casos semelhantes.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(169) Moradora da Ponta Aguda (Ketlin)

Horário: 16h38

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata caso de um casal com mulher grávida no sótão da casa, ilhados, na rua Emílio Tallman.

Controle discursivo: (Joelson) pede no ar para alguém que está ouvindo e tiver barco que possa ajudar. Faz comentário logo após a conversa com ouvinte, pedindo a todos que tenham barco.

Nível de envolvimento: público interessado.

(170) Moradora da Velha (Arli)

Horário: 16h39

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – tem roupas para doar, mas não tem como levar.

Controle discursivo: (Joelson) pede informações úteis no ar (contato) para doação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(171) Morador da Água Verde (Adilson)

Horário: 16h41

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta quando Celesc deve reestabelecer energia.

Controle discursivo: (Joelson) responde falando sobre as barreiras que atrapalham, mas diz que está anotando para passar ao gerente da Celesc.
Nível de envolvimento: público envolvido.

(172) Moradora do Zendron (Odília)

Horário: 16h45

Finalidade: (fornecer informações) diz que desabou muita coisa na região. Informa que passagem para o bairro da Velha não está aberta, pois desabou tudo, já que muita gente quer saber.

Controle discursivo: (Joelson) apenas conversa com ouvinte, comentando situação do Zendron. Dá conselhos sobre eventual desocupação da casa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(173) Moradora de São João Batista (Verônica)

Horário: 16h50

Finalidade: (pedir informação ou opinião) Preocupada com sua filha que mora no Progresso e há queda da barreira no local. Não tem contato por telefone com filha. Ouvinte pergunta sobre região do Zendron, onde mora sua mãe.

Controle discursivo: (Joelson) tranquiliza ouvinte dizendo que barreira que caiu não é na região da filha da ouvinte. Pergunta se casa da filha fica em morro. Relata o que já foi falado no ar sobre situação do Zendron. Pede para ouvinte acompanhar pela internet para ficar sabendo.

Nível de envolvimento: público interessado.

(174) Moradora (Suzi)

Horário: 16h56

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) fala sobre casal com mulher grávida relatado anteriormente, que ela é sua cunhada. Informa endereço correto.

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte, pedindo informações corretas.

Nível de envolvimento: público interessado.

(175) Moradora da Pedro Kraus (Alzira)

Horário: 17h01

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro/ fornecer informações) fala que está sem energia elétrica porque os alimentos na geladeira estão

estragando. Informa que a região da Pedro Kraus está com muitos deslizamentos. Diz que escola foi quase que totalmente danificada.

Controle discursivo: (Joelson) comenta orientação da prefeitura para pessoal da região sair de casa. Ouvinte pergunta “ir para onde?”. Encerra sem despedida porque tem comandante dos bombeiros em linha.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(178) Moradora do Salto do Morte (Carolina)

Horário: 17h07

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) informa que rua está ficando alagada. Que tem comércio e estão sem energia e tem dificuldade em atender ao público devido a isso. Quer saber se há previsão de reestabelecimento da energia. Ouvinte discorda da resposta do apresentador, dizendo que caso de sua rua é diferente, pois tem acesso ao local.

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte e repassa no ar informação da Celesc de dificuldade de acesso na maioria das ruas.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(180) Morador do Garcia (Mário)

Horário: 17h11

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber como está a situação do ribeirão Garcia, já que o mesmo independe do nível do rio, mas é afetado pela enxurrada.

Controle discursivo: (Joelson) inicialmente diz que “deve estar no mesmo nível do rio”, mas ouvinte discorda. Em seguida diz que perguntará à Defesa Civil no próximo contato.

Nível de envolvimento: público interessado.

(181) Morador da Vila Nova (Clóvis)

Horário: 17h16

Finalidade: (fornecer informações) preocupado com pais que moram na região da rua Pastor Oswaldo Hess. Diz que no morro da região há rachaduras e árvores caindo. Estão preocupados que morro possa desabar.

Controle discursivo: (Paulo César) confere informações do local com ouvinte. (Joelson) informa sobre abrigo na região, caso os pais dele precisem.

Nível de envolvimento: público interessado.

(182) Morador da Velha (Jorge)

Horário: 17h21

Finalidade: (fornecer informações) fala que na sua região está tudo seguro, mas que um amigo e mais 30 pessoas estão ilhadas na igreja na região de Belchior Baixo.

Controle discursivo: (Paulo César) tenta conferir informações com ouvinte, já que o mesmo recebeu mensagem do amigo via SMS.

Nível de envolvimento: público interessado.

(183) Moradora de Indaial (Salette)

Horário: 17h25

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – diz que na casa da sua irmã em Blumenau tem sacos de roupas para as pessoas usarem.

Controle discursivo: (Joelson) confere dados com ouvinte para doação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(184) Morador do Valparaíso (Leandro)

Horário: 17h30

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que está preocupado com avô que está na rua Jaborá. Emocionado. Na sua casa telhado já caiu.

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte e diz que bombeiros estão acompanhando a rádio.

Nível de envolvimento: público envolvido.

PARTICIPAÇÃO VIA REPORTAGEM EXTERNA:

(Sem identificação) ou pela internet ou telefone fora do ar: 3

(143) (Eunice)

Horário: 14h44

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) Edécio relata no ar que ouvinte entrou em contato com a redação da rádio dizendo que sua mãe está sozinha em casa na rua Goiás e a filha não consegue se deslocar. Casa está sendo tomada pelas águas. Pede para alguém da região tentar auxiliar sua mãe.

(144) (Jader)

Horário: 14h45

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda**. Edécio relata no ar que ouvinte oferece solidariedade, oferecendo casa na itoupavazinha para abrigar até 11 pessoas.

(150) Morador de Trombudo Central (Silvio)

Horário: 15h10

Finalidade: (pedir informação ou opinião) Joelson registra participação de ouvinte que está acompanhando a rádio pela internet e pergunta se é possível chegar de Trombudo Central até Blumenau no bairro Ponta Aguda. Joelson lê no ar a pergunta e responde que não dá para chegar ao local, mas que não há nenhuma vítima. Aconselha a não vir. (não diz se “participação” foi por e-mail, outra ferramenta via internet ou telefone).

24/11

Participação por telefone:

Entrevistados: 12

(185) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina)

Horário: 14h18

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre trabalhos dos bombeiros em geral; 4 mortes na região da rua José Reuter na Velha (5ª vítima ainda não havia sido confirmada); fala sobre helicópteros de apoio do exército brasileiro e da polícia militar de Florianópolis para resgate das pessoas; ações no Baú (Ilhota) e Belchior (Gaspar); 550 pessoas que foram passar o final de semana na Cascanéia e não conseguiram mais sair do local. Menestrina está na prefeitura na coordenação dos trabalhos;

Controle discursivo: (Joelson) inicialmente deixa comandante fazer relato geral; várias perguntas específicas da equipe sobre determinados locais;

(186) Deputado estadual (Jean Kuhlman)

Finalidade: (fornecer informações) informa que sobrevoou o Vale do Itajaí com governador do estado e secretário nacional de segurança. Fala sobre recursos para reconstrução. Entrevista longa, focando na articulação política.

Controle discursivo: (Joelson) perguntas sobre o que o deputado viu no sobrevôo; pergunta sobre liberação de verbas;

(189) Gerente regional da Celesc (Régis Evaloir)

Finalidade: (fornecer informações) responder questões referentes ao abastecimento de energia na cidade. Fala da dificuldade de deslocamento. 64 mil consumidores (pontos) sem energia.

Controle discursivo: perguntam sobre prioridade da Celesc (entrevistado diz que são hospitais e locais onde um conserto resolva problema de maior número de pessoas). Agradecem.

(191) Diretor de operações do Samae (Ramiro Nilson)

Finalidade: (fornecer informações) informa que nenhuma das ETAs está funcionando. Para chegar na ETA III estão tentando chegar de helicóptero. Tentarão levar água em bombonas de helicópteros.

Controle discursivo: pergunta se é verdade que ETA III desabou (negado, dizendo que é boato); pergunta sobre previsão de retorno no abastecimento de água. Várias perguntas específicas sobre locais de abastecimento. Entrevista longa. Falam sobre moradores isolados que precisam de água.

(195) Engenheiro da secretaria de Obras (Éder Marchi)

Finalidade: (fornecer informações) fala que estão tirando barreiras de muitos locais, mas ainda há risco nesses locais. Fala que há locais como no Progresso que eles ainda nem sabem se algumas ruas existem ainda. Progresso sem acesso via terrestre.

Controle discursivo: pergunta sobre vias que tem trânsito liberado. Questões de acordo com informações passadas. Relata ao entrevistado **caso relatado por ouvinte**.

(200) Chefe da Guarda de Trânsito de Blumenau (Ivonei Leite)

Horário: 17h06

Finalidade: (fornecer informações) passa informações sobre o trânsito na cidade e diz que trafegabilidade está caótica. Orienta para quem não precisa sair de casa, não atrapalhar trânsito. Cidade sem transporte coletivo.

Controle discursivo: pergunta inicial sobre orientações aos motoristas. Perguntas específicas sobre locais interditados.

(203) Secretário de educação do município (Maurici Nascimento)

Finalidade: (fornecer informações) informa que aulas estão suspensas durante a semana.

Controle discursivo: pergunta sobre creches.

(205) Presidente do Seterb (Rudolf Clebsch)

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre transporte coletivo. Começa a operar algumas linhas a partir do dia seguinte. Adverte que motoristas que não estão envolvidas em ajudar (estão passeando para fotografar) estão sujeitas às penalidades das leis de trânsito. E a partir das 18h é proibido estacionar a 100m dos locais de deslizamentos.

Controle discursivo: pergunta a partir de que horas de amanhã o transporte coletivo começa a operar. Faz pequeno resumo da informação. Comenta sobre trajetos também.

(222) Gerente regional da Celesc (Régis Evaloir)

Finalidade: (fornecer informações) informações sobre o quadro geral de abastecimento de energia.

Controle discursivo: equipe passa as demandas dos ouvintes. Também perguntam porque em determinada região a energia não voltou ainda. (Dirceu) diz que vão continuar passando as informações dos ouvintes, pois é a maneira de mostrar à comunidade que a rádio também está preocupada em colocar a Celesc em contato.

(228) Prefeito de Blumenau (João Paulo Klenubing)

Finalidade: (fornecer informações) relato geral sobre a situação na cidade e atuação da prefeitura.

Controle discursivo: perguntam se há alguma ação sobre a região do progresso. (cai ligação)

(234) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) relato geral sobre a situação na cidade e atuação dos resgates.

Controle discursivo: pergunta sobre ações dos bombeiros (responde que está coordenando toda a segurança). Repassam apelos de ouvintes que participaram no ar. Perguntas específicas – respostas generalizadas.

(247) Presidente do Seterb (Rudolf Clebsch)

Finalidade: (fornecer informações) informa que terminais de ônibus serão limpos amanhã para que ônibus voltem a circular.

Controle discursivo: perguntam a respeito de declarações dadas pelo entrevistado anteriormente. Perguntas relacionadas às informações de iniciativa do entrevistado.

Ouvintes: 54

(187) Morador da Itoupava Central (Josenilton)

Horário: 14h38

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) relata caso da rua Irineu Provesi na Vila Nova de senhora que tem câncer e filho cego e em cadeira de rodas que precisam de ajuda, estão sem alimentação e sem água. **Pede ajuda** para eles.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta se tem risco (mas a questão já parece não ser mais essa, mas sim, de donativos e água). Confere informações com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(190) Morador de Balneário Camboriú (Murilo)

Horário: 15h58

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que Ancionato Santa Ana está pedindo auxílio e corre risco de deslizamento de terra no local. Diz que ligou para batalhão do exército e Defesa Civil, mas ninguém lhe atendeu, por isso está ligando para a rádio. Pede urgência no caso.

Controle discursivo: (Joelson) confere informações com o ouvinte e pede no ar providências.

Nível de envolvimento: público interessado.

(196) Moradora (Gilmara)

Horário: 16h48

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber da situação de Belchior e Alto Baú, também de determinada família se houve morte ou não.

Controle discursivo: (Joelson) diz saber de apenas uma vítima e não ter mais notícias sobre vítimas. Fala da explosão de ontem que deixou o local isolado. Paulo César fala que o exército deve se dirigir para lá e retirar famílias da região.

Nível de envolvimento: público interessado.

(201) Morador da Velha Grande (Nelson)

Horário: 17h13

Finalidade: (fornecer informações/denunciar um fato ou situação) fala de ponto isolado em parte da Velha Grande. Onde ele mora estão sem energia. Estava ouvindo outra emissora de rádio (FM) e ficou sabendo que uma ponte foi levada embora. Fala que cada casa tem freezer com comida estragando. Ouvinte conta que ponte da rua Itororó (da Omino do bairro da Velha) caiu. Reclama que lá a Celesc já reestabeleceu a energia e na sua região não.

Controle discursivo: (Paulo César) confere informação sobre falta de energia com ouvinte. Promete passar informações para a Celesc, aproveitando para reconhecer trabalho da Celesc. Participação longa, com apresentador apenas dizendo que vai repassar as informações adiante.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(202) Morador da Velha (Leandro)

Horário: 17h17

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) reclama que estão sem energia na região da rua Irmã Aluysianes desde sábado e que ligou para Celesc e desligaram “na sua cara”. Acha que estão muito no centro e pouco nos bairros. Reclama também que não apareceu ninguém da secretaria de obras da prefeitura.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre casas que estão ameaçadas de cair (ouvinte responde que casas caíram). Deixa ouvinte falar e apenas agradece participação e pede compreensão do ouvinte. Não se despede do ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(204) Morador da região das Itoupavas (Agenor)

Horário: 17h30

Finalidade: (fornecer informações) cita passagens alternativas no trânsito na região norte. Diz que trânsito está intenso na região. Sugere guarda de trânsito mandar alguém de moto pra orientar.

Controle discursivo: (Paulo César) interrompe assunto do trânsito para perguntar sobre ribeirão. Depois pergunta sobre determinadas ruas se estão com acesso liberado. Deixa ouvinte falar bastante. 5’30” de intervenção.

Nível de envolvimento: público interessado.

(206) Morador da It.Seca (Aldo)

Horário: 17h45

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) diz que na rua Daniel Parphendorff estão desde sábado sem energia elétrica. Que metade da rua não tem luz.

Controle discursivo: (Paulo César) confere informações com ouvinte. Passa última informação da Celesc e diz que logo farão nova entrevista com Celesc. Não se despede.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(207) Morador da rua Silvano Cândido da Silva (Cândido)

Horário: 17h57

Finalidade: (desabafo) diz que entende a situação, mas reclama que desde sábado estão sem energia e ilhados. Diz que autoridades não devem só ficar atrás de uma cadeira. Diz que é líder comunitário e que faz parte do grupo que administra a cidade, mas reclama do descaso.

Controle discursivo: (Paulo César) deixa ouvinte falar à vontade, inicialmente. Comenta demonstrando solidariedade à situação. Encerra conversa sem entrar no mérito do desabafo do ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(210) Moradora da rua ver. Romário da Conceição Badia (Josefa)

Horário: 18h

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) diz que também estão sem energia ainda desde sábado.

Controle discursivo: (Paulo César) diz que logo farão nova entrevista com Celesc e repassará a informação.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(211) Moradora da rua Araranguá (Rosângela)

Horário: 18h02

Finalidade: (fornecer informações/pedir informação ou opinião) avisa ao seu pai de Luís Alves que família em Blumenau está bem (não tem contato direto com ele).

Controle discursivo: (Joelson) confirma informação com ouvinte e rapidamente fecha participação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(212) Moradora de São João Batista (Verônica)

Horário: 18h06

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que está sem notícias de sua filha do bairro Progresso desde sexta-feira. Pergunta se Defesa Civil pode chegar lá.

Controle discursivo: (Joelson) diz que durante entrevista com bombeiros pela tarde perguntaram sobre acesso ao Progresso e diz que bairro está incomunicável – acesso só por helicóptero. Alivia ouvinte dizendo que não há informação sobre maior gravidade. Longa explicação da equipe diante do estado emocional da ouvinte. Sem despedida da ouvinte no ar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(213) Moradora da Ponta Aguda (Márcia)

Horário: 18h09

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta se tem previsão de desobstruírem sua rua e se há previsão para água e luz voltarem.

Controle discursivo: (Paulo César) responde com informações que tem.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(214) Moradora do Centro (Maria Luíza)

Horário: 18h11

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que estão sem energia elétrica desde sábado na rua Floriano Peixoto.

Controle discursivo: perguntam se hospital em frente está energizado e diz que logo conversarão com Celesc a respeito.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(216) Moradora da região da rua Araranguá (Daniela)

Horário: 18h17

Finalidade: (pedir informação ou opinião/denunciar um fato ou situação) diz que precisam de informações se alguém fará alguma coisa por eles, já que estão sem água, sem luz desde sábado e várias casas caíram e não tem acesso a nenhum lugar.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta local exato e pede para ouvinte repetir informações e fornecer outras. Promete levar essas informações às autoridades competentes.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(217) Morador de Porto Alegre (Fernando)

Horário: 18h28

Finalidade: (fornecer informações) informa (de lá) que tem acesso alternativo para o bairro Progresso (ele é de Blumenau e conhece o local), via rua Francisco Benigno.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta detalhes sobre acesso. Deixa ouvinte relatar com detalhes o trajeto (ouvinte fala por bastante tempo sem interrupção). Reitera informações passadas pelo ouvinte. Esquece (sempre) de encerrar conversa com ouvinte, já se dirigindo ao público em geral e aos colegas de estúdio. Ouvinte interrompe (esquecimento) e conclui sua participação. (aprox. 8' de participação). Obs: avisa que Joelson vai sair da rádio e tentar percorrer este trajeto sugerido pelo ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(219) Moradora da Velha (Gabriela e Clarice)

Horário: 18h40

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) sobre o abastecimento de água – sem água desde sábado à tarde na rua Johana Hering. Mãe reclama também quanto à falta de luz.

Controle discursivo: (Napoleão) pede para repetir informações e ela passa o telefone para sua mãe para explicar melhor. Apenas deixa a ouvinte fazer o registro e encerra logo a conversa no ar.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(220) Morador do Garcia (Eduardo)

Horário: 18h43

Finalidade: (retificar uma informação/fornecer informações) fala a respeito da informação do Fernando de Porto Alegre sobre caminho alternativo, que a informação que ele tem é que a rua Brusque desabou e não tem acesso por lá. Diz que caíram postes de luz na sua região também.

Controle discursivo: (Dirceu) formalmente pede para o ouvinte falar, não questiona e encerra conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(221) Moradora da It. Central (Cléris)

Horário: 18h53

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que não tem contato com irmão na região da Nova Esperança. Quer contato com ele.

Controle discursivo: (Napoleão) pergunta sobre local específico que mora o irmão. Encerra logo a participação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(223) Morador do Grande Garcia (Luis Carlos)

Horário: 19h10

Finalidade: (retificar uma informação/pedir informação ou opinião) explica que o acesso relatado no ar para o bairro Progresso não desabou (rua Brusque), mas só pode passar a pé. Ele testemunha tendo passado no local. Disse que já estão consertando a rua por lá, mas por enquanto só se passa a pé. Também fala que quer contato com um tio da região do bairro Baú, em Ilhota. Pede pra ele ligar para saber se está tudo bem.
Controle discursivo: (Dirceu) pergunta se ele já passou por lá. Confere dados passados pelo ouvinte.
Nível de envolvimento: público interessado.

(224) Moradora do Garcia (Inês)

Horário: 19h11

Finalidade: (fornecer informações) conta que sua prima lhe ligou informando que **encontraram um corpo** que veio pelo ribeirão na região da Nova Rússia e eles não sabem o que fazer com o corpo.
Controle discursivo: (Napoleão) tenta anotar telefone da prima, mas lá estão incomunicáveis. Pede algum contato para tentar passar para autoridades competentes. (**obs: não dá o valor-notícia merecido**)
Nível de envolvimento: público interessado.

(225) Moradora (Geni)

Horário: 19h14

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) pede ajuda para seus filhos na rua Itajaí. Estão na rua sem dinheiro.
Controle discursivo: (Napoleão) orienta para eles se dirigirem para um abrigo da região (sem especificar qual é o abrigo mais próximo). Tenta encerrar logo a participação.
Nível de envolvimento: público interessado.

(226) Presidente da Associação de Moradores região da It.Norte (Jardel)

Horário: 19h17

Finalidade: (fornecer informações) relata sobre “sua” atuação junto à comunidade. Que rua Ver. Romário C.Badia está em meia pista.
Controle discursivo: (Paulo César) tenta encerrar conversa antes da hora. Ouvinte insiste em reivindicar que Celesc passe no local, pois tem postes com fios soltos.
Nível de envolvimento: público interessado.

(229) Morador (Airton)

Horário: 19h34

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - oferece roupas para doação na igreja da Coripós.

Controle discursivo: (Napoleão) confirma informação com ouvinte e agradece.

Nível de envolvimento: público interessado.

(230) Morador da Nova Esperança (Geneci)

Horário: 19h35

Finalidade: (denunciar um fato ou situação/desabafar) reclama que mais de 20 casas desabaram na sua região e está tudo interditado, estão sem alimentos e sem água. Ainda enxergam o fogo do Belchior do seu bairro. Estão sem ajuda. Desabrigados estão no colégio do bairro, mas rua do colégio desabou e poderão ficar sem acesso (fala emocionada). Vê helicópteros no ar, mas ninguém auxilia a sua região.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com ouvinte (cai ligação). Em seguida, equipe comenta que deverá encaminhar para órgãos competentes.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(231) Moradora de condomínio no Garcia (Ivone)

Horário: 19h38

Finalidade: (fornecer informações) informa que **estão ajudando**, bombeando água da piscina do condomínio para doar e pegaram carne do freezer, fizeram churrasco e doaram para vizinhos.

Controle discursivo: (Napoleão) concorda, elogia ação e encerra conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(232) Morador da Toca da Onça (Valdir)

Horário: 19h41

Finalidade: (fornecer informações) relata que houve destruição total na Toca da Onça e que na Nova Esperança está mais grave ainda, pois estão isolados.

Controle discursivo: (Joelson) vai concordando com ouvinte durante conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(235) Morador da Coripós (Moisés)

Horário: 20h27

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferece ajuda** - diz que Blumenau caiu, mas que povo deve se levantar. Elogia prefeito por ter tirado barro do

lado de sua casa. Diz que tem nascente de água para quem precisar de água.

Controle discursivo: inicialmente deixam ouvinte falar. Perguntam de onde fala (já havia falado).

Nível de envolvimento: público interessado.

(238) Morador do Garcia (Léo)

Horário: 20h47

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pede para mãe de uma garota que está na sua casa entrar em contato com ele.

Controle discursivo: (Joelson) confere dados com ouvinte e pede para qualquer pessoa que conheça para ligar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(239) Moradora da Nova Esperança (Nair)

Horário: 20h49

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que com ela está tudo bem, mas sua comunidade está isolada. Pede para autoridades ajudarem. Não conseguem nem chegar ao abrigo do bairro porque tem muitas árvores caídas e situação é desesperadora (sem água e sem luz). Mas está ouvindo pela rádio que há lugares piores que o dela.

Controle discursivo: (Napoleão) conversa com ouvinte

Nível de envolvimento: público envolvido.

(240) Morador de Blumenau que está no litoral (Márcio)

Horário: 20h52

Finalidade: (pedir informação ou opinião) pergunta como está o acesso para Blumenau.

Controle discursivo: (Napoleão/Joelson) explicam para ouvinte acesso por Brusque, mas orientam que se não houver urgência que não venha, porque é um pouco perigoso.

Nível de envolvimento: público interessado.

(241) Moradora da região da rua Irmã Aluysianis (Joselita)

Horário: 20h55

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer notícias do seu irmão que mora em Belchior. Ouvinte responde pedindo que ele entre em contato com ela. Diz que estão ilhados e sem energia também.

Controle discursivo: (Napoleão) explica que muitas pessoas já foram resgatadas da região, mas ainda não há uma lista oficial à disposição da

emissora. (fala mais que a ouvinte). Joelson interfere e pergunta de onde ela fala.

Nível de envolvimento: público interessado.

(242) Morador (Roberto)

Horário: 20h59

Finalidade: (fornecer informações) diz que ouviu outro ouvinte pedindo informações sobre acesso do litoral para Blumenau. Ele esteve hoje no litoral e explicou o trajeto que usou para retornar a Blumenau.

Controle discursivo: (Napoleão/Joelson) deixam ouvinte explicar, tirando algumas dúvidas sobre o trajeto.

Nível de envolvimento: público interessado.

(243) Morador (Maurício)

Horário: 21h07

Finalidade: (pedir informação ou opinião) está com pessoas da região da rua Rui Barbosa no final de semana e não conseguiram voltar para casa (moram em área de risco). Quer informações sobre aquela região.

Controle discursivo: (Napoleão) pergunta o nome das pessoas que estão procurando e telefone para contato. Reforça pedido de informação no ar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(245) Morador (Germano)

Horário: 21h11

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber se o pessoal de Luis Alves está indo para Gaspar ou não.

Controle discursivo: (Joelson) explica que o pessoal que foi transferido foi de Belchior e não de Luis Alves. Ligação do ouvinte cai, mas Joelson continua explicando para o público em geral.

Nível de envolvimento: público interessado.

(246) Moradora (Marlise)

Horário: 21h13

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber sobre o Morro do Hadlich no Progresso, onde mora seu filho. Esteve lá no final de semana e diz que enxurrada foi muito pior que a de 1990 onde ela mesma perdeu a casa na rua da Glória.

Controle discursivo: (Napoleão) promete mais informações assim que tiver.

Nível de envolvimento: público interessado.

(248) Morador do Garcia (Valmor)

Horário: 21h20

Finalidade: (fornecer informações) informa que veio de Vidal Ramos para Blumenau, dizendo que de Blumenau e Rio do Sul já há passagem. Pedir à Defesa Civil ou ao 23º BI para amanhã passar na rua Carlos Stiler no Garcia que está com problemas de desabamento.

Controle discursivo: (Napoleão/Joelson) demonstram comemoração com a notícia sobre passagem de Rio do Sul a Blumenau. Agradecem informação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(252) Morador (Albertino)

Horário: 21h30

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) conseguiu contato com irmão que lhe contou que no Progresso é um cenário de guerra. Reclama que não apareceu ninguém da Defesa Civil, nem exército. Mulher tentou pegar água do rio e acabou desaparecendo.

Controle discursivo: (Joelson) responde ao ouvinte dizendo que helicópteros devem ir ao Progresso amanhã. Explica dificuldades para helicópteros chegar aos locais com chuva.

Nível de envolvimento: público interessado.

(253) Moradora da rua José Isidoro Corrêa (Maria)

Horário: 21h35

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) reclama que estão sem luz desde sábado e próximo, no loteamento City Figueira (área nobre), a luz já voltou. Diz que o lado dos ricos já tem luz.

Controle discursivo: (Napoleão) defende Celesc, justificando porque eles ainda não tem luz. Tenta encerrar logo a conversa, formalmente dizendo que o apelo da ouvinte será levado à Celesc.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(254) Moradora (Margarete)

Horário: 21h37

Finalidade: (pedir informação ou opinião) fala sobre resgate da região do Arraial Alto e Baú. Que pretende contato com pessoas de lá. Se resgate chegará às pessoas que ela conhece.

Controle discursivo: (Joelson) responde de onde vieram as pessoas resgatadas.

Nível de envolvimento: público interessado.

(255) Morador da Água Verde (Ilson)

Horário: 21h41

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber se passagem pelo morro da companhia e Rua Hermann Huscher estão liberadas.

Controle discursivo: (Joelson) responde explicando quais acessos são melhores.

Nível de envolvimento: público interessado.

(256) Morador de Pomerode (Oswaldir)

Horário: 21h42

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) faz apelo em favor dos moradores da rua Araranguá, já que não tem ouvido sobre os moradores daquela região. Pede à Defesa Civil para olhar por eles.

Controle discursivo: (Joelson) diz que fica registrado o apelo.

Nível de envolvimento: público interessado.

(259) Moradora (Juliana)

Horário: 21h57

Finalidade: (pedir informação ou opinião) diz que não tem contato com seu pai desde domingo. Ele mora no Belchior. Pergunta também sobre ônibus no dia seguinte.

Controle discursivo: (Napoleão) diz que pai da ouvinte não está na lista de resgate. Mas repassa orientação do exército e bombeiros e diz para ouvinte ficar tranquila porque os resgates continuam. Fala bem mais que a ouvinte. Responde pelo Seterb sobre os ônibus.

Nível de envolvimento: público interessado.

(260) Moradora da rua Irmã Aluysianes na Velha (Arlete)

Horário: 22h

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber se prefeitura não pode ao menos liberar a rua para moradores passarem a pé, já que estão isolados e sem água, sem luz.

Controle discursivo: (Napoleão) responde pela prefeitura, dizendo que “prioridade absoluta” da prefeitura é (...). Diz que vai passar às autoridades.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(262) Morador do Rio Grande do Sul (Arno)

Horário: 22h05

Finalidade: (pedir informação ou opinião) não consegue contato com irmã que mora no Progresso em Blumenau. Faz apelo por um contato com ela.

Controle discursivo: (Napoleão) explica que comunicação com região do Garcia está difícil.

Nível de envolvimento: público interessado.

(263) Morador (Marcos)

Horário: 22h06

Finalidade: (pedir informação ou opinião) soube que seu sobrinho desapareceu e pede se ele estiver ouvindo que entre em contato, já que os pais do seu sobrinho estão alojados em Gaspar.

Controle discursivo: (Napoleão) anota dados para contato e reforça pedido no ar. Repete anúncio após encerrar conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(264) Morador da Velha Grande (Adriano)

Horário: 22h08

Finalidade: (fornecer informações) fala sobre situação da região. Pede para a prefeitura providências.

Controle discursivo: (Napoleão) pergunta sobre os acessos no bairro. Anota telefone para contato para encerrar logo (ouvinte é conhecido por falar muito).

Nível de envolvimento: público interessado.

(267) Moradora da It. Norte (Isabel)

Horário: 22h30

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferece ajuda** – oferece local para pessoas desalojadas morarem por um tempo.

Controle discursivo: (Napoleão) pede dados para ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(268) Morador (Eduardo)

Horário: 22h34

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber sobre a identificação das vítimas da Rua José Reuter. Deixa no ar nome de casal conhecido, para quem souber ligar para ele dando notícias.

Controle discursivo: (Joelson) responde ao ouvinte com informações que tem e reforça aviso no ar após encerramento da conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(269) Morador do Badenfurt (Militino)

Horário: 22h36

Finalidade: (desabafo/denunciar um fato ou situação) reclama que Celesc esteve próximo religando luz e não religou na sua rua. Diz que tem problemas nas duas pernas e tem necessidade de energia. Desabafa no ar diante da situação de energia.

Controle discursivo: (Napoleão) confere dados com ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(270) Moradora (Claudete)

Horário: 22h40

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber de casas de amigas na rua Belmiro Colzani, pois teve informações que houve desabamento de duas casas e acha que são as casas delas.

Controle discursivo: (Napoleão) dá resposta generalizada baseada nas declarações do comandante Menestrina que “assim que puder” irão para o bairro Progresso.

Nível de envolvimento: público interessado.

(273) Moradora da It.Central (Sandra)

Horário: 22h52

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber sobre a região de Alto Serafim (Ilhota). Passa nomes de pessoas.

Controle discursivo: (Joelson) passa a ela as informações anteriores sobre o resgate de pessoas de Belchior. Ouvinte pediu telefone do abrigo da Catedral, mas a rádio não tinha (tinha quase nada de informação a respeito do resgate).

Nível de envolvimento: público interessado.

(274) Moradora da Ponta Aguda (Nadir)

Horário: 22h54

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber se a Defesa Civil pode ir lá ao local (rua José Isidoro Correa) para saber se pessoas precisam deixar casas mesmo, pois muita gente está saindo com medo de desabamentos. Ela diz que sua casa não está em risco. Quer informação sobre o local em geral.

Controle discursivo: (Joelson) para responder coloca no ar o vereador Marcelo Schrubbe (ex-funcionário da Defesa Civil). Entrevistado dialoga diretamente com ouvinte, mas pede para ela ligar direto pra Defesa Civil. Joelson diz que Paulo César está no QG do desastre e poderá buscar alguma informação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(275) Morador (Carlos)

Horário: 22h56

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber se sua rua (Silvano Cândido da Silva) vai receber alimentos, pois não a ouviu na relação na entrevista com secretário de assistência social. Faz pedido de auxílio diante da situação em que vivem.

Controle discursivo: (Joelson) responde que rua está na lista. Vereador Marcelo entra na conversa também.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(280) Moradora (Bernadete)

Horário: 0h00

Finalidade: (pedir informação ou opinião) quer saber se virá algum geólogo para Blumenau.

Controle discursivo: (Joelson) aproveita deputado Jean Kuhlman no ar para responder a ouvinte. Ouvinte interrompe perguntando “posso falar?” e relata que sai água do piso de sua casa.

Nível de envolvimento: público interessado.

PARTICIPAÇÃO VIA REPORTAGEM EXTERNA:

Entrevistados: 9

(218) Responsável pelo abrigo da Igreja Cristo Rei (Frei Lourivaldo)

Horário: 18h36

Finalidade: (fornecer informações) Kátia Regina entrevista em reportagem o responsável pelo abrigo que conta como está a situação e as principais necessidades.

Controle discursivo: (Kátia) perguntas sobre a situação.

(227) Tenente dos Bombeiros de Gaspar (Fragas)

Horário: 19h19

Finalidade: (fornecer informações) Kátia Regina entrevista em reportagem direto do corpo de bombeiros o tenente que informa sobre auxílio às vítimas do desastre em Gaspar.

Controle discursivo: (Kátia) perguntas sobre a situação, especialmente sobre vítimas no Belchior e no Baú. Pergunta sobre detalhes do socorro.

(257) Prefeito de Blumenau (João Kleinubing)

Horário: 21h43

Finalidade: (fornecer informações) Paulo César entrevista prefeito no seu gabinete para que o mesmo fale sobre as prioridades do momento.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta quais as orientações aos moradores atingidos. Pergunta sobre dimensão dos estragos e perguntas sobre encaminhamentos administrativos. (Joelson) intervém **lembrando apelos dos ouvintes**.

(258) Vice-prefeito eleito (Rufinus Seibt)

Horário: 21h55

Finalidade: (fornecer informações) Paulo César entrevista vice-prefeito logo após entrevistar prefeito sobre suas impressões a respeito do desastre.

Controle discursivo: (Paulo César) perguntas genéricas (tudo muito triste, etc..)

(261) Presidente do Seterb (Rudolf Clebsch)

Finalidade: (fornecer informações) Jorge Theiss entrevista Rudolf para saber sobre tubulação de gás na Velha que poderia oferecer risco.

Controle discursivo: (Jorge) lembra outras explosões de gás já ocorridas e pede orientação aos moradores.

(266) Comandante Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) fala sobre helicópteros para socorrer pessoas amanhã. Explica como vai funcionar.

Controle discursivo: (Paulo César), direto do QG no terceiro andar da prefeitura, perguntas sobre operações. Joelson passa **apelos de ouvintes** que ligaram para a rádio. Comandante diz que está anotando apelos dos ouvintes e passará às equipes.

(271) Secretário de Assistência Social (Mário Hildebrant)

Finalidade: (fornecer informações) sobre alimentação a ser entregue aos desabrigados. Estão montando kit com alimentos.

Controle discursivo: (Paulo César), direto do QG no terceiro andar da prefeitura, perguntas sobre a entrega do alimento e de água.

(272) Comandante Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) (Paulo César), direto do QG no terceiro andar da prefeitura, na sequência, pergunta a respeito da região do Progresso, rua Bruno Schreiber. Entrevistado diz que há dificuldades de acesso. Joelson, do estúdio, **passa o apelo da ouvinte** que ligou informando sobre as duas casas que teriam desabado. Entrevistado prometeu ação para o dia seguinte. Entrevistado diz que em 37 anos de experiência em Blumenau **nunca viu nada igual a este desastre**.

(279) Comandante Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) (Paulo César), direto do QG no terceiro andar da prefeitura, na sequência, pergunta a respeito da região do Progresso, rua Bruno Schreiber. Entrevistado diz que há dificuldades de acesso. Cobrança sobre região do Progresso. Passou **preocupação de ouvinte** sobre rua José Isidoro Correa.

Ouvintes: 7

(192) Morador de Belchior (Alaor)

Horário: 16h12

Finalidade: (fornecer informações) relata o que fotografou e viu na região de Belchior.

Controle discursivo: (José Góes) pergunta o que ele viu na região. Dirige-se ao estúdio para resumir o relato sobre a situação e volta a conversar com morador. Usa o morador como **fonte e testemunha do acontecimento**.

(193) Morador de Belchior (Alex)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre falta de acesso em determinada região do bairro. Diz que helicópteros sobrevoam, mas não podem pousar. Relata sobre o que soube de casas desabadas e famílias que teriam desaparecido com a enxurrada.

Controle discursivo: (José Góes) pede para morador repetir informação. Perguntas variadas e contato com morador. Ao final faz resumo para equipe do estúdio e público em geral.

Nível de envolvimento: público interessado.

(236) Moradora do Baú (sem nome)

Horário: 20h35

Finalidade: (fornecer informações) garota resgatada diz que está procurando sua mãe que mora em Blumenau. Reportagem na Catedral de Blumenau.

Controle discursivo: Demonstra estar um pouco irritada com repórter Góes.

Nível de envolvimento: público envolvido.

Obs: após essa moradora, coloca rapidamente de “viva voz” no ar o nome de alguns dos outros moradores resgatados.

(237) Moradores do Baú (Valdir e Lucimara)

Horário: 20h41

Finalidade: (fornecer informações) relatam o que viram na hora dos desabamentos e ambos (casal) informam que estão à procura de parentes que não voltaram da região do Baú. Reportagem na Catedral de Blumenau.

Controle discursivo: José Góes vai perguntando sobre a situação do casal e para onde vão e o que vão fazer.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(249) Morador (Lindolfo)

Horário: 21h25

Finalidade: (fornecer informações) conta ao repórter Paulo César que trabalha com frete e tentou tirar os pertences de uma casa que caiu na rua Hermann Huscher. Ajuda repórter a descrever cenário do desabamento.

Controle discursivo: Paulo César faz pergunta apenas para registrar testemunho de popular.

Nível de envolvimento: público interessado.

(250) Morador da rua Eng. Ferraz (Valmor)

Horário: 21h27

Finalidade: (fornecer informações) rapidamente conta ao repórter Paulo César a situação da região onde mora.

Controle discursivo: Paulo César faz pergunta apenas para registrar testemunho de popular.

Nível de envolvimento: público desinteressado.

(251) Morador da rua Eng. Ferraz (Émerson)

Finalidade: (fornecer informações) rapidamente conta ao repórter Paulo César a situação da região onde mora.

Controle discursivo: Paulo César faz pergunta apenas para registrar testemunho de popular.

Nível de envolvimento: público desinteressado.

(SEM IDENTIFICAÇÃO) OU PELA INTERNET OU POR TELEFONE FORA DO AR: 10

(188) Morador (Irineu dos Santos)

Horário: 14h41

Finalidade: (pedir informação ou opinião) ouvinte pede informações sobre seu irmão que estava em uma laje com mulher e dois filhos pedindo socorro e ele não tem informações a respeito deles, se conseguiram socorro ou não. Joelson pede no ar para que alguém que tenha informações possa ligar para a rádio.

(197) (Salette)

Horário: 16h49

Finalidade: (pedir informação ou opinião) Joelson lê participação no ar - quer saber informações sobre família Galdino da Silva que mora do Alto Baú.

(198) (Rosalina)

Finalidade: (pedir informação ou opinião) Joelson lê participação no ar - quer saber informações sobre Paulo Henrique da Silva e família que moram no Belchior.

(199) (Rafaela)

Finalidade: (pedir informação ou opinião) Joelson lê participação no ar - quer saber informações de seus avós no Belchior.

(208) Ouvinte (sem identificação)

Horário: 17h59

Finalidade: (fornecer informações) Paulo César lê participação no ar informação de ouvinte que diz que há uma passagem alternativa da rua da Glória para o Jordão.

(209) Ouvinte (Janaína)

Finalidade: (fornecer informações) Paulo César lê participação no ar informação de ouvinte que diz que moradores desobstruíram rua do Morro do Aipim por conta própria.

(215) Ouvinte (Gilberto)

Horário: 18h12

Finalidade: (nenhum dos ítems) **oferecer ajuda - doa** colchão. Joelson lê no ar recado de utilidade pública.

(233) Moradora da It. Central (Sueli)

Horário: 19h43

Finalidade: (pedir informação ou opinião) Napoleão lê no ar o pedido de informações de Sueli sobre outras duas pessoas. Informa que na sua região está tudo bem.

(244) Moradora da Fortaleza (Maristela)

Horário: 21h10

Finalidade: (fornecer informações) Napoleão lê no ar informação da ouvinte que não há energia na sua rua, mas na rua geral próxima tem.

Controle discursivo: (Napoleão) explica por sua conta como funciona o abastecimento.

(265) Moradora da Ponte do Salto (Maria Claudete)

Horário: 22h14

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) Joelson lê no ar que ouvinte recebeu pessoas resgatadas do Alto Baú. Pedir ajuda com colchões para o pessoal dormir.

PARTICIPAÇÃO NO ESTÚDIO

Entrevistados: 3

(276) Vereador (Marcelo Schrubbe)

Horário: 23h

Finalidade: (fornecer informações/expressar uma opinião) relata o que acompanhou durante o desastre. Já em ritmo de análise das ocorrências. (entrevista longa)

(277) Bombeiro (Schaefer)

Horário: 23h10

Finalidade: (fornecer informações/expressar uma opinião) relata o que acompanhou durante o desastre. Já em ritmo de análise das ocorrências.

(278) Deputado (Jean Kuhlman)

Horário: 23h20

Finalidade: (fornecer informações/expressar uma opinião) relata o que acompanhou durante o desastre. Já em ritmo de análise das ocorrências. Sobre verbas para recuperação também. Jorge Theiss entra na entrevista

também. (entrevista “muito” longa, cerca de 45’ com interrupções de reportagens externas)

Ouvintes: 1

(194) Morador (Adrian)

Horário: 16h24

Finalidade: (fornecer informações) relata situação que viu na região da rua José Reuter.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre situação na região. Relata as informações que já tinha. Ritmo de conversa. Encerra sem se despedir ou agradecer ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

25/11

PARTICIPAÇÃO POR TELEFONE:

Entrevistados: 13

(294) Técnico da Defesa Civil (Altair Grutzmarcher)

Horário: 4h13

Finalidade: (fornecer informações) informações sobre ocorrências na cidade. Blumenau não está mais com enchente (abaixo de 8m).

Controle discursivo: (Joelson) perguntas em geral sobre pedidos da população à Defesa Civil. Pede orientação aos ouvintes.

(297) Diretor de operações do Seterb (Sérgio Voltolini)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre monitoramento do funcionamento das linhas de ônibus, que voltam gradativamente a operar.

Controle discursivo: (Joelson) inicialmente deixa entrevistado fazer amplo relato sobre a situação e previsão de operações. Perguntas sobre funcionamento do pagamento das passagens e movimentação.

(298) Cabo da Polícia rodoviária estadual de Gaspar (Lindemar)

Finalidade: (fornecer informações) balanço das últimas horas sobre a movimentação nas rodovias sob sua jurisdição.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta sobre trajetos específicos liberados ou não.

(299) Sargento da Polícia Rodoviária estadual de Blumenau Itoupavas (Pasta)

Finalidade: (fornecer informações) balanço das últimas horas sobre a movimentação nas rodovias sob sua jurisdição.

Controle discursivo: (Joelson) pergunta sobre trajetos específicos liberados ou não.

(301) Diretor de operações do Seterb (Sérgio Voltolini)

Finalidade: (fornecer informações) fala que a partir das 6h já terão condições de saber as linhas que poderão operar.

Controle discursivo: (Joelson) equipe deixa entrevistado relatar à vontade e depois faz algumas perguntas sobre operações.

(306) Diretor de operações do Seterb (Sérgio Voltolini)

Finalidade: (fornecer informações) informa as linhas de ônibus que voltam a funcionar.

Controle discursivo: (Joelson) perguntas para reiterar informações.

(330) Gerente Regional da Celesc (Régis Evaloir)

Finalidade: (fornecer informações) informa como está a situação em geral do abastecimento de energia na cidade. Fala sobre outros municípios também.

Controle discursivo: (Dirceu) pergunta quantas pessoas sem energia ainda. Passa o caso do ancionato na rua da Glória, **informado por ouvinte**.

(331) Diretor de operações do Seterb (Sérgio Voltolini)

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre o funcionamento dos ônibus (retomada de operação de algumas linhas).

Controle discursivo: (Dirceu) deixa relatar bastante, inicialmente. Depois tenta buscar um resumo do que está operando.

(350) Pastor da Igreja Assembléia de Deus (Nilton)

Finalidade: (fornecer informações) informa que templos que não foram atingidos pela água estão à disposição da comunidade.

Controle discursivo: (Edécio) resume informação para pergunta inicial. Deixa entrevistado falar à vontade e agradece ao final.

(376) Funcionário do IPA-Furb (Ademar)

Finalidade: (fornecer informações) passa previsão do tempo.

Controle discursivo: (Napoleão) pergunta a respeito de outras informações recebidas sobre o tempo.

(378) Deputado estadual (GianCarlo)

Finalidade: (fornecer informações) informa que engenheiro está na região da It.Central para avaliar imóveis em risco (conforme relatada anteriormente pela vereadora Helenice).

Controle discursivo: equipe deixa deputado falar livremente e agradece ao final.

(379) Deputado federal (Décio Lima)

Finalidade: (fornecer informações/expressar uma opinião) informa que sobrevoou municípios da região e comenta diferenças da tragédia: mais próximo ao litoral é o alagamento, próximo a Blumenau são os deslizamentos. Conta sobre sua atuação para liberação de auxílio do governo federal.

Controle discursivo: (Napoleão) inicialmente deixa entrevistado falar à vontade. Depois tenta encerrar e não consegue. Apenas agradece ao final.

(384) Vereador (Jovino)

Finalidade: fala que na Nova Esperança a situação das pessoas é a falta de acesso. Relata casos específicos e pedido de ajuda da Defesa Civil.

Controle discursivo: (Napoleão/Dirceu) Abrem a palavra e cai ligação.

Ouvintes: 55

(281) Moradora da Ponta Aguda (Nadir)

Horário: 0h03

Finalidade: (retificar uma informação) corrige informação dada pela rádio de que houve deslizamento. Diz que não houve, que bombeiros estão lá, mas hoje não houve nada. Já havia ligado antes.

Controle discursivo: (Joelson) justifica informação do QG do desastre, mas ouve a ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(283) Morador da rua Florianópolis na Velha (Afonso)

Horário: 0h11

Finalidade: (desabafo) diz que está sem luz desde sábado, mas o motivo de sua ligação é questionar autarquias como Celesc e Samae. Arrecadam muito dinheiro em período normal e quando surge uma emergência, não tem capacidade para resolver. Pediu lona para Defesa Civil e negaram por não ser prioridade. Questiona o estrutural das coisas. Critica a entrevista dada pelo prefeito, parecendo que “ainda está em campanha”. Também critica o fato de a Defesa Civil ter dito que não daria enchente. Crítica a critérios políticos que envolvem toda a situação.

Controle discursivo: (Joelson) inicialmente deixa ouvinte falar. Poucas interrupções do apresentador, mas dentro do lema “o ouvinte sempre tem razão”. Participação longa (9’40”). Sem encerramento da conversa, Joelson faz comentário no final dirigindo-se ao público.

Nível de envolvimento: público interessado.

(284) Moradora da Nova Esperança (Débora)

Horário: 0h21

Finalidade: (pedir informações ou opinião) pede para que falem mais na rádio sobre a sua região, acessos para os moradores saírem para a Fortaleza e outras regiões.

Controle discursivo: (Joelson) dá **explicações baseadas no relato de ouvintes** anteriores. Justifica que órgãos públicos tomarão providência no dia seguinte, etc. **de acordo com declarações prestadas pelas autoridades**. (ligação cai e Joelson continua explicando, como se ouvinte estivesse em linha).

Nível de envolvimento: público envolvido.

(286) Moradora da rua Araranguá (Áurea)

Horário: 0h41

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) fala que estão sem água, sem luz, sem comida, mas não aparece ninguém no local (socorro); que já está em casa nesta noite e fala de casos de pessoas precisando de ajuda. Conta que só na rua Erechim caíram 20 casas.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com a ouvinte. Diz que anotou as informações para encaminhar aos órgãos competentes (mas só no dia seguinte), tentando desta forma encerrar a participação que se alonga, devido ao acúmulo de informações com a ouvinte. Encerra participação sem se despedir e passando para outra ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(287) Moradora da rua Florianópolis na Velha (Olívia)

Horário: 0h43

Finalidade: (desabafo) diz que ligou para lamentar ligação anterior de seu vizinho Afonso, que diante de tanta gente morrendo, ele está preocupado com coisas banais como coleta de lixo, etc. Diz que opinião do Afonso não é opinião dos moradores da rua. **Diz que não é hora de criticar, mas de ajudar.**

Controle discursivo: (Joelson) pergunta se está ouvindo no rádio à pilha.

Concorda com ouvinte e encerra (ligação caiu).

Nível de envolvimento: público interessado.

(288) Morador da Escola Agrícola (Marcelo)

Horário: 0h46

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - diz que a igreja Batista na Escola Agrícola está à disposição para receber mais 12 desabrigados.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com o ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(289) Morador da Itoupavazinha (Douglas)

Horário: 0h56

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) começou a desmoranar perto de sua casa e já está atingindo o fundamento de sua casa. Diz que Defesa Civil passou lá perto, mas não viu, porque é nos fundos. Pede pra Defesa Civil passar lá. Vão sair da casa pela manhã.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com o ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(290) Morador da Nova Esperança (Gilson)

Horário: 0h58

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer notícias do seu filho e família no Jordão, se estão em um abrigo ou onde estão.

Controle discursivo: (Joelson) repassa a informação dada pelo comandante Menestrina que amanhã eles tentarão chegar ao Progresso.

Resposta genérica “Acho que amanhã eles terão condições...”. (obs: ouvinte desliga com ar não muito satisfeito com a resposta).

Nível de envolvimento: público interessado.

(291) Moradora da Ponte do Salto (Maria Claudete)

Horário: 1h05

Finalidade: (fornecer informações) informa que conseguiu colchões para desabrigados do Baú que estão na sua casa, mas que amanhã receberá mais gente e precisará de alimentos.

Controle discursivo: (Joelson) confirma informações com ouvinte para fazer pedido no ar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(292) Morador do Progresso (Agenor)

Horário: 1h22

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – tem condições de alojar mais pessoas no clube de Caça e Tiro. Em resposta ao apresentador, fala um pouco do que já aconteceu no bairro: barreiras, pessoa morta, etc.

Controle discursivo: (Jorge Theiss) aproveita para perguntar se telefones fixos estão mudos (ouvinte confirma). Pergunta sobre situação geral no bairro, que está isolado. Ouvinte responde a perguntas da equipe da rádio, mas declara não saber de muita coisa (devido ao isolamento do bairro, apresentadores tentam usar ouvinte mais como entrevistado) 7'40" de conversa no ar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(295) Moradora da It. Central (Laurene)

Horário: 4h21

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber sobre atendimento do INSS e Sintrafite.

Controle discursivo: (Joelson) responde com as informações que tem e promete que a partir das 6h ou 7h terá melhores informações.

Nível de envolvimento: público interessado.

(300) Morador (Dimas)

Horário: 5h08

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – doa 2 colchões de casal, mas não tem como levar. Pergunta se hoje haverá posto de saúde funcionando.

Controle discursivo: (Joelson) pede telefone para contato com ouvinte. Joelson responde sobre postos de saúde.

Nível de envolvimento: público interessado.

(302) Moradora (Elísia)

Horário: 5h36

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber se tem passagem da praia de Armação para Blumenau, pois seu marido está lá.

Controle discursivo: (Joelson) responde explicando os trajetos possíveis (que anotou durante entrevista com policiais rodoviários no ar). Explica em tom de orientação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(304) Morador (Carlos)

Horário: 5h45

Finalidade: (fornecer informações) alerta as pessoas que fazem doações que soube de pessoas que estão se aproveitando disso e levando sacos de alimentos sem necessidade.

Controle discursivo: (Joelson) interage com ouvinte, reforçando alerta.

Nível de envolvimento: público interessado.

(305) Morador do Garcia (Wilson)

Horário: 5h48

Finalidade: (pedir informações ou opinião) pergunta qual o melhor trajeto para ir a Florianópolis, pois seu filho precisa ir. Pergunta sobre energia no Garcia

Controle discursivo: (Joelson) responde explicando os trajetos possíveis (que anotou durante entrevista com policiais rodoviários no ar). Explica em tom de orientação. Joelson explica sobre quedas de árvores sobre fiações, justificando a dificuldade da Celesc passar em alguns locais para providenciar o conserto.

Nível de envolvimento: público interessado.

(308) Morador da Fortaleza (Dorival)

Horário: 6h26

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber se há acesso à região do Belchior. Diz que região dos seus parentes não foi atendida pelo resgate ainda. Estão querendo ir pessoalmente resgatá-los.

Controle discursivo: (Joelson) informa que no site Alles Blau tem relação de pessoas resgatadas. Confere nomes dos parentes e repassa explicação do exército e bombeiros. Pra fechar o assunto diz ao ouvinte que “vamos torcer para que eles possam ser resgatados...”

Nível de envolvimento: público interessado.

(309) Morador da Coripós (Ênio)

Horário: 6h32

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - inicialmente comenta a tragédia em geral na cidade. Sua mãe tem um poço na região da Coripós e tem água para quem precisar.

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(310) Moradora da It. Central (Laurita)

Horário: 6h34

Finalidade: (desabafar) diz que estão desde 1h de domingo sem energia e que apesar de não terem sofrido nada, acha que a Celesc deveria olhar a situação deles na região (Franz Volles).

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte. Explica (como já falou para vários outros ouvintes) que às 10h30 haverá uma reunião em Blumenau com o presidente da Celesc para “avaliar a situação”. Encerra sem despedidas, já passando para outro ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(311) Morador da Água Verde (João)

Horário: 6h38

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber se pode sair do bairro Água Verde para Hospital Santa Isabel para levar paciente de hemodiálise.

Controle discursivo: (Joelson) aproveita presença de Enei no estúdio que passou pelo mesmo trajeto e ajuda a explicar a rota ideal.

Nível de envolvimento: público interessado.

(312) Morador da rua Araranguá (Edson)

Horário: 6h41

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que estão sem energia desde sábado na região e rua interditada.

Controle discursivo: (Joelson) diz que vai passar para comandante Menestrina.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(313) Moradora da It. Central (Elisabeth)

Horário: 6h42

Finalidade: (nenhum dos itens/pedir informações ou opinião) **oferecer ajuda** - coloca à disposição água de poço a quem precisar. Apela para solidariedade da população. Quer saber sobre o bairro Progresso e sobre o pai da sua filha que mora lá.

Controle discursivo: (Joelson) confere dados com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(314) Moradora (Maria)

Horário: 6h46

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber se tem passagem de Itaiópolis para Blumenau (filho precisa voltar). Quer saber de Itapema para Blumenau.

Controle discursivo: (Joelson/Enei/Jorge) acabaram confundindo Itaiópolis com Taió. Explicam que um ouvinte informou que foi até Rio do Sul normalmente. Explicam trajeto de Itapema para Blumenau.

Nível de envolvimento: público interessado.

(315) Moradora (Cristiane)

Horário: 6h49

Finalidade: (desabafo/expressar uma opinião) fala sobre a importância da humanidade, já que ouviu uma senhora no ar, preocupada com a energia, porque ia perder a carne no freezer. Comenta sobre algumas participações (egoístas).

Controle discursivo: (Joelson) ouve e encerra com torcida para que as coisas melhorem.

Nível de envolvimento: público interessado.

(316) Moradora de Indaial (Ivone)

Horário: 6h51

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que tem parentes na região da rua Rui Barbosa e eles não tem nem mercado para comprar alimentos (teve contato com uma cunhada).

Controle discursivo: (Joelson) conversa com ouvinte, deixando-a falar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(317) Morador (Valmir)

Horário: 6h55

Finalidade: (retificar uma informação) ouvinte informa à equipe da rádio que Itaiópolis não fica no Alto-Vale, mas no Planalto Norte, então orientação dada a ouvinte anteriormente não procede.

Controle discursivo: (Joelson) ouve e diz que está anotando. Agradece.

Nível de envolvimento: público interessado.

(321) Morador (Orlando)

Horário: 7h11

Finalidade: (pedir informações ou opinião) pergunta no ar porque bomba do PI da Fortaleza não funcionou na enchente.

Controle discursivo: (Dirceu/Enei) Enei responde dizendo que funcionou, mas que no passado roubaram equipamentos. Dirceu encerra logo a conversa e diz que isto é importante, mas que agora “nós temos que cuidar de outras coisas”. Quando ouvinte começava a reclamar da situação, participação foi encerrada rapidamente. Impressão de o ouvinte ter ficado descontente.

Nível de envolvimento: público interessado.

(322) Morador (Wilson)

Horário: 7h12

Finalidade: (pedir informações ou opinião) tem irmão que mora no Garcia e último contato foi sábado de madrugada e não sabe mais nada dele.

Controle discursivo: (Dirceu) pede para repetir informações e dados para fazer apelo no ar a quem souber dele. Apresentador mais atencioso com este ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(323) Moradora da Fortaleza (Landi)

Horário: 7h13

Finalidade: (pedir informações ou opinião) familiares moram na região do Progresso e não tem notícias deles. Quer saber se estão levando comida para eles.

Controle discursivo: (Dirceu) pergunta a Enei se tem informações de lá. A única coisa que informam é que a região (generalizando) está bem complicada. Anota o telefone da ouvinte para que alguém entre em contato com ela (aparentemente sem saber como encaminhar).

Nível de envolvimento: público interessado.

(324) Moradora da Escola Agrícola (Gisela)

Horário: 7h14

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber se Celesc pode religar a luz deles.

Controle discursivo: (Dirceu) informa sobre a reunião das 10:30 da Celesc onde encaminharão “tudo”. Ao ser informado sobre detalhe a respeito da falta de luz na rua da ouvinte, Dirceu explica porque a Celesc não pode resolver. Em seguida equipe comenta o problema da falta de luz, explicando possibilidades do que pode ter ocorrido.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(325) Morador do Bom Retiro (Edmundo)

Horário: 7h18

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que estão isolados na rua. Pede para que alguém possa auxiliar.

Controle discursivo: (Dirceu) anota endereço para repassar informação no ar para Defesa Civil registrar.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(326) Moradora da Glória (Júlia)

Horário: 7h19

Finalidade: (pedir informações ou opinião/desabafar) estão isolados na rua, sem água, sem luz, relata situação do ancionato. Reclama que não sabem de nada sobre o que será feito: comida e tudo mais.

Controle discursivo: (Dirceu) diz que está anotando tudo para repassar informação no ar para Defesa Civil registrar.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(329) Morador da rua Brusque (Antônio)

Horário: 7h28

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) problema é que tem duas árvores ameaçando 2 casas.

Controle discursivo: (Dirceu) pergunta se as árvores são grandes e aproveita para perguntar ao ouvinte como está a região. Pede se o ouvinte tiver informações sobre o trecho final da rua Brusque para passar informação para a rádio (anota telefone dele).

Nível de envolvimento: público envolvido.

(334) Moradora (Ana)

Horário: 7h53

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer informação sobre uma mulher e filho que moram no Garcia.

Controle discursivo: (Dirceu) anota dados das pessoas e telefone da ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(335) Morador (Alexandre)

Horário: 7h54

Finalidade: (pedir informações ou opinião) tem familiares na rua Pedro Kraus e quase não tem ouvido falar em socorro para aquela região.

Controle discursivo: (Dirceu) dá razão ao ouvinte e estabelece conversa, dizendo que vai tentar buscar e passar mais informações sobre a rua. Enei diz que a rua foi bem noticiada no dia anterior.

Nível de envolvimento: público interessado.

(336) Moradora (Iolanda)

Horário: 8h

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber sobre seus parentes da rua Araranguá, em área de risco e outros parentes na região do Baú (Ilhota).

Controle discursivo: (Dirceu) anota dados com a ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(337) Morador da Água Verde (Mauro)

Horário: 8h03

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) diz que as pessoas que estão na região da Eça de Queiróz sem água, sem energia desde sexta-feira. E tem casas em área de risco e que Defesa Civil ainda não apareceu para definir se é área de risco ou não.

Controle discursivo: (Dirceu) só pergunta de onde o ouvinte fala e diz que a região da Eça de Queiróz é área de risco e teve até morte. Anota telefone para passar informação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(338) Morador da Escola Agrícola (João)

Horário: 8h07

Finalidade: (pedir informações ou opinião) pergunta sobre pessoal da região da Nova Esperança, já que ouvinte de lá já relatou problema no ar e não ouviu nada a respeito de uma solução.

Controle discursivo: (Dirceu/Enei) dizem que bombeiros já tomaram conhecimento e “devem” tomar alguma providência. Dirceu agradece ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(339) Morador da rua 1º de Janeiro (Antônio)

Horário: 8h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer saber se vindo de Florianópolis passa por Ilhota.

Controle discursivo: (Dirceu/Enei) informam que não tem passagem. Passam no ar telefones da polícia rodoviária ao ouvinte. Sem encerramento da conversa.

Nível de envolvimento: público interessado.

(341) Moradora (Julita)

Horário: 8h21

Finalidade: (pedir informações ou opinião) irmã mora no Progresso e não consegue contato com ela. Também pede informações sobre parente em Belchior. **Oferece ajuda** - Diz que comprou mantimentos para doar, mas não tem como levar.

Controle discursivo: (Dirceu) anota nomes e dados para contato e sobre Belchior informa que as informações já estão com o município de Gaspar. Alerta para cuidados com pessoas que estão pegando alimentos sem necessidade.

Nível de envolvimento: público interessado.

(342) Moradora da Fortaleza (Anelore)

Horário: 8h26

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer informações sobre seu irmão em Belchior.

Controle discursivo: (Dirceu) no início, ouvinte pergunta “com quem falo” e ele responde “pois não” (maneira ríspida). Pede nome do irmão e endereço.

Nível de envolvimento: público interessado.

(343) Morador do Progresso (Adalberto Day)

Horário: 8h30

Finalidade: (fornecer informações/expressar uma opinião) fala e comenta sobre situação no Progresso, já falando sobre a possível dificuldade para reconstrução.

Controle discursivo: (Dirceu) inicialmente deixa ouvinte falar. Pede ao ouvinte para encerrar conversa devido a uma entrevista externa com a Defesa Civil.

Nível de envolvimento: público interessado.

(345) Moradora da Itoupava Central (Sueli)

Horário: 8h43

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer notícias de familiares na Nova Esperança.

Controle discursivo: (Dirceu/Enei) anota nomes dos familiares. Comentam dificuldades de acesso à região.
Nível de envolvimento: público interessado.

(346) Morador do Garcia (Cássio)

Horário: 8h45

Finalidade: (fornecer informações) Diz que moradores da rua André Nicoletti no Progresso estão precisando de alimentos e que tem local para pouso de aeronave.

Controle discursivo: (Dirceu) informa que ajuda já está indo para o local.

Nível de envolvimento: público interessado.

(348) Responsável pela cozinha comunitária Santuário N.S.Aparecida (Rubens)

Horário: 10h28

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – informa que tem estrutura disponível para fazer pães para desabrigados. Pede para supermercados doarem matéria-prima.

Controle discursivo: (Napoleão) abre com pergunta para confirmar informação recebida fora do ar. Elogia iniciativa. Repete informações.

Nível de envolvimento: público interessado.

(349) Diretora do Senac na Ponta Aguda (Elita)

Horário: 10h30

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** – estão disponibilizando água no Senac para quem precisa.

Controle discursivo: (Napoleão) Elogia iniciativa. Diz que vai reforçar aviso na programação.

Nível de envolvimento: público interessado.

Moradora do Progresso (entra no ar, mas falha ligação e cai)

Horário: 10h33

(352) Moradora do Garcia (Fabiane)

Horário: 10h46

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) informa que está tudo bloqueado na rua Engenheiro Odebrecht. Fala de uma casa que fica no caminho de um córrego. Moradores estão com medo que casa desabe. Quer que Defesa Civil passe lá para avaliar risco da casa.

Controle discursivo: (Dirceu) tenta interromper, mas ouvinte fala direto, sem pausas. Pergunta nome da rua e pede para repetir informações. Diz que vai encaminhar para Defesa Civil.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(353) Morador (Marcos)

Horário: 10h51

Finalidade: (expressar uma opinião) pede para os “alemães” de Blumenau (ele se inclui) irem ao supermercado comprar donativos e levar aos desabrigados. Tenta conversar mais (que sabe falar alemão, etc.)

Controle discursivo: (Napoleão/Dirceu) agradecem sugestão.

Nível de envolvimento: público interessado.

(354) Moradora da Ponta Aguda (Teresinha)

Horário: 10h53

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro/denunciar um fato ou situação) estouraram duas lagoas de peixe e oito casas ficaram submersas e dono das lagoas não aparece. Diz que lagoas são clandestinas. Pede que levem uma bomba de sucção.

Controle discursivo: (Napoleão/Dirceu) pedem para repetir o local e os dados, porque Defesa Civil está ouvindo. Deixam ouvinte falar e tentam encerrar rapidamente sem comentar.

Nível de envolvimento: público interessado.

(357) Moradora Ponte do Salto (Marli)

Horário: 10h58

Finalidade: (fornecer informações) informa que escola Hella Altemburg tem alimentos, energia elétrica e instalações adequadas e que poderia ser usada como abrigo.

Controle discursivo: (Napoleão/Dirceu) perguntam se lá ainda não é abrigo. Agradecem.

Nível de envolvimento: público interessado.

(359) Morador da rua Silvano Cândido da Silva (Stéfano)

Horário: 11h05

Finalidade: (fornecer informações) ouviram na rádio que helicópteros passariam pela região, moradores ficaram esperando, mas não lançaram alimentos, nada. Pede para que eles possam voltar ao local.

Controle discursivo: (Dirceu) pede para ouvinte aguardar em linha porque repórter está entrando no ar com informações sobre a região do ouvinte.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(370) Morador da It.Central (Ademir)

Horário: 11h12

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferecer ajuda** - doa colchão, mas não tem como levar. Também relata que estão sem luz.

Controle discursivo: (Napoleão) pede para dar número de telefone no ar para alguém da região fazer contato. Diz que levará o pedido à Celesc.

Nível de envolvimento: público interessado.

(371) Moradora do encano do norte/Indaial (Cristian)

Horário: 11h16

Finalidade: (nenhum dos itens/pedir informações ou opinião) **oferecer ajuda** – doa roupas para crianças e adultos e também comida. Pedir também informações sobre seu sogro de Itajaí.

Controle discursivo: (Dirceu) confere dados com ouvinte.

Nível de envolvimento: público interessado.

(375) Moradora da rua Teresa Fischer na It.Central (vereadora eleita) (Helenice)

Horário: 11h31

Finalidade: (fornecer informações) casas desabaram na rua e deputado GianCarlo levou engenheiro da Defesa Civil no local. Avisa aos moradores da região que durante duas horas o engenheiro estará à disposição.

Controle discursivo: (Napoleão) agradece participação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(387) Morador (Luiz)

Horário: 12h10

Finalidade: (denunciar um fato ou situação) relata que recebeu informação de sua irmã que foi ao Angeloni com bombona de água e cobraram 14 reais.

Controle discursivo: (Napoelão) corta rapidamente o ouvinte, comentando que quando houver casos de exploração, “certamente” o Procon tomará providências; agradece o ouvinte e equipe muda de assunto, sem dar tempo para ouvinte concluir ou se despedir.

Nível de envolvimento: público interessado.

(388) Moradora da Velha (Susan)

Horário: 12h17

Finalidade: (nenhum dos itens) **oferece ajuda** - tem uma nascente de água no seu terreno. Coloca água à disposição dos moradores que precisarem.

Controle discursivo: (Napoelão) confere dados com ouvinte e repete informação.

Nível de envolvimento: público interessado.

PARTICIPAÇÃO VIA REPORTAGEM EXTERNA:

Entrevistados: 17

(285) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) concede entrevista ao repórter Paulo César explicando que não houve deslizamentos no Morro da Pedreira, mas que a evacuação é diante de um possível risco de deslizamentos.

Controle discursivo: (Paulo César) rápidas perguntas acerca do problema.

(296) Técnico de segurança do trabalho da Teka (José Lucas de Amorim)

Finalidade: (fornecer informações) informa que a empresa reiniciou seus trabalhos ontem às 22h e que os trabalhadores que possam sair de casa em segurança podem voltar, mas alerta aos que tem riscos de sair de casa para que não o façam.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre número de trabalhadores que estão voltando.

(303) Técnico da Defesa Civil (Altair Grutzmarcher)

Finalidade: (fornecer informações) explica como está o nível do rio e deslizamentos. Orienta a população a não sair de casa desnecessariamente.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre riscos de deslizamentos na cidade.

(307) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) fala sobre socorro e envio de alimento e água às populações isoladas. Fala sobre buscas de desaparecidos.

Controle discursivo: (Paulo César) faz grande introdução para abrir o espaço para as declarações do entrevistado. Faz várias perguntas sobre locais específicos (relatados por ouvintes). (longa entrevista)

(318) Capitão do 23º BI (Vargas)

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre as aeronaves que sobrevoarão a cidade e levarão auxílio à população isolada.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta detalhes sobre condições de vôo, tempo, etc.

(319) Secretário de Assistência (Mário Hildebrant)

Finalidade: (fornecer informações) informar como funcionará o auxílio de comida via helicópteros.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre detalhes dos donativos a serem entregues. Obs: trecho inicial da entrevista não foi ao ar devido a erro na comunicação entre estúdio e externa.

(320) Comandante dos Bombeiros (Carlos Menestrina)

Finalidade: (fornecer informações) informar o que será feito diante de situação de alguns moradores do Progresso, relatadas no ar por Joelson e depois por Paulo César.

Controle discursivo: (Paulo César) apenas repassam informação e agradece.

(327) Secretário de Assistência (Mário Hildebrant)

Finalidade: (fornecer informações) informa a quem quiser fazer doações para fazer após às 13h no prédio da Pró-Família. Orienta às pessoas a ficarem em casa.

Controle discursivo: (Paulo César) perguntas sobre as doações e “qual outra informação”.

(328) Deputado Estadual (Jean Kuhlman)

Finalidade: (fornecer informações) falar que vai junto em helicóptero para distribuir alimentos às pessoas necessitadas. Vai junto com vereador (do mesmo partido).

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta sobre condições do tempo e vôo. Obs: não foi passada informação sobre pedido ou pergunta de ouvinte desta vez.

(332) General do Exército (?)

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre operação via helicóptero e equipes do exército auxiliando no desastre.

Controle discursivo: (Paulo César) novamente a pergunta sobre condições do tempo e vôo. Após entrevista, informa locais que as aeronaves levarão alimento e água.

(333) Vereador (Marcelo Schrubbe)

Finalidade: (fornecer informações) informar o que será levado de donativos e alguns detalhes do que vão fazer na missão dos helicópteros.

Controle discursivo: (Paulo César) pergunta se aeronaves apenas levarão alimentos ou vão socorrer também.

(340) Prefeito de Blumenau (João Paulo Kleinubing)

Finalidade: (fornecer informações) fala sobre entrega de alimentos e locais que vão receber.

Controle discursivo: (Paulo César) novamente a pergunta sobre condições do vôo. Pergunta sobre serviço em local específico, resposta generalizada.

(344) Diretor de Vigilância em saúde (Marcelo Schaeffer)

Finalidade: (fornecer informações) informa e orienta população sobre contato com água da enchente.

Controle discursivo: (Paulo César) introduz o tema e deixa entrevistado falar à vontade.

(347) Deputado Estadual (Jean Kuhlman)

Finalidade: (fornecer informações) informar sobre voos de helicópteros para auxílio. Pede para pessoas não saírem de casa e não atrapalhar equipes de trabalho nas ruas.

Controle discursivo: (Rodrigo Vieira) pergunta sobre o tema.

(351) Secretária de Saúde de Blumenau (Elisabeth Ternes)

Finalidade: (fornecer informações) informa sobre vacinas e funcionamento de vacinação.

Controle discursivo: (Rodrigo Vieira) introduz o tema e abre microfone para declarações abertas.

(377) General do exército (Pafiadachi)

Finalidade: (fornecer informações) direto do QG na prefeitura, informa sobre situação das atividades de resgate das vítimas.

Controle discursivo: (Rodrigo Vieira) introduz o tema e faz pergunta sobre detalhes da operação.

(386) Diretor da Defesa Civil (Telmo Duarte)

Finalidade: (fornecer informações) direto do QG na prefeitura, informa sobre resgate de vítimas e pessoas isoladas.

Controle discursivo: (Rodrigo Vieira) pergunta sobre área de deixou de estar isolada.

Ouvintes: 3

(358) Morador da Nova Esperança (sem identificação)

Horário: 11h02

Finalidade: (fornecer informações) informa onde estão os desabrigados do bairro, se moradores das casas soterradas saíram com vida e relatar como foi o desastre na região.

Controle discursivo: (José Góes) pergunta detalhes sobre como o morador viu o desastre. Lança, com ouvinte, alerta para cuidados quando tirarem o barro para não piorar a situação.

Nível de envolvimento: público interessado.

(372) Morador da Nova Esperança (Valdir)

Horário: 11h18

Finalidade: (fornecer informações) fala sobre as dificuldades da região, pessoal abrigado na escola. Relata casos ocorridos e que na parte mais alta (rua Augusto Groh) não se tem acesso e tem informações que morreram pessoas, pois desabaram muitas casas.

Controle discursivo: (José Góes) perguntas sobre acesso aos locais e sobre o que o ouvinte sabe. Dirceu, do estúdio, interrompe dizendo que tem mais pessoas para participar e para repórter retornar para o estúdio.

Nível de envolvimento: público envolvido.

(385) Moradora do Garcia (Sueli)

Horário: 12h

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Quer saber informações sobre uma amiga sua. Pede para entrar em contato com ela.

Controle discursivo: (Rodrigo) pede telefone e repete informação após entrevista.

Nível de envolvimento: público interessado.

(SEM IDENTIFICAÇÃO) OU PELA INTERNET OU POR TELEFONE FORA DO AR: 38

(282) Moradora do Garcia (Maria Stiler)

Horário: 0h08

Finalidade: (fornecer informações) Jorge Theiss lê no ar participação da ouvinte. Pede se alguém tiver alguma informação sobre sua família no Jordão para entrar em contato.

(293) Morador da Ponta Aguda (Josué)

Horário: 1h36

Finalidade: (pedir informações ou opinião) quer contato com sua irmã. Paulo César lê no ar o pedido.

(355) Moradora (Leonora)

Horário: 10h56

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Edélcio lê no ar pedido da ouvinte para que os filhos dela que moram no Progresso para irem para a casa dela.

(356) Morador (Adriano)

Horário: 10h56

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Edélcio lê no ar pedido de informações do ouvinte sobre duas pessoas que moram no Jordão.

(360) Moradora da Água Verde (Elinete)

Horário: 11h09

Finalidade: (nenhum dos itens) **pedido de auxílio** - Kátia Regina lê no ar que ouvinte diz que escola Shalom da rua Araranguá precisa de trigo e fermento para fazer pães para distribuir à população.

(361) Moradora (Lúcia)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre sua irmã no Progresso.

(362) Morador do Fidélis (Pedro)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte está viajando em São Paulo e pede informações sobre sua família em Blumenau.

(363) Moradora (Paula)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre sua tia da rua Araranguá.

(364) Morador (Luiz)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre seu irmão.

(365) Moradora (Jussara)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede para sua família que mora no Garcia faça contato com ela.

(366) Moradora da It.Central (Jodésia)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede para sua irmã que mora no Belchior faça contato com ela.

(367) Moradora (Ana)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede para que família de Luiz Alves faça contato com ela.

(368) (Shirley)

Horário: 11h09

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede para que família de Luiz Alves faça contato com ela.

(369) (Ana)

Horário: 11h09

Finalidade: (fornecer informações) **pedido de auxílio** - que está na casa de sua tia e pede alimentos para a família.

(373) Morador da Velha Pequena (Málcio)

Horário: 11h29

Finalidade: (nenhum dos itens) **pede auxílio de moradores** - Edécio lê no ar mensagem do ouvinte que pede para as pessoas que tenham motoserra para ir ajudar a abrir caminho na região.

(374) Delegado de Gaspar (Paulo Koerich)

Horário: 11h29

Finalidade: (fornecer informações) Edécio lê no ar recado ao esposo de Marilene que a família foi resgatada, estão todos bem e estão indo para a casa de amiga na Fortaleza.

(380) (sem identificação)

Horário: 11h42

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Napoleão lê no ar pedido de contato com Kátia Regina do Baú. Pede para ela entrar em contato com a família.

(381) Morador da Nova Esperança (Gilson)

Horário: 11h52

Finalidade: (fornecer informações/pedir informações ou opinião) Edécio lê no ar participação do Gilson, que exército está chegando ao local; mercados estão doando alimentos; querem saber quando o acesso será liberado para o bairro. Pedem roupas, colchões, velas, fósforos e comida.

(382) Pastor da Igreja Universal (Rogério)

Horário: 11h53

Finalidade: (fornecer informações) Napoleão lê no ar participação do ouvinte que informa que igreja da rua 7 está atendendo e fazendo orações.

(383) Moradora (Olendina)

Horário: 11h53

Finalidade: (nenhum dos itens) oferece ajuda – Napoleão lê no ar participação da ouvinte que doa roupas e um fogão.

(389) (Priscila)

Horário: 12h15

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre a família em Luis Alves.

(390) (Iara)

Horário: 12h15

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede para Elvivo entrar em contato.

(391) (Sandra)

Horário: 12h15

Finalidade: (nenhum dos itens) **pedido de auxílio** - Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede um colchão e um colchão.

(392) Moradora da Glória (Janaína)

Horário: 12h15

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre duas pessoas.

(393) (Isolde)

Horário: 12h15

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre outra pessoa.

(394) Edeltrudes

Horário: 12h15

Finalidade: (relatar um caso próprio ou de outro) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede para cortar árvore que caiu sobre seu telhado na rua Júlio Michel.

(395) Moradora de Tijucas (Andréa)

Horário: 12h18

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Edécio lê no ar que ouvinte pede informações sobre seu marido que mora no Progresso, sem contato desde domingo, quando desligaram telefone porque estava entrando água na casa.

(396) Moradora (Danielle)

Horário: 12h19

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre sua irmã em Luis Alves.

(397) Moradora (Marli)

Horário: 12h19

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre sua filha do bairro Nova Esperança.

(398) Moradora do Badenfurt (Ruth)

Horário: 12h19

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre seu irmão do Garcia.

(399) Morador (Edson)

Horário: 12h19

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Edélcio lê no ar que ouvinte pede informações sobre a situação na cidade de Luis Alves, pois tem familiares lá e não consegue contato por telefone.

(400) Moradora da Escola Agrícola (Dinorá)

Horário: 12h20

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre uma pessoa da Nova Esperança.

(401) Pastor da Igreja Mevan (Francisco)

Horário: 12h20

Finalidade: (fornecer informações/nenhum dos itens) Edélcio lê no ar que ouvinte informa que igreja abriu suas portas na rua São Leopoldo como abrigo e **(pedido de auxílio)** necessitam de colchões para as pessoas desabrigadas.

(402) Moradora do Progresso (Rosicler)

Horário: 12h20

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre seu irmão no Morro do Artur.

(403) (Jussara)

Horário: 12h22

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede que sua família faça contato com ela.

(404) (Jodésia)

Horário: 12h22

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre sua irmã.

(405) (Ana)

Horário: 12h22

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre sua família do bairro Belchior.

(406) (Shirley)

Horário: 12h22

Finalidade: (pedir informações ou opinião) Kátia Regina lê no ar que ouvinte pede informações sobre duas famílias de Luis Alves. Pede que façam contato com ela.

APÊNDICE B: Entrevistas com Paulo César da Silva, Jorge Theiss, Dirceu Bombonatti, Joelson dos Santos.

Transcrição entrevista:

Entrevistado (a): Paulo César da Silva

Data/horário: 02/02/2012, 14h55

Local: Rádio Nereu Ramos

Entrevistador: Arnaldo Zimmermann

Identificação:

Paulo César da Silva, 38 anos. Coordenador de jornalismo da Rádio Nereu Ramos, em 2008 e atualmente. Na época sua participação no ar era mais constante na área esportiva. Atualmente apresenta o Jornal da Nereu e o Espaço Comunitário (programa com participação de ouvintes). Está concluindo o curso de Jornalismo (Ibes/Sociesc). Atua na profissão desde 1992. Na Rádio Nereu desde 2005.

Entrevistador: No ano de 2008 quais as funções exatamente que você exerceu durante a cobertura do desastre?

Entrevistado: Praticamente bati escanteio, corri para cabecear, fiz trabalho de repórter, trabalho começou... a gente considera que a nossa cobertura começou a ser realizada, a cobertura da tragédia de 2008, por volta das 4 horas da tarde (sábado, 22/11/2008) lá no Shopping Neumarkt, quando caíram aquelas primeiras barreiras ao lado do shopping, nós estávamos no interior do estabelecimento fazendo compras. O shopping lotado, quando chegou a informação de que as pessoas precisavam evacuar o shopping. A gente presenciou aquele cenário. Num primeiro momento foi difícil até pra compreender o que estava acontecendo, houve um corre-corre, um pânico, angústia, as pessoas querendo deixar o shopping rapidamente. E quando a gente percebeu o que estava acontecendo, a primeira iniciativa foi ligar pra rádio, instinto de repórter...

Entrevistador: Apesar de que você viu aquilo como um acontecimento, um grande acontecimento, mas ainda tendo a noção de algo isolado ou já prevendo o que poderia acontecer?

Entrevistado: Não, de maneira alguma. Algo isolado, a gente não tinha noção da dimensão do problema que estaria por vir pra cidade, pra toda região e estado. Então encarava aquilo, num primeiro momento como algo isolado. Fiz alguns *flahs*, quando eu consegui chegar do lado de fora e ver o problema, a gente se assustou e viu o tamanho dos deslizamentos, postes caídos sobre carros, pinheiros também, a rua interditada. Aí a gente viu que o problema, o abacaxi era maior.

Entrevistador: Você acha que você como testemunha ocular naquele momento, ajudou pra depois ter uma noção durante a transmissão, durante a cobertura, porque você viu, antes de começar a transmitir, você viu mais ou menos um cenário de destruição, não é?

Entrevistado: Ajudou, ajudou a compreender o que que estava acontecendo. Consegui entender sim, quando vim pro estúdio já tinha uma noção do que tinha acontecido. Então resumindo: fiz reportagem externa, naquela situação, aí logo depois desses primeiros momentos dos flashes, tive uma conversa rápida com o Edécio, que é o nosso diretor, pra gente definir o que teria que fazer naquela tarde, tarde e noite, que já estava escurecendo, o dia já estava terminando, a noite já estava chegando. E aí a gente definiu fazer, estabeleceu naquele momento, ainda sem uma noção exata do que poderia acontecer, a gente não tinha ideia de que teríamos uma enchente, que mais de 20 pessoas morreriam...não passava pela nossa...nem imaginava que aquilo pudesse acontecer. A gente sabia que tinha uma chuva muito forte, algumas quedas de barreira tinham acontecido, estavam acontecendo, que uma menina já tinha morrido, infelizmente aquela primeira vítima da tragédia da rua Araranguá, então a gente definiu o que a gente faria na noite daquele sábado. Nós convocamos mais dois profissionais, o Jorge Theiss e o Dirceu (Bombonatti) num primeiro momento, eles foram convocados pra vir até a rádio, junto comigo nós faríamos uma ronda, como se fala nas redações, faria uma ronda, a gente ligaria pra defesa civil, pro corpo de bombeiros, pras polícias rodoviárias, pra ver como estava a questão das rodovias...

Entrevistador: muito próximo daquele giro de serviços...

Entrevistado: giro de serviço, exatamente, ia ser um apanhado geral de toda a situação, a gente faria um jornal extraordinário na noite daquele sábado e depois cada um iria pra sua casa...

Entrevistador: e só pra registrar que normalmente no sábado à noite a programação da rádio não é jornalística, não é?

Entrevistado: não é jornalística.

(breve interrupção)

Entrevistado: A gente não tinha ainda, não imaginava a dimensão do problema que iria se tornar para a cidade, né, então a gente não convocou toda a equipe, não convocou o Joelson, não convocou os repórteres, na época, o Góes não foi convocado. A gente achava que com três colaboradores, eu, o Jorge e o Dirceu já era o suficiente para fazer um giro informativo extraordinário sobre o que tinha acontecido no sábado. A morte da menina da rua Araranguá, o que tinha acontecido, qual a previsão do tempo para as próximas horas...

Entrevistador: registrando que sábado normalmente a programação é mais musical, não tem esse plantão jornalístico, essa retaguarda não existe na programação normal, não existia pelo menos, não é?

Entrevistado: não, exatamente isso, né, a programação poderia ser interrompida com algum acontecimento extraordinário que se fizesse necessário a participação de algum colaborador do departamento de jornalismo. Mas realmente, a programação era musical no sábado à noite.

Entrevistador: e no momento que vocês fizeram esse giro, pelo que eu acompanhei foi até o início da madrugada de sábado, naquele momento ainda com as informações que vocês tinham vocês acreditavam que a situação do município era aquela, ainda sem risco de enchente, sem risco de maiores deslizamentos, como o que ocorreu no shopping, que eram acontecimentos localizados ou já havia uma expectativa que a dimensão do desastre era maior? Ainda no sábado à noite...

Entrevistado: a gente entendia o que estava acontecendo mas nós não tínhamos a dimensão do problema que viria a acontecer. Não tinha naquela noite de sábado. Só que a gente começou a se preocupar e a entender um pouco mais do que estava acontecendo quando a gente abriu o microfone e quando nós começamos a falar, a gente colocou no ar o informativo... o que choveu, entre outras, de ligação, os telefonemas, as ligações começaram a chegar aqui, um volume impressionante. As

linhas começaram a ficar congestionadas, porque quando as pessoas começaram a perceber que a Nereu estava trazendo aquelas informações, as pessoas começaram a ligar pra rádio e trazer outras informações que até então nós desconhecíamos.

Entrevistador: então no sábado à noite, as pessoas que estavam ligando...a maioria dos casos era pra informar...

Entrevistado: E pedir ajuda.

Entrevistador: informar e pedir ajuda. Informar do seu local de moradia...

Entrevistado: exatamente, “ó, teve uma queda de barreira aqui na rua tal, tem pessoas desaparecidas, tem pessoas soterradas” ou “nós estamos aqui isolados na rua tal, tal”. As pessoas começaram a ligar num volume impressionante de ligações. E aí a gente começou a se assustar. “Meu, mas então não é só na rua Araranguá. Então não é só na rua do Shopping, então é na Velha também...” então assim os problemas começaram a surgir. As pessoas começaram a ligar pedindo ajuda e trazendo informações e ajudando também ao mesmo tempo.

Entrevistador: essa ajuda estava mais voltada, se você lembra, ao alagamento ou ao deslizamento de terra?

Entrevistado: Num primeiro momento, deslizamento de terra. E a chuva não parava e a gente começou a colocar a defesa civil no ar e a defesa civil até a meia-noite daquele sábado, a defesa civil descartava o risco de enchente. E com base nessa informação que a gente tomou, a gente teve uma tomada de decisão que “então, vamos interromper agora”, acho que uma hora da manhã, a gente suspendeu os trabalhos, mas já com a missão, a definição de que no domingo pela manhã, às seis horas da manhã nós já tínhamos uma equipe escalada para iniciar os trabalhos.

Entrevistador: Quer dizer, ainda no sábado à noite não houve uma derrubada completa da programação, digamos?! A programação foi derrubada pra esse plantão, mas ainda não havia a clareza pra tomada de decisão para uma derrubada completa?

Entrevistado: Não. Só que a gente tinha um plano B, a gente imaginava “olha, se a coisa se agravar, a gente tem de descansar para

eventualmente se tiver que ficar um período mais longo na rádio, se eventualmente der uma enchente, a gente tem de estar mais preparado, até fisicamente. Então a gente decidiu, vamos pra casa dormir, cada um vai pra sua casa e amanhã a gente vem com força total, se der enchente ou alguma de mais grave aconteça”. Então a gente pensou nisso também. A defesa civil tá descartando enchente agora nesse momento, e era o que o Duarte (diretor da defesa civil) confirmou pra gente por volta da meia-noite, então não tem enchente, tá tranquilo, mas vamos voltar amanhã às seis horas da manhã pra fazer um novo plantão, um novo informativo extraordinário. Só que o que aconteceu? A chuva continuou muito forte naquela noite em várias localidades aqui da nossa região e eu fui levar alguns colegas pra casa. (Paulo César conta aqui que tiveram o trajeto interrompido ao tentar levar operador de som para casa por volta de três da manhã ou que o trajeto estaria interrompido pela manhã. Viram que tinha coisa errada na declaração de que não haveria enchente. Decidiram voltar para a rádio para garantir que poderiam reiniciar os trabalhos pela manhã, com locutor e operador de som).

Entrevistador: eu percebi, ouvindo as gravações, que teve um ouvinte em especial no sábado à noite que ligou informando sobre o soterramento de parte do posto de gasolina da rua Pomerode, que mais tarde acabou causando espanto em todo mundo o estado daquele posto. Eu ouvi esse ouvinte relatando pra vocês no ar e, me tira uma dúvida, se não houve um certo ceticismo da equipe naquele momento, na confiança da informação daquele ouvinte, onde talvez se a equipe acreditava realmente se aquilo estava acontecendo?

Entrevistado: foi difícil de acreditar...

Entrevistador: o ouvinte, por ser ouvinte, por não ser uma fonte oficial, se não achavam que ele estava exagerando?

Entrevistado: Essa tua impressão é correta. É que era difícil acreditar naquele momento, as informações estavam chegando de forma muito rápida e era difícil de acreditar. Não que a gente tenha desconfiado da palavra do ouvinte, não, mas era difícil de acreditar.

Entrevistador: Precisaria de uma checagem, uma verificação...

Entrevistado: Exatamente, nesse caso específico, um posto soterrado...

Entrevistador: então como resumo desse primeiro momento no sábado à noite, daria pra você me dizer que houve uma inclinação maior da equipe, ou sua talvez, nas fontes oficiais, em relação ou ouvinte.

Entrevistado: eu sempre coloco pra equipe que a gente tem que duvidar sempre, tanto da fonte oficial, duvidar e questionar sempre, tanto das informações dos órgãos oficiais quanto dos ouvintes, do cidadão comum também. Essa avaliação é difícil de fazer. (diz não lembrar exatamente da fala do ouvinte sobre o posto).

Entrevistador: (resumido) na continuidade da cobertura, especialmente no domingo e na segunda-feira, ápice da catástrofe, eu percebi pelas falas de vocês que automaticamente diminuíram um pouco esse peso da total confiança nas fontes oficiais e que o relato do ouvinte começou a ter uma validade maior. Tive essa impressão, não se você recorda, diante dos acontecimentos, depois de 5, 6 pessoas relatando a mesma coisa, então “opa, então é verdade, tá acontecendo mesmo”. Houve mais ou menos essa sensação?

Entrevistado: houve essa sensação sim. E principalmente pela informação da defesa civil que não se confirmou. Que a defesa civil garantiu para a população [...] foi dada a palavra do responsável pela defesa civil que não haveria enchente. Aumentou muito (a desconfiança). A partir daquela informação que não se confirmou, toda a informação que a defesa civil passava tinha aquela desconfiança.

Entrevistador: (resumido) qual o papel principal da participação do público durante a cobertura radiofônica do desastre de 2008?

Entrevistado: cidadania. O cidadão exerceu durante aquela nossa cobertura na tragédia de 2008 o cidadão exerceu seu papel de cidadania, porque ele colaborou com a programação, com informação, porque ele trouxe muitas vezes informações úteis, de como por exemplo um cidadão poderia chegar a um determinado local, fazendo tal atalho, com acesso secundário, quando as pessoas tinham dificuldade e estavam isoladas em determinado local. A questão de fornecimento de água que estava interrompido, não é, muitas pessoas ligaram pra rádio dizendo “olha, mas tem uma fonte de água, que pode ser consumido água potável, tem uma nascente”, então as pessoas colaboraram de diversas formas, então prestando serviço, sendo úteis, trazendo informações úteis

para a sociedade naquele momento [...], mas foi muito útil, muito importante a participação da população.

Entrevistador: tanto daquele cidadão que estava telefonando quanto daquele que estava ouvindo, que poderia receber aquela ajuda ou aquela orientação, no caso...

Entrevistado: é eu considero que foi o mais importante nessa participação, no papel do ouvinte.
(final parte 1)

Entrevistador: (resumido) havia algum controle nas ligações, seleção de assunto importante? Se a manutenção do ouvinte no ar dependia da importância do assunto relatado?

Entrevistado: era pela relevância, não havia uma seleção. Quem ligava...ninguém deixou de participar da programação no ar, não houve uma filtragem. Até porque nós não tínhamos condições, pela equipe estar limitada, então não tinha uma filtragem inicial. O ouvinte ligava, o operador (de som) atendia e aí “olha, eu gostaria de falar no ar”, era colocado no ar e aí o tempo de permanência dele no ar dependia da relevância da informação que ele tinha...

Entrevistador: era uma percepção que o profissional tinha naquele momento...?

Entrevistado: fazia na hora, exatamente.

Entrevistador: (resumido) havia mobilidade para que vocês buscassem as informações, direto dos locais de acontecimento?

Entrevistado: por algum período nós tivemos essa dificuldade [...] porque no domingo nós tivemos a enchente, né. [...] Então houve esse problema de mobilidade [...].

Entrevistador: mais em função da inundação, então, do que dos deslizamentos...?

Entrevistado: é, quando a água começou a baixar que o Joelson (dos Santos) conseguiu chegar aqui na rádio...

Entrevistador: e que o José Góes (reportagem externa) na época se deslocou mais pelos bairros...?

Entrevistado: o Góes ficou mais pra região dele (região norte)

Entrevistador: por onde ele tinha passagem...

Entrevistado: por onde ele tinha passagem, como ele morava na região norte, a área de atuação dele foi lá pra região norte, até onde ele conseguia ir, ele trabalhou.

Entrevistador: o (bairro) Progresso estava isolado, de todo mundo, não é?

Entrevistado: é, o Progresso ficou incomunicável, inclusive, por alguns dias, dois três dias, por conta de queda de energia elétrica, a parte mais do final do Progresso, lá. Lembro que o professor Adalberto Day lá do Progresso, conseguiu fazer uma ligação, um relato extraordinário, vendo a situação....

Entrevistador: como testemunha...

Entrevistado: é, a casa dele bem na região da (rua) Júlio Heiden, perto do cemitério do Progresso, da casa dele ele viu as quedas de barreira no morro do cemitério, da curva do cemitério.

Entrevistador: Paulo César, se não existia uma seleção de ouvintes e o tema vocês selecionavam no ar, quer dizer, vocês conseguiam durante a execução da conversa com o ouvinte, vocês desenvolviam ela por mais tempo ou não, de acordo com o tema, de acordo com o assunto, como você colocou. Mas que critério vocês utilizavam pra poder mesclar as participações com os demais conteúdos: notas, avisos, entrevistas com autoridades, com os serviços de utilidade pública naquele momento, bombeiros, defesa civil, polícia rodoviária e tudo o mais..Qual era o critério de seleção, era por ordem de chegada [...]

Entrevistado: eu lembro que a prioridade era informar, durante toda a cobertura. Sempre o nosso foco era esse, levar informação precisa, orientar a população, prestar serviço, seja através de nota, seja através de boletim, seja através de uma entrevista por telefone, ou no local,

ouvindo a autoridade ou ouvindo o ouvinte. A ideia era prestar serviço, como é o papel do rádio principalmente em momentos como esse, momentos como aquele. Então a gente, a missão era essa: informar, orientar, prestar serviço. Como? Os critérios, a prioridade, naquele momento a gente não tinha. A prioridade era, se tinha o governador chegando na prefeitura naquele momento pra anunciar as ações necessárias naquele momento, o governador seria a prioridade. Se tivesse o repórter chegando ao local de um deslizamento de terra, onde tinham pessoas soterradas, e o corpo de bombeiros, o pessoal da defesa civil estivesse no local fazendo as buscas, a reportagem seria a prioridade. E da mesma forma o ouvinte, se tivesse informação importante, o ouvinte entraria no ar, como entrou, em todo momento da cobertura, com a informação, com a participação. Então a gente, o repórter tinha prioridade, o ouvinte tinha prioridade, a autoridade também tinha... a autoridade também era importante ser ouvida naquele momento. Até porque depois quando as águas baixaram a gente montou um posto, um QG lá na prefeitura no terceiro andar. Ficando uma semana praticamente lá, porque a gente também entendia que era fundamental ouvir as autoridades, quais as decisões estavam sendo tomadas, nós acompanhávamos as reuniões das autoridades, do exército, do corpo de bombeiros...

Entrevistador: quando já estava entrando no período pós-desastre, praticamente, não é?

Entrevistado: exatamente, mas nós entendíamos que o trabalho era importante também.

(interrupção na gravação)

Entrevistador: (resumido) houve em alguns períodos, alguns intervalos longos entre as participações dos ouvintes...

Entrevistado: Quando foi esse exato momento, não sei te dizer (não recorda), mas chegou um momento em que as ligações se concentravam assim, ó “olha, tá faltando água, tá faltando luz”, as pessoas queriam saber quando... [...] tava se tornando tudo repetitivo...” tá faltando luz aqui no Progresso”, claro, a cidade toda tava se m luz.

Entrevistador: (para ajudá-lo a recordar) era o momento em que as pessoas estavam pedindo o reestabelecimento da energia elétrica, que era praticamente no final da segunda-feira e no início da terça...

Entrevistado: isso aí, estava muito repetitivo, então a gente achou...

Entrevistador: a resposta era a mesma pra todo mundo...

Entrevistado: exato, então aí não havia a necessidade... aí foi feita uma filtragem. Que era falta de luz, de água [...]. Então a gente pensou “tá ficando muito cansativo, repetitivo pra programação”...

Entrevistador: talvez não seria assim o momento de muitas perguntas e poucas respostas, que vocês precisariam entrevistar mais as autoridades, pra ter essas respostas a essas perguntas dos ouvintes? Mais ou menos isso, ou não?

Entrevistado: era mais ou menos isso aí (pausa). Chegou uma hora que a gente percebeu que era isso, que aquela participação do ouvinte era pra saber...era o ouvinte cobrando, reclamando ou criticando a Celesc, criticando o Samae porque que não vinha água, porque que não tinha a luz...a cidade estava vivendo um caos, estava um colapso. Então a gente entendeu que naquele momento o mais importante era buscar as autoridades pra dar essa resposta pro ouvinte que queria saber quando a luz ia voltar, quando é que o serviço de abastecimento de água ia ser restabelecido. Por isso é que...

Entrevistador: aí precisava das fontes oficiais pra dar as respostas...

Entrevistado: pra atender a demanda do ouvinte naquele momento.

Entrevistador: até porque vocês sozinhos aqui não teriam respostas...

Entrevistado: não seria interessante pra programação eu atender um ouvinte agora perguntando “quando é que vai voltar a luz, a energia elétrica na rua Araranguá” e daqui a dois minutos um outro ouvinte também da rua Araranguá ou de uma rua ao lado perguntar a mesma coisa. Estava se tornando muito repetitivo. Então a gente achou que não era interessante ficar com esse tipo de participação no ar, por isso que houve essa interrupção (interrupções para colocar entrevistados no ar).

Entrevistador: (resumido) a sua maior preocupação ao conversar com um morador envolvido na tragédia é com o estado da pessoa, com o que ela estava sentindo ou com o fato relatado? Como é esse equilíbrio?

Entrevistado: eu queria ajudar, queria ajudar as pessoas, claro dentro das possibilidades, como veículo de comunicação, orientando, prestando serviço. Alguns fatos, algumas ligações me marcaram muito. Gente precisando de ajuda pra sair de determinada área de risco, lembro do relato de uma mulher que chorou no ar porque os filhos e os netos dela estavam numa área de risco aqui na (rua) Silvano Cândido. Aquela ligação foi muito marcante. Pra mim o mais importante era poder ajudar, poder ajudar de alguma forma, seja ouvindo esse cidadão que estava angustiado, preocupado que queria algum tipo de ajuda, de um socorro, seja ouvindo, seja entrando em contato com alguma autoridade, com o Comandante Menestrina (Bombeiros), “olha comandante, aquela família, aquela comunidade da rua tal, precisa de uma viatura urgente do corpo de bombeiros, do pessoal da defesa civil ou de um resgate aéreo”, então a minha preocupação era ajudar, poder ajudar, poder contribuir.

Entrevistador: você acredita que em um momento como esse até alguns critérios, como objetividade jornalística se põe em questão, dá pra mudar um pouco essa postura tradicional do jornalista?

Entrevistado: dá, acho que dá. Acho que o que tem que falar nesse momento é a questão humana.

Entrevistador: Agora no momento que você estava conversando com o ouvinte no ar, existiu algum momento em que você sentiu uma dificuldade, de você, por exemplo, se sentir impotente naquele momento? Por exemplo, de o ouvinte vir com perguntas e você não ter as respostas?

Entrevistado: sensação de impotência era brutal, era enorme, porque as pessoas estavam com problemas, as pessoas estavam perdendo vidas, estavam perdendo seus bens, patrimônios que foram construídos com muito suor ao longo de muitos anos, estavam perdendo assim em questão de segundos pelos deslizamentos de terra, aí a gente, a sensação de impotência era assim... mas por outro lado, quando a gente conseguia ajudar, quando a gente conseguia localizar um parente, porque uma boa parte das ligações eram “olha, que queria saber notícias da minha tia, se está tudo bem com ela...”, quando a gente conseguia prestar algum tipo

de ajuda a satisfação era enorme (resume dizendo que muitas vezes tinha a sensação de impotência como os bombeiros e outros também tinham).

Entrevistador: (resumido) uma comparação sobre o que você realizou no ar no desastre de 2008 e na enchente de setembro de 2011. Que diferenças principais você percebeu principalmente nessa relação com o ouvinte no ar?

Entrevistado: (resumidamente destaca que a participação da equipe foi muito maior em 2011 do que em 2008, pois conseguiram realizar o trabalho sem nenhuma interrupção – da rádio sair do ar, pois tinham três rádios no grupo e sempre tinha alguma no ar. Diz que em 2008 foi frustrante porque de vez em quando tinham que interromper os trabalhos pelas rádios saírem do ar)

Entrevistador: (resumido) se recorda alguma diferença na participação do ouvinte pela internet entre 2008 e 2011?

Entrevistado: a diferença principal é que [...] em 2011 o volume de participações pela internet foi muito maior.

Entrevistador: Você acha que só pela energia elétrica que teve menos interrupções em 2011 ou pelo hábito do uso da internet, redes sociais....

Entrevistado: pelo próprio crescimento das redes sociais, da participação dos ouvintes pelas redes sociais, pela internet, e também porque nós de 2010 pra cá a gente está incentivando muito mais a interatividade pela internet, via e-mail...

Entrevistador: (resumido) Agora uma outra comparação: a participação dos ouvintes durante um desastre como o de 2008 e a participação do ouvinte no dia-a-dia, em uma programação normal (já que o entrevistado hoje apresenta programa diário com participação de ouvintes). Diferenças gerais na relação com o ouvinte.

Entrevistado: durante a tragédia as pessoas estão mais angustiadas, eu vejo as pessoas mais preocupadas [...] parece que o rádio é muito mais importante, as pessoas são mais dependentes do rádio naquele momento da tragédia. As pessoas recorrem ao rádio como se o rádio tivesse um

poder, a capacidade de resolver o problema delas. Já no dia-a-dia a conversa com o ouvinte tem um outro foco, o ouvinte ele tá... ele é mais crítico no dia-a-dia, ele é mais participativo por conta do conteúdo da programação que tá sendo oferecido....

Entrevistador: os temas diferentes...

Entrevistado: os temas diferentes, exatamente.

Entrevistador: (resumido) ele é mais opinativo durante o dia-a-dia, até porque o espaço permite...

Entrevistado: e a proposta do programa muitas vezes é essa, a proposta do programa é levantar temas para que a população participe, opinando, dando o seu ponto-de-vista...

Entrevistador: no desastre talvez não desse tanto tempo assim pro ponto-de-vista? Mais pra informação e pra utilidade pública?

Entrevistado: exatamente, essa é a principal diferença.

Entrevistador: agora você acha que em geral, abrir o espaço ao vivo por telefone do ouvinte no ar tem riscos, principalmente num momento como o do desastre?

Entrevistado: tem riscos, tem pessoas que ainda se aproveitam mesmo no desastre pra fazer proselitismo político. Felizmente não é a maioria dos ouvintes. Tivemos agora recentemente em 2011, gente se aproveitando, pra falar mal desse ou daquele. (resumindo) tira o espaço de um ouvinte que precisaria fazer algum pedido importante pra criticar A ou B [...] num momento que não seria o adequado.

Entrevistador: agora risco quanto à qualidade jornalística, quanto à qualidade da informação, o risco de ouvinte não informar corretamente e você tê-lo como única fonte naquele momento e ter que acabar aceitando aquela informação até que ela seja corrigida...?

Entrevistado: eu acho que em um momento como aquele a gente não pode abrir mão nem mesmo dessa informação...

Entrevistador: tem que correr esse risco?

Entrevistado: tem que correr esse risco que pode ser que o ouvinte não tenha a formação jornalística, ele pode te dar uma informação que não seja cem por cento precisa [...] mas se aquela informação não é totalmente verdadeira, próxima da verdade, ele pode tá te pautando, pra nós irmos lá nesse local, lá nesse espaço pra checar realmente, então de alguma forma ele está nos ajudando, então a gente tem que correr esse risco.

Entrevistador: (resumido) Você considera o conteúdo gerado pela participação do público como essencial à cobertura do desastre ou complementar?

Entrevistado: eu acho que é uma das partes, é um complemento. Complementa com a informação da autoridade, complementa com a informação da produção que produziu, correu atrás pra verificar... faz parte do processo da notícia.

Transcrição entrevista:

Entrevistado (a): Jorge Eliseu Theiss
Data/horário: 07/02/2012, 08h30
Local: Rádio Nereu Ramos
Entrevistador: Arnaldo Zimmermann

Entrevistado (a): Dirceu Bombonatti
Data/horário: 07/02/2012, 08h30
Local: Rádio Nereu Ramos
Entrevistador: Arnaldo Zimmermann

Identificação: Jorge Eliseu Theiss, 45 anos. Locutor-apresentador, produtor e repórter da Rádio Nereu Ramos AM em 2008 e atualmente. Atua no rádio desde 1981 e na Rádio Nereu Ramos há aproximadamente 4 anos.

Identificação: Dirceu Bombonatti, 64 anos. Locutor-noticiarista e entrevistador da Rádio Nereu Ramos AM em 2008 e atualmente. Atua no rádio desde 1960.

Entrevistador: (resumido) Funções exercidas durante a cobertura do desastre de 2008?

Jorge: Apresentação e produção, com contato mais direto na produção com as pessoas que ligavam de fora. Nem todo mundo a gente conseguia atender no ar, então boa parte era atendida aqui na produção. [...] Função de filtrar o que ia pro ar.

[...]

Entrevistador: E nessa retaguarda, você atendia a participação do público só por telefone ou também pela internet?

Jorge: só por telefone. A internet a gente deixava tudo diretamente pelo e-mail do locutor.

Entrevistador: (resumido) Dirceu, funções exercidas durante a cobertura do desastre de 2008?

Dirceu: mais ou menos as funções do Jorge porque nós fizemos um rodízio. Mais no estúdio eu permaneci acompanhando as pessoas se manifestarem e fazendo ancoragem, distribuindo os repórteres que estavam nas ruas e também comentando e conversando com os ouvintes que telefonavam no ar. E também pegando justamente as notícias que o Jorge estava repassando pra nós pelo e-mail do estúdio, do locutor.

Entrevistador: (resumido) Na sua percepção, qual o papel principal da participação do público durante a cobertura radiofônica do desastre de 2008?

Jorge: eu acho que ali se divide em **três etapas**. O **primeiro** foi o não conhecer o que estava acontecendo, querendo a confirmação de tudo. Foi isso a partir de sábado, madrugada de domingo, mais ou menos, porque se eu não me engano, no sábado a gente ainda tinha recebido uma informação da defesa civil de que “não haveria nada”. Isso a gente insistiu, insistiu até a meia-noite e na época o secretário (diretor) da defesa civil garantiu que não teria problema nenhum e já na madrugada de domingo a gente teve problemas. Então a partir daí, as primeiras ligações eram pra confirmar se o que estavam falando era verdade. Se era realmente o tamanho daquela proporção que tava acontecendo. Uma **segunda etapa** depois as pessoas ligavam pra pedir ajuda ou pra oferecer ajuda. E numa **terceira etapa**, que seria ali depois de segunda-feira à tarde, por aí... terça-feira de manhã, já era um outro sentido, era tentar voltar à vida normal, seja água, luz, a rua que tava interrompida....essa situação. Então nós tivemos uma **primeira etapa** de uma confirmação do que estava acontecendo, as pessoas perdidas não sabendo o que realmente estava acontecendo e algumas até desesperadas porque “ouviam falar disso, parente tava lá, tava aqui, não tinham informação”. Uma **segunda etapa** de ajuda, as pessoas falando que barreiras estavam caindo, que a casa estava correndo risco, solicitando presença de defesa civil, bombeiro e por aí afora...e uma **terceira etapa** que era pedindo que as coisas voltassem ao normal, que era água, luz, abertura de estrada pra poder voltar ao trabalho.... essa situação. Eu dividiria assim nesse período essas três etapas de ouvintes que a gente teve.

Entrevistador: (resumido) As intervenções dos ouvintes coincidiam com os interesses da grande audiência da rádio?

Jorge: coincidiam. Muitas pessoas, por exemplo, no começo, a dúvida do que tava acontecendo era geral, não era só do cidadão que ligava aqui

pra nós. Quem mais ligava era quem estava próximo do acontecimento. Quem estava distante ouvindo pelo rádio é que começou a tomar noção do que estava acontecendo através dessas dúvidas, depoimentos e tudo mais. Depois vinha, que quem não tava sendo atingido, que de alguma forma também queria ajudar. Então o apelo de um era justamente pra satisfazer o que o outro gostaria de fazer. Então as coisas iam meio que um conseguindo abastecer o outro, no caso... na solidariedade, tipo “eu não fui atingido, mas eu queria ajudar, então eu ficava ouvindo o rádio pra saber do que as pessoas precisavam, do que queriam pra me envolver também nesse negócio. Pra mim então acho que foi um satisfazendo o desejo do outro. A gente conseguia de alguma certa forma e pra alguns atender os pedidos em virtude que outros estavam ouvindo também buscando justamente atender esses pedidos.

Entrevistador: deixa eu perguntar pro Dirceu, dá pra dizer que isso era uma forma até colaborativa, quer dizer, o ouvinte acabava ajudando a construir, participando no processo de construção dessa notícia?

Dirceu: é lógico... e nós temos uma cultura já, dada ao grande número de enchente. A história de Blumenau é assim, o público toma conhecimento e começa a ajudar aqueles que mais precisam, não é?! Nós temos isso... mas dessa vez o diferencial foi de que nós não tivemos a enchente em primeiro, nós tivemos o deslizamento em primeiro lugar, coisa que nós não estávamos acostumados a sentir. Então houve, como nós temos uma topografia diferenciada muito estabelecida aqui no município, na cidade, alguns bairros não tinham conhecimento dessa gravidade, do deslizamento e não sabiam nem o que estava acontecendo e estavam pensando diferentemente, porque viam o nível do rio não tão alto e gente reclamando, então quando houve mesmo a participação do exército com helicópteros ainda existia um ceticismo de certas pessoas que não estavam entendendo a gravidade do caso, né, que inclusive começavam até a falar mal dessa situação, que “era um absurdo pessoas não estarem trabalhando, não estarem indo para os seus negócios, não querendo abrir seu estabelecimento ou não fornecendo as coisas para os seus clientes”. Então houve assim... uma desinformação muito grande porque nós temos uma realidade diferente aqui em Blumenau por causa da topografia. Alguns bairros não tiveram conhecimento dos outros...

Entrevistador: estavam alheios ao que estava acontecendo...

Dirceu: estavam alheios às coisas. Então acompanhando os relatos dos ouvintes nós sentimos essa diferença de informação.

Entrevistador: agora, deu pra perceber que muitos ouvintes acabavam informando, abastecendo a emissora com informações. Você lembra qual era a principal dificuldade da emissora em buscar essas informações, sem depender do ouvinte?

Dirceu: bom, isso foi um trabalho, eu acho, estabelecido pela experiência dos profissionais aqui [...] então a gente sabe exatamente que tem de ir em determinados lugares que onde que tem mais dificuldades e...onde a cota das ruas é mais baixa e enfim, a iniciativa da do próprio profissional e da própria equipe que fez acontecer. O resto, os próprios ouvintes davam esse feeling pra ser trabalhado.

Entrevistador: havia essa dificuldade de buscar informações, Jorge, pelo deslocamento ou outro problema?

Jorge: havia, havia pelo acesso, né?! Às vezes nós sabíamos que tinha um problema em determinado lugar, mas não tínhamos estrutura para chegar lá. Não tínhamos carro 4x4, não tínhamos moto pra acessar, por exemplo, o Progresso.

Entrevistador: acesso mais pela enchente ou pelo deslizamento?

Jorge: no Progresso, deslizamento. Então, não tinha acesso ao Progresso. Notícias do Progresso quem trazia eram nossos ouvintes. Nós não tínhamos como chegar lá. A defesa civil não tinha como chegar lá. A defesa civil foi orientada muito pelos nossos ouvintes também ou pelos ouvintes de outras emissoras que estavam no ar também. Então, esse trabalho que a imprensa fez de um modo geral também sustentou o trabalho da defesa civil. Serviu de muito até, eu me lembro que teve um cidadão que ligou e disse “ó, tem um local que dependendo do veículo é possível chegar aqui” e ele desenhou esse local através do rádio, contando direitinho, tentando fazer um desenho pra quem tava ouvindo. E, se eu não me engano, nós chegamos lá através desse caminho indicado por ele, né. E não era muito conhecido e dessa forma que os ouvintes nos ajudavam. E tínhamos pouco pessoal também. Tínhamos o quê, dois repórteres na rua, três, três repórteres na rua. Não dá pra cobrir tudo. Então as pessoas iam nos ajudando nessa cobertura, informando de como na localidade delas estava a situação.

Dirceu: aqui a gente tem que constatar também a seriedade de muitos ouvintes, o crédito, a responsabilidade de informar bem também desses ouvintes. E o celular foi fundamental na comunicação desses ouvintes

em lugares ruins... que não estavam acontecendo...então as informações chegando via celular do ouvinte de determinado ponto que estava acontecendo o desastre. Então isso facilitou muito também a distribuição da notícia... por onde que estão acontecendo, quais as dificuldades que estavam acontecendo em vários locais.

Entrevistador: até porque em muitos locais as linhas de telefone fixo não estavam funcionando, não é?!

Jorge: no Progresso, nada, não é?! Nos locais de deslizamentos, quase todos sem telefone. E foi um aprendizado também em 2008. As pessoas aprenderam como se virar numa emergência com aparelho de celular... e isso o rádio em si, posso falar pela nossa e não pelas outras que estavam no ar, mas muitas pessoas ligaram pra cá ensinando como recarregar a bateria do celular sem energia elétrica, por exemplo. Eu acho que isso foi muito bacana, essa troca de experiência. Através da bateria do carro, como você poderia improvisar essa energia necessária para recarregar um celular. Como você poderia improvisar pra carregar pilha de rádio, por exemplo. E uma coisa importante: ressurgiu o radinho a pilha, que tava tão esquecido, ressurgiu com a tragédia de 2008. Começaram a valorizar o radinho a pilha, porque sem energia elétrica perdeu-se tudo, perdeu-se a informação. Sem energia você não tem mais acesso a informação nenhuma. Não tem internet, não tem televisão [...] então você tá absolutamente no escuro. E o radinho a pilha foi a salvação de muitas pessoas, de muitas famílias que estavam lá isoladas sem saber o que estava acontecendo direito, só pelo o que as pessoas falavam, né?!

Entrevistador: dá pra dizer que é uma manifestação de um instinto de sobrevivência até?

Dirceu: com certeza.

Jorge: (comenta nossa dependência de energia elétrica e que com uma situação dessas mostra que não podemos depender tanto da tecnologia)

Entrevistador: (resumido) Diante da carência de estrutura para buscar informações sobre os locais de acontecimento, qual era o objetivo principal da emissora (colher informações, fazer a ponte entre um ouvinte e outro ou não tinha objetivo, era deixar fluir normalmente)?

Jorge: não, o objetivo era prestação de serviço, orientação segura e acima de tudo, passar informações corretas e precisas. Por isso a gente colocou uma pessoa direto ao lado do diretor de defesa civil, que era o Menestrina (na verdade o Menestrina era comandante dos bombeiros), uma pessoa do lado dele pra passar a ele as informações que saíam daqui e que a defesa civil não tinha e ao mesmo tempo repassar para a população, fazendo essa prestação de serviços com segurança e com notícias precisas de qual era a orientação correta e da fonte correta também passando essa orientação. Ao mesmo tempo, fazer também a prestação correta das informações. A gente sabe que num momento desses acontece muito falatório. Muitas pessoas acabam ou transformando a coisa em algo maior ou simplesmente ignorando o que está acontecendo, porque uns não querem enxergar e outros enxergam demais. Então o que a gente queria era passar a realidade e a orientação mais correta possível. E pros veículos fora daqui, porque nós tivemos muitas, muitas ligações de rádios da Argentina, Uruguai, do Mercosul, do Brasil inteiro, pedindo informações, jornais, então a gente também gostaria de passar pra fora da cidade, pra fora do estado, até do país o mais correto possível da informação.

Entrevistador: com a fonte oficial também?

Jorge: com fontes oficiais, então por isso a gente colocou alguém lá na fonte oficial, pra que não passássemos nada que não fosse oficial, principalmente pra quem tem parente que estava longe daqui, né, e pra quem estava aqui, a tentativa de que as pessoas se conscientizassem do que estava acontecendo, qual era a realidade daquilo e daqueles que necessitavam, conseguir orientá-los corretamente.

Entrevistador: (resumido) antes de ter essas fontes oficiais você percebeu que estava correndo algum risco dependendo demasiadamente do ouvinte?

Jorge: (pensativo)... não... assim que a gente soube de tudo o que estava acontecendo a primeira ação foi justamente correr pra fonte oficial, pra confirmar pelo menos. E ficar do lado dessa fonte oficial pra ver até onde tudo era realmente realidade. E os ouvintes... eu não me lembro de algum caso de alguém que ligou e “exagerou” assim. Eu me lembro de casos que ligaram sem ter noção do que estava acontecendo assim,

achando que não era realidade o que estavam falando, mas assim de alguém que exagerou, não lembro, não sei se teve...

Entrevistador: (mesma pergunta para Dirceu)

Dirceu: ...eu acredito muito nas pessoas que falam exatamente o que está acontecendo, (nas outras vezes) nós tínhamos, claro, a dificuldade de determinados ouvintes que exageram, mas dessa vez parece que a partir do entendimento da informação, como tinha uma fonte oficial falando, então houve uma compreensão desses ouvintes. Não houve exagero, não.

Jorge: eu acho que demorou um pouco pra ficha cair e quando caiu as pessoas estavam assustadas...

Entrevistador: e a ficha de vocês demorou também pra cair?

Jorge: nossa ficha caiu no sábado à noite e domingo pela manhã quando nós ouvimos um barulhão aqui na frente do prédio (da rádio) e a gente não sabia o que que era depois veio um clarão e a gente soube que era a explosão do gás (na verdade a explosão do gás foi na noite de domingo 23/11)

Jorge: porque aqui isolado a gente tava na mesma situação que (o ouvinte), a gente tava com água no lado de fora da rádio e alguns deslizamentos em volta e ouvindo tudo o que estava acontecendo... a gente não tinha visão do que estava acontecendo.[...] (fala sobre os telefonemas de pessoas próximas do local da explosão e falavam que achavam que o mundo iria acabar- ouviram histórias mais tarde sobre o susto das pessoas).

Entrevistador: (resumindo) sobre participação de relato do ouvinte na noite de sábado sobre o posto da rua Pomerode e que não se percebeu continuidade da conversa dos apresentadores sobre o assunto. Se não houve um certo ceticismo naquele momento sobre um possível exagero do ouvinte?

Jorge: o que nos “matou” no sábado à noite foi a defesa civil, o Telmo Duarte. Ele “matou” nós e metade da cidade... quando ele “jurou de pé

junto” que não era situação tão drástica assim. Então nós tínhamos informação extra e informação... era uma fonte oficial...[...] na verdade nós paramos aqui acho que era meia hora da madrugada de domingo, se eu não me engano, com o Telmo Duarte “jurando de pé junto” que tava tudo certo, que não era pra se preocupar. Nós atravessamos a ponte e vimos que ele estava mentindo.[...] era muita coisa num trecho muito pequeno...muito acontecimento, muita queda, muita gente na rua...pra defesa civil dizer que não tinha nada, que não havia perigo. Que não havia perigo de enchente... e o Telmo disse que “havia uma preocupação”, mas nós já tínhamos uma criança morta (da rua Araranguá). (fala sobre outras suspeitas e ocorrências de sábado).

Jorge: e a defesa civil falando que o problema era uns deslizamentos que poderiam acontecer, mas que não haveria problemas com chuva e enchente. Às cinco horas da manhã de domingo a gente já tava com água aqui na frente (da rádio).

Entrevistador: (resumindo) se foi a partir do relato de morte no loteamento Santa Rita domingo pela manhã que se percebeu o tamanho do desastre.

Jorge: diria que foi na madrugada de domingo quando a gente saiu daqui (relata locais que viram com problemas).

Entrevistador: (resumindo) se no início da cobertura você (Dirceu) estava preparado para fazer uma cobertura de uma enchente tradicional e com o fenômeno totalmente diferente precisava rever toda a forma de cobertura?

Dirceu: perfeitamente, aquela história das enchentes que nós trabalhamos já em alguns anos a gente sabia como trabalhar e como distribuir, inclusive, o serviço dos repórteres e também como dar as respostas aos ouvintes nas suas dúvidas. Mas essa vez nós fomos todos pegos de surpresa numa nova realidade que é o deslizamento e a dificuldade maior é que aconteceu em vários bairros, diferentemente um do outro. Nós tivemos casos aqui na região da Ponta Aguda, na frente da rua das Missões, por exemplo, casos de desbarrancamentos quase na rua das Missões.[...] então como nos comportarmos e como distribuir nossos serviços era uma experiência nova, nós não tínhamos essa experiência de desbarrancamentos aqui em Blumenau.

Jorge: (conta que colocaram gente no sábado à noite, o Góes, mas atolou o carro).

Dirceu: (conta que atolou carro também).

Entrevistador: então teve que ter um ajuste nos procedimentos na cobertura jornalística naquele momento?

Jorge: é, tipo assim: sábado à noite o Góes fez um apelo no rádio e os vizinhos de onde ele tava foram lá tirar o carro dele do... (atoleiro) [...] é incrível, mas a gente precisou de ajuda e fomos atendidos pelos nossos ouvintes no ar com o Góes que atolou, né?! (conta que Góes ficou cobrindo a região próximo onde morava na região norte passando as informações. Diz que foram iludidos pelas informações da defesa civil, mas que na madrugada seguinte Menestrina assumiu o comando das operações no lugar de Telmo Duarte) (obs: na verdade Telmo continuou a dar entrevistas ao longo da cobertura, mas Menestrina assumiu o comando do QG do desastre).

Jorge: não sei se teria mudado alguma coisa se tivesse tido um alerta... no sábado à tarde quando houve o primeiro deslizamento na rua Araranguá e uma menina morreu a defesa civil já devia ter feito um alerta, ter mobilizado. Mas como pra nós foi um fenômeno novo, pra eles também, eles não tinham experiência nenhuma em deslizamento, era uma cidade acostumada com a enchente, não com a cidade caindo...eu acho que isso é que dificultou mais ainda. **Mas se tivesse tido um alerta no sábado à tarde, talvez o estrago não teria sido tão grande, com tantas mortes.**

Dirceu: Mas também a defesa civil não está, não estava aparelhada para essa situação

Jorge: nem está ainda...

Dirceu: nem está ainda, então eles também tinham só como medir o nível do rio, na verdade, e muito mal ainda [...] nós aprendemos muito com 2008, todos nós.

Jorge: inclusive pras nossas coberturas. Nós mudamos aqui internamente em virtude de 2008. Nós tomamos algumas atitudes que nos deixaram melhor preparados pra um evento como esse. Um exemplo vem de 2011 (enchente de 2011).

Entrevistador: então em 2011 já havia um questionamento às fontes oficiais se havia risco de deslizamento, além da enchente?

Jorge: isso...

Entrevistador: então vocês monitoram hoje o nível do rio...

Jorge: o deslizamento...

Dirceu: a defesa civil é acionada, é perguntada sobre os dois aspectos agora...

Entrevistador: entrou na agenda agora...

Dirceu: entrou na agenda.

Jorge: nós já temos assim uma noção agora de por onde começar, quais são os focos em Blumenau que você precisa mandar um repórter pra acompanhar, orientações, pessoas de confiança que a gente pode...

Dirceu: fontes...

Jorge: fontes importantes que a gente pode ter acesso, que nos dão uma visão real de toda a situação. E até internamente mesmo, né?! Em 2008 nós ficamos aqui ilhados [...] ninguém podia descer aqui do prédio (da rádio) [...]. Em 2011 também, só que daí nós estávamos mais bem preparados, a gente se preparou pra isso. Hoje a empresa já tem uma estrutura pra abrigar aqui pessoas durante uma semana se for o caso de um evento que necessite que a gente fique aqui.

Entrevistador: já que nós estamos falando sobre esse aprendizado, nessa mudança de procedimento, vocês acreditam que pra equipe, ou na percepção individual, houve uma mudança na credibilidade das fontes

oficiais? Quer dizer, você acaba dependendo menos das fontes oficiais do que antes ou isso não alterou?

Jorge: a gente aprendeu como a gente coloca uma fonte oficial na parede.

Dirceu: exatamente.

Jorge: pra que não aconteça mais o que aconteceu em 2008, porque nós fomos os primeiros a entrar no ar e ficar cobrindo um evento e acreditando na fonte oficial, acreditamos nós que não seria da grandeza que foi. Isso a gente aprendeu...a não acreditar mais. A não ser que nos convençam. Eu acho que hoje quando nós vamos falar com uma fonte oficial a gente exige mais, não se contenta com uma simples informação de que tá tudo bem. A gente exige mais pra nos convencer. Tá tudo bem ou tá tudo perdido. Então eu acho que o aprendizado foi isso: exigir mais informações que nos convençam de que aquilo que se está falando realmente é realidade.

Dirceu: é, a palavra certa é convencimento. Isso que nós precisamos ter. Nós temos de acreditar na pessoa e saber que ela está também bem assessorada e tendo condições técnicas pra informar. Nada de esconder porque nós percebemos que num primeiro momento havia uma dificuldade técnica e ao mesmo tempo política de se contar a realidade. Então esse foi o pior momento que nós tivemos quando nós percebemos que a autoridade não estava com autoridade pra falar.

Entrevistador: parecendo segredos de operação de guerra, não é?!

Jorge: foi o que nos transpareceu, né?! Diante de tudo o que estava acontecendo, uma certeza, isso a gente tem gravado, que tava tudo controlado e não tava, muito pelo contrário. A própria fonte oficial não sabia o que estava acontecendo. E havia um confronto de informações, havia um choque de informações no ar...entre quem ligava (ouvintes) pedindo orientações ou passando informações de sua localidade e a fonte oficial que rebatia tudo, com uma certa até tranquilidade.

Dirceu: exatamente, mas foi importante esse episódio porque o ouvinte entendeu o trabalho da emissora, ele entendeu que num primeiro

momento a emissora estava repassando informações tidas como oficiais e ao mesmo tempo teve um momento em que o ouvinte, ele entendeu a mudança da mensagem que estava sendo dada pela emissora, de que a própria autoridade não estava tendo condições de bem informar. Houve então um, o ouvinte parece que passou a acreditar muito mais na emissora e nas informações não oficiais do que partindo do governo, entendeu?! Isso também demonstrou a fragilidade do departamento deles lá da prefeitura pra que eles também tomassem medidas mais urgentes e melhorar toda aquela infraestrutura. Houve uma preocupação em cima disso.

Entrevistador: agora voltando à participação do ouvinte no ar, Dirceu, em que situação que você estava conversando com o ouvinte no ar, que era mais importante deixar o ouvinte permanecer mais tempo no ar, falar mais? Quando que era necessário encerrar a conversa no ar e quando que você acreditava que valia a pena buscar algum desdobramento pra aquilo?

Dirceu: é, a gente percebe por experiência que o ouvinte, quando ele tem segurança naquilo que ele tá informando, ele vai falando com toda a certeza das coisas e dando informações lógicas pra gente entender e a gente percebe que não é do “achismo”, que “ouvi dizer”, que “me contaram”, como nós temos assim algumas pessoas que se manifestam no ar. E a gente percebe que há um exagero ou uma falta de segurança na informação e a gente passa a entender como um tipo de fofoca e tipo de “diz-que-diz-que” e principalmente quando as pessoas falam... mal de uma situação ou querem falar mal de determinadas pessoas, então vai pra um caso pessoal, que não está trabalhando direito, que não está informando direito. Quando o ouvinte passava as informações seguras a gente aproveitava e explorava esse conhecimento dele pra melhorar a notícia, pra ampliar a notícia e dar mais informações pros ouvintes. Quando a gente percebia que não existia essa segurança do ouvinte era então um momento da gente... descartar, dizendo que existiam outros, de fato existiam outras pessoas querendo usar o espaço do telefone ou pra ter também informações de outros lugares que mereciam da cobertura.

Jorge: o importante também que **a participação do ouvinte servia pra gente fazer um choque de informações com as fontes oficiais**. Então servia pra gente cobrar das fontes oficiais também. Então se a fonte oficial falava alguma coisa e alguém entrava de uma determinada

localidade e falando outra, por exemplo, às vezes até o inverso era da gente...nós cobrarmos e muitas vezes essa cobrança de dizer que em “tal localidade tá assim”, segundo o morador e a fonte oficial não sabia, desconhecia a informação, servia também pra auxiliar aquele ouvinte que passava a ter a informação. Então a gente conseguiu nesse período ou tentou pelo menos passar essa coisa do mais preciso, do mais correto possível das informações sobre uma realidade... do que tava acontecendo. E um detalhe importante também sobre essa questão de veracidade, a gente... abrindo um parêntese assim, em 2011 também no começo da apuração do que ia acontecer com a chuva, do tamanho da enchente que a gente poderia ter, também a fonte oficial ficou meio que segurando uma informação. Nós tivemos depois que...e a metragem era outra que podia chegar e isso graças ao presidente da Câmara de Vereadores (Jovino Cardoso Neto) que chegou e “vai dar 13 metros”. Enquanto que a defesa civil parecia que segurava, não queria alarmar, alertar, com a esperança de que aquilo não fosse a realidade. Então a vinda aqui do presidente da Câmara de Vereadores pra dizer “eu ouvi isso lá dentro” e a nossa cobrança, a defesa civil teve que abrir o jogo. Então “há a possibilidade de dar 13”. Deu 12, quase 13 metros.

Entrevistador: Apesar de que essa segunda opinião só mostrou uma fragilidade das informações oficiais, não é?!

Jorge: é, o que deu a entender, que pode ter sido em 2008 também há um medo, um receio de se fazer um alarme e aquilo não acontecer. A gente... mas mil vezes que faça um alarme e não aconteça do que não se faça nada e vidas se vão, percam bens materiais, como acabou acontecendo em 2008. Em 2011 o fato de a gente antecipar uma informação com muita antecedência fez com que muita gente deixasse de perder o que tinham. Apesar de que muitas ainda perderam, né?!

Entrevistador: então você comunga da ideia de que na dúvida é preferível até o exagero, que as pessoas saiam de casa e se preparem para o pior...

Jorge: existem as simulações, certo?! Então as pessoas fazem uma simulação e a simulação é meio assustadora. Aí tem que esperar muito tempo para fazer outra simulação um pouco mais realista. Dentro de uma simulação assustadora tem que alertar, a defesa civil fez isso há

pouco tempo (conta um caso que a Defesa Civil fez uma simulação (interrompido pelo telefone)).

Entrevistador: (resumido) A primeira preocupação ao conversar com um ouvinte era tentar captar o que ele estava sentindo, o estado da pessoa ou com o fato relatado?

Dirceu: Olha, duas coisas podem acontecer e aconteceram. O ouvinte desesperado, precisando de socorro, como o Jorge salientou, precisando de ajuda, tava passando situações ruins, ou de acesso, ou inclusive casos de soterramento, possibilidade de uma coisa pior e o ouvinte que queria informar, inclusive aqueles acessos melhores, então nós fizemos assim duas coisas: tinha que entender bem a resposta... a participação do ouvinte e dar então o espaço necessário pra ele. Então tivemos assim condições diferentes para atender o ouvinte. Quando o ouvinte falava desesperado, logicamente que nós estávamos muito mais prontos para ajudar, aí a gente já tomava conhecimento e toda a equipe ajudava a participar e nós sabemos a audiência da rádio é muito grande e abre então essa possibilidade de as pessoas ajudarem de qualquer forma, com veículo, com alimento, com água, enfim, com ajuda humanitária e outros que estavam informando sobre determinados casos que precisavam então repassar essas informações para outros ouvintes de um bairro pra outro. Eu me lembro muito bem sobre um trabalho muito bom de informar rotas para ouvintes que precisavam sair de Blumenau pra determinados lugares, não tinham como passar em determinadas ruas, então lá eram oferecidas determinadas alternativas viárias pra esses ouvintes. Tanto pra aqueles que estavam chegando em Blumenau, que queriam entrar, saber qual o melhor acesso, como aqueles que estavam saindo. Aquilo foi fundamental, as pessoas sérias, as fontes com crédito informar, isso ajudou muito.

Entrevistador: (resumido) Jorge, a primeira preocupação ao conversar com um ouvinte era tentar captar o que ele estava sentindo, o estado da pessoa ou com o fato relatado?

Jorge: a nossa prioridade era informar, então a gente precisava dos fatos. E conforme ela relatava os fatos é que a gente acabava prestando mais atenção nos sentimentos. Dependendo, do fato e sentimentos, porque o inverso poderia confundir muito as coisas...e a gente sempre priorizava os fatos. E infelizmente nossa situação é isso, o fato em primeiro lugar [...] a gente esbarra em algumas coisas também assim, né...a gente às

vezes tem que ignorar sentimentos de alguns pra dar uma notícia porque o fato é o que interessa, nesse momento, pra nós veículos de comunicação. E por isso quando as pessoas ligavam o fato era a prioridade. Aí num segundo passo o sentimento.

Entrevistador: (resumido) alguma dificuldade, carência ou limitação ao conversar com o ouvinte no ar?

Jorge: em alguns casos sim, pela falta de informação concreta. Aqui a gente trabalha muito e tem muito cuidado com isso, pra não prestar um desserviço, pra prestar um serviço de qualidade. Pra gente poder prestar um serviço de qualidade a gente tem que conhecer muito bem o que está acontecendo e falar corretamente. Às vezes a gente imaginava, mas não tinha certeza do que poderia ser então a gente ficava no receio de passar uma informação errada ou coisa assim. Preferia primeiro buscar uma fonte oficial pra depois dar uma resposta. O que acontecia muitas vezes é que um ouvinte ligava pela manhã precisando de algo, de uma informação e a gente demorava muito pra conseguir isso, por não ter o conhecimento aprofundado disso, portanto demorava um pouco até chegar numa fonte oficial, de ter a certeza daquela informação e passar.

Entrevistador: (resumido) Dirceu, algum outro momento durante a participação do ouvinte ou da cobertura em geral que você queira registrar?

Dirceu: acho que a retomada do coronel Menestrina no poder, da decisão da defesa civil e o bom trânsito dele com as outras unidades e a colocação do exército foi fundamental pra resolver a questão. O meu destaque seria para o trabalho dos helicópteros, a subida e descida ali no corpo de bombeiros, todo o trabalho de resgate, então isso daí sensibilizou toda a nação, na verdade, todo aquele trabalho, então essa parte dói pra nós uma grande experiência, uma novidade no caso pra informação e uma mudança de procedimento, de comportamento até nossa...e também acho que...a informação ganhou com isso, nós tivemos aí essa experiência e essa experiência de qualquer forma, mesmo sendo uma tragédia, um desastre, passava a ser um resultado positivo.

Entrevistador: (resumido) Dirceu, algum outro momento durante a participação do ouvinte ou da cobertura em geral que você queira registrar?

Jorge: o importante foi de que a cada acontecimento desse, que tenha um evento desse, que o rádio está presente ou a imprensa de um modo geral está presente, cada vez mais as pessoas que participam desses eventos, os ouvintes, no caso, vão nos ensinando também e a gente vai crescendo cada vez mais, aprendendo cada vez mais e eu acho que com isso amadurecendo e aprendendo a orientar mais corretamente, acho que isso é importante. A gente aprendeu muito em 2008 com as pessoas que nos ligavam, que nos orientavam... E se a gente hoje pode estar um pouco melhor preparado pra fazer uma cobertura no caso de um evento como esse é porque muitos ouvintes ligavam e foram nos orientando e nessa orientação de como era a situação, hoje a gente pode estar um pouco mais tranquilo de como fazer uma orientação correta também, não é?! Nós aprendemos muito com os ouvintes também. Muito mesmo, às vezes até mais do que com as fontes oficiais, aliás as próprias fontes oficiais aprenderam muito com a comunidade em 2008 e o rádio e a TV que estavam cobrindo o evento foram fundamentais para esse trabalho das fontes oficiais.

Dirceu: eu acho que melhorou de uma época pra cá, pelas tragédias consecutivas, pelas enchentes, enfim, consecutivas, a experiência, o ouvinte passou também a entender da necessidade de ser solidário, então nós tivemos ajudas fabulosas, muito boas dos ouvintes pra nós. Então eu acho que essa experiência foi valiosa e nós aprendemos de fato com os ouvintes, que cada vez mais a gente tá percebendo que existe uma responsabilidade na informação, tanto do meio de comunicação como da comunidade.

Jorge: importante daqui pra frente é não falar “o que acha”, ou fazer um comentário “do que acha”, mas sim fazer com conhecimento, pra que a informação seja a mais correta possível. Nesse ponto aí esse conhecimento que a gente precisa pra dar um informação precisa, a gente ganha muito com os ouvintes.

Transcrição entrevista:

Entrevistado (a): Joelson dos Santos

Data/horário: 23/02/2012, 16h30

Local: escritório do entrevistado

Entrevistador: Arnaldo Zimmermann

Identificação:

Joelson dos Santos, 47 anos, formado em direito, radialista desde 1982. Atuou por 12 anos na Rádio Nereu Ramos. Deixou a emissora há alguns anos e hoje atua como apresentador do Jornal do Almoço na RBS TV de Blumenau e paralelamente exerce a função de advogado. Na época em que atuou na Rádio Nereu apresentava programa diário com notícias e participação do ouvinte. Durante o desastre ocupava-se principalmente da função de apresentador no estúdio.

Entrevistador: (resumido) na sua percepção, qual o papel da participação do ouvinte durante o episódio do desastre de 2008?

Entrevistado: [...] naquele momento a principal função do rádio é [...] se transformar numa ponte. Muita gente ilhada, muita gente sem comunicação com quem quer que seja. Muita gente sem poder contatar, embora tivesse comunicação, mas sem poder contatar prefeitura, defesa civil, quem quer que fosse. E aí ligavam pra rádio porque sabiam que através da rádio seriam ouvidos. Então acho que a principal função do rádio naquele momento é se transformar numa ponte entre aquelas pessoas que estavam precisando, que estavam ilhadas, estavam de alguma forma precisando de água, de comida, de alguma coisa... e aquelas pessoas, as autoridades, enfim, alguém que tivesse competência e autoridade pra atender essas necessidades dele. Acho que essa é melhor figura, a melhor imagem que dá pra fazer... uma ponte.

Entrevistador: você participou de outras coberturas de enchentes, como na década de 80?

Entrevistado: não, não, na época não estava em Blumenau.

Entrevistador: (resumido) Devido ao grande número de participações, ao mesmo tempo em que você atendia ao interesse do ouvinte que ligava, você atendia aos interesses da audiência como um todo?

Entrevistado: Sim... nós sabíamos que naquele momento nós tínhamos, sei lá, 90% de audiência, até porque a gente tinha a Nereu e a Clube juntas...mas todo mundo, numa hora de tragédia, todo mundo quer ouvir informação sobre o que está acontecendo. As pessoas ficam perdidas. [...] (comenta que também a exemplo da enchente de 2011 as pessoas acessam os veículos de comunicação para se informar).

Entrevistador: você atende ao interesse do ouvinte que está ligando, mas também ao interesse da audiência como um todo...

Entrevistado: exatamente, embora você sabe que a audiência, o foco maior, o interesse maior em você contar com a audiência é interesse comercial, não é? Você quer ter audiência pra que o teu comercial seja ouvido por um número maior de pessoas. Neste momento, nós não tocávamos comercial ou muito pouco [...]. Mas basicamente o foco era deixar o ouvinte falar. Então assim, a gente sabia que tinha audiência e tinha interesse em manter essa audiência, mas por outro lado o foco era realmente a prestação de serviços. E aí a gente deixou de lado em alguns momentos até de rodar comerciais.

Entrevistador: justamente você falou em deixar o ouvinte falar. Deu pra perceber que alguns ouvintes eram interrompidos um pouco mais cedo e outros vocês deixavam falar um pouco mais. Você lembra se existia algum critério ou se dependia muito do apresentador... por que deixar um ouvinte falar mais tempo no ar?

Entrevistado: dependia muito do apresentador em si e dependia muito também do ouvinte. Porque, qual era o interesse nosso lá [...] você tá pensando no coletivo e naquele momento cada ouvinte que liga está pensando no caso dele em particular, ele está precisando de uma ajuda específica pra ele. Só que nós pensamos no coletivo. Se aquela informação que ele estava trazendo, se aquela opinião que ele estava trazendo, se aquilo ali de alguma forma a gente achasse que servia como uma informação coletiva ou trazia uma curiosidade coletiva, se focava mais, se estendia mais o papo. Quando é uma coisa muito particular ou que a gente já tinha até comentado outras vezes, já tinha falado com

outras pessoas sobre aquele mesmo assunto, de repente até é possível que a gente tivesse cortado a pessoa mais cedo por causa disso.

Entrevistador: pra acelerar a cobertura...

Entrevistado: e pra dar uma participação maior, pra dar chance... porque a gente sabia que tava todo mundo querendo ligar e aí tinha uma pessoa lá querendo falar que “o vizinho dele não tava fornecendo água do seu poço...” é uma coisa muito localizada [...], mas aquilo ali não era uma informação tão essencial pro coletivo. E aí você cortava porque sabia que tinha muita mais gente precisando falar.

Entrevistador: então você acredita que o profissional que está no ar, fazendo essa mediação com o ouvinte, ele tem a percepção do que é importante para atender aos interesses da audiência ou não, de acordo com a condução do diálogo, então?

Entrevistado: exatamente, exatamente. E, assim, naquele momento... é... realmente como eu te falei, a gente sabia que nós tínhamos duas linhas que entravam direto na híbrida. A gente sabia que as duas linhas estavam congestionadas o tempo todo. Então, o que se tentava fazer, era não fixar, mas delinear mais ou menos um tempo de permanência pra cada um. [...] Se nós ficássemos falando 5 minutos, 10 minutos, durante todos esses minutos eu sabia que na outra linha tinha alguém esperando pra entrar no ar. [...] Enquanto eu já começo a falar com a pessoa seguinte, eu já sabia que tinha uma outra ligação entrando, que a pessoa ia ficar esperando aquele tempo todo...então a gente tentava fazer o máximo pra dar chance pra todo mundo falar.

Entrevistador: além disso, algum outro motivo pra tentar acelerar o encerramento de uma participação, uma reportagem, uma entrevista que estava entrando, a Unidade Móvel ou algo assim?

Entrevistado: a Unidade Móvel, às vezes uma entrevista importante... de repente o ouvinte tá ligando lá pra comunicar alguma coisa [...] mas aí naquele momento nós conseguimos [...] o chefe dos bombeiros, o secretário da defesa civil estado, por exemplo, e ele só pode entrar naquele momento. Então era necessário daí a gente “olha, muito obrigado, mas eu tenho aqui uma conversa importante, uma entrevista

agora...”. Daí a próxima entrevista seria de interesse coletivo, era esse o foco principal.

Entrevistador: (resumido) Quais as principais dificuldades para a emissora buscar informações com as fontes?

Entrevistado: (resumido: conta que lembra que tinham linha na defesa civil, com repórteres no local)

Entrevistador: (resumido) A primeira preocupação ao conversar com um morador envolvido na tragédia é com o estado da pessoa ou com o fato relatado?

Entrevistado: o fato, a gente queria saber a informação. Quem é que tava ligando naquele momento... era a pessoa ilhada, lá no Progresso, por exemplo, era gente que não tinha mais água, que precisava saber quem tinha poço artesiano, gente que precisava de comida e coisas assim. Eu lembro de que eu atendi um senhor lá do Progresso e ele dizendo o seguinte “olha, eu não consigo falar com a defesa civil, não consigo falar com ninguém e tem uma senhora aqui...” eu não sei se ela estava dando a luz, ou ela precisava ir pro hospital, enfim, eles não conseguiam se comunicar com ninguém e aí através do rádio eles “por favor, se comuniquem aí com a defesa civil e tal, mandem alguém pra cá que a gente tá precisando de ajuda”. Então, assim, a gente deixava a pessoa relatar o fato.

Entrevistador: da maneira dela...

Entrevistado: da maneira dela, e aí, secundariamente vinha o aspecto emocional.

Entrevistador: deu pra perceber, ouvindo as participações, que existia um estilo pessoal do apresentador que fazia essa mediação. E você era acostumado a fazer programa com essa participação do ouvinte. Naquele momento, o que você incorporava, o Joelson do dia-a-dia no seu programa comunitário ou era mais um profissional de plantão? Quer dizer, a maneira de conversar, a maneira de cumprimentar o ouvinte, de se despedir do ouvinte...você lembra o que você incorporava naquele momento?

Entrevistado: eu não sei se eu consigo fazer uma diferenciação disso, porque eu acho que eu era mais um profissional de plantão, embora um profissional que ocupasse um espaço de destaque na programação da rádio. Mais era mais um profissional de plantão, porque no comunitário nós tínhamos [...], nós tínhamos um determinado padrão de participação. Eu sabia que o interesse era estimular a conversa, estimular a troca de ideias, às vezes até em uma determinada polêmica, enfim...e ali não, né, ali o importante era contribuir para que as pessoas tivessem espaço pra participar, pra gente se transformar naquela ponte que eu te falei, não é?! [...]

Entrevistador: embora, alguns ouvintes habituais lhe identificaram e mantiveram o mesmo nível de conversa do dia-a-dia...

Entrevistado: eu não me identificava como o apresentador do programa “x”, realmente estava ali como mais um profissional de plantão, mas que já estava habituado a conversar com os ouvintes por causa do dia-adia.

Entrevistador: (resumido) você lembra qual a sua maior dificuldade ou carência ao conversar com o ouvinte no ar?

Entrevistado: a grande dificuldade que a gente tinha [...] a pessoa ligava e tava pedindo ajuda, precisava de água, precisava de comida, precisava de alguém pra fazer um transporte pra uma pessoa que estava doente e de repente naquele momento enquanto estava conversando com ele a gente tentava, nos outros telefones, tentava fazer contato com as fontes que fosse preciso. E de repente você não conseguia dar uma resposta naquela hora pra pessoa, você tinha que dizer “ó, tá aqui, tá anotado, vamos atrás, vamos correr atrás dessa informação, vamos correr atrás dessa ajuda”, mas a dificuldade que a gente sentia era não poder dar uma resposta imediatamente.

Entrevistador: vamos pegar na sua percepção pessoal durante uma cobertura de um momento como aquele. Essa participação do ouvinte no ar, que acabou sendo quase soberana no conjunto da cobertura, da transmissão... você acha que essa participação do ouvinte num momento como esse, ela é essencial à cobertura ou é apenas um complemento?

Entrevistado: ela é essencial, (resumido: se nós estávamos em 15 pessoas, 5 estavam na rua, o que era muito pouco pra cobrir uma cidade

do tamanho como Blumenau, pra gente saber o que estava acontecendo além dos 5 locais onde essas pessoas estivessem). Então, a quantidade de informações que nós recebíamos através do ouvinte era fundamental pra gente ter uma ideia do contexto todo. Então naquele momento ali o ouvinte, ele era informação também. A pessoa que ligava do Progresso diziz “olha, nós estamos ilhados aqui no Progresso”. Eu não tinha ninguém lá pra me dar essa informação. Eu não tinha uma Unidade Móvel lá pra me dar essa informação. O ouvinte ligava lá na Velha, “olha, eu to aqui com uma barreira que caiu na rua tal, na rua Hermann Kratz, caiu uma barreira”...eu não tinha ninguém lá de Unidade Móvel pra me dar essa informação. O ouvinte me dava essa informação, então nesse momento de tragédia a participação do ouvinte é essencial pra dar essa ideia do contexto total, sabe, do que acontece na cidade.

Entrevistador: ele é quem melhor testemunha o que está acontecendo...

Entrevistado: é, e as ligações vem de todos os cantos, você recebe informação do Progresso, da Velha, da Fortaleza, do Vorstadt, enfim, de Pomerode, a informação vem de todos os cantos. Acho que o principal papel do ouvinte nesse momento é de ser um fornecedor de informação.

Entrevistador: (resumido) Você acha que há riscos de colocar o ouvinte no ar quanto a credibilidade da informação?

Entrevistado: em momento de tragédia acho que não

Entrevistador: você não lembra de nenhuma inverdade comentada no ar por algum ouvinte e que depois foi descoberta?

Entrevistado: não, não lembro.

Entrevistador: então você acha que nesses momentos os riscos são muito baixos?

Entrevistado: são muito baixos, as pessoas não estão... os espíritos não estão voltados pra...embora sempre tem, não é? Tem algumas pessoas que possam até, que se aproveitam desse momento pra... mas a quantidade é muito menor. E quem participava ali da programação da rádio eram pessoas já acostumadas a participar dos programas. Eu não

lembro assim de nenhum fato assim que depois tenha sido modificado [...].

Entrevistador: (resumido) normalmente no dia-a-dia quando um ouvinte ligava e lhe informava no ar sobre alguma ocorrência que você ainda não soubesse, qual a sua reação no ar?

Entrevistado: o que a gente tentava era pegar mais em detalhes. Naquele momento o ouvinte se transformava em nosso repórter... era pedir detalhes, “em que rua é e a que horas foi e tem gente envolvida, tem gente em perigo”, pegar mais detalhes daquilo...

Entrevistador: (resumido) entra naquela de o ouvinte relatando e você desconfiando, até comprovar?

Entrevistado: não, nesse momento não. [...]

Entrevistador: (resumido) alguma outra informação que você lembre?

Entrevistado: [...] (conta que ficou na rádio direto de domingo até a terça-feira à tarde). Então a informação que eu tinha do que estava acontecendo era através dos relatos do ouvinte. Eu só fui ter uma noção de verdade do cenário de guerra só, acho que na tarde de terça-feira quando eu consegui sair da rádio. Aí você começava a andar e a ver todo o estrago. Mas até então a ideia que eu tinha de todo o acontecimento era do relato do ouvinte. Eu sabia que a cidade estava um caos por causa dessa comunicação do ouvinte, senão a gente não teria a mínima ideia. [...]

Entrevistador: diferente de uma enchente que é só o nível da água...

Entrevistado: é só o nível da água e ali não, aconteceu tudo ao mesmo tempo.

Entrevistador: inesperado, não é? Naquele momento, totalmente inesperado...

Entrevistado: inesperado. Então assim, eu lembro que só fui ter uma ideia, de visual mesmo, da tragédia, do que aconteceu, só na tarde de

terça-feira (25/11). A gente sabia o que estava acontecendo, sabia que estava um caos, que tinha um cenário de guerra, mas não tinha essa imagem verdadeira ainda. E depois que a você começa a sair e a circular você começa a ter uma noção do que aquelas pessoas que tinha te ligado realmente tinham passado [...].

[...]

Entrevistado: e como a gente ficou lá 24 horas, até televisão a gente pouco via.[...]

Entrevistador: essa imagem mental que você criava era possível que o ouvinte em casa também tivesse a mesma percepção...

Entrevistado: exatamente, no rádio tem isso, né, a formação de imagens, a pessoa vai visualizando através das palavras. E era isso que a gente fazia. A pessoa dizia “olha, eu to aqui na Velha e caiu uma barreira” e você imaginava e de repente depois você vai lá com a Unidade Móvel e vê aquilo tudo demolido, caído e “puxa, o pessoal passou uma dificuldade muito grande...”. [...] Eu recebi, a gente recebia muita ligação do Progresso, eu lembro muito do Progresso porque tinha muita gente ligando de lá e aí depois quando eu fui lá não tinha... não chegava do que eu imaginava, não chegava a 10% do que realmente aconteceu. [...]